

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
MESTRADO

Gabriel dos Santos Rocha

O negro como tema e sujeito na produção intelectual de Abdias do Nascimento,
1944-1968.

Versão corrigida

São Paulo
2016

Gabriel dos Santos Rocha

O negro como tema e sujeito na produção intelectual de Abdias do Nascimento,
1944-1968.

Dissertação apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sendo parte da etapa conclusiva do curso de pós-graduação, nível mestrado. Pesquisa realizada com bolsa de mestrado concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2013/27014-1.

Área de concentração: História Social

Orientadora: Professora Dra. Marina de Mello e Souza

Versão corrigida

São Paulo

2016

O negro como tema e sujeito na produção intelectual de Abdias do Nascimento, 1944-1968.

Dissertação apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sendo parte da etapa conclusiva do curso de pós-graduação, nível mestrado.

Banca examinadora:

Orientadora: _____

Professora Dra. Marina de Mello e Souza

Membro: _____

Professor Dr. Wilson do Nascimento Barbosa

Membro: _____

Professor Dr. Muryatan Santana Barbosa

Dedico esta dissertação aos meus avós maternos Orlanda de Jesus
Barbosa dos Santos e José Alves dos Santos.

Em memória de meus avós paternos Maria José Dias Rocha e
José Faustino da Rocha.

Suas histórias de vida tem muito a ver com a minha escolha pelos
estudos de história.

Agradecimentos

Agradeço a todos que de alguma forma, em algum momento, marcaram presença na trajetória deste trabalho. À minha orientadora, professora Dra. Marina de Mello e Souza por sua atenção, dedicação e por tudo que aprendi ao longo desta pesquisa. À banca examinadora da qualificação: professora Dra. Leila Leite Hernandez (USP) e professor Dr. Dario Horácio Gutiérrez (USP) pelas sugestões e críticas que me ajudaram a prosseguir. Aos professores Dr. Kabengele Munanga (USP), Dr. Wilson do Nascimento Barbosa (USP), Dr. Salomão Jovino da Silva (FSA). Aos funcionários do Departamento de História e da Biblioteca Florestan Fernandes da Universidade de São Paulo. Ao Departamento de História pelo apoio financeiro (quando eu ainda não era bolsista) à minha viagem ao Rio de Janeiro para pesquisar em arquivo. Ao apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP) que me concedeu uma bolsa de estudos (Processo 2013/27014-1) para a realização desta pesquisa.

Ao Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros (IPEAFRO), à sua diretora Elisa Larkin Nascimento e ao funcionário Thiago Junior pela receptividade, a atenção, as conversas, as dicas, e a disponibilização de documentos do Acervo Abdias Nascimento. Aos funcionários da Fundação Nacional das Artes (RJ) e da Biblioteca Nacional (RJ). Ao professor Dr. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (USP), Marcio José Macedo (Kibe), Muryatan Santana Barbosa (UFABC), Christian Fernando Moura, e ao meu primo Laércio Fidélis Dias (Unesp) pelas conversas, as sugestões e referências. À Elaine Ribeiro pelas conversas durante a graduação que em parte me encorajaram a enveredar pelos caminhos da pesquisa.

À toda equipe editorial da Revista Sankofa, ao Moisés da Rocha e toda equipe de *O samba pede passagem* (Rádio USP FM), à Zezé e toda equipe/militância do Núcleo de Consciência Negra da USP, aos coletivos literários *Sarau Elo da Corrente* (Pirituba) e *Sarau Poesia na Brasa* (Brasilândia), ao coletivo *Terça Afro*, à Simone Freire e jornal *Brasil de Fato*, ao *Portal Geledés* e *AfroPress*. Ao mestre Plínio Ferreira, Luiza Ylone, mestre Môa do Katendê, e todos os integrantes do *Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô*. À Nicanô e Gabriela Balaguer.

Aos amigos Luiz Felipe Bernardes dos Santos (Macalé), Douglas Alves, Rafael Dias, Rafael Cislinski, Rafael Stedile, Judson Silva, Danilo Luiz Marques, Tally Salva, Carol Laguna, Ariane Aboboreira, Jefferson Santos, Marcello Agulha, Stela Kuperman Pessa, Belmiro Amaral Neto, Anderson Silva, Aristides Bueno, Fabio dos Santos Pedro, Lucas Justiniano, Elizangela Costa, Fernanda Lane Bretones, Tais dos Santos. À minha tia Marina Alves dos Santos, à Malu Borges e Vinicius Oliveira. Agradeço à Marcella Fernandes Camillo, por tudo que compartilhamos, pelo carinho, o apoio e a companhia durante gestação e em parte do desenvolvimento deste trabalho. Agradeço à Camila Borges de Oliveira, por tudo que estamos compartilhando e compartilharemos, por todo o afeto, o carinho, pela companhia e o apoio fundamentais durante o processo de finalização deste trabalho.

Um especial agradecimento aos meus pais Marlene dos Santos Rocha e Jorge Samir da Rocha, à minha irmã Érica dos Santos Rocha, por todo afeto, carinho, todo apoio que sempre tive em minhas decisões, por tudo o que aprendi e aprendo a cada dia com vocês.

“A descolonização nunca passa despercebida, pois diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova humanidade. A descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a 'coisa' colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual se liberta.”

Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*.

“E sobretudo meu corpo assim como minha alma, livrai-vos de cruzar os braços na atitude estéril do espectador, porque a vida não é um espetáculo, um mar de dores não é um proscênio e um homem que grita não é um urso que dança...”

Aimé Césaire, *Diário de um retorno ao país natal*.

“O quietismo é a atitude daqueles que dizem: 'Os outros podem fazer aquilo que eu não posso'. A doutrina que vos apresento é exatamente o contrário do quietismo, pois ela afirma: 'Só existe realidade na ação'; e ela vai ainda mais longe, acrescentando: 'O homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida’”.

Jean-Paul Sartre, *O Existencialismo é um Humanismo*.

“Provincianismo? De modo algum. Eu não me enterro em nenhum particularismo estreito. Mas tampouco quero me perder em um universalismo descarnado. Há duas maneiras de se perder: por segregação intramuros e por diluição no 'universal'. A minha concepção do universal é aquela de um universal enriquecido do particular, enriquecido de todos os particulares, aprofundamento da coexistência de todos os particulares”.

Aimé Césaire, “Lettre à Maurice Thorez” in: *Discurso sobre a Negritude*.

SUMÁRIO

Introdução

I. Delineando o tema.....	11
II. Bibliografia, documentação e pesquisa em arquivos.....	16
III. Porque um estudo sobre Abdias do Nascimento?.....	17
IV. Procedimentos teóricos e metodológicos.....	20
V. Resumo dos Capítulos.....	27

Capítulo 1: Abdias do Nascimento antes do Teatro Experimental do Negro..... 30

1.1 A inserção do negro enquanto agente histórico na cultura ocidental e no Brasil.....	30
1.2 Pertinência da abordagem biográfica para a análise do tema.....	35
1.3 Primeiros passos de um exilado de nascença.....	38
1.4 Rompeu-se o cordão umbilical: Exército Brasileiro.....	49
1.5 Primeiras experiências políticas: a questão racial e a Frente Negra Brasileira (FNB).....	52
1.6 A Ideologia da mestiçagem e a Frente Negra Brasileira.....	58
1.7 Ação Integralista Brasileira (AIB).....	64
1.8 Congresso Afro-Campineiro, 1938.....	72

Capítulo 2: Teatro Experimental do Negro.....76

2.1 Prelúdio.....	76
2.2 Formação e estreia.....	81
2.3 O TEN e o negro no teatro brasileiro.....	92
2.4 O TEN e o contexto político do movimento negro.....	103
2.5 Projeto Unesco.....	109

Capítulo 3: Abdias Nascimento e a identidade cultural do negro brasileiro.....118

3.1 Movimento negro brasileiro em diferentes contextos.....	118
3.2 Integração via assimilação?.....	122

3.3 O protesto dos negros e a democracia racial.....	131
3.4 Negritude: identidade e cultura negra.....	146
3.5 A negritude em Abdias Nascimento.....	155
Conclusões.....	173
Fontes.....	176
I. Acervo IPEAFRO.....	176
II. Acervo digital IPEAFRO.....	178
Publicações de Abdias do Nascimento.....	179
I. Livros.....	179
II. Organização de antologias, revistas, e obras coletivas.....	181
III. Participação em antologias.....	181
IV. Textos de Abdias Nascimento no jornal <i>Quilombo</i>.....	183
Bibliografia.....	184

Resumo

Esta dissertação tem o objetivo de estudar como o negro é pensado e representado na produção intelectual de Abdias Nascimento no período em que esteve à frente do Teatro Experimental do Negro (1944-1968). Para fins elucidativos recorreremos a fatos que antecederam, e sucederam este período. No entanto, situaremos o autor no contexto histórico e social do pós-Estado Novo ao Ato Institucional N°5, e analisaremos a construção de seu pensamento sobre as relações raciais no Brasil, e sua militância antirracismo, a partir de correntes intelectuais, políticas e ideológicas que o influenciaram. Discorreremos sobre como a noção de uma identidade cultural negra é construída no discurso de Abdias Nascimento neste período de mudanças sobre as formas de pensar as relações raciais no Brasil.

Palavras chave:

Abdias Nascimento; movimento negro; identidade; história.

Abstract

This dissertation aims to study how black people are conceived and represented in intellectual productions of Abdias Nascimento when he led the Teatro Experimental do Negro (1944-1968). For illustrative purposes we will use the facts that preceded and followed that period. However, we will place the author in the historical and social context from 1944 to 1968, and will look the construction of his thinking on race relations in Brazil, and his anti-racism activism, considering his intellectual, political and ideological influences. We look at how the notion of a black cultural identity is constructed in Abdias Nascimento's discourse in that period of changes on ways of thinking about race relations in Brazil.

Key words:

Abdias Nascimento; black movement; identity; history.

Introdução

I. Delineando o Tema

Este trabalho tem o objetivo de estudar como o negro é pensado e representado na produção intelectual de Abdias Nascimento no período de 1944 a 1968, quando o autor esteve à frente das atividades do Teatro Experimental do Negro no Brasil, antes de seu exílio nos Estados Unidos e de sua militância pan-africanista. O recorte temporal da pesquisa abrange um período no qual é possível observar mudanças no pensamento sobre as relações raciais em nossa sociedade. As visões do Brasil como um país onde vigorava uma convivência pacífica e harmônica entre negros e brancos desde a colonização até a república, ideias que tomavam a presença da miscigenação como fator atenuante ou até mesmo eliminador do racismo, passam a ser debatidas e contestadas por intelectuais acadêmicos e por intelectuais e militantes do movimento negro. A presença do racismo passa a ser denunciada enquanto fator estruturante das desigualdades sociais entre negros e brancos, e a ideia de democracia racial (que antes tivera a adesão daqueles mesmos intelectuais e militantes) passa a ser apontada como mito mascarador e mantenedor do racismo. Tais mudanças de concepção também podem ser vistas na trajetória e na obra de Abdias Nascimento, sendo este um período de grande importância para o autor, pois é o momento de maturação da fase radical de seu protesto antirracista e de sua projeção pública enquanto artista, intelectual e liderança política. Fatos ocorridos neste período, assim como ideias que nele surgiram e se consolidaram, reaparecem constantemente em obras posteriores, no período de exílio e militância pan-africanista, na consolidação de sua imagem enquanto representante do ativismo negro brasileiro em dimensão internacional, e na formulação do conceito de Quilombismo (uma ideologia política que busca a emancipação do negro)¹. A trajetória de Abdias Nascimento inscreve-se na história dos movimentos negros brasileiros, portanto, estudos que tenham como finalidade analisar ou reconstituir a história destes movimentos não poderão ignorar a presença e as contribuições desta personagem.

Meu interesse é investigar como a África tornou-se tema de interesse para o

1 Abdias do Nascimento, *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*.

movimento negro no Brasil, sabendo através da história deste movimento que o continente africano assim como seu legado histórico e cultural nem sempre estiveram presentes na agenda das organizações políticas e sociais, as quais, ao menos durante a primeira metade do século XX tinham um caráter marcadamente nacionalista e seus membros buscavam afirmar-se sobretudo enquanto brasileiros², não reivindicando a África como parte de suas identidades. Este interesse em saber um pouco mais sobre a relação entre o movimento negro e um lastro identitário com a África está relacionado à lei federal 10.639/2003 que implementou a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em escolas públicas e particulares de ensino fundamental e médio incluindo no currículo escolar “o estudo de história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”³. Entendendo a implementação desta lei federal, que integra ao programa de ações afirmativas, como uma conquista resultante de um longo processo de lutas do movimento negro, onde a África e o legado africano estão inscritos como um direito à história e um meio de afirmação identitária para a população negra, a minha primeira intenção era analisar como setores do movimento negro brasileiro se aproximaram de questões relacionadas à história e cultura africana e afro-brasileira.

Para tal levantei organizações de diferentes épocas do movimento negro no Brasil, autores e militantes de diferentes tendências políticas. Poderíamos escrever uma dissertação para cada organização e cada personalidade. Abdias Nascimento foi uma das figuras mais citadas – ou talvez melhor citadas – se não devido à relevância de sua trajetória na história do movimento negro brasileiro, devido ao fato de ser a figura sobre a qual eu tinha mais conhecimento até aquele momento, já conhecendo parte da sua obra. Tomei então Abdias Nascimento como foco da pesquisa.

A pergunta que orientou minha pesquisa foi, assim, não mais como setores do movimento negro brasileiro se aproximaram de questões relacionadas à história e cultura africana e afro-brasileira, mas como isso ocorreu para Abdias Nascimento, uma liderança

2 George Reid Andrews, *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*; Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes*. V.2.

3 O texto da lei está disponível em . Em 2008 esta lei foi substituída pela 11.645 que determina a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira e indígena”, também disponível em rede: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm#art1

de grande relevância na luta pelos direitos civis dos afro-brasileiros. Minhas leituras voltaram-se para o que já foi produzido sobre este líder negro: biografias, artigos acadêmicos e dissertações de mestrado. Neste levantamento bibliográfico inicial, constatei que no longo percurso de militância de Abdias Nascimento também há diferentes períodos a serem estudados, pois trata-se de uma personagem que viveu e atuou em diferentes contextos históricos, fato que se reflete tanto em sua biografia, quanto em sua obra. Podemos dividir sua atuação política e artística em três principais períodos: 1) Teatro Experimental do Negro, 1944-1968; 2) Exílio e militância pan-africanista, 1968-1981; 3) Atuação parlamentar, décadas de 1980 e 1990. Neste percurso militante de mais de meio século é possível captarmos o que se transformou e o que se manteve no pensamento de Abdias Nascimento (as permanências e rupturas tão caras aos historiadores). Cada período corresponde a um contexto político e social, portanto a atuação e produção artística e intelectual do autor deve ser analisada em relação a cada contexto histórico específico. Marc Bloch escreveu que os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais⁴, ou seja, as escolhas dos indivíduos, e grupos sociais, são pautadas por questões de cada tempo histórico. As adesões e rupturas com tendências ideológicas e projetos políticos presentes na trajetória de Abdias Nascimento correspondem aos diferentes contextos históricos do Brasil, e da luta pelos direitos civis dos negros.

O foco deste trabalho é o período do Teatro Experimental do Negro (1944-1968), ao longo do qual vemos a ruptura com ideias desta época, como a noção de democracia racial ainda presente no pensamento de Nascimento nos primeiros anos deste período, e o surgimento e amadurecimento de ideias que orientarão a produção intelectual, artística, e o ativismo político desta liderança nos períodos subsequentes de sua militância. É nesse momento que suas ideias se aproximam de ideias correntes no movimento negro internacional – principalmente ideias da *négritude* francófona⁵ –, e em seu discurso de denúncia da democracia racial enquanto ideologia mascaradora e mantenedora do racismo no Brasil, o que consistiu em novidades em relação às organizações negras

4 Marc Bloch, *Apologia da História*. P. 60

5 Há uma pluralidade de correntes de pensamento, entre os diversos autores e as diferentes fases da *Négritude*. No decorrer da dissertação identificaremos quais autores e ideias influenciaram Abdias do Nascimento e os intelectuais do TEN. Sobre as diferentes vertentes da *Négritude*, ver: Kabengele Munanga, *Négritude: usos e sentidos*; Carlos Moore, “Negro sou, negro ficarei”.

brasileiras das três primeiras décadas do século XX. Neste período também vemos na obra de Nascimento a seleção de alguns elementos que apontam para as noções de cultura e identidade negra brasileira, que serão tomadas como instrumento de autoafirmação e reivindicação de direitos por diferentes setores do movimento negro em nosso país, principalmente a partir dos anos 1970, e estão presentes até os dias de hoje.

Temas relacionados à história e à cultura africanas, assim como ideias de cultura e identidade negra nem sempre estiveram entre as preocupações das organizações políticas de negros no Brasil e surgiram em um determinado contexto. Temas ligados ao continente africano surgirão com mais ênfase na obra de Abdias Nascimento durante seu exílio nos Estados Unidos quando estreitou seu contato com lideranças negras internacionais e participou de congressos pan-africanistas na América e na África⁶. Porém, é a partir dos anos 1950, no período do TEN, marcado pela mencionada reorientação no ativismo negro brasileiro, que emerge mais acentuadamente a busca por uma cultura e uma identidade negra brasileira, que gradativamente se aproximará de elementos culturais africanos reivindicando-os enquanto matrizes culturais e identitárias dos afro-brasileiros em geral. Considerando esse contexto e esses problemas, as perguntas feitas ao objeto desta pesquisa são: como questões relacionadas ao negro foram pensadas por Abdias do Nascimento no período especificado (1944-1968)? Como as noções de cultura e identidade negra, ainda com grande relevância em projetos do movimento negro nos dias de hoje, surgem e são pensadas na produção intelectual de Abdias Nascimento? A partir da reflexão sobre estas questões podemos identificar como a África, fora da agenda dos movimentos negros brasileiros da primeira metade do século XX, começa gradativamente a aparecer na reivindicação (e na construção) de uma identidade cultural do negro brasileiro. As perguntas são feitas para um período específico da trajetória do autor, 1944 a 1968, mas podem nos ajudar a refletir sobre como tais questões são pensadas em nosso tempo presente. O fato de Abdias Nascimento ser um intelectual negro voltado para questões pertinentes ao negro na sociedade é significativo para esta pesquisa que tem como objetivo estudar o negro não apenas como objeto, mas também como sujeito e

6 Embora o jornal *Quilombo* tenha registrado o encontro de Nascimento com George Schuyler (EUA), Albert Camus (Argélia/França), o embaixador da Etiópia George Chalaby. No TEN o contato entre Nascimento e a intelectualidade negra internacional ocorreu sobretudo através de correspondências, parte delas registradas no jornal referido jornal. Ver: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. [Edição fac-similar. Editara 34]

autor de estudos sobre o negro.

Tendo em vista as questões colocadas acima, trabalharemos com a seguinte hipótese: a escolha da afirmação cultural do afro-brasileiro como instrumento de luta para Abdias do Nascimento – assim como para os intelectuais ligados ao TEN – está intrinsecamente relacionada ao contexto histórico e social brasileiro do pós-segunda Guerra Mundial e pós-Estado Novo varguista⁷, onde a reflexão sobre a “cultura nacional” tinha espaço privilegiado nas preocupações da intelectualidade brasileira. Além disso, intelectuais de prestígio nas ciências humanas como Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Roger Bastide reconheciam o negro enquanto agente cultural brasileiro; Jorge Amado e Jorge de Lima faziam o mesmo na literatura; Di Cavalcanti e Cândido Portinari nas artes plásticas. Dois momentos são importantes para entendermos a inclusão do negro como agente na cultura nacional: 1) O movimento modernista de 1922, que buscou inspiração estética e temática nas culturas afro-brasileiras e indígenas, com objetivos de criar estilos originalmente nacionais; 2) O advento e a vulgarização do conceito de ‘cultura’, cunhado pelas ciências sociais, em detrimento do conceito biológico de ‘raça’. Na perspectiva culturalista as desigualdades entre negros e brancos passaram a ser atribuídas às questões culturais, consideradas transitórias e reversíveis, diferente da perspectiva racista, que tratava às desigualdades enquanto fatores biológicos inatos⁸. Deste modo, a cultura enquanto “lugar de negociação e contestação da identidade nacional” (nas palavras de Hanchard⁹) fora percebida pelos intelectuais do TEN enquanto espaço de possibilidades de negociação e contestação acerca do lugar do negro na sociedade brasileira.

A produção intelectual de Abdias Nascimento aqui abordada situa-se principalmente no âmbito da cultura: concepção, atividades e publicações do Teatro Experimental do Negro. Seu protesto social, centrado na questão racial, e suas ideias sobre o negro brasileiro são construídos e veiculados através da produção e da ação cultural, o que o identifica, em parte, com o movimento da *Négritude*, mais em sua

7 Andrews, *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*; Hanchard, *Orfeu e poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*; Ortiz, *Cultura brasileira e identidade nacional*; Siqueira, *Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma consciência sobre o negro no Brasil 1944/1968*.

8 Sobre a vulgarização do conceito de cultura pelas ciências sociais, ver Antoni Sérgio Guimarães, *Classes, raças e democracia*. P.155

9 Michael G. Hanchard, *Orfeu e Poder: Movimento Negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*.

expressão literária e culturalista do que enquanto projeto político¹⁰. No entanto a construção de uma identidade cultural, em parte inspirada no movimento francófono da negritude, embora não tenha resultado em um projeto político, teve como objetivo a politização do negro brasileiro em torno da questão racial. Podemos entendê-la como um instrumento de identificação entre os afro-brasileiros com a finalidade de organizá-los politicamente na luta antirracismo e pela efetivação de seus direitos civis¹¹. No meu entender é a partir da afirmação desta identidade cultural como instrumento de luta política para os afro-brasileiros, que elementos históricos e culturais de matriz africana surgem na produção de Abdias do Nascimento. Veremos como seu pensamento é construído a partir de referências (nacionais e internacionais) próprias do contexto histórico de quando produziu junto ao TEN.

II. Bibliografia, documentação e pesquisa em arquivos.

Podemos destacar cinco principais tópicos da bibliografia utilizada nesta pesquisa: 1) textos sobre Abdias do Nascimento e o Teatro Experimental do Negro, entre os quais biografias, artigos acadêmicos e dissertações de mestrado; 2) textos relativos à discussão sobre as relações raciais no Brasil entre intelectuais das academias, dos centros de estudos, e intelectuais militantes do movimento negro no período em questão; 3) debates sobre cultura e identidade negra, e sobre cultura e identidade brasileira; 4) abordagem do contexto histórico e cultural brasileiro no período indicado; 5) textos que orientam os procedimentos teóricos e metodológicos escolhidos para abordagem do tema. Todos os textos utilizados estão indicados na bibliografia no final da dissertação.

A produção intelectual de Abdias do Nascimento entre 1944 e 1968 é o objeto de análise desta pesquisa, portanto, consideraremos como fonte documental os textos do

10 Os principais periódicos da *négritude* neste período foram *Legitime Défense* (1932), *L'Étudiant Noir* (1935), fundada por Aimé Césaire, e *Présence Africaine* (1937), fundada por Alioune Diop. Os intelectuais do TEN tiveram contato com o periódico de Diop no fim dos anos 1940, ver: Abdias Nascimento, *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*; Márcio José Macedo, *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)*, e Muryatan Santana Barbosa, *Guerreiro Ramos e o personalismo negro*.

11 Sobre as finalidades políticas da “identidade negra” ver Kabenguele Munanga, *Negritude: usos e sentidos; Rediscutindo a mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra*.

autor deste período, publicados em livros e periódicos. Parte da produção posterior do autor também está sendo consultada para termos uma visão mais ampla de suas ideias que podem ser analisadas na perspectiva de permanências e rupturas, porém, manteremos o foco principal no período especificado, de sua atuação junto ao Teatro Experimental do Negro.

Publicações de Abdias em jornais e periódicos com os quais colaborou antes e durante sua atuação no TEN, e correspondências trocadas com amigos, militantes e organizações políticas e culturais de diferentes regiões nacionais e internacionais (a maior parte destas correspondências são cartas recebidas) auxiliam na análise e no entendimento das concepções do autor sobre a situação dos negros na cultura e na sociedade brasileira. Do mesmo modo, textos que não são da autoria de Abdias, mas referem-se a ele e ao trabalho dele, nos informam um pouco sobre a dimensão do intercâmbio de ideias entre o criador do TEN e outros intelectuais no período abordado por esta pesquisa. Parte deste material encontra-se no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros (IPEAFRO), fundado por Abdias e Elisa Larkin Nascimento no início da década de 1980, instituição que mantém um acervo documental substancial sobre o autor e na Fundação Nacional de Artes (Funarte)¹², ambos no Rio de Janeiro.

III. Porque um estudo sobre Abdias do Nascimento?

Conhecer a militância, e a produção intelectual e artística de Abdias Nascimento é de fundamental importância para conhecermos a história do movimento social dos negros brasileiros e compreendermos o processo de lutas pela igualdade racial em nosso país, que assim como a luta de outros segmentos historicamente oprimidos como os indígenas, as mulheres, os homossexuais, os trabalhadores urbanos e rurais, se inscreve na busca por

12 O IPEAFRO foi fundado em São Paulo no ano de 1981 quando Abdias do Nascimento retorna do exílio, com a colaboração de Dom Evaristo Arns que cedeu um espaço na PUC-SP para a instalação da primeira sede do instituto. Em 1984 o criador do TEN mudou-se para o Rio de Janeiro, transferindo o IPEAFRO para esta cidade (ALMADA, P. 117-118) , seu acervo contém documentos dos diferentes períodos de militância de Abdias do Nascimento, divididos em seções distintas, consultamos a seção Teatro Experimental do Negro. Na Funarte tive contato com dossiês de algumas peças do TEN, os quais reúnem textos críticos (de Abdias e de outros autores), materiais de divulgação (cartazes, catálogos e panfletos), fichas técnicas e croquis de cenários.

uma sociedade efetivamente democrática. O movimento social dos negros consiste em organizações e associações de afrodescendentes na busca de solução para os problemas que enfrentam na sociedade em decorrência do preconceito e da discriminação racial: marginalização no mercado de trabalho, no sistema educacional, na política e na cultura¹³.

Quem conhece um pouco da história de Abdias Nascimento – bem como suas ideias sobre as relações raciais no Brasil, suas propostas para a superação das desigualdades sociais entre negros e brancos, seus ideais de uma sociedade sem racismo impressos em sua trajetória artística, intelectual e política – simpatizando ou não com suas ideias dificilmente lhe negará a importância histórica que teve no processo de lutas do movimento negro do século XX, e nas conquistas de direitos que a população negra tem obtido principalmente nas duas últimas décadas¹⁴. Trata-se de uma figura reconhecida e prestigiada entre organizações do movimento negro brasileiro, e certamente entre militantes e intelectuais afro-americanos do norte, caribenhos e africanos. Durante seu exílio nos Estados Unidos, Nascimento foi interlocutor de C.L.R. James, Carmichael, Bobby Seale, Amir Baraka, neste mesmo período participou de congressos Pan-africanistas e outros eventos do movimento negro internacional, um verbete à respeito de sua vida e obra recebe um espaço de cinco colunas (duas páginas) da enciclopédia *Africana: The Encyclopaedia of the African and African-American Experience* (Appiah & Gates, 1999), sendo o maior verbete de referência brasileira nesta obra¹⁵.

No Brasil, até o ano de 2015 (quando escrevo esta dissertação) foram publicadas três biografias do autor: o trabalho de Sandra Almada, *Abdias Nascimento* (2009), uma biografia concisa; a autobiografia escrita em parceria com Éle Semog, *Abdias Nascimento, o griot e as muralhas* (2006); e *Abdias Nascimento: grandes vultos que honraram o senado* de Elisa Larkin Nascimento. Porém, Abdias Nascimento ainda é

13 Petrônio Domingues “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”; Regina Pahim Pinto, *Movimento negro em São Paulo: luta e identidade*.

14 Algumas destas conquistas são: as políticas de Ações Afirmativas, a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos diferentes níveis de ensino, a lei 7.716/89 que criminaliza o racismo, o 20 de novembro como dia da Consciência Negra, o tombamento da Serra da Barriga como patrimônio histórico nacional.

15 Ney Lopes, “Abdias, Semog, 'Negros-Vida'”, in: Nascimento e Semog, *Abdias do Nascimento o griot e as muralhas*. P. 10-11

pouco conhecido de um público mais amplo e na academia brasileira. São poucos os trabalhos acadêmicos com o foco no Teatro Experimental do Negro ou em seu fundador.

Na Universidade de São Paulo até agora foram produzidas: no departamento de sociologia duas dissertações de mestrado e um artigo, são os trabalhos de Márcio José Macedo, *Abdias do Nascimento: trajetória de um negro revoltado (1914-1968)* (2005), Túlio Augusto Custódio, *Construindo o (auto) exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968-1981* (2011), e o artigo do professor Antonio Sérgio Guimarães “Resistência e revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento” (2006); na revista *Sankofa* (Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011), o artigo de Eduardo Januário, “Abdias do Nascimento: Aspectos Históricos de um Militante Negro”. Na Unicamp há o trabalho de mestrado em sociologia de Daniela Roberto Antonio Rosa, *Teatro Experimental do Negro: estratégia e ação* (2009), e na Unesp a dissertação de mestrado em artes de Christian dos Santos Moura, *O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas peças encenadas (1947-1951)* (2008). Na Universidade do Estado da Bahia há o trabalho de mestrado em Estudos de Linguagem de Lindinalva Amaro Barbosa, *As encruzilhadas, o ferro e o espelho. A poética negra de Abdias do Nascimento* (2009). Sobre o criador do TEN há também a tese de doutorado de Gerárd Police, *L’Afro-Brésilien Reconstruit, 1914-1944* (2000), defendida no Département de Portugais da Université Rennes 2, Haute Bretane, na França. Desta lista podemos destacar dois aspectos: o primeiro, nota-se um crescente interesse por Abdias do Nascimento e pelo Teatro Experimental do Negro como temas de estudos no período de uma década, intercalando as duas últimas décadas¹⁶; o segundo, e talvez o mais interessante para este trabalho, das produções acadêmicas listadas, a única pertencente à área de história é o artigo de Eduardo Januário.

Esta pesquisa está sendo feita por um estudante iniciado nos métodos e teorias próprios da história enquanto campo de conhecimento, ciente de que há muito tempo já fora colocado em xeque a segmentação e o isolamento das diferentes áreas do saber. Marc Bloch nos ensina que “toda ciência tomada isoladamente, não significa senão um

16 Um tema interessante para a sociologia: investigar se o contexto de políticas de ações afirmativas e o aumento do número de alunos negros nas universidades coincide com o crescimento de pesquisas sobre intelectuais negros e movimento negro.

fragmento do universal movimento rumo ao conhecimento”¹⁷. Desde a primeira geração de historiadores da Escola dos Annales, da qual se destacam Bloch e Lucien Febvre, iniciou-se um diálogo entre a história e outras áreas como as ciências sociais (sociologia, antropologia, etnologia) e a geografia, o qual se fortaleceu cada vez mais no decorrer das gerações subsequentes. A quase ausência de trabalhos em história sobre Abdias Nascimento impõe a interdisciplinaridade já nas etapas iniciais desta pesquisa, pois os trabalhos até agora encontrados sobre o autor e o TEN pertencem à sociologia (na maior parte), às artes e aos estudos de linguagem. Estes trabalhos são as fontes bibliográficas primárias para esta pesquisa. Um diálogo com a sociologia e a antropologia ocorrerá no decorrer do texto na medida em que serão abordados temas por elas conceitualmente trabalhados como “identidade cultural”, “negritude”, “raça” e “racismo”.

As fontes documentais consistem na produção intelectual do autor de 1944, ano de fundação do TEN, a 1968, quando foi publicada a primeira edição de *O negro revoltado*, sendo também o ano em que Abdias iniciou seu exílio nos Estados Unidos. Trata-se de ensaios, artigos e depoimentos publicados em jornais, revistas e livros, e dentre os muitos títulos publicados ao longo da vida (dos quais também contam textos dramaturgicos, poesias e pinturas) elegeremos alguns textos do período já mencionado para análise. Para fins elucidativos recorreremos também a outros documentos como correspondências do autor, textos jornalísticos e críticos, do próprio autor e de outros autores sobre o TEN, encontrados nos arquivos do IPEAFRO e da FUNARTE.

IV. Procedimentos teóricos e metodológicos.

“Uma ciência (...) não se define apenas por seu objeto. Seus limites podem ser fixados, também, pela natureza própria de seus métodos”, e “nunca se explica um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento”¹⁸. Interpretando – e amparando-nos em – ambas frases de Marc Bloch, podemos seguramente afirmar que a análise contextual dos fatos é fundamental para a história enquanto ciência. Em outras palavras:

17 Bloch. *Apologia da História*. P. 50

18 Marc Bloc, *Apologia da História ou o ofício de historiador*. PP.60, 68

compreender um fenômeno/fato em sua historicidade consiste em analisá-lo, circunscrito em determinado tempo e espaço tendo em vista, também, seus desdobramentos na temporalidade e na espacialidade (seus desdobramentos para diferentes tempos e espaços). Portanto, embora nossas análises partam da necessidade de melhor compreendermos questões do presente (apresentadas na introdução deste texto), situaremos os fatos e, buscaremos primeiramente compreendê-los, no contexto histórico em que ocorreram. Sendo assim ao abordarmos conceitos como cultura, identidade, negritude e racismo, mesmo quando nossa análise partir de definições tomadas por autores contemporâneos, buscaremos compreender tais conceitos em sua historicidade, considerando a possibilidade de variações de significados para cada termo em diferentes contextos, buscando também compreender como são tomados no discurso de Abdias do Nascimento.

As definições de Edward Said para o conceito de “teoria itinerante” são bastante elucidativas para uma análise que considere esta historicidade dos fatos e dos conceitos, a qual nos referimos. Tomando como exemplo a *teoria da reificação* apresentada por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe*¹⁹ e sua apropriação por diferentes autores, em épocas e espaços distintos, referindo-se a discípulos e leitores europeus de Lukács como Lucien Goldmann e Raymond Williams, em um primeiro ensaio intitulado “Travelling Theory”²⁰ Said considera “como as teorias ‘viajam’, por vezes, para outros tempos e situações, perdendo nesse processo parte do seu poder original e da sua rebeldia, (...) adquirindo ironicamente o prestígio e a autoridade que a idade garante, transformando-se, porventura, numa espécie de ortodoxia dogmática”²¹, perdendo, assim, seu potencial de mobilização por mudanças sociais.

Em um segundo artigo, intitulado “Reconsiderando a teoria itinerante”²², como o próprio título sugere, o autor revê sua abordagem do tema a partir de uma outra perspectiva menos “negativista” onde a ideia de “perda do poder original e da rebeldia” é substituída pela noção de “afiliação”, a qual sugere mais uma noção de ampliação dos

19 Lukács argumenta sobre a teoria da reificação no capítulo “A reificação e a consciência do proletariado” em *História e Consciência de Classe*.

20 Edward Said, *The world, the text, and the critic*.

21 Edward Said, “Reconsiderando a teoria itinerante”. P.25-26

22 Título original: “Travelling Theory Reconsidered”, traduzido para o português e publicado por Manuela Ribeiro Sanchez no livro *Deslocalizar a “Europa”*: *Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*.

sentidos de uma teoria, do que uma ideia de “adulteração” ou de “enfraquecimento”. Ainda baseando-se em diferentes apropriações da referida teoria da reificação de Lukács, Said deixa de perseguir uma noção de perda de originalidade, para abordar diferentes leituras de uma mesma teoria correspondendo a situações ou realidades históricas distintas, onde podemos vislumbrar a historicidade das teorias e dos conceitos.

A reflexão sobre a alienação do trabalhador através da dicotomia sujeito/objeto nas sociedades de classes europeias do início do século XX é um dos principais fundamentos – ou o principal – da teoria da reificação de Lukács, a qual, por sua vez, tem origem na teoria de Marx sobre a alienação do trabalhador nas relações de produção capitalista industrial do século XIX, presente nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*²³, cujos fundamentos partem de uma leitura sobre a dialética entre o senhor e o escravo concebida por Hegel em *Fenomenologia do Espírito*²⁴. Ao reconsiderar a teoria itinerante, Said nos mostra como fundamentos da teoria lukacsiana (que podemos entender como uma versão ampliada das formulações de Hegel e Marx) são reelaborados originalmente em dois casos bastante distintos: 1) nas análises de Adorno sobre a música dodecafônica de Schönberg (a dicotomia entre tonalidade e atonalidade: tese e antítese sem síntese para Adorno)²⁵; 2) nas análises de Fanon sobre as relações sociais nos domínios coloniais franceses (a dicotomia entre opressor e oprimido e a violência do colonizado como antídoto para a violência do colonizador: tese e antítese, cuja síntese consiste na libertação da humanidade através da superação da condição colonial)²⁶. Não é nosso objetivo discutir as teorias de Hegel, Marx, Lukács e Adorno, dos autores mencionados neste parágrafo utilizaremos apenas Fanon e o próprio Said em nossos procedimentos de análise. Traçamos brevemente, e genericamente, este quadro apenas para exemplificarmos a teoria itinerante de Edward Said, a qual pode nos ajudar a compreender o fluxo de ideias no contexto histórico que envolve adesão e ruptura com a ideologia da democracia racial no Brasil, e a formação do discurso de Abdias do Nascimento, onde também notamos “afiliações” ou “apropriações criativas” de diferentes

23 A dicotomia entre sujeito e objeto nas relações de produção capitalista é analisada por Marx no “Primeiro Manuscrito” da obra referida.

24 Na referida obra Hegel elabora a dialética entre o senhor e o escravo no capítulo IV: “A verdade da certeza de si mesmo”; item A: “A independência e dependência da consciência de si: Dominação e Escravidão”.

25 Theodor Adorno, *Filosofia da Nova Música*.

26 Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*.

correntes de pensamento, como nos indicam os trabalhos de Márcio José Macedo e Antonio Sérgio Guimarães²⁷: 1) na formação inicial do líder do TEN, o culturalismo e o folclorismo enaltecendo a mestiçagem de Gilberto Freyre e Arthur Ramos; 2) em um período de amadurecimento, ideias da *négritude* francófona e sua versão brasileira reelaborada na obra de Guerreiro Ramos nos anos 1950; 3) em um período de radicalização, um alinhamento com as ideias presentes na obra de Florestan Fernandes (1965)²⁸, tornando-se enfática em seu discurso a denúncia do “mito da democracia racial brasileira” e as noções de “resistência” e “revolta” como elementos próprios da cultura afro-brasileira.

Apenas para continuar ilustrando a teoria itinerante podemos tomar brevemente como exemplo aspectos gerais de ideias que circularam no âmbito das independências e da formação dos Estados Nacionais africanos em territórios antes transformados em colônias portuguesas, francesas, inglesas e belga. Ao analisar aspectos da produção intelectual africana naquele contexto, Leila Leite Hernandez²⁹, na mesma chave interpretativa utilizada por Said, considera as “afiliações criativas” que intelectuais africanos e afro-americanos fizeram das ciências e teorias produzidas na Europa (dentre elas a antropologia, a etnologia, assim como, variações de ideias humanistas e teorias marxistas), criando pensamentos originais, cada qual correspondendo a um contexto histórico e social específico, dentro de um outro contexto em comum, que era o sistema colonial e a opressão direcionada às populações negras. No âmbito de combate aos imperialismos europeus, a crítica ao eurocentrismo e a afirmação do direito de autodeterminação dos povos oprimidos pelo colonialismo estiveram no centro das discussões dos intelectuais e militantes pelas independências como Amílcar Cabral, Mario Pinto de Andrade, Eduardo Mondlane, Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire e Frantz Fanon³⁰. No processo de luta por autonomia política e construção de projetos nacionais, intelectuais africanos – muitos dos quais tornaram-se lideranças políticas – produziram em diferentes áreas das ciências humanas e na literatura. A maior parte da

27 Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, *Resistência e Revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento*; Márcio José Macedo, *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)*.

28 Precisamente as teses defendidas por Fernandes em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*.

29 Leila Leite Hernandez, “A itinerância das ideias e o pensamento social africano”.

30 Importante ressaltar que há diferenças, e em alguns momentos podemos identificar até mesmo divergências, entre as obras de cada autor mencionado. A conjuntura que envolveu as independências também consiste em um mosaico de contextos históricos.

obra destes autores perpassa a questão da descolonização.

Ideologias políticas como o pan-africanismo e a negritude tiveram papel fundamental no processo de construção de mentalidades anticoloniais e nota-se que muito influenciaram a produção intelectual da época e os movimentos de luta pela independência³¹. O processo de descolonização implicou para boa parte da intelectualidade de cada país africano na construção de nacionalidades, ou seja, construção de identidades nacionais para dar substância aos Estados Nacionais que emergiam com as independências. Tornou-se decisivo reescrever a história, a antropologia e a sociologia sobre a África na perspectiva do colonizado, pois muito do que havia sido escrito sobre o continente e seus povos do século XIX até a primeira metade do XX esteve intimamente ligado à conquista colonial³².

No entanto, como já mencionamos, a busca pela ruptura com a situação colonial envolveu afiliações de pensamento e apropriações criativas das ciências, teorias e também ideologias europeias adaptadas à realidade colonial. Embora tomemos o pensamento anticolonial africano e caribenho como exemplo, não é nosso objetivo analisa-lo. Alguns aspectos deste pensamento aparecerão ocasionalmente para fins comparativos, como a relação entre permanências e rupturas com o eurocentrismo na construção de noções de culturas e identidades originais como um processo de afirmação negra e busca de superação da perspectiva colonial. No contexto histórico brasileiro entre meados dos anos 1940 e final da década de 1960, no qual emerge o TEN e a produção intelectual de Abdias Nascimento podemos falar em uma busca pela ruptura com o etnocentrismo que historicamente favoreceu apenas os brancos enquanto grupo social.

A negritude na vertente de Léopold Sédar Senghor, analisada criticamente por Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, ilustra bem esta relação de ruptura e permanência com a visão eurocêntrica: o enaltecimento da “emoção” como um aspecto próprio de um suposto caráter do negro, e a atribuição da “razão” a um suposto caráter do

31 Negritude e Pan-Africanismo, cada qual também é formada por uma pluralidade de correntes de pensamento distintas que não são o objeto central de nossa análise, porém, mencionaremos sempre que necessário aspectos que de alguma forma influenciaram, ou se aproximam do pensamento de Abdias do Nascimento. Sobre os temas Negritude e Pan-africanismo: Kabengele Munanga, *Negritude, usos e sentidos*; Kwame A. Appiah, *Na casa de meu pai*; Paul Gilroy, *Atlântico Negro*; Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*; Phillipe Decraene, *Pan-africanismo*.

32 Munanga, “Antropologia africana: mito ou realidade”. P. 125; Curtin, “Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral. P.74-78; Said, *Cultura e Imperialismo*.

branco, ideia preconizada por Senghor, é debatida por Fanon, que por sua vez defende que a superação do racismo deve ocorrer no âmbito da razão, pois a ideia de “irracionalismo do negro” resultou da imagem atribuída aos africanos pelos europeus nos processos de colonização. Destituir a razão do negro significa destituí-lo de parte de sua humanidade, destituí-lo de sua ontologia, consiste em torna-lo menos humano do que o branco. Para Fanon, é preciso que o negro se reconheça – e seja reconhecido pelo branco –, enquanto sujeito ontológico, e seu legado histórico e cultural integre efetivamente a história da humanidade em pé de igualdade com o legado europeu³³.

A leitura sobre a negritude francófona e a reelaboração do conceito de negritude a partir do contexto brasileiro é um ponto de ligação que podemos estabelecer entre a produção intelectual de Abdias do Nascimento e a intelectualidade militante negra internacional, o que nos possibilita ver um aspecto em comum entre a sociedade brasileira de meados do século XX e o mundo colonial africano e caribenho: a problemática das relações assimétricas entre negros e brancos, nas sociedades coloniais e no Brasil. Uma comparação como esta deve considerar as especificidades de cada sociedade, mas o que nos interessa neste momento é fato de serem sociedades multirraciais onde a distribuição de privilégios tem a raça³⁴ como um de seus fundamentos, favorecendo os brancos.

A luta antirracista esteve no centro das preocupações de Abdias do Nascimento. Sua produção intelectual e artística dos diferentes períodos de militância questionou as desigualdades sociais entre negros e brancos. A violência e o racismo são dois elementos fundamentais em relações de poder nas sociedades coloniais³⁵. Do mesmo modo o racismo e a violência cumprem um papel de grande peso na estratificação social em sociedades multirraciais como a brasileira. Este pode ser um ponto de intersecção entre o contexto histórico e social brasileiro e o mundo colonial do século XX, do mesmo modo

33 Embora esta análise perpassasse todo o ensaio *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, percebe-se que o autor concentra-se nelas principalmente no capítulo 5: “A experiência vivida do negro”.

34 Utilizamos o termo “raça” enquanto categoria sociológica” de análise para compreendermos o fenômeno do racismo (que entre outras coisas consiste na distribuição desigual de privilégios, tendo o fenótipo como um marcador de tal distribuição), portanto, trata-se de uma concepção distinta das variações biológicas do termo que em geral pautam supostas diferenças biológicas entre negros, índios e brancos, as quais influenciariam no “caráter” de cada grupo. Para saber mais sobre raça enquanto categoria sociológica ver: Guimarães, *Classes, Raças e Democracia*, e *Racismo e antirracismo no Brasil*.

35 Fanon, *Os condenados da Terra*.

pode ser o ponto de intersecção entre a militância antirracista de Abdias Nascimento, e a militância negra internacional. A luta pela superação das relações de opressão entre colonizador e colonizado no antigo mundo colonial, e entre brancos e negros nas sociedades multirraciais da diáspora africana (onde o Brasil está incluído), podem ser entendidas como tendo uma mesma base: as relações de dominação e estratificação social amparadas no racismo.

Do mesmo modo que há uma relação de permanências e rupturas com a ideologia dominante (o eurocentrismo) na produção intelectual anticolonial, nossa análise também considerará em que medida tal relação aparece na produção intelectual de Abdias do Nascimento como forma de enfrentar os problemas raciais brasileiros. Como nos mostram os trabalhos de Custódio, Macedo e Guimarães, as permanências e rupturas na obra de Nascimento ocorrem em relação a um primeiro momento de vida intelectual influenciado pelo pensamento de Gilberto Freyre e Arthur Ramos, e períodos subsequentes influenciados por ideias que se fazem presente em seus escritos dos anos 1950 e 1960, como a *négritude* e os estudos de Florestan Fernandes que apontam a existência do racismo na sociedade brasileira. Tais mudanças devem ser analisadas no contexto de transformações na concepção do movimento negro e de parte da intelectualidade acadêmica a respeito das relações raciais no Brasil³⁶. Trata-se do processo de ruptura com a ideologia da democracia racial brasileira e do início de um protesto antirracista mais radical em relação aos movimentos negros das décadas de 1920 e 1930³⁷.

Tendo em vista os aspectos em comum entre os problemas enfrentados pelos negros nos domínios coloniais europeus e na sociedade brasileira em meados do século XX, as vias de enfrentamento e a luta pela superação de tais problemas, e o diálogo entre os intelectuais do TEN e a militância negra do mundo francófono, recorreremos quando for necessário às análises de Frantz Fanon esboçadas acima, sobre a *négritude* como via de afirmação cultural do negro e de enfrentamento ao colonialismo europeu no âmbito cultural. Também as análises de Edward Said – presentes em um outro trabalho de sua autoria, intitulado *Cultura e Imperialismo* – sobre a “cultura de resistência” como

36 Andrews, 1998; Siqueira, 2006.

37 Andrews, idem; Guimarães, 2002, 2004, 2006; Macedo, 2005.

contraponto à ofensiva imperialista europeia entre o século XIX e meados do XX, no âmbito cultural, político e econômico serão bastante válidas na compreensão da dinâmica entre cultura dominante (onde o negro tem papel coadjuvante ou é excluído) e a cultura de resistência preconizada por Abdias Nascimento (onde o negro reivindica para si o papel de protagonista de sua libertação) como via de superação dos problemas raciais no Brasil.

V. Resumo dos Capítulos

O primeiro capítulo situará o papel dos movimentos negros na inserção dos afrodescendentes enquanto agentes históricos no Ocidente e no Brasil (trataremos de aspectos gerais para fins de contextualização do tema). Em seguida iniciaremos uma análise de aspectos biográficos do autor antes da criação e de sua atuação no Teatro Experimental do Negro. A justificativa para abordarmos um período anterior ao recorte temporal proposto no projeto deve-se à necessidade de compreendermos a formação intelectual e militante de Abdias Nascimento que se inicia antes do TEN, e certamente influenciará sua atuação e seus projetos junto a esta organização que o lançou enquanto figura pública do movimento negro.

Analisarmos este período de formação que compreende a infância e juventude, passagem pelo exército, Frente Negra Brasileira, Ação Integralista, Congresso Afro-Campineiro, também é importante para compreendermos as transformações, permanências e rupturas presentes no pensamento e na produção de Nascimento, situando-o para além da imagem de importante liderança do movimento negro (como ficou conhecido) e como um sujeito cujas escolhas basearam-se nos contextos históricos e sociais em que viveu. Embora o foco desta pesquisa esteja na produção do autor a abordagem da biografia é necessária, pois trata-se de uma figura cuja obra está intrinsecamente relacionada à atuação política, e que frequentemente recorre a fatos de sua própria biografia, o que entendemos como parte de uma estratégia de legitimação de seu discurso e de sua posição de liderança no movimento negro.

No segundo capítulo abordaremos a formação do Teatro Experimental do Negro

(1944-1968). Recorreremos aos fatos que antecederam a fundação deste grupo liderado por Abdias Nascimento: a viagem do autor por países da América do Sul com o grupo de poetas *Santa Hermandad Orquídea*; o episódio em Lima (Peru) onde viu a peça *O Imperador Jones* de Eugene O'Neill cujo papel principal originalmente fora escrito para um ator negro, sendo representada por um ator branco pintado de preto. Este episódio é narrado por Nascimento como um fator decisivo na concepção e criação de um teatro negro, considerando que – assim como no Peru e em outros países – no Brasil, o afrodescendente, quando não ausente, era sub representado nos trabalhos cênicos, tendo sua capacidade criadora, sua estética e seu potencial dramático subestimados.

Analisaremos a sub representação do negro nas artes cênicas brasileiras ao longo da história, e o papel do TEN na inclusão dos afro-brasileiros como protagonistas dos dramas, objetivando a superação dos estereótipos que lhes eram socialmente impostos e reforçados nos palcos. Situaremos o TEN no contexto do movimento negro nacional, pós-Estado Novo, analisando aspectos históricos relacionados à formação das organizações afro-brasileiras daquele período. Buscaremos entender porque esta fase do movimento social dos negros foi marcada, sobretudo, por associações culturais, e a cultura foi a principal via de integração social e reivindicação política utilizada por estas organizações.

Discorreremos também sobre a inserção do TEN no contexto intelectual da época, e as mudanças sobre as formas de pensar as relações raciais no Brasil. Se por um lado, até os anos 1950 a intelectualidade negra era adepta da ideologia da democracia racial, por outro, o próprio movimento negro vinha apontando as desigualdades sociais entre negros e brancos desde o final do século XIX. Parte da academia começará a assumir uma postura crítica sobre a 'democracia racial brasileira' no pós-Estado Novo. Veremos a importância do Projeto Unesco neste contexto de inflexão. Nesse capítulo, e no seguinte, abordaremos como Abdias Nascimento reivindicou a participação dos afro-brasileiros nos debates políticos e nos estudos sobre o negro.

No terceiro e último capítulo analisaremos aspectos que marcam permanências e rupturas entre as organizações da primeira fase (do pós-abolição ao Estado Novo) e da segunda fase do movimento negro (do pós-Estado Novo ao AI-5). Manteremos nosso foco na segunda fase do movimento, e recorreremos principalmente ao discurso de Nascimento considerando sua inserção no contexto intelectual e político da época.

Veremos as diferenças entre os usos da ideologia da democracia racial no protesto antirracismo da militância negra e no discurso conservador de intelectuais que negavam a presença do racismo no Brasil. Analisaremos como esta ideologia, até meados dos anos 1950, foi utilizada por Nascimento e outros líderes negros como via de negociação e posteriormente passou a ser denunciada como ‘falsa consciência’.

Dentre os aspectos que diferenciam a segunda fase do movimento negro, de sua antecedente, destacamos sua inserção no contexto internacional dos movimentos negros da diáspora africana, e a afirmação de uma identidade cultural vinculada ao legado histórico e cultural africano. Veremos como estes dois aspectos se manifestam no discurso de Abdias Nascimento, tendo em vista sua afiliação às ideias da *négritude* francófona: movimento que em um primeiro momento (1930-1940) teve o legado histórico e cultural africano como fonte de inspiração literária e de construção de uma identidade negra; e em um segundo momento (1950-1960) assumiu o papel de ideologia política anticolonial. Ressaltamos nossa hipótese de que a afirmação de uma identidade cultural afro-brasileira vinculada às matrizes africanas surge no discurso de Abdias Nascimento a partir de uma leitura original das ideias da *négritude* com base na realidade histórica e cultural brasileira. A partir da afirmação de uma identidade cultural vinculada à cultura africana, vemos um primeiro momento de aproximação entre militância negra brasileira e temas relacionados à África.

Capítulo 1: Abdias do Nascimento antes do Teatro Experimental do Negro.

1.1 A inserção do negro enquanto agente histórico na cultura ocidental e no Brasil.

A história dos movimentos negros nos países onde houve diáspora africana – entre eles o Brasil – pode ser lida através do conceito de *modernidade negra*, utilizado pelo sociólogo Antonio Sérgio Guimarães, que consiste no

“ (...) processo de inclusão social e simbólica dos descendentes de africanos às sociedades ocidentais (das Américas e da Europa). Significa, grosso modo, a incorporação dos negros ao Ocidente enquanto pessoas civilizadas. Podem-se distinguir dois momentos de tal integração, cuja ordem cronológica não é unívoca: um primeiro de representação positiva dos negros, construída por intelectuais brancos, principalmente na literatura e nas artes plásticas (cubismo, negrismo, modernismo) e, num segundo momento, a criação de representações positivas dos negros feitas pelos próprios negros, também nas artes e na literatura, mas também na ideologia política”³⁸

“Modernidade” consiste em um conceito ocidental para pensar o Ocidente e pode ser compreendido em relação de oposição aos conceitos de “Antigo”, “Tradição” e “Clássico”. Na Europa Ocidental, as noções de “Antigo”, “Tradição” e “Clássico” quase sempre remetem a elementos da cultura greco-romana evocados a partir do período da Renascença até o Positivismo do século XIX, que definem formas da Europa ser pensada e diferenciada em relação às demais partes do mundo; formas de auto-representação que geralmente a coloca em posição de superioridade e protagonismo na história da humanidade, classificando o mundo entre “civilizados” e “não-civilizados”. No entanto, é necessário ressaltarmos que há uma pluralidade de sentidos e possibilidades de se empregar os termos *Moderno* e *Modernidade*. Historiadores geralmente empregam o termo “Idade Moderna” para definir o período que sucedeu a “Idade Média” e antecedeu a Revolução Francesa, e todo o processo ocorrido neste marco cronológico, ainda com

38 GUIMARÃES, “Resistência e revolta nos anos 1960 – Abdias do Nascimento”, in: *Revista USP*, nº 68, 2006; O autor explora este conceito de maneira mais aprofundada em “A Modernidade Negra”, in: *Teoria e Pesquisa*, jan/jul, 2003.

bases na história europeia: Renascimento, Reforma, Contra-Reforma, Grandes Navegações. Já o conceito de “Modernidade” que –ao meu entender – é utilizado por Guimarães, para fins elucidativos da Modernidade Negra (uma outra modernidade, ou uma ampliação do conceito) tem suas raízes no discurso filosófico iluminista do século XVIII e início do XIX. Este discurso ideológico pós-Revolução Francesa, foi utilizado pelos estados nacionais – que ao longo do século XIX se consolidariam enquanto potências imperialistas – para se auto definirem, e se distinguirem das outras partes do mundo, tal noção de Modernidade, no contexto neocolonial, esteve carregada de valores de “progresso” e “civilização”, ambos também empregados com base na própria experiência histórica e cultural europeia³⁹.

De acordo com Muniz Sodré, civilização: “no século XVIII (...) refere-se a um tipo de paideia, isto é, de formação humanística do indivíduo, caracterizada pelo uso da escrita, vida urbana, divisão social do trabalho e organização política complexa”⁴⁰, a qual podemos entender como organização política em torno de um Estado Nacional e um código de leis baseados na razão iluminista. Os povos que não possuíssem este perfil eram classificados como “não-civilizados”, “primitivos”, ou “bárbaros”. Deste modo “civilização” também pode ser entendido como um conceito ocidental criado para definir o Ocidente (referindo-se aqui a Europa Ocidental e aos EUA) e distingui-lo das demais partes do globo (África, América Latina, Ásia e o Oceania).

De acordo com Guimarães, a modernidade enquanto busca de ruptura com o antigo (ou o clássico), introduz na civilização ocidental o gosto pela emoção – em oposição ao racionalismo exacerbado da razão positivista –, pelo movimento, e pela revolução, possibilitando uma expansão da própria noção de civilização, incorporando elementos de povos de outras partes do mundo, incluindo-os enquanto portadores de civilização. Este momento da modernidade resulta, em parte, do desencanto com os valores de civilização e tradição europeias, devido aos horrores das Guerras Mundiais (primeira e segunda).

Incorporar os negros ao Ocidente enquanto “pessoas civilizadas”, ou seja, de

39 Para uma discussão mais aprofundada sobre os conceitos *moderno* e *modernidade*, ver: Francisco J. Calazans Falcon, “Moderno e modernidade”, e Antonio Edmilson Rodrigues, “A querela entre antigos e modernos: genealogia da modernidade”, In: Falcon, e Rodrigues, *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*.

40 Muniz Sodré, *A Verdade Seduzida*. P.20

alguma maneira reconhece-os enquanto portadores de “cultura”, consiste em considerar que os brancos não detêm a exclusividade das realizações culturais. Tal incorporação ocorre com a referida ampliação das noções de “cultura” e “civilização” que pode ser observada principalmente a partir do período entre guerras mundiais (primeira metade do século XX). É importante lembrar que a incorporação dos negros, indígenas e orientais à categoria de povos civilizados, em um primeiro momento notada com mais evidência nas vanguardas artísticas do início do século XX, não implicou em uma ruptura imediata com os estereótipos utilizados pelos colonialistas para caracterizar tais povos. Em geral alguns estereótipos como a “emoção”, a “rítmica”, os “fetiches”, ou mesmo a noção de “primitivismo”, continuaram sendo atribuídos aos “não-europeus”, mesmo quando tomados de empréstimos como elementos da renovação estética que deu origem à poesia surrealista de André Breton, ao teatro de Antonin Artaud, e às telas de Pablo Picasso. As vanguardas artísticas modernas, de onde se destacam estes artistas, cada qual à sua maneira, expressaram sentimentos de insatisfação com a exacerbação racionalista dos ideais de civilização do Ocidente (e com o sistema capitalista) buscando portanto, inspiração em fontes situadas fora dos limites de tais ideais⁴¹.

No Brasil, a arte de vanguarda de modernistas como Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade (poesia, ensaio e prosa), Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Candido Portinari (artes plásticas), representou com expressividade o movimento de ruptura com as escolas do século XIX, e em geral perseguiu conceitos para a elaboração de uma arte “genuinamente brasileira”, incorporando e atribuindo sentidos positivos para elementos de matrizes culturais africanas e indígenas. Assim como ocorreu na Europa, o modernismo no Brasil – encabeçado por artistas majoritariamente brancos e pertencentes às classes economicamente favorecidas – fez um movimento mais de “positivação” de estereótipos atribuídos aos negros índios e mestiços (tais como: preguiça, indolência, malandragem ou inocência), do que de negação dos mesmos.

A valorização de matrizes culturais africanas – ora próximas do real, ora ainda fruto de visões eurocêntricas – pelas vanguardas artísticas modernas, tanto na Europa, quanto no Brasil e em outros países latino americanos representa uma expressão, ou um

41 Dos artistas mencionados, Artaud e Picasso eram anarquistas, Breton era comunista. O movimento surrealista é também bastante conhecido pela relação política com o trotskismo da época.

momento da Modernidade Negra, onde grupos de artistas e intelectuais majoritariamente brancos incorporaram os negros como parte integrante da cultura e da civilização ocidental. No caso brasileiro podemos falar da incorporação dos negros e índios como parte integrante da cultura nacional.

Uma outra expressão da Modernidade Negra, sobre a qual escreve Guimarães, consiste na valorização dos negros enquanto agentes culturais feita pelos próprios artistas e intelectuais negros, muitas vezes alinhados à organizações de cunho político e social em defesa dos interesses de populações afrodescendentes, que surgiram em diferentes períodos e regiões respondendo aos contextos de marginalização social e opressão racial. Neste sentido podemos destacar o Harlem Renaissance nos Estados Unidos na década de 1920, e o grupo de negros antilhanos e africanos situados em Paris que nos anos 1940 emergiram com a corrente literária da *Négritude*.

De acordo com essa linha de análise, entendemos que as entidades dos movimentos negros no Brasil, tais como os jornais da Imprensa Negra e os clubes sociais das décadas de 1910 e 1920, a Frente Negra Brasileira nos anos 1930 e o Teatro Experimental do Negro (1944-1968), se inscrevem no que Guimarães denominou de *modernidade negra*, onde vemos a busca dos negros por uma auto-representação positiva na cultura nacional, e por participação mais expressiva nos assuntos políticos e na economia. Vale ressaltar que as organizações aqui mencionadas corresponderam cada qual a um contexto histórico específico e investiram em diferentes formas de enfrentamento aos problemas raciais. Os clubes negros da cidade de São Paulo até a década de 1930 como o *Clube 28 de Setembro*, fundado em 1897, o *Grupo Dramático e Recreativo Kosmos* e o *Centro Cívico Palmares*, fundados respectivamente em 1908 e 1926 eram associações de caráter assistencialista, recreativo e cultural. Os jornais da imprensa negra, ligados à esses clubes, que também – ambos, clubes e imprensa – deram origem a Frente Negra Brasileira, veiculavam uma mensagem de integração social do negro através da ascensão social, e da adoção de valores culturais das classes médias urbanas, tais como: escolaridade e acesso a empregos de escritório e profissões liberais. A FNB manteve praticamente a mesma ideologia das organizações negras que sucedeu, porém, investiu em protestos de ação direta contra instituições envolvidas em casos de discriminação racial, ganhou dimensão de movimento de massas, tornando-se partido

político em 1936 (extinto em 1938, com o golpe do Estado Novo)⁴².

Diferente de sua antecessora, a Frente Negra Brasileira, que se assumiu declaradamente enquanto uma entidade política com fins partidários, o TEN surge enquanto uma organização cultural sem filiação partidária, isento de laços que o liguem diretamente à política institucional. No entanto, na medida em que passa a ser colocada a temática das relações raciais na dramaturgia, nas publicações escritas (livros e jornal), nos concursos artísticos e fóruns de discussões, torna-se evidente o caráter político desta entidade, também expresso na subversão estética: desde sua formação coloca o negro como protagonista das peças e a partir dos anos 1950 inclui elementos do candomblé como marcador identitário afro-brasileiro. Embora os intelectuais ligados ao TEN não tenham aspirado a criação de um partido político negro, não é incoerente dizermos que havia uma afirmação política em sua ação e produção cultural⁴³. As ideias em torno de uma cultura e uma identidade original para o negro brasileiro emergem e se consolidam gradativamente na produção de Abdias do Nascimento neste período.

Ao ler a obra de Abdias do Nascimento vemos um intelectual negro preocupado com assuntos que dizem respeito aos negros, disposto a participar dos debates intelectuais e políticos. Seu ativismo, expresso em sua produção intelectual e artística, demonstra uma preocupação em situar o negro enquanto agente social em seu tempo e como sujeito na história da humanidade, na medida em que reivindica espaços historicamente negados ao negro brasileiro. Deste modo, sua militância e sua produção intelectual podem ser lidas através do conceito de Modernidade Negra utilizado por Guimarães, que consiste na incorporação dos negros enquanto sujeitos históricos na cultura ocidental.

A obra de Nascimento insere-se no processo de representação positiva do negro através das artes, da produção intelectual e do ativismo político, portanto, pode ser articulada tanto ao que ocorria na Europa e no Caribe, como ao contexto brasileiro, no qual a mestiçagem cultural era aceita como constitutiva da identidade nacional. Sua produção intelectual do período que estamos abordando situa-se principalmente no

42 Andrews, 1998; Domingues, 2007; Guimarães, 2002, 2004.

43 O TEN não demonstrou aspirações partidárias, embora Abdias do Nascimento tivesse relações estreitas com o trabalhismo do PTB, legenda pela qual se lançou como candidato a vereador no final dos anos 1940. Ver: Macedo, *Abdias do Nascimento: trajetória de um negro revoltado, 1914-1968*; Sobre a FNB, Andrews. *Negros e brancos em São Paulo*, e Guimarães, *Classes, raças e democracia*.

âmbito da cultura: concepção, atividades e publicações do Teatro Experimental do Negro. Seu protesto social, centrado na questão racial, e suas ideias sobre o negro brasileiro são construídos e veiculados através da produção e da ação cultural.

Como já mencionamos, no período que abordamos (1944-1968) ocorreram mudanças no pensamento sobre as relações raciais em nossa sociedade, no qual vemos a emergência de críticas sobre a suposta existência de uma democracia racial no Brasil, expressas principalmente nas teses de Florestan Fernandes e Roger Bastide, desenvolvidas no âmbito do projeto da UNESCO sobre os estudos das relações raciais em nosso país⁴⁴. Podemos acompanhar tais mudanças no pensamento de Abdias do Nascimento a partir de sua produção teatral na década de 1950 (também influenciada pela negritude) e de seus textos políticos dos anos 1960 onde suas ideias convergem cada vez mais com as teses de Florestan Fernandes, que passam a ser citadas constantemente em seus trabalhos.

1.2 Pertinência da abordagem biográfica para a análise do tema.

Este estudo aborda a obra de uma figura histórica do movimento negro brasileiro, cuja trajetória política, produção intelectual e artística estão intrinsecamente ligadas. Portanto, para entendermos um destes campos necessariamente teremos que passar pelos outros: produção intelectual, artística e atuação política formam o tripé da vida pública de Nascimento. Parte substancial de sua militância, além dos espaços da política institucional na qual atuou a partir dos anos 1980, expressa-se em seus textos políticos, e em suas obras artísticas (peças teatrais, poesia e pinturas), que foram as principais vias de seu discurso durante um período significativo de sua vida. Estudos que se propõem a analisar sua obra não se furtam de vislumbrar episódios de sua vida, mesmo porque a autobiografia emerge como elemento de grande importância em seus depoimentos e em alguns de seus textos – fatos vivenciados pelo autor e aspectos de sua história de vida são

44 Este projeto foi implementado no início dos anos 1950 para estudar a suposta convivência harmônica multirracial no Brasil, que serviria de modelo para sociedades como EUA e África do Sul onde havia segregação oficializada. Ver: Marcos Chor Maio, *A História do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*.

frequentemente relatados. Márcio Macedo nota que ao falar a respeito de si e de sua formação artística, intelectual e militante, Abdias do Nascimento enfatiza mais sua experiência de vida, fatos por ele vivenciados, do que autores que lia⁴⁵. Tendo isso em vista, é compreensível a escolha do título do texto de Nei Lopes, escrito para a apresentação da autobiografia de Abdias do Nascimento em coautoria com Éle Semog: “Negros-vida”⁴⁶. Contudo, é importante lembrar que esta pesquisa não tem como objetivo reconstituir a biografia de Abdias do Nascimento, mas sendo um estudo de um período específico da obra de um autor cujos trabalhos são permeados pela experiência de vida, se valerá dos principais aspectos biográficos presentes em seu discurso.

Túlio Custódio ao reconstruir a trajetória do autor no período de seu exílio nos Estados Unidos, entre 1968 e 1981, toma como base as análises de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke que alerta para alguns cuidados a serem tomados quando recorremos à biografias como meio de obtermos informações a respeito de determinadas personalidades: 1) tomar a autoimagem e a autointerpretação do biografado, como fontes históricas, fazendo uma leitura crítica de ambas, não se limitando ao discurso que a personagem constrói sobre si própria, e não sucumbindo às reinterpretações que o tempo remonta da personagem; 2) não se restringir à interpretação teleológica e linear da trajetória do biografado, geralmente fruto de uma leitura literal da autoimagem construída pela própria personagem. “Seria uma tendência muito humana uma personagem descrever os fatos de sua vida para os outros (ou mesmo para si) como 'uma sucessão ordenada de eventos como se tivesse sido sempre uma busca de objetivos claros e harmoniosos, sem conflitos e desordens'.”⁴⁷ Esta questão também é colocada por Emília Viotti da Costa: “As histórias contadas pelos participantes revelam suas experiências individuais, seus sonhos e pesadelos. (...) As autodefinições das pessoas, suas narrativas sobre si mesmas e sobre os outros, conquanto significativas, não são suficientes para caracterizá-las nem para relatar sua experiência, muito menos para explicar um acontecimento histórico.”⁴⁸

45 Márcio Macedo, *Abdias do Nascimento: trajetória de um negro revoltado, 194-1968*. P.33-34

46 Nei Lopes, “Negros-vida”, in: Éle Semog e Abdias do Nascimento, *Abdias Nascimento, o griot e as muralhas*.

47 Pallares-Burke, *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, apud Custódio, 2011. P.18

48 Emília Viotti da Costa. *Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. P.15

A ampliação da noção de documento histórico ocorrida no século XX trouxe para dentro da esfera das fontes os mais variados tipos de narrativas orais e escritas. Para o pesquisador em história os documentos não falam por si próprios, os fatos não saltam automaticamente das fontes, e por mais objetivo que seja um discurso, quando abordado enquanto documento deve ser contextualizado, lido nas linhas e entrelinhas, analisado criticamente. Pois, de acordo com Le Goff: “O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que os produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que no silêncio.”⁴⁹

Toda personagem que atinge uma importância histórica, quer para uma nação, ou para um setor da sociedade, não está imune de ter sua trajetória reconstruída em versões que priorizem determinados fatos ou aspectos de sua vida e silenciem ou até mesmo modifiquem outros, com finalidade de atender a um discurso político. Deste modo a personagem torna-se símbolo em torno do qual constrói-se um mito. Estando a obra de Abdias do Nascimento vinculada à sua militância e em certa medida à sua biografia, ao olharmos para a trajetória do autor é necessário termos em nosso método de análise as considerações que acabamos de esboçar acima para entendermos o percurso de seu discurso para além do que pode ser peneirado pelo tempo e pela ideologia (na medida em que documentos, monumentos e fatos podem ganhar diferentes interpretações e significados conforme o contexto social, político e os fins para os quais são abordados). Ao investigarmos aspectos de sua biografia, nosso objetivo é compreender a formação do sujeito, do intelectual e, sobretudo, sua produção, para além do mito.

Consideramos também que os documentos abordados e a reconstrução dos fatos são escolhidos pelo pesquisador, de acordo com as questões que pretende compreender. Faremos perguntas à obra de Abdias do Nascimento no período do Teatro Experimental do Negro, mas é importante sabermos antes quem foi este autor. Traçaremos então um breve esboço biográfico nos amparando em relatos do próprio autor, de seus biógrafos, e de alguns estudos acadêmicos. Neste item cabe olharmos para além do que Abdias do Nascimento se tornou – liderança histórica do movimento negro – e o situarmos enquanto

49 Jacques Le Goff, *História e Memória*. P. 537-538

sujeito de seu tempo em relação com o ambiente histórico e social no qual esteve inserido, e através do qual basearam-se suas escolhas.

1.3 Primeiros passos de um exilado de nascença.

Ao longo desta análise reproduziremos trechos da autobiografia de Nascimento escrita em parceria com Éle Semog, e de um depoimento do autor registrado no livro *Memórias do Exílio*, organizado por Pedro Celso Uchôa Cavalcanti e Jovelino Ramos, publicado no Brasil em 1976. Este livro reúne depoimentos de exilados políticos brasileiros durante o período de ditadura militar (1964-1985), dentre os quais Herbert José de Souza (Betinho) e Leandro Konder, e termina com um dossiê sobre Frei Tito, morto em 1974 em consequência de sequelas das torturas que sofrera durante a ditadura militar no Brasil⁵⁰. Não temos informação o suficiente para saber se haviam outros negros entre os depoentes, mas sabemos que Nascimento consta no livro como o único militante do movimento negro, e naquele momento distinguia sua situação dos demais e relatava que nasceu no exílio:

“Minha situação neste depoimento é a mais paradoxal possível. Aqui estou eu, falando a intelectuais brancos, filhos das classes que oprimem as pessoas da minha cor há quatrocentos anos. Por esta e outras razões é preciso esclarecer desde já que minha situação é diferente da situação de vocês. Meu exílio é de outra natureza. Não começou em 1968 ou 1964, nem em momento algum dos meus sessenta e dois anos de vida. Hoje, mais do que nunca, compreendo que nasci exilado, de pais que também nasceram no exílio, descendentes de gente africana trazida à força para as Américas.”⁵¹

Este registro foi feito no período em que o autor encontrava-se exilado, portanto, trata-se de um documento posterior ao recorte temporal desta pesquisa, mas, como já foi mencionado anteriormente, parte da documentação do período posterior ao que estamos estudando nos ajudará em nossa abordagem, pois a reconstituição autobiográfica, na qual

50 Frei Tito, foi encontrado pendurado em uma corda em Lyon, na França, no dia 10 de agosto de 1974. O livro *Batismo de Sangue* de Frei Betto levanta a hipótese de que Frei Tito tenha se suicidado após um período de profundas perturbações emocionais e psíquicas decorrentes das torturas às quais foi submetido durante a ditadura militar no Brasil.

51 Abdias do Nascimento in: *Memórias do exílio*. P. 25

se insere a experiência com o TEN, teve importante papel na imagem pública de Abdias do Nascimento enquanto liderança política do movimento negro, e muito do que se sabe hoje sobre sua experiência no TEN consiste em seus próprios registros⁵². O trecho reproduzido acima, assim como outros que destacaremos desta e de outras fontes, nos mostra o autor em uma fase amadurecida de sua militância e veicula a imagem que o tornou conhecido publicamente: o líder negro muitas vezes tido por radical na causa antirracista. A condição de exilado de nascença, também atribuída aos seus pais e avós, nos coloca a questão da África tomada como um lastro identitário para o negro, naquele momento afirmado e bastante evidente na produção artística e intelectual do autor. Uma leitura cuidadosa tanto da trajetória do autor, quanto da história do movimento negro é necessária para termos ciência e melhor compreendermos a dimensão do processo no qual a reivindicação de uma negritude, e posteriormente a identificação com África surgem como meios de afirmação de uma cultura e uma identidade negra. Uma bibliografia sobre o assunto que utilizamos neste trabalho nos mostra que tal reivindicação identitária, cujas raízes estariam na África, não esteve presente nas primeiras organizações políticas de negros do Brasil no século XX, nem no início da trajetória militante ou nos primeiros anos de vida de Abdias do Nascimento, pois surgiu ao longo do processo histórico que envolveu debates nos meios intelectuais acadêmicos e entre intelectuais militantes do movimento negro em torno do reconhecimento (ou não) do racismo na sociedade brasileira. A negritude e o legado africano como parte da identidade dos negros, ou mesmo dos brasileiros surge ao longo do processo de lutas antirracismo, como afirmação de uma originalidade, de valores positivos, e contribuições dos afrodescendentes para a história e a cultura brasileira.

Esta e outras passagens presentes neste depoimento reaparecem posteriormente em entrevistas e na autobiografia do autor. Por mais que Nascimento tenha registrado que “hoje [naquela ocasião aos sessenta e dois anos] mais do que nunca” compreende que “nasceu exilado”, tal consciência sobre a situação histórica e social do negro no Brasil, marginalizado pelo racismo, aparece frequentemente nos discursos do autor, muitas vezes deixando no leitor a impressão de uma consciência que esteve presente em sua vida desde os tempos mais remotos de sua infância, quando não, desde a tenra juventude (no início

52 Custódio, 2011.

dos anos 1920).

“Eu não sabia bem porque, mas tinha uma coisa de protesto dentro de mim desde garoto. Minha mãe – doceira, cozinheira, costureira – era também ama de leite de filhos de fazendeiros de café. Naquelas ocasiões ela nos levava com ela da cidade para a zona rural. Nós, os negrinhos, ficávamos por ali, vivendo aquela situação de protegidos de sinhazinhas. Meus irmãos ganhavam presentinhos e ficavam felizes; enquanto eu, recebia com desconfiança qualquer dádiva, pois pressentia um jogo desagradável naquelas relações. Éramos sete irmãos, todos aparentemente ajustados na sociedade 'branca' brasileira. Constituí uma exceção, e a outra foi minha única irmã, de quem não gosto de falar: ela se suicidou, certamente porque também não era uma ajustada.”⁵³

O autor demonstra que embora ainda não conceitualmente definido, ou até mesmo de forma pouco consciente, seu inconformismo com o tratamento dispensado aos negros – exemplificado acima no paternalismo das sinhazinhas – tem origens nos tempos de infância. Em sua autobiografia escrita em parceria com Semog esta parte do depoimento reaparece e Nascimento acrescenta: “Não há dúvidas de que esta situação era uma herança da escravidão, uma relação dúbia que não tinha nada a ver com solidariedade. Durante parte da minha infância convivi com essa estrutura, com essa maneira de tratamento”⁵⁴. As relações patriarcais tornam-se alvo de críticas recorrente nos textos de Nascimento a partir de meados dos anos 1960. A afirmação do autor sobre a existência de um inconformismo de sua parte com as relações patriarcais, desde a infância (mesmo que ainda não conceitualmente definidas como tais) pode reforçar a imagem de um percurso linear e teleológico de seu protesto antirracista cujas origens estariam neste e em outros episódios de sua infância, obscurecendo aspectos relativamente “contraditórios” de sua formação, como por exemplo sua adesão na juventude às ideias de Gilberto Freyre⁵⁵, cuja obra enaltece o patriarcalismo (ou paternalismo) enquanto elemento positivo presente nas relações pessoais e na dinâmica social do Brasil escravista. Atenuante das tensões entre negros e brancos (próprias de sociedades hierarquicamente racializadas) o patriarcalismo

53 Abdias do Nascimento in: *Memórias do exílio*. P. 25-26

54 Éle Semog e Abdias do Nascimento, *Abdias Nascimento, o griot e as muralhas*. P.38

55 Márcio José Macedo analisa trechos de *Zé Capetinha*, um manuscrito de um romance não publicado de Abdias do Nascimento datado de 1943, escrito em uma de suas passagens pela prisão. Neste texto Nascimento faz referências a autores que o influenciaram na época entre eles: Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Lima Barreto e André Gide. Ver: *Abdias do Nascimento: trajetória de um negro revoltado, 1914-1968*. P.61, 63, 64. Segundo Macedo este manuscrito é a base para as análises de Gérard Police em sua tese de doutorado: *L'Afro-Brésilien Reconstruit, 1914-1944*.

seria visto como herança positiva que permanecera na sociedade pós-abolição que, entre outras características, moldaria um suposto caráter nacional brasileiro.

Abdias do Nascimento atribui como fator importante de sua “consciência racial” e seu espírito de combate ao racismo o exemplo de sua mãe, dona Georgina Ferreira do Nascimento (também conhecida em Franca, interior de São Paulo, cidade natal do autor como dona Josina), fato também notado por Márcio Macedo (2005) e Túlio Custódio (2011).

“Não posso deixar de citar – pois isso aconteceu – que, quando uma professora ou outra manifestava um tratamento discriminatório, desrespeitoso comigo, não tinha essa de deixar passar, pois eu chegava em casa e contava para minha mãe, que imediatamente ia na escola e fazia uma reclamação, às vezes daquelas veementes. Minha mãe era muito humilde, mas, quando mexiam com um filho dela, ficava muito brava, sobretudo no que referia às questões raciais. Em relação às brincadeiras com os colegas, nem tanto, mas com as professoras era diferente. Se a professora passava castigo porque 'esse negrinho aí não fez o trabalho direito', ou qualquer outra coisa desse tipo, ela ia lá e virava o bicho mesmo. Ela enfrentava, tornava-se áspera, agressiva”⁵⁶.

Outra passagem que atribui à figura da mãe como primeira referência de retidão em relação à discriminação do negro para Nascimento, é o caso do garoto Filisbino, que também aparece repetidas vezes em diferentes depoimentos do autor. Um dia, ao ver o garoto negro, órfão de pai e mãe sendo agredido por uma mulher branca, dona Georgina partiu em defesa do rapaz:

“Eu tinha um companheiro chamado Filisbino, que era muito pobre e, além disso, órfão de pai e mãe. Ninguém sabia ao certo como ele sobrevivia, pois andava todo esmolambado, tinha bicho-de-pé, e o coitado fazia o maior sacrifício para frequentar as aulas, pois não tinha a mínima condição. Havia também a mãe de um outro colega de escola, uma mulher que era o próprio espírito de porco, que, não sei porque cargas-d'água, um certo dia encrencou com o Filisbino e, em pleno meio da rua, começou a bater no menino, aplicando-lhe uma surra tremenda, enquanto as pessoas olhavam aquilo com a maior passividade e indiferença. Mas a minha mãe, quando viu aquela situação de violência e covardia, interveio em socorro do Filisbino. Foi a primeira vez em que eu vi a minha mãe entrar em luta corporal com alguém, e ela estava uma fera.

O envolvimento de minha mãe naquela situação conflituosa serviu sobretudo, como uma lição para mim, pois ela estava ensinando a gente que nós nunca poderíamos ficar de braços cruzados vendo uma cena daquelas, de uma criança

56 Semog e Nascimento, Idem. P.50

apanhando de um adulto, uma estranha, ainda mais sendo branca, que, além da pancadaria, procurava humilhar o menino pela sua origem e pela cor da sua pele. Aquela atitude da minha mãe foi, de fato uma lição formidável de que eu jamais me esquecerei”⁵⁷.

Nas palavras de Nascimento em seu depoimento de 1976: “Esta cena marcou o começo da minha consciência sobre a realidade da situação do negro no Brasil”⁵⁸. Se na mãe o autor teve o exemplo da ousadia, mostrado como positivo, através do pai é mostrado um exemplo de conformismo rejeitado pelo autor, que registra mais uma passagem endossando o fato de que sua consciência racial teria se manifestado precocemente:

“Sempre fui arredio. Estudei quase contra a vontade de meu pai que temia os riscos de uma vida fora dos modelos conhecidos. Citava frequentemente a estória do filho do dr. Petraglia (filho nada parece que era apenas adotivo): 'Você não se lembra do filho do dr. Petraglia? Estudou, tornou-se médico, e acabou se enforcando?' O rapaz formara em medicina, mas acabou frustrado porque ninguém queria saber de médico preto. Uma estória que meu pai contava para me convencer de que não devia estudar. Para ele o conhecimento só me levaria ao caminho do sofrimento e do suicídio. Mas eu tinha orgulho do que já sabia e queria continuar, saber mais”⁵⁹.

A partir deste depoimento vemos que o pai de Nascimento entendia o estudo e a ascensão para posições sociais geralmente ocupadas por brancos, em uma sociedade segregada, como um caminho para o infortúnio, e na pior das hipóteses para o suicídio, dos negros. Por mais que o pai visasse o bem de seu filho, sua perspectiva, diferente da adotada pela mãe, era da acomodação prescrita na ideologia dominante, na qual o negro deveria “colocar-se no seu lugar”, geralmente subalterno. O autor se identificou e optou pela perspectiva da mãe, de luta e afirmação por direitos.

O autor nascera no dia 14 de março de 1914 na cidade de Franca, interior de São Paulo, em uma família pobre. Como visto, sua mãe, Georgina Ferreira do Nascimento, trabalhava como doceira, cozinheira, costureira, lavadeira e prestava serviços como ama de leite de filhos de fazendeiros de café. Seu pai, José Ferreira do Nascimento, era sapateiro. O autor é o segundo dos sete filhos do casal. Apesar das dificuldades

57 Semog e Nascimento, *Ibidem*. P.50-51

58 Nascimento in: *Memórias do exílio*. P.26

59 *Idem*. P.26

financeiras, das barreiras sociais impostas pelo preconceito e pela discriminação dos negros (exemplificadas nos trechos de depoimentos destacados acima), e da contrariedade de seu pai – que segundo o autor era equilibrada e compensada pelo incentivo de sua mãe – Abdias do Nascimento aos 15 anos de idade formou-se contador pela Escola de Comércio Ateneu Francano, dividindo seu tempo entre a escola e empregos pelos quais passou desde a infância para ajudar nas finanças de sua família. Entre os 8 e 9 anos de idade começou entregando leite e carne em casas de famílias abastadas e da classe média francana durante as manhãs, antes de ir para o colégio. O autor nos conta em sua autobiografia que passou por vários pequenos bicos (empregos temporários) até conseguir um emprego fixo em uma farmácia onde lavava vidros e entregava medicamentos encomendados. Por volta dos 12 e 13 anos de idade começou a trabalhar no consultório de um médico como faxineiro e ajudava a preparar instrumentos para exames médicos e pequenas intervenções cirúrgicas. Ao lado deste consultório havia um outro consultório de um dentista com quem estabeleceu uma amizade, que segundo o autor possuía uma excelente biblioteca a qual passou a ter acesso a partir daquele momento. Este fato também é destacado por Nascimento em depoimentos de diferentes épocas como o marco de sua primeira formação intelectual:

“Posso dizer que na minha formação, durante esse período de infância e início da adolescência, a maior marca, ou a maior influência, resultou daquelas leituras clandestinas que eu fazia entre uma tarefa e outra no consultório onde trabalhei. Não lembro mais o nome de todos os autores, mas um deles eu destaco porque sou fã até hoje, que é o Euclides da Cunha; se bem que mais tarde, eu viria fazer muitas reflexões que não cabem comentar agora – mas, na época, sua obra foi para mim outro descobrimento do Brasil. O que foi importante para mim foi eu poder, naquela idade, ler *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *À margem da história*, também de Euclides da Cunha, e outros livros da mesma envergadura, que eram obras para adultos e para estudiosos. Foi por esse tempo que eu também li *A República*, *A Carne*, *O Ateneu*⁶⁰. Não posso deixar de comentar que também li, e muito, o Monteiro Lobato. Só que, naquela idade, eu não tinha elementos, nem sabia distinguir aquele cunho racista dele. Eu não tinha critérios”⁶¹.

Esta formação inicial autodidata através do contato com alguns clássicos da literatura ocorreu na adolescência, no momento em que Nascimento dividia seu tempo

60 Nascimento provavelmente refere-se respectivamente a Platão, Júlio Ribeiro e Raul Pompeia.

61 Semog e Nascimento, Op. cit., P.53

entre o emprego e a educação formal na Escola de Comércio Ateneu Francano. No entanto um fato nos chama a atenção: se em passagens que destacamos anteriormente o autor afirma, ora implícita, ora explicitamente um espírito de protesto, manifestado precocemente na infância, incomodado e inconformado com a herança escravista presente nas relações patriarcais que vivenciou nas fazendas onde sua mãe trabalhava ou em situações de preconceito e discriminação racial no cotidiano onde sua mãe costumava intervir, servindo como primeiro exemplo de consciência antirracista (como nos casos do garoto Filisbino, e das reclamações com professores na escola), neste último trecho o autor demonstra que naquele mesmo período tal consciência não se manifestara em relação aos autores que lia na infância e na juventude, estando deste modo limitada a uma percepção do preconceito e da discriminação do negro nas relações pessoais cotidianas. O teor altamente racista das literaturas de Euclides da Cunha, mas principalmente de Monteiro Lobato (o qual posteriormente tornara-se alvo de críticas de Nascimento) passava despercebido nestes primeiros anos de formação.

Outro episódio interessante que o autor destaca em diferentes depoimentos, é a recusa do trabalho de guarda-livros e tutor dos filhos de um fazendeiro nas proximidades de Franca. Tratava-se de um emprego para o qual Nascimento seria contratado em época de término de seus estudos em contabilidade na Escola de Comércio Ateneu Francano. Segundo o autor suas funções seriam fazer a escrituração comercial do estabelecimento e lecionar para os filhos da pessoa que o empregaria. Feitos os testes pré-admissão, e sendo admitido, Nascimento esperou em hora e local combinado um motorista da fazenda que o conduziria ao seu primeiro dia neste novo emprego:

“De fato, eles chegaram até Franca, conforme o combinado, com um caminhãozinho da fazenda. Fizeram todas as compras necessárias: rações, produtos de limpeza, ferramentas e uns caixotes cheios de galinhas. Depois que entulharam a carroceria do caminhão com aquela parafernália toda é que foram me pegar; e queriam que eu subisse na carroceria para viajar no meio daquela bagunça, entre galinhas, rações e não sei mais o quê, como se eu fosse mais um peão de fazenda, que vai assim jogado, já sabendo do seu destino. Ah! Mas comigo não, senhor! Aquilo me indignou de uma tal maneira que eu peguei minha maletinha pobre lá de cima da carroceria e falei em bom tom, consciente, como se fosse gente grande com muita experiência de vida: 'Escutem aqui, vocês avisem lá que eu não vou para esta porcária de emprego'”⁶².

62 Semog e Nascimento, Op. cit.. P.56

Em seu depoimento de 1976 para o livro de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos, Nascimento destaca: “Qualquer mestre-escola e guarda-livros, se fosse branco, mereceria um tratamento respeitoso, entretanto o cara me atirou na traseira do veículo como se eu também fosse galináceo. Não, eu não era”⁶³.

Márcio José Macedo e Túlio Samuel Custódio também apontam esta característica, presente no discurso de Nascimento, já mencionada aqui, de reunir em torno de si fatos do passado que legitimem a existência, desde a infância, de uma consciência sobre problemas em torno da questão racial. Macedo ao reconstituir sociologicamente a biografia do autor, tendo como foco principalmente sua vida pública, traça um perfil de Abdias do Nascimento definindo-o enquanto liderança carismática, baseando-se no conceito de “líder carismático” cunhado por Max Weber:

“O herói carismático não deriva sua autoridade de ordens e estatutos, como o faz a 'competência burocrática', nem de costumes tradicionais ou promessas de fidelidade feudais, como o poder patrimonial, mas sim consegue e o conserva apenas por 'provas' de seus poderes na vida. Deve fazer milagres, se pretende ser um profeta, e realizar atos heroicos, se pretende ser um líder guerreiro. Mas sobretudo deve 'provar' sua missão divina no 'bem estar' daqueles que a ele devotamente se entregam (1999: 326)”⁶⁴.

Para Macedo, Abdias do Nascimento reconstrói seu passado buscando reunir provas de seu comprometimento com a missão de liderança carismática do movimento negro. Os fatos selecionados pelo autor, recorrentes em diferentes depoimentos, geralmente apontam para uma consciência e um inconformismo precoces (manifestado desde a infância) sobre o preconceito e a discriminação do negro, constituindo deste modo um caminho linear onde o destino final já pode ser vislumbrado quando ainda estamos no ponto de partida. Custódio ao estudar a trajetória do autor durante o exílio (1968-1981) analisa a importância da relação entre discurso político-ideológico e autoimagem para a consolidação da figura do líder negro em âmbito internacional. Naquele contexto a experiência de vida dos tempos de infância e juventude somam-se à vida pública e ao reconhecimento enquanto artista e líder político da causa antirracista

63 Nascimento in: *Memórias do exílio*. P.26-27

64 Weber apud Macedo, 2005. P.35

obtido com os trabalhos junto ao TEN. Com base nestes estudos, e na leitura dos próprios depoimentos de Nascimento, reforçamos a ideia já apresentada aqui anteriormente sobre a importância da reconstrução biográfica no discurso do autor, fato presente, portanto, em parte dos textos que analisaremos em outro capítulo.

Creio ser importante ressaltar que este trabalho não tem a intenção de questionar a veracidade dos episódios de vida recorrentes na narrativa do autor, no entanto, por ter como objetivo a compreensão de aspectos específicos do discurso de Abdias do Nascimento – como são construídas e utilizadas as noções de cultura e identidade negra em sua produção intelectual – é necessário analisarmos criticamente estes depoimentos para compreendermos possíveis “contradições” ou “incongruências” ofuscadas (ou ocultadas) pela memória que é, intencionalmente ou não, seletiva. A memória pode ser entendida como construção social, formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço de identidades coletivas e individuais. A história enquanto disciplina científica que toma a memória como objeto de estudo não deve relegar sua função crítica e tornar-se espelho da memória⁶⁵.

Não podemos deixar de mencionar que os fatos destacados acima, nos quais vemos situações de preconceito e discriminação, não são estranhos à vida de um jovem negro em uma cidade interiorana de um país recém-saído da escravidão que, no entanto, manteve assimetrias de direitos entre negros e brancos na ordem social. Apesar de a lei após a abolição, na teoria, prescrever a igualdade entre os homens tornando cidadãos os ex-escravos, a distribuição de direitos – muitas vezes convertidos em privilégios – tinha na cor da pele um marcador importante, para não dizer decisivo. O acesso às condições mais favoráveis de emprego, moradia, saúde e instrução formal, ainda nos dias de hoje notadas nos indicadores sociais como direitos reservados majoritariamente para a parcela branca da população, eram ainda mais restritos para negros em menos de quatro décadas após a abolição (os acontecimentos narrados acima ocorreram na década de 1920). Os estudos sobre as relações raciais no Brasil financiados pela UNESCO no final dos anos 1940 e na década de 1950, com os quais Abdias do Nascimento teve contato – e cujas citações tornaram-se recorrentes em seus textos a partir dos anos 1960 – evidenciaram as

65 Ulpiano Bezerra de Menezes, “A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais.” in: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 34, 1992. P. 22-23

desigualdades sociais entre negros e brancos naquele período e as especificidades do racismo em nosso país⁶⁶.

Em artigo datado de 1968, com base em dados do IBGE de 1950 sobre o nível de escolaridade dos brasileiros, Florestan Fernandes nos mostra que naquele ano entre as pessoas que possuíam diploma do ensino elementar 84,1% eram brancas, 10,25% mulatas, 4,26% negras, e 1,39% amarelas; do ensino médio 94,22% eram brancas, 4,20% mulatas, 0,69% negras, e 0,89% amarelas; do ensino superior 96,87% brancas, 2,26% mulatas, 0,28% negras, e 0,59% amarelas⁶⁷. Neste estudo o autor não menciona a proporção de negros, mestiços, brancos e amarelos na totalidade da população brasileira, mas vemos que o número de negros e mestiços é baixíssimo em relação aos brancos nos três níveis de ensino, e quanto mais alto o grau de escolaridade a proporção de negros e mestiços diminui, enquanto a proporção de brancos aumenta.

Na década de 1990 George Reid Andrews publicou um estudo sobre relações raciais no Brasil tendo como foco o estado de São Paulo, dialogando com as pesquisas do projeto UNESCO, com atenção especial para as teses de Fernandes, sobre a presença do racismo no Brasil, publicadas em *A integração do negro na sociedade classes*. Baseando-se em dados do censo de 1940 o brasilianista nos mostra que a composição da classe média paulista nesta época era esmagadoramente branca e no que diz respeito aos empregos nos mostra que:

“Em todo o Estado, de uma população negra de 862.255, somente 623 afro-brasileiros possuíam negócios não agrícolas, empregando um ou mais trabalhadores. Nas profissões liberais, os afro-brasileiros eram responsáveis por apenas 3,2 por cento de todos os profissionais liberais, em um Estado em que os negros representavam 12,2 por cento da população em idade produtiva (dez anos em diante). (...) Os pardos e pretos compunham 15 por cento do total da força de trabalho agrícola em São Paulo, mas apenas 5,5 por cento dos proprietários de empresas agrícolas que empregavam mão de obra fora da fazenda”⁶⁸.

Considerando tais barreiras sociais é notável que Nascimento, sendo um jovem negro brasileiro naquela época, apesar de tudo, tenha conseguido cursar e concluir seus

66 Sobre o projeto UNESCO, ver: Marcos Chor Maio, *A História do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese de doutorado – IUPERJ. Rio de Janeiro, 1997.

67 Florestan Fernandes, “Mobilidade social e relações raciais: o drama do negro e do mulato numa sociedade em mudança” In: *O negro no mundo dos brancos*. PP.68, 78.

68 Andrews, *Negros e Brancos em São Paulo 1888-1988*. P.198-199

estudos em contabilidade (e nos anos 1940 se formou em economia), figurando, assim, na exceção da regra aplicada aos jovens negros de sua época. Para explicar isto, podemos concordar com duas suposições de Macedo com base nos depoimentos de Nascimento: a primeira consiste no fato de o autor ter nascido e vivido sua infância e adolescência em um lar pobre, porém, estruturado e relativamente estável economicamente⁶⁹. O pai tinha o ofício de sapateiro e a mãe dividia seu tempo em ofícios diversos, o que não o isentou de ter que começar a trabalhar entre 8 e 9 anos de idade, ocupando o seu tempo com atividades remuneradas e estudos, como nos mostra em seus depoimentos. A segunda suposição consiste no fato de sua mãe, dona Georgina, que, como vimos intercedia pelos filhos em situações de dificuldade, ser uma pessoa conhecida na cidade e nos arredores de Franca pelos diversos ofícios que ocupava (doceira, cozinheira, lavadeira, ama-de-leite) trabalhando para famílias abastadas e influentes, gerando assim uma rede de relacionamentos que possivelmente viabilizou os primeiros empregos e os estudos do filho⁷⁰. Nos depoimentos de Abdias do Nascimento, como foi notado por Macedo e Custódio, vemos que, além dos talentos pessoais, a amizade ou proximidade de pessoas politicamente influentes foi importante em diferentes episódios ao longo de sua vida, inclusive na viabilidade de muitos de seus projetos. Se por um lado há várias passagens de conflitos presentes em sua biografia, por outro, no plano das relações sociais, Nascimento passa a imagem de um habilidoso negociador.

Ainda recorrendo aos depoimentos autobiográficos, relacionando-os aos estudos acadêmicos, nos próximos itens trataremos de algumas experiências da juventude de Abdias do Nascimento, decisivas em sua formação militante, pois refletirão em momentos posteriores de sua trajetória. Destacaremos sua passagem pelo exército, Frente Negra Brasileira, Ação Integralista, alguns conflitos por motivação racial que resultaram em um de seus encarceramentos, e a organização do Congresso Afro Campineiro.

69 Em diferentes depoimentos Nascimento ressalta a importância de seus vínculos familiares. No episódio de sua saída de casa para viver em São Paulo, o autor nos diz que enfrentou dificuldades de romper os laços de convivência cotidiana com os pais que contrariaram sua decisão naquele momento. Ver: Nascimento e Semog. Op. cit.. P.61

70 Macedo. Op. Cit.. P.37-38

1.4 Rompeu-se o cordão umbilical: Exército Brasileiro.

Concluído o segundo grau de ensino e curso profissionalizante em contabilidade, sentindo sua perspectiva de carreira profissional e vida social limitadas pela vida interiorana de sua Franca natal, em 1930, aos 16 anos de idade Abdias do Nascimento deixa a casa dos pais com o objetivo de viver na capital do estado de São Paulo. Com documentos falsificados (com a data de nascimento alterada) ingressa como recruta voluntário no exército brasileiro no quartel de Quitaúna, bairro de Osasco, município vizinho da capital. Segundo o autor, seu ingresso no exército contou com a ajuda de um advogado, dr. Antônio Constantino, que na ocasião trabalhava como secretário da Câmara Municipal de Franca. Foi ele quem providenciou a passagem de trem para a cidade de São Paulo e arranhou cartas de recomendação para Nascimento apresentar na Região Militar e não ser preterido⁷¹. Naquela época um dos requisitos para entrar no exército era ser alfabetizado. Nascimento começou suas atividades servindo no Segundo Grupo de Artilharia Pesada, no entanto, devido ao seu grau de instrução elevado para a maioria dos soldados (pois, possuía diploma do segundo grau e curso profissionalizante em contabilidade) em pouco tempo passou a trabalhar no escritório do quartel prestando serviços burocráticos, foi promovido a cabo e chegou a ser instrutor de tiro de guerra. Este mesmo ano de entrada no exército também ficou marcado para o autor como o ano de falecimento de sua mãe.

Custódio sugere que naquela época o exército era uma alternativa comum para os jovens das camadas sociais mais desfavorecidas que aspiravam ascender socialmente, sendo este um possível fator para entendermos a escolha de Nascimento pela carreira militar, que duraria 6 anos⁷². Ao analisar a composição de uma pequena classe média negra no estado de São Paulo, com base em dados do censo de 1940, Andrews não chega a mencionar o serviço militar, mas constata que este grupo social era majoritariamente constituído por funcionários públicos dos diferentes níveis (federal, estadual e municipal), ao mesmo tempo em que os negros eram sub-representados nos setores privados (comércio, indústria e profissões liberais). Porém, o brasilianista também aponta

71 Nascimento e Semog. Op. Cit., P.61

72 Custódio. Op. Cit., P.28

para o fato de que os cargos públicos ocupados por negros concentravam-se nos serviços de níveis mais baixos da escala econômica, tais como “varredores de rua, trabalhadores de construção, porteiros, serviços de escritório mal remunerados, como mensageiros e serventes”⁷³. A classe média paulista era esmagadoramente branca.

Dois episódios marcantes para a história política do país ocorreram nos primeiros anos da experiência militar de Abdias do Nascimento: o primeiro foi a Revolução de 1930 que teve forte participação de tenentes do exército, levou Getúlio Vargas ao poder e colocou fim à velha república oligárquica do café com leite onde o cargo de presidente era alternadamente ocupado por representantes dos estados de São Paulo e Minas Gerais. O segundo foi a Revolução Constitucionalista de 1932 que reivindicou uma nova constituição para o país e se opôs ao governo de Vargas. Nascimento nos diz que naquele contexto, recém-chegado do interior, tinha pouco conhecimento sobre os assuntos políticos nacionais. Tudo indica que sua participação nestes movimentos tenha sido mais pelo acatamento das ordens de seus superiores na hierarquia militar do que por identificação política com as causas. Sobre sua passagem pelo exército o autor registra que: “Estava ali de soldado, pronto para obedecer ordens; até para atirar no pessoal da Aliança Nacional Libertadora, se por acaso os oficiais dessem a ordem”⁷⁴. No primeiro movimento, de 1930, o autor nos diz que não disparou um tiro sequer, pois, sua participação fora cuidando dos cavalos: carregando sacos de alimento, alimentando e dando banho nos animais. Já em 1932 sua participação fora mais ativa, lutou pelo lado de São Paulo contra as forças governistas, indo para a frente de batalha junto da 11ª Companhia de Infantaria comandada pelo capitão Giuseppe Amado⁷⁵. Se por um lado o autor afirma que estava na condição de soldado pronto para acatar as ordens de seus superiores, em outras passagens nos relata que em sua ficha constam advertências e prisões por indisciplina e insubordinação.

Apesar de o regimento do exército brasileiro proibir que seus integrantes participem de atividades político-partidárias, Abdias do Nascimento, naqueles anos de juventude, quando membro das forças armadas se envolveu clandestinamente em suas primeiras atividades políticas: distribuiu um jornal de esquerda de nome *Lanterna*,

73 Andrews. Idem. P.198-202

74 Nascimento in: *Memórias do exílio*. P.29

75 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P.72

fundou um pequeno jornal de nome *O Recruta*, e entrou na Frente Negra Brasileira e na Ação Integralista Brasileira. Neste período se envolveu em conflitos de motivação racial, alguns dos quais chegaram à luta corporal, frequentemente narrados em diferentes depoimentos do autor. Um desses conflitos aconteceu em uma boate chamada Majestic, segundo o autor, localizada no centro da cidade de São Paulo. Nascimento estava acompanhado de seu amigo também do exército, e posteriormente colaborador do TEN, Sebastião Rodrigues Alves:

“Só podíamos entrar pela porta dos fundos. O motivo? Porque éramos negros. É claro que foi inevitável que acontecesse uma grande cena de pugilato com pancadaria, quebra-quebra, palavrões e gritaria em todas as direções. (...) Não sei se chamaram, ou se foi pura casualidade, mas descia, exatamente no momento da refrega, da luta, o dr. Egas Botelho, o delegado de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo. Ele veio cheio de autoridade e arrogância, tentando intimidar a todos, não à nosso favor, já que tínhamos sido discriminados, para garantir nossos direitos de cidadãos brasileiros. O que ele fez foi tomar a posição de defesa dos sujeitos que estavam nos discriminando. Mas nem pensamos duas vezes, e ele também entrou na porrada. O delegado não saiu ileso da confusão”⁷⁶.

Este incidente resultara na prisão e no espancamento de Nascimento e Rodrigues Alves, e conseqüentemente na expulsão de ambos do exército brasileiro em 1936. Segundo o autor, o fato de ambos serem estudantes contou como algo positivo para que fossem “desligados à bem da disciplina” e não expulsos de uma forma os prejudicassem sua carreira profissional:

“Sei que fomos parar na frente do general comandante da Região Militar, que, se não me engano, era o general Américo de Moura. Depois que viu a minha ficha, que eu era estudante de curso superior – estava fazendo economia – , ele falou: ‘Ouçam bom, vocês deviam ser expulsos a toque de caixa, mas eu vou considerar esse aspecto, de vocês serem estudantes, isso é bastante positivo. Vou apenas desligar vocês da tropa a bem da disciplina. Não pretendo expulsá-los, porque ficaria uma mancha muito forte na vida de vocês’. Mas aquilo, na verdade, era uma expulsão, pois ele colocava uma questão apenas burocrática para denominar expulsão como desligamento forçado, pura metáfora”⁷⁷.

76 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P.79-80

77 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P. 81

1.5 Primeiras experiências políticas: a questão racial e a Frente Negra Brasileira (FNB).

Abdias do Nascimento menciona que antes de participar da FNB, teve breve contato com o Centro Cívico Campineiro, um pequeno grupo do qual, segundo o autor, participavam oito ou dez jovens negros, dentre os quais um amigo seu de infância (dos tempos de Franca) Geraldo Campos de Oliveira, que posteriormente cooperou com ele na organização do Congresso Afro-campineiro em 1938. O autor nos diz que estes jovens negros da cidade de Campinas (interior de São Paulo) tinham o objetivo de dedicar-se à atividade de escritores a partir da identidade racial, e demonstravam-se insatisfeitos com a presença ínfima, quando não, a ausência dos negros nas organizações culturais, que também omitiam temas pertinentes à população afrodescendente e sua contribuição para a cultura brasileira. O autor não se aprofunda nas informações sobre o Centro Cívico Campineiro, não menciona quando foi a fundação e o encerramento de suas atividades, nos deixando a entender que esta organização teve vida curta e pouco impacto social e político. Sabemos que eram oito ou dez jovens negros, um grupo de pessoas que devem ter se reunido por um tempo, em torno de debates e vontade de transformar a ordem das coisas, e que o autor teve contato com esta organização quando já estava no exército, a partir de 1930, e antes de entrar para a FNB, em 1932⁷⁸. Em todo caso, a existência desta, e de outras pequenas organizações negras das quais ainda temos pouca informação nos mostra que não se restringia aos grandes centros urbanos o sentimento de organização dos negros diante da questão do preconceito e da discriminação racial, e das limitações impostas aos afro-brasileiros em sua participação na vida social.

Pouco depois dos acontecimentos de 1932 (Revolução Constitucionalista), Abdias do Nascimento, com 18 anos de idade, começa a participar da Frente Negra Brasileira (FNB), sendo esta sua primeira atuação em uma organização política, marcando assim suas primeiras experiências de ação coletiva no protesto pelos direitos da população negra. Em suas próprias palavras: “foi nesse princípio de militância orgânica que pude começar a sentir e a entender o orgulho coletivo, porque esse orgulho individual, que também é muito necessário, eu já tinha, pois meu pai e minha mãe me ensinaram muito

78 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P.77-78

bem”⁷⁹. O autor ressalta que sua participação na FNB era quase anônima, sem destaque, não tinha relação direta com a estrutura de comando. Esta atuação, a qual se refere como “mais simbólica e espiritual”, é justificada por sua filiação ao exército, cujo regimento não permitia que seus membros participassem de organizações políticas. Sobre sua atuação na FNB, Abdias do Nascimento comenta que participou de grupos de ação direta, que protestavam contra estabelecimentos comerciais e de entretenimento (como lojas, barbearias, boates, cinema) onde havia casos de discriminação de negros, que muitas vezes consistia na proibição da entrada. Tais casos geralmente eram denunciados nos jornais ligados à organização como *O Clarim da Alvorada* e *A Voz da Raça*. Esta ação direta da qual o autor participava consistia em protestos em grupo nas portas dos estabelecimentos:

“Naquele tempo, estava pelos meus 18 anos, que era a idade da maioria da turma, e disposição era o que não faltava. Nós encarávamos, como se diz no popular, qualquer parada no sentido do enfrentamento, da reação física e, conforme o caso, era mesmo de se quebrar tudo. Não tinha outro jeito a não ser na porrada, porque era assim que os racistas nos tratavam, e não era só nas barbearias ou cinemas... Um desses incidentes, e desse não me esqueço, aconteceu em um cinema na rua São Bento, em pleno Centro, no famoso triângulo de São Paulo. Foi um quebra-pau danado, já que eles não deixavam entrar negros naquele cinema.”⁸⁰

Apesar da participação limitada, Nascimento considera que esta organização possibilitou-lhe uma série de descobertas que lhe trariam um novo tipo de consciência e uma visão mais ampla sobre as problemáticas raciais. Este “orgulho coletivo”, que o autor sentia na FNB, já vinha ocorrendo nas duas décadas anteriores. Roger Bastide nos mostra que a imprensa negra, de onde também se originou a FNB, funcionava como um órgão de educação e protesto, e um canal de agrupamento e cultivo de um senso de solidariedade entre os negros, incentivando-os a lutarem contra o complexo de inferioridade, fazendo apologia dos grandes atletas, estrelas de cinema e músicos negros (nota-se que as limitadas possibilidades de destaque para os afrodescendentes, desde então, concentravam-se no campo artístico e nos esportes). Seus quadros eram majoritariamente compostos por membros da pequena classe média negra: professores,

79 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P.78

80 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P.78

advogados, jornalistas, tipógrafos⁸¹. Sobre a FNB Andrews considera que “embora a maior parte dos membros pareça ser de origem pobre ou da classe operária, somente aqueles que ascenderam para empregos de colarinho branco ou profissionais liberais podiam aspirar a se juntar à liderança”⁸². De acordo com tais informações, vemos que Abdias do Nascimento, embora naquele momento ainda jovem e inexperiente em assuntos e atividades políticas, tinha um perfil que se adequava perfeitamente à FNB: negro, com grau de instrução avançado para um jovem de sua origem, e por sinal um aspirante a adentrar a classe média (Macedo acrescenta o fato de Nascimento, assim como muitos membros dessa organização, ter origem em uma família católica como outro elemento que o identificava com os fretenegrinos). Fazia parte da estratégia de integração social da FNB indicar e formar referências positivas, propagando uma mensagem de ascensão social para os negros.

O fato de Nascimento entrar para a FNB após, e não antes ou durante as mobilizações paulistas pela constituição em 1932, é coerente com as aspirações políticas e ideológicas desta organização negra que não tomou partido no movimento constitucionalista e em seus sete anos de existência (1931-1938) demonstrou simpatia e apoio ao primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1937) antes do Estado Novo (1937-1945). É importante mencionar que entre os membros da “Legião Negra”, batalhão formado por negros que combateram por São Paulo na Revolução de 1932, havia ex-integrantes da FNB, e embora tenha tido conhecimento, e dizer-se fascinado com este batalhão por tratar-se de uma experiência de organização negra a nível militar, Abdias do Nascimento não foi um “legionário”⁸³. Florestan Fernandes considera o advento da Legião Negra como um fato importante de nossa história por se tratar de uma organização de negros com esforços de “entrosar-se nos processos globais de transformação da sociedade brasileira”⁸⁴, tomando partido no movimento constitucionalista de 1932.

De acordo com Antonio Sérgio Guimarães a FNB circunscreve-se na oposição à ordem social da Primeira República que acuou material e culturalmente as populações

81 Roger Bastide “A Imprensa Negra do Estado de São Paulo”, in: *Estudos Afro-brasileiros*. P.130

82 Andrews. Op. cit.. P.233

83 Márcio Macedo. Op. Cit.. P.40-41. Sobre a “Legião Negra”, ver o romance histórico de Oswaldo Faustino, *A Legião Negra: a luta dos afro-brasileiros na Revolução Constitucionalista de 1932*.

84 Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes*. V.2. P.88

negras e mestiças em espaços secundários e marginais⁸⁵. O apoio significativo de negros a Vargas deve-se à sua política nacionalista que tinha entre seus lemas a valorização do trabalhador brasileiro, suscitando na população afro-brasileira a esperança de uma mudança no quadro gerado pelas políticas de imigração fomentadas pelos governos republicanos no final do século XIX e nas três primeiras décadas do XX, que priorizou o trabalhador branco de origem europeia em detrimento dos negros⁸⁶. Tais políticas de imigração possibilitaram a formação de comunidades étnicas das quais se destacaram no estado de São Paulo: italianos, portugueses, espanhóis, e sírio-libaneses que em poucos anos foram rapidamente absorvidos e integrados à sociedade brasileira. As organizações negras anteriores à década de 1930 (imprensa e clubes sociais negros), assim como a FNB, e o forte apelo nacionalista por elas evocado, também podem ser entendidos como uma reação a esta integração que as autoridades governamentais e a classe empresarial possibilitavam aos imigrantes europeus, enquanto relegavam a população negra a permanecer nas camadas subalternas da sociedade. “A impermeabilidade da estrutura social brasileira à mobilidade dos afrodescendentes de traços negroides (mas não os mais claros, que podiam se classificar como 'brancos') foi, certamente, se não o estímulo maior, ao menos a grande justificativa para que se formasse um movimento social negro com o objetivo de educar e integrar socialmente os negros”⁸⁷.

A FNB tem suas origens nos grupos organizados em torno dos clubes sociais e dos jornais da imprensa negra de São Paulo que vinham atuando desde as décadas de 1910 e 1920. Seus principais líderes foram José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos – o primeiro dirigiu o *Clarim da Alvorada*, o jornal da imprensa negra da época que teve maior duração (1924-1932) com uma tiragem que variava entre mil e dois mil exemplares por número, e o segundo presidiu o “Centro Cívico Palmares” (fundado em 1927)⁸⁸. A Frente se destacou na história do movimento negro como a primeira organização política de negros brasileiros de grande repercussão. Em pouco tempo após sua criação,

85 Guimarães, *Classes, raças e democracia*. P.88

86 Após criar o Ministério do Trabalho, em 1931 Vargas implementou a Lei da Nacionalização do Trabalho “cujo objetivo era 'defender o trabalhador nacional da concorrência do estrangeiro', requerendo que as empresas industriais e comerciais mantivessem uma força de trabalho que fosse composta por pelo menos dois terços de brasileiros natos”. Andrews, Op. Cit.. P. 229

87 Fernandes, apud Guimarães. Idem. P.91. Ver também Andrews, *Negros e Brancos em São Paulo, 1888-1988*.

88 Andrews. Op. Cit.. P.202

expandiu-se por várias cidades do Estado de São Paulo, para Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Sul⁸⁹. Em 1931 surgiu como um movimento social de caráter associativo e reivindicatório, em 1936 conseguiu registrar-se no Tribunal Superior Eleitoral como partido político, em 1937 foi extinguido junto com os demais partidos após o golpe do Estado Novo de Vargas, sobrevivendo por mais um ano como uma organização associativa. A FNB conseguiu tornar-se uma organização de massas, e a entidade mais importante do movimento negro no Brasil da primeira metade do século XX⁹⁰.

Florestan Fernandes nos mostra que os movimentos negros surgidos neste período, em especial estas organizações das três primeiras décadas não tinham como objetivo uma revolução contra o sistema político republicano e liberal, embora delas participassem também personalidades como José Correia Leite que era socialista, ou Arlindo Veiga dos Santos que era monarquista e nutria simpatia pelo fascismo de Mussolini. Tal disparidade ideológica entre diferentes setores da FNB resultou na saída de José Correia Leite junto com um grupo dissidente de esquerda que fundou a Frente Negra Socialista e o Club Negro de Cultura Social. O protesto destas organizações mantinha o foco nas debilidades identificáveis no sistema de relações raciais, portanto, o objetivo não era necessariamente uma transformação radical no sistema político e econômico vigente, mas consistia na correção de tais debilidades, que Fernandes considera como persistência camuflada do “antigo regime”. A luta era pela inclusão social dos negros, para que estes tivessem acesso aos mesmos direitos que se restringiam aos brancos. Fernandes vê nestes movimentos negros o papel desencadeador da modernização do sistema de relações raciais no Brasil, exigindo a eliminação do que restou do passado escravista – a persistência da raça como um elemento marcador das desigualdades – para a efetivação de uma sociedade de classes, liberal e republicana. Deste modo, Fernandes, sociólogo de orientação marxista, considera que tais movimentos encarnam em si os ideais de uma “revolução dentro da ordem, e para a pureza e a normalidade da ordem”⁹¹. Estudos mais recentes, dentre os quais fazem parte os trabalhos

89 Andrews. Op. Cit.. P.231

90 Petrônio Domingues, “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, in: *Tempo*, março, 2007.

91 Fernandes, Idem. P.9

de Antonio Sérgio Guimarães e Carlos Hasenbalg consideram que as desigualdades sociais entre negros e brancos no Brasil não devem ser atribuídas apenas, ou principalmente, ao passado escravista (a persistência do “antigo regime” da qual fala Fernandes), mas aos mecanismos de exclusão próprios da sociedade pós-abolição⁹²

Seja como for, a FNB, embora combativa ao denunciar o preconceito e a discriminação dos negros através da imprensa e da ação direta, era adepta dos valores das classes médias urbanas. Os fretenegrinos tinham como objetivo a integração social dos negros através da ascensão econômica e da adesão aos valores destas classes que eram majoritariamente brancas. Esse trabalho não tem como objetivo aprofundar as análises sobre a FNB, mas como trataremos mais adiante da construção das noções de cultura e identidade negras em um período posterior, podemos ao menos registrar que com base na bibliografia estudada não conseguimos identificar alguma organização política de negros, concentrada nos centros urbanos na primeira metade do século XX, que cultivasse a ideia de uma cultura e uma identidade própria com base na diferenciação (na afirmação de uma “originalidade” que os diferenciavam dos demais grupos), a não ser em relação aos estrangeiros. Do mesmo modo vemos que tais organizações, nas quais se inserem os diferentes jornais da imprensa negra, os clubes sociais e a FNB, também não buscavam identificar o legado africano como parte integrante da cultura e da identidade do negro brasileiro, ou mesmo dos brasileiros em geral, como farão os movimentos negros da segunda metade do século XX, com grande ênfase e mais abertamente nas organizações surgidas nos anos 1970. Ao contrário, estas primeiras entidades do movimento negro buscavam distanciar-se e diferenciar-se de qualquer elemento que remetesse à África, esta muitas vezes retratada com os mesmos estereótipos racistas, que remetiam ao barbarismo e primitivismo, correntes nos ambientes onde predominavam os brancos. Por mais problemático que este fato se torne para um observador contemporâneo, também não consideramos o termo “assimilação”, usado por Roger Bastide, como o mais apropriado para definir as aspirações dos fretenegrinos, pois, acima de qualquer essencialismo devemos considerar o contexto histórico e social do qual estamos tratando: um Brasil recém-saído da escravidão, que manteve os negros nas piores condições de vida, como mostram estudos que citamos, à margem na escolaridade, no mercado de trabalho, nas

⁹² Guimarães, 2002, 2009; Hasenbalg, 2005.

condições de moradia, no acesso a serviços de saúde. Portanto, por mais questionáveis que sejam os métodos e a ideologia conservadora predominantes entre os frentenegrinos, vemos que eles aspiravam não mais do que aos direitos já gozados pela maioria dos brancos, e que eram negados aos negros.

1.6 A Ideologia da mestiçagem e a Frente Negra Brasileira.

Para FNB e outras entidades do movimento negro deste período era decisivo incluir o negro na sociedade, promover a “Segunda Abolição”, que podemos entender como a efetivação da cidadania dos afrodescendentes, tornando-os cidadãos brasileiros, e o discurso do movimento neste momento assume uma postura nacionalista de afirmar-se enquanto negro e mestiço brasileiro. A mestiçagem era um tema que estava sendo debatido desde o segundo período do império, quando a intelectualidade nativa em formação propunha-se a discutir questões pertinentes à nação, e a questão racial ganhou grande importância nos assuntos nacionais. No momento em que se fundou a FNB a questão racial e o tema da mestiçagem continuavam em voga, porém, com contornos diferentes daqueles evocados em meados do século XIX.

Análises em torno do que seria a “raça brasileira” e a busca por um “tipo ideal” que representasse o nacional esteve no centro das discussões entre os intelectuais ligados aos institutos de pesquisas da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Naquele contexto, a mestiçagem entendida como uma realidade entre os brasileiros foi tema bastante discutido e gerou as mais diversas suposições e hipóteses em torno do tema da raça, muitas vezes, equivocadamente tomadas como fatos naturalizados. Podemos considerar aquele momento como o nascimento do cientificismo brasileiro (hoje percebemos o pensamento daquela época muito mais como ideológico do que científico), fortemente influenciado por ideias racistas, evolucionistas, pelo darwinismo social e o eugenismo de Louis Agassiz e Arthur Gobineau (este último, amigo do imperador D. Pedro II). As teses de autores como Francisco Adolfo de Varnhagen, Karl Frieddrich Philipp Von Martius, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Euclides da Cunha, entre outros, cada qual à sua maneira, classificaram a humanidade em raças

superiores, que seriam representadas pelos brancos e inferiores onde estariam os negros, os índios e asiáticos, e tenderam para um pessimismo em relação aos mestiços, quase sempre representados como degenerados.

Neste período em que também a escravidão era questionada enquanto sistema econômico (aos poucos passando a ser vista como incompatível com os ideias de civilização das nações capitalistas/liberais europeias) evolucionismo, darwinismo social e suas teorias raciais variantes foram apropriados e adaptados à realidade brasileira. Teorias raciais conviveram com um pensamento liberal nascente, a princípio, aparentemente contraditório a ideia de raça, a qual desconsidera o livre arbítrio do indivíduo reduzindo-o como sujeito de seu grupo racial do qual herda tanto características físicas quanto morais. A combinação entre liberalismo econômico e teorias raciais, que à primeira vista parece ser uma combinação incompatível, se adaptou à realidade nacional e teve importante papel na defesa dos interesses das elites, principalmente após a abolição da escravidão e a proclamação da república. Quando se estabelecia a igualdade entre os homens perante a lei, era preciso criar novos mecanismos de distinção e identificação do “outro”. Neste contexto de pré e recém-abolição (1870-1930) podemos entender o sucesso do darwinismo social e do racismo científico no Brasil como ideologias que operaram fundamentalmente na marginalização e extermínio das populações negras e indígenas, na manutenção dos privilégios dos brancos na sociedade de classes que aqui se formava⁹³. Os intelectuais do império e da primeira república, que tomaram para si o papel de pensar a formação de uma nação brasileira, e possíveis vias de progresso do país, orientavam-se pelo darwinismo social e pelas teorias racialistas e evolucionistas em voga na Europa no século XIX. Deste modo, os assuntos nacionais eram permeados por tais teorias que consideravam o negro e o índio como inferiores, e o mestiço como degenerado. Para estes intelectuais, o progresso e a modernização nacional (entende-se aqui: urbanização e desenvolvimento de uma economia liberal capitalista) dependeria da raça branca que seria apta por natureza à civilização. Sendo o Brasil um país fortemente marcado pela presença de negros, índios e mestiços, a nação, formada por raças supostamente inferiores e degeneradas, estaria fadada ao fracasso. Portanto, para estes intelectuais do final do século XIX e começo do XX o Brasil não se tornaria uma nação civilizada

93 Sobre este assunto ver: Lilia Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças*.

enquanto houvesse a forte presença de negros, índios e mestiços que estivessem fenotipicamente mais próximos destas duas etnias, que na visão racista naturalmente tenderiam para a barbárie, assim, as mazelas sociais eram explicadas por uma suposta degeneração da raça.

Em 1844, o naturalista alemão Karl Friedrich Philipp Von Martius, sócio e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi premiado em um concurso promovido por esta instituição cujo tema era “Como escrever a História do Brasil”. Em tese publicada na Revista do IHGB daquele mesmo ano, Von Martius defendia que a história do Brasil deveria ser entendida a partir das três raças que o compunham: o negro (africano), o indígena, e o branco (português/europeu). O “progresso” e a “civilização” do país dependeriam do “aperfeiçoamento específico” das três raças que o compunham. Caberia ao branco o protagonismo “civilizador” à maneira europeia ocidental. O índio e o negro seriam elementos passivos neste processo, ambos considerados, por Von Martius, racialmente inferiores ao branco, porém, ao índio haveria possibilidade de absorvê-lo à “civilização”, enquanto o negro seria “incivilizável”, visto, portanto, como um obstáculo para a formação de uma nação⁹⁴. Interpretações diversas sobre a história e a constituição étnica brasileira com base em teorias eugenistas e evolucionistas perduraram ao longo do século XIX até o final da década de 1920, marcando a obra de figuras como Sylvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Viana

Se na segunda metade do século XIX e começo do XX, para nossas elites intelectuais a constituição racial brasileira ameaçava – ou condenaria – a nação a um fracasso civilizatório, na década de 1920 começaram a ganhar espaço ideias menos pessimistas, ou até mesmo otimistas sobre a mestiçagem, tendo como grande expoente as vanguardas artísticas ligadas à Semana de Arte Moderna de 1922. A busca de uma integração do Estado Nacional na década de 1930 tanto pelas políticas nacionalistas de Vargas, quanto pela produção artística e intelectual da época manteve a questão da mestiçagem como um tema de importância, porém, agora sobressaindo um olhar otimista, no qual o negro e o índio passaram a ter algum reconhecimento no que diz respeito à

94 Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. P.111-113; Karl Friedrich Phillip Von Martius, “Como escrever a História do Brasil”. In: *Revista do IHGB*, t. 6. Rio de Janeiro, s. e. 1844.

formação da nação. Tal olhar que já vinha sendo cultivado pelos artistas modernistas ganhou estatuto entre cientistas sociais e ensaístas, com destaque para Gilberto Freyre e seu primeiro grande ensaio de repercussão nacional e internacional, *Casa Grande & Senzala*. Esta mudança de olhar sobre a formação da sociedade e do povo brasileiro, na qual a mestiçagem passa a ser vista como elemento positivo, está relacionada à mudança de perspectiva no tratamento das diferenças entre os homens, que deixaram de ser explicadas pela biologia, pelo mundo natural, para serem explicadas pela cultura, por sistemas de significados que davam a especificidade de cada grupo, sendo todos os homens semelhantes no que tange à sua natureza. As organizações negras da primeira metade do século XX se apropriaram destas noções positivas sobre a mestiçagem, que integraram seus discursos ideológicos, e posteriormente, segundo Guimarães, a ideologia da “democracia racial” (o termo surge nos anos 1950 com suas bases na ideologia da mestiçagem do povo brasileiro), sendo durante muito tempo um importante instrumento de mobilização política para intelectuais negros⁹⁵.

Se o movimento modernista de 1922 reinterpretou nas artes a nação brasileira com base nas três raças, buscando romper com a visão eugenista, Gilberto Freyre foi um pensador que fez esta reinterpretação nas ciências humanas. Freyre, que fora discípulo de Franz Boas quando estudou nos Estados Unidos, na década de 1930 substituiu o termo “raça” por “cultura”, e à semelhança dos modernistas (da semana de 1922) atribuiu à mestiçagem uma característica positiva dos brasileiros (entendida pelo ensaísta como uma herança dos ibéricos). Manteve uma relação de continuidade com a ideia de Von Martius sobre as três raças fundadoras da nação brasileira, porém, enalteceu a mestiçagem e defendeu que: brancos ibéricos, negros africanos e nativos indígenas, cada qual com suas qualidades específicas teriam contribuído para a formação da cultura nacional⁹⁶. Vale registrar que no “quadro” de contribuições das três raças Freyre atribuiu aos ibéricos o protagonismo político e intelectual na formação da “civilização brasileira”, enquanto aos negros e índios couberam papéis secundários como o trabalho braçal, o

95 Guimarães. “Intelectuais negros e formas de integração nacional”, in: *Estudos Avançados*, nº50, 2004. P.271-272. Sobre o surgimento e as atribuições do termo “democracia racial”, ver: Guimarães. *Classes, raças e democracia*, Capítulo 5: “Democracia Racial”.

96 O “mito das três raças” que estabelece a formação da nação brasileira a partir dos ibéricos, africanos e indígenas, inscreve-se no ensaio de Karl Friedrich Phillip Von Martius, *Como se deve escrever a história do Brasil*, apresentado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

sexo inter-racial (graças ao qual nos tornamos uma nação mestiça), e contribuições pontuais no campo da cultura popular e do folclore (música, culinária, o cafuné, o rebolado, etc.).

A mestiçagem tornou-se, portanto, um atributo da identidade nacional, ganhando importância tanto entre os intelectuais quanto no que podemos chamar de políticas culturais do governo Vargas, que passou a valorizar manifestações de caráter regionalista, e abriu espaço para manifestações de origem afro-brasileira como o samba, capoeira, e alguns terreiros de candomblé, que deixaram de ser perseguidos (ou tiveram a perseguição minimizada) porém, em alguma medida continuaram sendo vigiados e quando necessário tutelados pelo Estado. Manifestações culturais de matrizes negras e indígenas tornaram-se parte da cultura nacional, muitas vezes sendo identificadas sob a alcunha de “cultura popular”. O discurso de uma identidade nacional mestiça buscava anular – mesmo que virtualmente – as identificações étnicas de índios, negros e brancos, porém sem anular as desigualdades sociais entre os diferentes grupos raciais⁹⁷.

Esta breve contextualização do ambiente cultural no qual a FNB surgiu e esteve inserida, pode nos ajudar a entender as vias de integração social buscadas por esta organização, onde a reivindicação não é pautada pela diferenciação, mas pela “homogeneização” do nacional através de uma identidade mestiça, um teto comum sob o qual caberiam brancos, negros e índios. A mestiçagem como um elemento característico do brasileiro reduziria, ao menos ideologicamente, a distância entre as “três raças”. Tais informações são importantes também para entendermos o trajeto de Abdias do Nascimento, que viveu sua juventude naquele momento e, mesmo de forma coadjuvante, participou da FNB, sendo esta sua primeira atuação política e de viés racial. Ele dificilmente estaria imune ao pensamento corrente na época, cultivado também pela militância, com a qual teve contato, mais antiga e com experiência acumulada no movimento desde os primeiros jornais da imprensa negra e dos clubes sociais (quando Nascimento ainda era uma criança em Franca). Portanto, embora os depoimentos do autor privilegiem o radicalismo – do qual, diga-se de passagem não duvidamos – através da ação direta que às vezes envolvia o conflito físico, vemos que para além da

97 Kabengele Munanga, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*.

insubordinação ao racismo nas práticas sociais, havia a adesão a esta ideologia da mestiçagem que de alguma forma esteve articulada às estruturas de poder vigentes, e que incluía o negro e o índio como constituintes do elemento nacional, porém, com uma importância secundária em relação ao branco que era mantido como o agente civilizador. O destino do negro e do índio estaria nesta integração através da miscigenação que os incluía mantendo o branco no protagonismo. Se por um lado tal pensamento, como nos mostram os trabalhos de Antonio Sérgio Guimarães e Márcio Macedo, estará no centro das críticas de Nascimento nos anos 1960, por outro lado, alguns dos primeiros escritos do autor do início dos anos 1940 – a novela *Zé Capetinha*⁹⁸ é um exemplo disso – analisados por Macedo e Police, indicam a influência de ideias de Gilberto Freyre.

Entendemos que a luta da FNB implicava em denunciar e combater o preconceito e a discriminação racial, e investir esforços em provar que o negro era (ou poderia ser) tão dotado de qualidades de “civilizado” quanto o branco, merecendo, portanto, os mesmos direitos. No entanto, uma vez que tais direitos não eram garantidos aos negros pelo Estado, Andrews afirma:

“A Frente subvencionou cursos de alfabetização e vocacionais para adultos, e montou uma escola elementar. Criou uma clínica que oferecia cuidado médico e odontológico a baixo custo, e seu departamento legal proporcionava assistência aos membros envolvidos em disputas com proprietários de terras ou com patrões. Também oferecia benefícios de auxílio mútuo e estabeleceu uma cooperativa de crédito como parte de uma campanha 'compre sua própria casa', destinada a ajudar os afro-brasileiros a escapar dos porões fétidos do centro da cidade, comprando terrenos e casas nos subúrbios periféricos de Jabaquara, Saúde e Casa Verde”⁹⁹.

Se por um lado a FNB se insere ideologicamente na corrente de pensamento vigente que propugnava uma mestiçagem que tendia ao branqueamento (na medida em que o branco era mantido como referencial de agente civilizador), por outro lado vemos que os fretenegrinos, assim como os jornais da imprensa negra adaptaram, ou a menos aproximaram, o mito das três raças a uma realidade vivida pela maioria dos negros brasileiros, na medida que não perderam de vista as assimetrias sociais entre negros e brancos, e denunciaram situações de preconceito e discriminação dos negros, nos seus

98 Um excerto desta novela não publicada de Abdias do Nascimento, escrita em meados dos anos 1940 encontra-se no jornal do TEN *Quilombo*, N°4, julho, 1949. P.10-11

99 Andrews. Op. Cit.. P.232

jornais e na ação direta. Por mais questionáveis que possam ser hoje as estratégias utilizadas pela FNB, e o alinhamento com o conservadorismo da época por uma ala, por sinal significativa, de seus integrantes, não podemos desconsiderar seu protagonismo enquanto organização política do movimento negro, pois os problemas por ela denunciados eram reais, como nos mostram estudos históricos e sociológicos sobre a época. O mito das três raças, que de certa forma alimentou o mito da democracia racial, assim como outros aspectos de conservadorismo presente na FNB certamente limitou, porém, não podemos dizer que impediu uma visão, e uma ação, sobre os problemas raciais de seu tempo.

1.7 Ação Integralista Brasileira (AIB)

Dentre as mobilizações populares e movimentos de cunho político que irromperam na década de 1930, surgiu a Ação Integralista Brasileira (AIB), oficialmente fundada por Plínio Salgado no dia 7 de outubro de 1932 em reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo, com a leitura de um documento que posteriormente ficou conhecido como “Manifesto de Outubro”. Trata-se de uma organização política de extrema direita, cujos objetivos eram: “instituir no Brasil um poder centralizado e forte que integrasse todos os brasileiros” e “criar no país uma nova nação, a partir da valorização e conservação dos aspectos genuinamente brasileiros, que seriam a raça e a tradição histórico-cultural nacional”¹⁰⁰.

O Integralismo tinha como base ideológica o nacionalismo, o anticomunismo, o antiliberalismo, e a antidemocracia, seu lema era “Deus, Pátria e Família”. O movimento não foi um mimetismo ou mero reflexo de ideologias totalitárias da Europa, entretanto, não pode ser explicado sem se levar em conta o modelo de referência externo apreendido no fascismo de Mussolini, e a influência do pensamento político autoritário brasileiro¹⁰¹.

A AIB apresentava-se como um movimento de cultura, mesmo após tornar-se

100 Rosa Maria Cavalari, *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Jaqueline Tondato Sentinelo. “O lugar das ‘raças’ no projeto de nação da Ação Integralista Brasileira”, in: Revista Espaço Acadêmico, N° 108, maio de 2010. P.145

101 Cavalari, Idem. P.33-34

partido político em 1935, obtendo registro junto ao Superior Tribunal de Justiça em 1937, sendo extinto no mesmo ano com o golpe do Estado Novo de Vargas. Segundo Rosa Maria Cavalari: “Embora o termo não apareça explicitado claramente, tudo leva a crer que o integralismo identificava cultura como a posse de determinados conhecimentos, tais como os ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência. Cultura era, por conseguinte, um bem que podia ser transmitido por aqueles que o possuíam”. De acordo com a autora, que estudou os escritos da AIB, é nesta concepção que podemos compreender o termo nos discursos dos integralistas, quando, por exemplo, afirmavam que o “povo brasileiro não tem cultura”, portanto, era preciso não apenas alfabetizá-lo, mas “elevá-lo culturalmente”¹⁰². As lideranças integralistas se autoproclamavam porta-vozes desta “missão cultural”.

Podemos afirmar que a via autoritária escolhida pelas lideranças do movimento justificava-se no perfil negativo que faziam do povo brasileiro naquele momento. De acordo com Cavalari os discursos nos quais Plínio Salgado enfatiza a urgência de salvar a nação, são impregnados de qualificativos negativos atribuídos ao povo brasileiro tais como: inaptidão, despreparo, imaturidade, inconsciência, ingenuidade, má-educação; além de vícios como: egoísmo, incapacidade de conceber ideias gerais, incapacidade de esperar soluções definitivas, sentimentalismo mórbido, indisciplina, verbalismo jactancioso, insinceridade, desconfiança. Diferente dos eugenistas, Salgado atribuía tais defeitos à falta de educação e cultura, à má administração do país por parte dos dirigentes, e não a uma suposta natureza racial inferior do povo. Segundo Cavalari a AIB: via o povo brasileiro como um “povo-criança” que necessitava de “interpretes de suas aspirações”; apresentava-se como a organização que sanaria as deficiências educacionais e culturais das massas populares, e criaria a “nação integral” de novos homens. Para isso, era necessário educar, vigiar o povo, e inculcar-lhe dignidade, espiritualismo, moral e civismo¹⁰³. Como projeto político a organização propunha: modificar a estrutura econômica do país, nacionalizando os bancos, as minas, a energia hidrelétrica e o petróleo; controlar as redes de transportes e comunicações; rever todos os contratos assinados com estrangeiros; renegociar a dívida externa; reformar o serviço diplomático;

102 Cavalari, *Ibidem*. P.42-43

103 Cavalari. *Op. Cit.* P.42-46

estabelecer uma legislação mais rigorosa para a imigração¹⁰⁴.

A AIB promovia campanhas de alfabetização popular, tendo as mulheres o papel principal na instrução de mulheres, crianças e jovens, enquanto os homens adultos eram alfabetizados e doutrinados por pessoas do sexo masculino também adultas. As campanhas integralistas de alfabetização se intensificaram a partir de 1935, quando a organização tornou-se partido político e buscou arregimentar cada vez mais membros e eleitores para o pleito presidencial que aconteceria em 1937, porém, suspenso pelo golpe do Estado Novo. Com uma organização hierárquica rígida, símbolos e rituais próprios – exigia-se de seus membros um juramento de obediência à doutrina e ao Chefe Nacional (Plínio Salgado) –, “o integralismo tornou-se, em curto período de tempo, o primeiro partido de massas do país. Possuía núcleos organizados em todo o território nacional, contando, em 1937, com mais de um milhão de adeptos”¹⁰⁵.

Apesar de um dos principais líderes integralistas, Gustavo Barroso, ser declaradamente antissemita e ter uma corrente de seguidores e apoiadores de suas ideias, Plínio Salgado, o principal líder e chefe nacional do movimento, e Miguel Reale, outra liderança de peso, se opunham publicamente ao antissemitismo de Barroso, assim como, afirmavam que o integralismo não era um movimento racista. Salgado acreditava que uma nação una e integral emergiria a partir da homogeneização cultural e racial do povo, portanto apostava no “caldeamento das raças” como uma via para a criação de uma raça e uma nação forte. De acordo com Sentinelo:

“Para os integralistas, a ‘mistura de raças’ estaria relacionada às tradições históricas, culturais e religiosas presentes na sociedade brasileira desde o processo histórico da colonização. Ou seja, desde a sua formação, o Brasil se apresentava como uma sociedade ‘mestiça’, constituída por índios, brancos (especialmente portugueses) e negros, o que deveria ser levado em consideração para formar a nação integral”¹⁰⁶.

O fato é que para tornar-se um movimento de massas – objetivo conquistado pelos integralistas durante a existência da organização – atingir hegemonia nacional e eleger um presidente, como pretendia a AIB, não era conveniente apresentar-se como uma organização racista, diante da realidade multirracial da sociedade brasileira, ainda mais,

104 Levine apud Sentinelo. Idem P.146-147

105 Cavalari. Op. Cit.. P.33-34

106 Sentinelo. Ibidem. P.147

em um momento em que a miscigenação passava a ser proclamada como elemento positivo e “original” da identidade nacional. Diferente das correntes totalitárias europeias, o integralismo dificilmente teria ganhado a dimensão que teve, se lançasse mão de teorias eugenistas, excluindo os negros, índios e mestiços de seu projeto de nação. Importante ressaltar que a miscigenação racial e cultural do povo, na perspectiva dos integralistas tenderia para o branqueamento, prevalecendo os elementos lusitanos (tidos como os principais agentes civilizadores) sobre as heranças indígenas e africanas às quais era reservado um lugar basicamente folclórico. Sobre a participação de negros nas fileiras integralistas Jaqueline Tondato Sentinelo escreve:

“Apesar de poucos, os negros ocuparam cargos na liderança e/ou participaram nas decisões da Ação Integralista Brasileira. Há referências importantes sobre a afro-descendência de Dario Bittencourt, destacado integralista da província do Rio Grande do Sul, assim como pudemos observar a presença de negros e mulatos em fotos divulgadas nas seções Sociais de alguns números no jornal integralista A Offensiva, editado no Rio de Janeiro entre 1934 e 1938”¹⁰⁷.

Muitos militantes da Frente Negra Brasileira também pertenciam à AIB - certamente podemos identificar na ideologia nacionalista conservadora uma afinidade crucial entre ambas organizações. A valorização da raça e da cultura nacional, onde os negros estavam incluídos (mesmo que de forma secundária e estereotipada), diante da ameaça estrangeira, certamente atraiu para as fileiras integralistas setores da militância negra que naquela época tinham como principal objetivo integrarem-se à nação brasileira, ascendendo para a classe média e obtendo participação ativa no cenário político. Esta busca de ascensão via “elevação cultural”, através da educação e adesão aos valores disseminados entre as classes médias urbanas, assim como a aposta em uma elite intelectual “bem-informada” sobre os problemas sociais, que guiariam as massas, também são aspectos que aproximam AIB e FNB. Sobre as afinidades ideológicas e estratégicas entre ambas organizações, Petrônio Domingues afirma:

“O subtítulo do jornal A Voz da Raça também era sintomático: ‘Deus, Pátria, Raça e Família’, diferenciando-se do principal lema integralista (movimento de extrema direita brasileiro) apenas no termo “Raça”. A FNB mantinha, inclusive, uma milícia,

107 Sentinelo, Op. Cit.. P.151

estruturada nos moldes dos boinas verdes do fascismo italiano. A entidade chegou a ser recebida em audiência pelo Presidente da República da época, Getúlio Vargas, tendo algumas de suas reivindicações atendidas, como o fim da proibição de ingresso de negros na guarda civil em São Paulo. Este episódio indica o poder de barganha que o movimento negro organizado dispunha no cenário político institucionalizado brasileiro”¹⁰⁸.

Nos depoimentos de Abdias do Nascimento utilizados nesta pesquisa não encontramos data exata, nem detalhes específicos sobre sua adesão à AIB. Sabemos apenas que foi em momento que já militava na FNB, integrava ao exército brasileiro, e segundo depoimentos do próprio autor, consistia em um momento de descobertas da juventude, que apesar do pouco esclarecimento sobre as ideologias políticas da época, tinha a curiosidade e o anseio de participar dos assuntos políticos e sociais nacionais. O nacionalismo, o anti-capitalismo e o anti-imperialismo enfatizados nos discursos dos integralistas chamaram a atenção de Nascimento e o atraíram para este movimento:

“Ninguém entra para um movimento se não tiver um mínimo de identidade com suas causas que são defendidas; e o movimento só se faz movimento porque as lideranças conseguem agregar esses interesses comuns entre as pessoas. O que me levou ao integralismo foi sua posição anti-imperialista e antiburguesa. O que me interessava era a luta contra o imperialismo, contra a penetração americana. A possibilidade de estar num movimento com esse fim me empolgava e me tocava profundamente. O apelo do integralismo era bem mais amplo, principalmente quanto ao nacionalismo; havia uma preocupação marcante quanto à defesa da identidade nacional, do patrimônio cultural, das riquezas e reservas naturais, e os Estados Unidos representavam o destruidor de tudo isso”¹⁰⁹.

Nacionalismo e anti-imperialismo são dois elementos que acompanharam os diferentes períodos da militância de Nascimento, como nos mostram Guimarães e Macedo. Estão presentes no período do TEN, em textos de sua militância pan-africanista (notadamente no *Quilombismo*), assim como em seus discursos como parlamentar a partir dos anos 1980. A aproximação política – e a amizade – de Nascimento com Leonel Brizola, seu alinhamento ao trabalhismo nacionalista de centro-esquerda do PDT ao retornar do exílio, comprovam tal observação. Ao contrário das afirmações de alguns detratores de Nascimento, que o acusavam de querer gerar um separatismo entre negros e brancos, seu discurso ao longo de sua trajetória quase sempre evidencia um teor

108 Domingues, Idem. P.106

109 Nascimento e Semog, Op. Cit.. P.83

nacionalista de via integracionista do negro no Brasil. O que difere entre uma fase e outra de seu protesto são as vias de integração: em um primeiro momento a adesão, posteriormente a recusa da ideologia da democracia racial.

Márcio José Macedo também chama a atenção para o catolicismo enquanto um elemento importante na identificação dos integralistas e dos membros da FNB. Abdias do Nascimento, e outras duas personagens que também foram integralistas e posteriormente tornaram-se importantes lideranças do TEN, Sebastião Rodrigues Alves e Alberto Guerreiro Ramos, eram de famílias católicas. Em depoimento, Nascimento relata que ele e Rodrigues Alves chegaram à aspirar a vida monástica¹¹⁰. A relação de Nascimento com figuras da igreja católica também pode ser notada em diferentes momentos de sua vida: a amizade com D. Hélder Câmara (o apoio e a participação deste como jurado no concurso de artes plástica “O Cristo Negro” promovido pelo TEN), o prefácio de D. José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba para o livro *Sitiado em Lagos* (1981), a intervenção de D. Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo, para a instalação da primeira sede do IPEAFRO nas dependências da PUC (SP) no início dos anos 1980.

Ainda sobre sua adesão ao integralismo, o autor menciona a pouca informação e a inexperiência política que tinha ainda em seus primeiros anos de vida na capital paulistana, a curiosidade, a inquietação e a disposição, sentida naquele início de juventude, em se engajar em assuntos políticos e causas sociais, somadas ao sentimento de desamparo de um jovem que há pouco deixara a família no interior para viver na grande cidade, tais fatores são apontadas como elementos que contribuíram para seu engajamento no exército, na Frente Negra Brasileira e na Ação Integralista Brasileira. A respeito disso comenta:

“Foi nessa condição de insegurança e desalento que encontrei no integralismo, no começo, esse acolhimento, onde pude conversar com grandes figuras da inteligência brasileira como por exemplo, o dr. Delamare – que era um catedrático da Faculdade de Direito –, Thiers Martins, Antonio Galoti, Rômulo de Almeida, Ricardo Werneck de Aguiar, Ernani da Silva Bruno, José Garrido Torres, Gustavo Barroso – que tirando a característica do antijudaísmo, era um grande intelectual, personalidade da academia. Lá eu encontrei personalidades muito importantes; foi lá que eu fiquei amigo de D. Helder Câmara, foi lá que eu conheci Santiago Dantas, foi lá que eu conheci Roland Corbisier, Alceu Amoroso Lima, Gerardo de Mello Mourão, Adonias

110 Nascimento e Semog, Op. Cit

Filho, que foi diretor do Serviço Nacional de Teatro. Quer dizer, lá encontrei uma juventude muitíssimo inteligente e com uma grande garra de ajudar esse país. Enfim, foi uma oportunidade que eu nunca tivera antes”¹¹¹.

Relatos do próprio autor, assim como documentos (escritos e iconográficos) encontrados nos arquivos do IPEAFRO e da Funarte (RJ) comprovam que Abdias do Nascimento manteve a amizade em momentos posteriores de sua vida com figuras que conheceu no movimento integralista, e que em geral apoiaram seus projetos com o TEN, entre os quais podemos citar: D. Helder Câmara, Santiago Dantas, Gerardo de Mello Mourão, Roland Corbisier, Rômulo de Almeida, Ricardo Werneck de Aguiar¹¹². Assim como a atuação na FNB, a participação na AIB não deve ser minimizada – e o próprio autor não minimiza – enquanto um fator de importância na formação intelectual e política de Abdias do Nascimento:

“Devo dizer que o integralismo foi para mim uma rica escola de vida. Foi ali que comecei a entender realmente de arte, literatura, economia, educação, defesa nacional, os grandes problemas nacionais e outras questões de fundamental importância na vida de um país. Esse aprendizado não se refere à questão negra, mas sim no sentido amplo de cultura geral e da experiência cívica mais abrangente”¹¹³.

Vimos que formalmente a AIB se apresentava como um movimento não racista e acolhedor de todos os brasileiros, aceitava negros em seus quadros, e considerava a miscigenação um traço identitário da nação brasileira. No entanto tal aceitação formal de negros e mestiços, assim como, a não apologia do eugenismo, não significava na prática a ausência de racismo no interior do movimento integralista. Segundo Nascimento, o racismo dispensado aos negros no interior da AIB foi um motivo considerável, para o seu desligamento da AIB. Sobre isso o autor comenta sua experiência ao trabalhar no jornal integralista *A Offensiva*:

“Nessa época, eu também estava envolvido numa ofensiva, ajudando na campanha para que fosse criada a Faculdade de Economia. Com isso eu entrevistava muita gente, muitas personalidades, e com elas tirava as fotografias para a ilustração das

111 Nascimento e Semog, Op. Cit.. P.83

112 Jornalista carioca, amigo de Abdias do Nascimento, acompanhou o TEN desde o início e colaborou traduzindo vários textos, entre eles *Todos os Filhos de Deus tem Asas* e *O Moleque Sonhador*, ambos de Eugene O’Neill. Ver: Nascimento e Semog. Op. Cit. P.94

113 Nascimento e Semog. Op. Cit.. P.83

matérias; mas essas fotos nunca eram publicadas, pois eram cortadas por um português que era secretário do jornal. Além de não sair o meu nome nas matérias, o que era um critério do jornal¹¹⁴, também não saiam as fotografias. Eu fui observando aquela situação e comecei a perceber algumas coisas que não me agradavam, no sentido do tratamento dispensado aos negros. Não era uma orientação deliberada, mas existia, dentro do integralismo, um segmento que era sistematicamente racista contra os negros. Nunca falei ou discuti esse assunto com o Plínio Salgado. O certo seria eu ter denunciado aquela situação; entretanto, o que decidi foi sair do integralismo. Essa é que é a verdade. Isso aconteceu logo depois que cheguei ao Rio de Janeiro, em fins de 1936; formalmente minha saída foi em 1937¹¹⁵.

Ao discorrer sobre sua passagem pela AIB, Nascimento afirma em seu depoimento de 1976 para *Memórias do Exílio*: “Refletindo hoje, agora, é fácil dizer que o caminho certo era o da esquerda. Mas aí é que é. A coisa é meio complicada. Todas as minhas coisas foram complicadas. Andei por todo canto, e tive problemas tanto na direita quanto na esquerda”. Os problemas aos quais o autor se refere consiste na presença do racismo em setores tanto da direita, quanto da esquerda brasileira, com os quais teve contato, e na indisposição de ambos os lados (conservadores ou progressistas) em compreender e lidar com os problemas em torno da questão racial .

Em 1938, já oficialmente desligado da AIB, Abdias do Nascimento é preso no Rio de Janeiro com um grupo de estudantes, também ex-integralistas, entre eles Ricardo Werneck de Aguiar e Rômulo de Almeida, distribuindo panfletos contra a ditadura do Estado Novo de Vargas. Presos, os jovens foram encaminhados para uma penitenciária na Rua Frei Caneca, na mesma cidade, onde passaram uma temporada dividindo cela com militantes da Aliança Nacional Libertadora, e do Partido Comunista que haviam participado do levante de 1935, dentre eles o major André Trifino Correia (1904-1976), com quem fizeram amizade e organizaram grupos de estudos e seminários de discussão sobre política e economia nacional. No mesmo presídio encontrava-se detido Luís Carlos Prestes que era mantido separado dos outros presos¹¹⁶.

114 Era comum na imprensa integralista as matérias não serem assinadas, e não fazerem referência às fontes citadas – ou transcritas – que geralmente provinham de outras publicações do movimento, a respeito disso Cavalari comenta: “Com relação à transcrição sem referência à fonte, é importante destacar que, neste caso, evidencia-se o caráter autoritário do movimento. A palavra não precisa ser situada, ela paira acima das contingências de tempo e lugar. Deixa de ser uma fala particular para ser a fala, o ‘Verbo’. Representa a voz onipresente da autoridade”. Op. Cit.. P.97

115 Nascimento e Semog. Op. Cit. P.84-85

116 Nascimento e Semog. Op. Cit. P.89

1.8 Congresso Afro-Campineiro, 1938.

Se a Frente Negra Brasileira foi a primeira experiência de Abdias do Nascimento no protesto organizado centrado na questão racial, o Congresso Afro-Campineiro foi a sua primeira experiência à frente da organização de um evento desta mesma natureza. Em depoimento de sua autobiografia em parceria com Semog, o autor lamenta a falta de recurso na época, o que impossibilitou a documentação do evento, realizado pouco tempo depois de sua saída da penitenciária. O congresso ocorreu na semana do dia 13 de maio de 1938 quando completava-se 50 anos de abolição da escravidão no Brasil. Concordando com Macedo, não descartamos a possibilidade deste evento ter sido inspirado nos Congressos Afro-Brasileiros organizados em 1933 por Gilberto Freyre e Ulisses Pernambuco, em Recife (Pernambuco), e por Edison Carneiro em 1937 em Salvador (Bahia), no contexto de crescente interesse de artistas e cientistas sociais por temas em torno da cultura afro-brasileira e da construção de uma identidade com base na miscigenação das três raças (lusitana, negra e indígena).

José Jorge Siqueira considera que boa parte da intelectualidade que na década de 1930 se dedicou aos estudos sobre negro no Brasil, destacando-se Arthur Ramos, Gilberto Freyre e Edison Carneiro, tem suas origens nos ensinamentos de Nina Rodrigues (homenageado no I Congresso Afro-Brasileiro), afastando-se dos seus excessos racial-biológicos deterministas, porém, mantendo praticamente intactos os estereótipos sobre o negro e seu lugar na contribuição para a formação nacional, ao substituir o termo “raça” por “cultura”. A diferença é que o perfil do negro traçado por estes intelectuais passou a ser atribuído às “heranças culturais”, e deixaram de ser afirmados do ponto de vista de uma suposta “natureza da raça”. Os referidos congressos de 1933 e 1937 defenderam as teses nessa linha de pensamento, da intelectualidade que os encabeçara. Os trabalhos apresentados, segundo Siqueira:

“enquadravam-se na tipologia arquetípica da ‘aculturação’, das ‘sobrevivências’, das ‘contribuições’, das ‘influências negras’ à civilização brasileira. Entretanto, tais perspectivas, via de regra, ficam perigosamente próximas de um confinamento à moda dos estereótipos com que se vai construindo o imaginário da democracia racial no Brasil, e são capazes de desviar o foco das atenções, distorcendo processos

sociais relevantes, que se atualizam histórica e constantemente”¹¹⁷.

A participação da “gente do povo” no I Congresso em Recife narrada por Gilberto Freyre nos anais do evento, estudados por Siqueira, torna evidente também uma visão elitizada e de distanciamento entre sujeito e objeto de estudo, embora ambos “compartilhassem a mesma mesa”:

“no dizer de Freyre, juntou em volta da velha mesa do Teatro Santa Izabel não só doutores, com grande erudição de gabinete e de laboratório, mas também ialorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, negros de engenhos, rainhas de maracatus, outros analfabetos e semi-analfabetos inteligentes, com conhecimento direto de assuntos afro-brasileiros”¹¹⁸.

Tal visão evidencia um perfil e um lugar do negro na cultura nacional na concepção da intelectualidade organizadora e participante deste congresso: um perfil e um lugar construídos a partir de elementos que enfatizam um “exotismo” do negro, selecionados por uma intelectualidade predominantemente branca (o texto de Siqueira nos mostra que Edison Carneiro, e Miguel Barros da Frente Negra Pelotense foram os únicos intelectuais negros com fala nos anais do Congresso) cujos ideais de cultura e nação mestiças presumia-se no convívio harmônico entre as diferentes etnias, e onde o suposto “primitivismo” das culturas africanas e ameríndias não interfeririam negativamente na modernização do país (entende-se aqui: inclusão entre as modernas nações ocidentais com capitalismo desenvolvido). Tais imagens, consistem no negro visto e classificado “de fora”, o negro como “o outro”. O I Congresso teve também a colaboração de intelectuais de peso no assunto como Arthur Ramos, Mario de Andrade, Melville J. Herskovits, chegando a ser comentado no jornal estadunidense *New York Times*¹¹⁹.

O II Congresso ocorrido na cidade de Salvador (com sede no Instituto Histórico da Bahia) em 1937, coordenado por Édison Carneiro teve grande repercussão – dentro e fora do meio acadêmico. Reuniu 3000 pessoas, tendo como parte do evento celebrações realizadas no terreiro de candomblé Axé Opô Afonjá (conhecido como um dos mais

117 José Jorge Siqueira, *Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma nova consciência sobre o negro no Brasil, 1944/1968*. P. 47-48

118 Idem. P. 47

119 Siqueira, Idem. PP. 47, 53-54

antigos templos desta religião no país). Aparecem como apoiadores do II Congresso nomes como Rudiger Bilden, Fernando Ortiz, Richard Patte, instituições como o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo (dirigido por Mario de Andrade naquela época). Destaca-se a participação do próprio Édison Carneiro, Melville J. Herskovits, Donald Pierson, Jorge Amado, os músicos Camargo Guarnieri e Frutuoso Vianna, as ialorixás Mãe Menininha do Gantois e Mãe Aninha do Axé Opô Afonjá¹²⁰.

Do mesmo modo que seu antecessor de 1933, o II Congresso em 1937 teve como tema central a participação do negro na formação da cultura nacional. Dentre os desdobramentos do evento podemos destacar a criação de entidades empenhadas na defesa dos terreiros de candomblé contra as perseguições policiais pela qual passavam naquela época, como a “União das Seitas Afro-Brasileiras”, e o apoio do presidente da república, Getúlio Vargas, obtido por Mãe Aninha para a suspensão das hostilidades policiais às casas de santo (como também são conhecidos os locais de culto da religião dos orixás). O II Congresso também repercutiu na crescente relevância que os estudos sobre o negro ganhava na academia, em especial nos trabalhos sobre as religiões de matriz africana no Brasil¹²¹.

Embora não mencionado em seus depoimentos, é possível que Abdias do Nascimento estivesse ciente dos Congressos Afro-Brasileiros de 1933 e 1937, considerando a repercussão em âmbito nacional e internacional de ambos, e sua inserção nos assuntos relacionados à participação social dos negros, naquele momento em que já militara na FNB. O Congresso Afro-Campineiro aparece nos depoimentos de Nascimento marcando ainda uma importância inicial de seu protesto centrado na questão racial, no entanto, a pouca informação que temos sobre o evento demonstra sua pouca reverberação. O Congresso teve seis organizadores: o próprio Abdias, Geraldo Campos (seu amigo de infância em Franca), Augusto Sampaio, João Gualberto, o tipógrafo Jerônimo e Aguinaldo Camargo (que ajudou a criar o TEN, onde também atuou). Diferente dos Congressos de Recife e Bahia, o de Campinas tratava-se de uma iniciativa protagonizada por um pequeno grupo de militantes negros, contando com escassos recursos, sem o apoio de patrocinadores ou de personalidades reconhecidas no meio

120 Siqueira, *Ibidem*. P. 55

121 Siqueira, *Op. Cit.*. P. 55-56

artístico e acadêmico da época. O evento teve o apoio e a colaboração das alunas da Escola Normal de Campinas e foi realizado no Instituto de Ciências e Letras com o apoio de seu diretor Nelson Omega.

O depoimento do autor em sua autobiografia mostra que o Congresso não teve um público negro expressivo, destacando-se a participação das alunas da Escola Normal de Campinas, em geral brancas das classes abastadas. O autor ressalta que neste evento pode provar sua capacidade de organização e a possibilidade de fazer alianças com setores fora do movimento negro, sensíveis à causa racial, a exemplo da Escola Normal e do Instituto de Ciências e Letras. Nascimento ainda afirma:

“Esse Congresso teve o propósito de combater o ostensivo racismo e separatismo tradicional dessa cidade [Campinas], e avaliar a situação global do negro no país. Durante uma semana, discutiram-se as condições de vida do negro brasileiro sob vários aspectos: econômico, social, político, cultural. Em determinada sessão, os promotores fizeram o juramento de voltar à África, a fim de ajudar a luta de libertação do continente negro, nossa terra ancestral”¹²².

Se os organizadores deste congresso fizeram esse juramento é notável a visão um tanto a frente de seu tempo, considerando o distanciamento que a militância negra brasileira da década de 1930 mantinha das questões do movimento negro internacional (ainda mais em relação à África), e o fato de os movimentos de independência dos países africanos despontarem a partir da década de 1950. Infelizmente, além dos depoimentos de Nascimento, não há fontes como atas, anais e outros registros sobre o Congresso Afro-Campineiro para aprofundarmos nossa análise. Sabemos que dez anos depois, em 1948, o diálogo – por sinal, pioneiro – entre movimento negro brasileiro e movimentos negros internacionais (incluindo a África) é registrado no jornal do TEN, *Quilombo*, através de artigos, entrevistas com personalidades, e traduções.

122 Nascimento e Semog, Op. Cit.. P. 90

Capítulo 2: Teatro Experimental do Negro

2.1 Prelúdio

No ano de 1936, logo após sua saída do exército, Abdias do Nascimento mudou-se para o Rio de Janeiro, onde morou a princípio no Morro da Mangueira, posteriormente em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Segundo o autor, se a capital paulistana propiciou seu engajamento político através da militância na FNB e na AIB, foi no Rio de Janeiro que passou a ter mais contato – e por sinal, ter seu interesse despertado – pela cultura dos negros situados na cidade, da qual destaca-se em seu discurso o samba, mas sobretudo o candomblé. No período em que viveu no Morro da Mangueira teve proximidade com a escola de samba do local (também conhecida como “Estação Primeira”). Já em Duque de Caxias, passou a frequentar o terreiro do babalorixá Joãozinho da Goméia, conhecendo, assim, a religião dos orixás mais de perto. Nascimento considera que naquela época a capital carioca viabilizava o florescimento de uma cultura negra, em uma dimensão maior em relação à São Paulo, e por sinal, o ambiente artístico e cultural popular, em geral, também era favorecido no Rio, naquela ocasião, capital da república. Neste período também conviveu com o poeta Solano Trindade, que era ligado ao Partido Comunista Brasileiro, e com o compositor e maestro Abigail Moura, regente da Orquestra Afro-Brasileira (que futuramente cooperaria com a trilha sonora de peças do TEN). As amizades com Trindade, Moura e Joãozinho da Goméia, e outros negros ligados às artes e à religião de matriz africana, segundo Nascimento, foram importantes, pois impediram que ele se tornasse um intelectual esquecido de suas origens¹²³. Na medida em que Nascimento avançava em seus anos e se intelectualizava, a questão racial ganhava mais centralidade em sua militância.

O contingente de negros nos atuais estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que já era notável em meados do século XVIII, cresceu significativamente quando estas regiões emergiram como polos econômicos em meados do século XIX, com o advento da produção de café. Ainda no final deste século e início do XX, os centros urbanos cresciam e atraíam levas de migrantes insatisfeitos com as possibilidades econômicas que

123 Sandra Almada, *Abdias Nascimento*. P.57

se reduziam nas zonas predominantemente rurais. Neste período, muitos negros migraram da Bahia para o Rio de Janeiro, dentre eles capoeiristas, pais e mães-de-santo que levaram consigo sua cultura e suas religiões. Os candomblés baianos misturaram-se com as práticas religiosas negras do sudeste já sincretizadas com o kardecismo e o catolicismo, dando origem ao que genericamente foi denominado “macumba carioca”, e posteriormente nas décadas de 1920 e 1930 originando a umbanda. O samba carioca, que nasce nesta mesma época consiste em um desdobramento não-religioso das músicas tocadas nos terreiros de candomblé, que aos poucos foram incorporando elementos europeus (tais como os instrumentos de corda e sopro). A umbanda e o samba carioca têm origem na mesma matriz (o candomblé) e na mesma época. Ambos foram incorporados no mesmo processo (já abordamos no capítulo anterior) de valorização e construção de uma identidade mestiça para o Brasil (o samba mais do que a umbanda)¹²⁴.

Em 1938, após um período encarcerado, Nascimento volta para o estado de São Paulo, onde realiza o Congresso Afro-Campineiro, abordado no capítulo anterior. Em 1939, retorna ao Rio de Janeiro trabalha temporariamente em um banco, emprego conseguido com a ajuda de um amigo dos tempos de militância no movimento integralista, Rui Barbosa Batista Pereira (segundo o próprio Abdias, neto de Rui Barbosa)¹²⁵. Em 1941, quando já havia deixado o emprego no banco, Abdias do Nascimento passa a integrar um grupo de poetas com os brasileiros Gerardo de Mello Mourão e Napoleão Lopes e os argentinos Juan Raul Young, Efraín Tomás Bó e Godofredo Tito Iommi. Naquele mesmo ano, o grupo batizado por seus integrantes de *Santa Hermandad Orquídea*, partiu para uma viagem por países da América do Sul. Mourão foi o único integrante que ficou no Rio de Janeiro. O trajeto começou na região norte do Brasil, em Belém do Pará, e em seguida Manaus. Dentre os países pelos quais o grupo passou estão Colômbia, Peru (cidades de Iquitos, Pucallpa, San Ramón e Lima), Bolívia (La Paz) e Argentina (Buenos Aires).

Embora Abdias do Nascimento apresente a Hermandad como um grupo de jovens intelectuais boêmios com um espírito aventureiro – em seu depoimento para o livro em parceria com Semog, há uma série de relatos de farras, bebedeiras e até brigas – ao

124 Reginaldo Prandi, *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. P.131

125 Nascimento e Semog, *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*. P.92

mesmo tempo sua narrativa mostra que durante a viagem o grupo mantinha atividades de cunho intelectual (algumas vezes sendo remunerados), como palestras, conferências, cooperação com jornais. Os relatos de Nascimento nos mostram que não havia uma linha específica para tais atividades, os temas eram variados – e por sinal, dispersos – que envolviam seminários sobre Dante Alighieri, Platão e outros clássicos da cultura ocidental. Abdias, na ocasião recém-formado em economia, falava sobre economia no Brasil, e também sobre a obra de Euclides da Cunha (autor que marcou sua primeira formação intelectual). Um lugar mencionado pelo autor onde algumas dessas atividades ocorreram é a Faculdade de Economia da Universidad Nacional Mayor de San Marcos (Lima/Peru). Nascimento mostra sua vivência com a Santa Hermandad de Orquídea como fator importante em sua experiência de vida e em sua formação intelectual, embora a temática racial e o discurso antirracismo que perpassa toda sua trajetória militante não receba destaque naquele momento.

Dentre os integrantes da Hermandad, os poetas Gerardo de Mello Mourão e o argentino Efraím Tomás Bó, serão apoiadores das atividades de Abdias do Nascimento, junto ao TEN. Tomás Bó chegou a publicar duas matérias no jornal *Quilombo*: “Poesia afro-americana” e “O ator negro”, respectivamente nas edições número 1 e 2 do periódico. Mourão, a quem Nascimento refere-se como “um irmão”, aparece em fotos de eventos do TEN, escreveu um texto para um catálogo da peça de Abdias, *Sortilégio*, datado de 1957 (ano de estreia) e traduziu para o português o ato I da peça *Calígula* de Albert Camus a pedido de Nascimento para o TEN encenar¹²⁶.

Outro fato interessante a ser ressaltado consiste em o grupo de jovens poetas, ao chegar nos locais visitados, comunicar-se com as autoridades políticas locais que em alguns casos viabilizavam a estadia do grupo e as atividades por ele promovidas. O autor não fala se havia algum integrante da Hermandad encarregado especialmente desta atividade “diplomática”, mas tal fato é totalmente coerente com a trajetória do autor, na qual em diversas situações demonstrou sua destreza nas relações públicas enquanto negociador, conseguindo a intercessão de autoridades políticas para a viabilização de seus

126 O referido texto assinado por Gerardo de Mello Mourão não tem título. “Dossiê Peças: Teatro Experimental do Negro”. Material disponível no acervo da Fundação Nacional de Artes (Funarte) na sede do Rio de Janeiro. Sobre a tradução da peça de Albert Camus, ver: Daniela Roberta Antonio Rosa, *Teatro Experimental do Negro: estratégia e ação*. P.55

projetos.

Em Lima ocorreu um fato emblemático, tido por Nascimento como um marco para sua idealização do Teatro Experimental do Negro. Trata-se da montagem da peça *O Imperador Jones* de Eugene O’Neil (EUA), feita pela companhia argentina *Teatro del Pueblo* tendo no papel principal o ator branco Hugo D’Evieri (de quem o autor posteriormente tornou-se amigo e obteve informações sobre teatro), pintado de preto, interpretando uma personagem negra (prática conhecida como “blackface”). Ver um ator branco pintado de preto, fazendo o papel principal em uma peça escrita originalmente para um ator negro protagonizar incomodou bastante Abdias Nascimento e o remeteu a pensar também sobre a ausência de negros nas montagens cênicas brasileiras.

“Então percebi: meu Deus, como é que eu nunca fui ao teatro lá no Brasil? Por que? Como pôde acontecer isso comigo? A resposta veio rápida e crua, seca e sem delongas, pois estava escondida na minha própria memória. Durante todo o meu tempo de escola, no primário e no ginásio, o teatro sempre existiu como atividade lúdica, principalmente nas datas mais celebradas, mas eu jamais fui escolhido ou indicado para representar nada; aquilo era mais que uma exclusão, era como se eu não existisse. Lembro que eu decorava e ensaiava diversas poesias, mas nunca era indicado. Na ingenuidade da infância, não percebia que aquela gente arrancava pedaços da minha sensibilidade, da minha inocência, como se assim abortasse qualquer destino possível que a arte oferece a todos os homens, como prova da grandiosidade de sua própria natureza”¹²⁷.

Este “aborto” de “um destino possível que a arte oferece a todos os homens, como prova da grandiosidade de sua própria natureza”, ao qual o autor se refere, é uma manifestação do racismo na sociedade. Podemos entender como um aborto de parte da natureza humana dos negros, a negação do papel de sujeito, neste caso no teatro, porém, que se estende para outros âmbitos das relações sociais. O racismo opera deste modo como uma forma de subtração da humanidade do negro, inferiorizando-o enquanto ser humano, considerando-o menos dotado de elementos inerentes a uma definição comum de humanidade tais como a história, as artes, a educação, a economia, e a política. Embora nos dias de hoje o racismo biológico tenha perdido o status de ciência, podendo ser entendido como ideologia, em um mundo onde teoricamente todas as etnias tem sua humanidade reconhecida, o racismo ainda opera enquanto categoria sociológica

¹²⁷ Nascimento e Semog, *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*. P.108

produzindo concepções de mundo onde o negro é visto como “menos humano” do que o branco, e onde “naturaliza-se” sua posição social desfavorecida¹²⁸.

O episódio do “blackface” em Lima consistiu em um marco para Nascimento idealizar um teatro onde os negros produziram as peças e nelas protagonizariam, um espaço de auto representação para os afro-brasileiros. Ideia que o autor colocaria em prática assim que retornasse ao Brasil. No entanto as incursões de Abdias do Nascimento pela América Latina prosseguiram, porém com o grupo separando-se. Depois da capital peruana, Tomás Bó e Napoleão Lopes seguiram para o México, Abdias Nascimento e Raul Young foram para a La Paz (Bolívia) e em seguida para Buenos Aires (Argentina), para onde Godofredo Iommi, que ficara doente a caminho do Peru já havia partido para ficar aos cuidados de sua família. Em Buenos Aires, Abdias conseguiu uma bolsa de estudos na Faculdade de Economia, por intermédio de Young e Iommi que haviam estudado na instituição. Na capital portenha o autor passou a frequentar o Teatro Del Pueblo (mesma companhia que apresentara a peça de O’Neil no Peru), a ali teve sua primeira formação dramaturgica. O Teatro del Pueblo funcionava como uma escola livre de teatro e era dirigido por seu fundador, Leónidas Barletta, na perspectiva de estabelecer uma aproximação do teatro com a população em geral.

Abdias Nascimento retornou ao Brasil em 1943 com o objetivo de fundar um teatro negro. Recém-chegado em São Paulo, foi preso novamente devido a um processo que corria à revelia por conta de uma de suas brigas por motivação racial na época do exercito. Desta vez encarcerado no Carandiru¹²⁹, fundou o Teatro do Sentenciado, iniciando suas primeiras experiências cênicas, formando um grupo onde os próprios detentos produziam e encenavam as peças. Abdias dirigia o grupo, e nesse período escreveu a peça *Zé Bacoco* (inspirado em sua passagem pelo exército), o romance *Submundo* (um diário do cotidiano no presídio) e a já aqui mencionada, novela *Zé Capetinha* (que tratava da temática racial na sociedade brasileira). Os três escritos não foram publicados, mas *Zé Capetinha*, teve um pequeno fragmento impresso no jornal *Quilombo* (nº4, julho de 1949).

Libertado em 1944, Nascimento ainda em São Paulo buscou apoio de intelectuais

128 Fanon, 2008 ; Munanga, 2009; Said, 2011; Guimarães, 2002, 2009.

129 Penitenciária do estado de São Paulo, inaugurada na década de 1920 e desativada em 2002 na Zona Norte da cidade de São Paulo.

negros e mestiços para seu projeto de um teatro negro, mas sentiu ceticismo e indiferença em torno da ideia. Dentre as pessoas com quem entrou em contato, estão o jornalista e escritor, Fernando Góes que foi uma exceção, demonstrou entusiasmo e posteriormente apoiou realizações do TEN, e o notório escritor modernista Mário de Andrade que não se interessou pela ideia¹³⁰. O autor partiu novamente para o Rio de Janeiro, onde conseguiu as alianças necessárias para seu projeto, e naquele ano fundou, ao lado de outros intelectuais e militantes negros, o *Teatro Experimental do Negro*.

2.2 Formação e estreia

Em 13 de outubro de 1944 no Rio de Janeiro, Abdias do Nascimento ao lado do militante Sebastião Rodrigues Alves e do advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo, fundou o Teatro Experimental do Negro. Fizeram parte do grupo em um momento inicial o pintor e escultor Wilson Tibério, o contabilista José Herbel, a empregada doméstica Arinda Serafim (que teve importante papel em divulgar os cursos de alfabetização e encenação entre as empregadas domésticas), a roupeira Marina Gonçalves, Claudiano Filho, Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa, Natalino Dionísio, entre outros. Na trajetória de 1944 a 1968 o grupo mudou várias vezes sua formação, tendo adesão e rompimento de participantes.

Dentre as pessoas que não estavam na fundação mas que aderiram ao grupo posteriormente e merecem destaque pelo papel importante que tiveram junto ao TEN, estão: Ironides Rodrigues, professor de francês que lecionou na formação dos atores (inclusive na alfabetização), cooperou com o jornal *Quilombo* publicando artigos de sua autoria e traduções de textos, teve importante papel na introdução das ideias da negritude francófona no grupo (um extrato de *Orphée Noir* de Jean-Paul Sartre foi traduzido por Rodrigues e publicado em *Quilombo*, nº5, janeiro de 1950), é de sua autoria também a tese *Estética da Negritude*, pivô de polêmicas no I Congresso do Negro Brasileiro em 1950, que infelizmente foi perdida junto de uma parte dos anais do congresso; o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos que cooperou mais assiduamente com o grupo entre

130 Nascimento e Semog, 2006. P.118

1948 e 1955, escrevendo no periódico e organizando eventos, teve importante papel na formação de atores, promovendo seminários, foi responsável pela introdução do psicodrama no grupo, e atuou de maneira crucial no viés sociológico do TEN¹³¹; as atrizes Ruth de Souza e Léa Garcia (que também foi esposa de Abdias), e o ator e dramaturgo Haroldo Costa, que iniciaram suas carreiras artísticas no grupo.

O TEN recém-fundado participou da montagem da peça *Palmares* da poetisa Estela Leonardos, junto ao Teatro do Estudante, atendendo ao convite do dramaturgo Paschoal Carlos Machado, que dirigiu a peça. O TEN não teve sede própria e durante um tempo utilizou espaço cedido pela União Nacional dos Estudantes (UNE) para ensaiar suas peças. Segundo Nascimento a aliança entre TEN e UNE durou até o momento em que ele e Sebastião Rodrigues Alves passaram a ser questionados e olhados com desconfiança por terem feito parte da AIB no passado, sendo também acusados de praticarem um “racismo negro”, representando também o perigo de criarem um “divisionismo racial” na classe trabalhadora. Não podendo mais utilizar a sede da UNE, o TEN passou um tempo ensaiando entre as colunas do Palácio da Cultura, na rua, até que Bibi Ferreira cedeu o sótão do Teatro Fenix, do qual era concessionária.

Em seu ano de fundação o TEN contou com o apoio do escritor Aníbal Machado e do jornalista Carlos Lacerda (que viria a ser vereador em 1945, deputado federal entre 1947 e 1955 e governador da Guanabara de 1960 a 1965)¹³². Importante ressaltar que ao longo de sua trajetória, principalmente nos primeiros anos de vida do teatro negro, Abdias do Nascimento teve aliados e opositores de diferentes tendências políticas: na esquerda, na direita, e nos diferentes matizes do trabalhismo. Do mesmo modo que teve o apoio de Lacerda e do senador Hamilton Nogueira, ambos da União Democrática Nacional (UDN), principal partido de oposição ao varguismo, obteve também o apoio do presidente Getúlio Vargas. A estreia do grupo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, resultou de uma conversa entre Nascimento e o próprio Vargas, que providenciou o espaço para a primeira apresentação do TEN. Esta conversa ocorreu em uma reunião

¹³¹ Guerreiro Ramos também introduziu no grupo a abordagem do racismo na perspectiva da psicologia social e da psiquiatria. Em 1950 ele dirigiu o Instituto Nacional do Negro – centro de estudos criado pelas lideranças do TEN – onde também esteve a frente do “Seminário de Grupoterapia”. Ver: Muryatan Barbosa, *Guerreiro Ramos e o Personalismo Negro*.

¹³² O estado da Guanabara existiu entre 1960 e 1975, no território do atual município do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal.

organizada por Pachcoal Carlos Machado entre a comunidade do teatro e o presidente da república.

No dia 8 de maio de 1945 o TEN estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (reduto da elite artística representante da comunidade branca carioca) com a peça *O Imperador Jones* do dramaturgo norte-americano Eugene O’Neill, aquela mesma que Nascimento vira em Lima no ano 1941 encenada pelo ator branco Hugo D’Evieri, pintado de preto no papel principal. A data de estreia coincidiu com a vitória das forças aliadas contra o nazi-fascismo, o fim na segunda guerra mundial. Neste dia grupos da elite carioca que pretendiam utilizar o Teatro Municipal para um evento de comemoração do fim da guerra, tentaram impedir a apresentação do TEN, mas não conseguiram, pois o espaço fora cedido ao grupo sob orientação do próprio presidente da república dada ao então prefeito do Distrito Federal Henrique Worth.

Nascimento se correspondeu com O’Neill que cedeu os direitos autorais desta e de outras peças de sua autoria que abordavam questões raciais e tinham personagens negras nos papéis principais. Em carta endereçada à Abdias, O’Neill autorizou a encenação de *O Imperador Jones* isentando o TEN de despesas com direitos autorais, desejando sucesso ao grupo, e afirmando que nos EUA até 1920, antes da estreia desta peça em Nova Iorque, o negro também era excluído dos papéis principais na produção dramática:

“You have my permission to produce ‘The Emperor Jones’ without any payment to me, and I want to wish you all the success you hope for with your Teatro Experimental do Negro. I know very well the same conditions you describe in the Brazilian theatre. We had exactly the same conditions in our theatre before ‘The Emperor Jones’ was produced in New York in 1920 – parts of any consequence were always played by blacked-up white actors. (This, of course, did not apply to musical comedy or vaudeville where a few negroes managed to achieve great success). After ‘The emperor Jones’, played originally by Charles Gilpin and later by Paul Robeson, made a great success, the way was open for the negro to play serious drama in our theatre. What hampers him most now is the lack of plays, but I think before long there will be negro dramatists of real merit to overcome this lack”¹³³.

O Imperador Jones foi ao palco pela primeira vez em Nova Iorque (EUA) em

133 Eugene O’Neill, *Carta de Eugene O’Neill a Abdias Nascimento autorizando a encenação da peça “O Imperador Jones”*, sem pagamento dos direitos autorais. São Francisco, 06/12/1944. Acervo Digital IPEAFRO, consultado no dia 24/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/o-imperador-jones-1/>

1920 com o ator negro Charles Gilpin no papel principal, sendo posteriormente substituído por Paul Robeson. A peça narra a trajetória de Brutus Jones, um negro estadunidense que trabalhou como cobrador de trem em companhias ferroviárias e após um período de encarceramento foge para uma ilha no Caribe onde através de artimanhas aprendidas nos meios em que viveu nos EUA autoproclama-se imperador. Quando os habitantes da ilha tornaram-se insatisfeitos com o autoritarismo de Jones e seus desmandos políticos, tem início uma rebelião e Jones foge para a floresta, onde vive delírios ao som de tambores africanos, atormentado por seu passado nos EUA, e temendo a perseguição dos seus antigos súditos na ilha. O texto original em inglês foi traduzido para o português por Ricardo Werneck de Aguiar, amigo de Abdias da época em que militou na AIB.

A escolha desta peça para a estreia pode estar relacionada não apenas ao fato de tratar-se de uma obra com negros nos papéis principais (e um elenco predominantemente negro), mas também ao fato de o autor da obra, Eugene O'Neill, ser renomado dramaturgo estadunidense, ganhador do Premio Nobel de Literatura em 1936. Montar a peça de um autor reconhecido internacionalmente, feita para atores negros atuar ajudaria o grupo a legitimar sua proposta de ter negros atuando em peças feitas para eles (e com o tempo atuar em peças feitas por eles mesmos). O TEN foi a primeira companhia de teatro a encenar peças de O'Neill no Brasil. Há controvérsias em torno desta peça de O'Neill quanto à sua eficácia em representar o negro livre de estereótipos raciais, porém, trata-se de um trabalho onde o ator negro pode expressar sua arte dramática em papéis diferentes daqueles que lhe era atribuído na Comédia de Costumes e no Teatro de Revista, onde o negro era retratado em papéis exacerbadamente cômicos, eróticos (neste caso as mulheres negras), em personagens de pouca expressão dramática¹³⁴.

O TEN estreou com esta peça no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1945 com a direção de Abdias do Nascimento, iluminação e cenários do artista plástico Enrico Bianco (assistente de Candido Portinari) e música do maestro Abigail Moura e sua Orquestra Afro-Brasileira. O elenco principal teve Aguinaldo Camargo (protagonizando o imperador Brutus Jones) José da Silva, Arinda Serafim, Natalino Dionísio, Fernando Oscar de Araújo e Sadi Cabral. Outros alunos do TEN atuaram como figurantes. No dia

134 Macedo, 2005; Mendes, 1993; Moura, 2008; Rosa, 2007.

da estreia, antes da encenação da peça de O'Neill, o grupo realizou um recital com poesias de autores negros de diferentes nacionalidades como Langston Hughes (EUA), Regino Pedroso (Cuba) e Aladir Custódio (Brasil/RJ). A segunda montagem da peça em 29 de julho do mesmo ano teve a atriz Ruth de Souza no papel antes interpretado por Arinda Serafim. Esta peça foi encenada pelo TEN quatro vezes, sendo a última temporada no Teatro São Paulo em 1953¹³⁵.

Na ocasião da estreia do TEN com a peça *O Imperador Jones*, Henrique Pongetti considerou aquele evento como “a primeira grande manifestação de arte dramática do negro Brasil”. “Uns negros bem vestidos e bem falantes” revolucionavam aquele espaço – o Teatro Municipal do Rio de Janeiro – até então restrito à ostentação do luxo das elites cariocas. Pongetti elogiou a atuação de Aguinaldo Camargo no papel de Brutus Jones (protagonista), se surpreendendo com a profunda dramaticidade daquele advogado que a pouco tempo se iniciava no teatro, afirmando que: “Os negros do Brasil – e os brancos também – possuem agora um grande ator dramático: Aguinaldo de Oliveira Camargo. Um anti-escolar, rústico, instintivo grande ator”. O jornalista também elogiou o cenário de Enrico Bianco, feito com pouco recurso material, porém, com muito talento¹³⁶.

O fato de o grupo, ainda iniciante, ter escolhido a peça de um autor consagrado como O'Neill, cuja dramaticidade exigiria experiência cênica, gerou no meio artístico um clima de desconfiança em relação a capacidade do TEN executar a obra escolhida para sua estreia. A exclusão dos negros no protagonismo da produção e do elenco no teatro brasileiro, também foi um agravante para a desconfiança sobre o potencial artístico daquele grupo cênico de afro-brasileiros. Porém, ao contrário do que parte de uma “elite artística” esperava, o grupo demonstrou qualidade em sua estreia, sendo bem recebido por parte dos jornalistas e críticos. A respeito disso, Franklin de Oliveira escreveu um artigo para a *Revista do Globo* afirmando:

“A experiência venceu assim o ceticismo dos que acham que o negro brasileiro é apenas um elemento decorativo, capaz de satisfazer o riso e a sede de exotismo dos turistas. O Teatro Experimental do Negro deixou ancoras na sensibilidade de um

135 Rosa, 2007. P.47-48

136 Henrique Pongetti, “Branços e Negros”. *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 20, nº5830, 10 de maio de 1945. Coluna Cara ou Coroa. Acervo digital Abdias Nascimento/IPEAFRO, consultado em 24/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/o-imperador-jones-1/>

público muito displicente e pouco crente na capacidade dramática de homens que até ontem tinham de apresentar, apenas como manifestação de arte, o elementar ritual mágico das macumbas. Com esta primeira etapa vencida, o Teatro Experimental do Negro prepara-se, agora, para novas realizações, que se vão fazer ainda através da genialidade de Eugene O'Neill com 'Todos os Filhos de Deus Têm Asas' (... e os negros também), e possivelmente também ainda através da rebeldia primitiva e elementar de Richard Wright, com o 'Filho Nativo', romance que Orson Welles já adaptou para o teatro e que durante dois anos foi um dos maiores êxitos da Broadway, na interpretação vigorosa de Canadá Lee¹³⁷.

O romance de Richard Wright não chegou a ser adaptado para o teatro pelo grupo. No entanto, foram ao palco outras peças de O'Neill com temática racial e negros no papel principal como: *Todos os filhos de Deus tem asas* (dirigida por Aguinaldo Camargo) e *O Moleque Sonhador* (dirigida por Willy Keller), ambas também traduzidas por Ricardo Werneck de Aguiar. Em 1946; o TEN comemorou seu aniversário de dois anos no Teatro Regina, no Rio de Janeiro, onde encenou *O Moleque Sonhador* de O'Neill, *O remorso do negro Damião* de Graça Mello, adaptado do livro *Terras do Sem-Fim* de Jorge Amado, e a cena II do ato V de *Otelo*, de William Shakespeare, traduzido por José Carlos Lisboa e dirigido por Willy Keller. Abdias Nascimento interpretou Otelo contracenando com Cacilda Becker no Papel de Desdêmona. A comemoração também contou com a presença do diretor Ziembinski, das atrizes Maria Della Costa e Olga Navarro, do dramaturgo e ator Procópio Ferreira, e a colaboração da companhia *Os Comediantes*¹³⁸. A presença de figuras importantes do teatro brasileiro na comemoração do segundo aniversário do TEN demonstra a legitimidade que o grupo de Nascimento atingira entre os artistas cênicos naquela época.

Em 1947 o TEN iniciou uma fase de trabalhos cênicos a partir de produções de autores brasileiros. Em março deste ano o grupo produziu no Teatro Fenix, o *Festival Castro Alves*, em colaboração com a *Universidade do Povo*, um recital com poesias do "poeta dos escravos", dentre as quais: *Adeus meu canto*, *Mater Dolorosa*, *Navio Negreiro*, *Vozes d'África*, *Lúcia*. Apesar de tratar-se de uma homenagem à Castro Alves, o grupo também recitou o poema *Sempre o mesmo* do poeta afro-estadunidense Langston Hughes. Em agosto do mesmo ano, o TEN em colaboração com a companhia Os

137 Franklin de Oliveira, "Eles também são filhos de Deus", *Revista do Globo*, 11/08/1945, in: Abdias Nascimento (org.), *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*.

138 Rosa, Idem. P.49-50

Comediantes, participou do espetáculo *Terras do sem-fim*, a já mencionada adaptação de Graça Mello para o romance de Jorge Amado, encenado no Teatro Ginástico. A peça foi dirigida por Zigmunt Turkov, com cenários de Santa Rosa e músicas de Dorival Caymmi. No elenco: Aguinaldo Camargo, Cacilda Becker, David Conde, Graça Mello, Jackson de Souza, Jardel Filho, José de Magalhães Graça, Joseph Guerreiro, Margarida Rey, Maria Della Costa, Nieta Junqueira, Ruth de Souza, Sandro Polloni, Tito Fleury, Waldir Moura, Wallace Vianna, Yara Isabel e Ziembinski¹³⁹.

O *Filho Pródigo* de Lúcio Cardoso, com estreia em 05 de dezembro de 1947 no *Teatro Ginástico* do Rio de Janeiro, marcou o início de um período de encenação de peças escritas especialmente para o grupo. Teve uma segunda montagem realizada em 02 de maio de 1953 no Teatro São Paulo, e uma terceira montagem em julho de 1955 no Teatro Carlos Gomes no RJ. Em seguida viria *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro, estreando em 23 de dezembro de 1948 no Teatro Ginástico, e *Filhos de Santo*, de José de Moraes Pinho, estreando em 27 de março de 1949 no Teatro Fenix, cedido por Bibi Ferreira com temporada às segundas-feiras. Estas três peças, como a maior parte dos trabalhos encenados pelo grupo, foram dirigidas por Abdias Nascimento.

Em abril de 1949 o TEN faz um ensaio aberto do Ato I de *Calígula* com a presença do autor da peça, Albert Camus, que na ocasião visitava o Brasil. Camus cedeu os direitos autorais da peça para que o grupo a encenasse. Esta concessão, assim como a confirmação da presença do autor no evento ocorreu através de correspondências trocadas entre Camus e Abdias no ano anterior (1948). O texto de *Calígula* foi traduzido do francês para o português por Gerardo de Mello Mourão, e encenado no Teatro Ginástico com a participação da Orquestra Afro-Brasileira regida por Abgail Moura. O evento contou uma apresentação da bailarina e coreógrafa Mercedes Batista, a presença do poeta Solano Trindade, e do jornalista e escritor Raimundo Sousa Dantas (que entre 1961 e 1964 seria o primeiro embaixador negro do Brasil, exercendo o cargo em Gana). A apresentação de *Calígula* foi seguida pela encenação do segundo ato da peça *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro. O evento foi encerrado com música e dança, dentre as quais, o frevo. Sobre o episódio, Camus registrou em seu *Diário de Viagem*:

139 Moura, *O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas Peças encenadas (1947-1951)*. P.108

“Noite. Alguém vem me buscar. Eu havia esquecido que o grupo negro deveria me mostrar hoje à noite um ato de *Calígula*. O teatro está reservado, não se pode fazer outra coisa. Agasalho-me como se fosse para o Pólo Norte e vou de táxi.

Estranho ver esses romanos negros. E depois, o que me parecia um jogo cruel e vivo tornou-se um arrulhar lento e terno, vagamente sensual. Em seguida, desempenham para mim uma peça brasileira curta, que me agrada muito, e cujo assunto transcrevo:

‘Um homem, frequentador assíduo de macumbas, é visitado pelo espírito do amor. Atira-se então sobre sua mulher, que se deixa por ele enlevar e apaixona-se por esse espírito. Com o mesmo canto, provoca a vinda do espírito tantas vezes quanto possível, o que dá ensejo, no palco, a bacanais animadas. Finalmente, o marido compreende que ela não está apaixonada por ele, e sim pelo Deus, e mata a mulher. No entanto, ela morre feliz, pois está convencida de que se irá encontrar com o Deus que ama.’

A noitada termina com música brasileira, que me parece qualquer outra. Importante, contudo, é que o Brasil seja o único país de população negra que produz canções sem parar. O arremate final é um frevo, dança de Pernambuco, da qual participa a própria platéia, e que é realmente a cantoria mais desenfreada que já vi. Encantadora. Mal chego ao hotel, adormeço como uma pedra para só acordar hoje de manhã às 9 horas, infinitamente melhor”¹⁴⁰.

Alguns órgãos da imprensa – dentre eles: *Diário Carioca*, *Diário do Povo*, *Vanguarda*, *Correio da Noite*, *Letras e Arte*, *Folha Carioca*, *Folha da Manhã* – noticiaram a apresentação de *Calígula* pelo TEN, ressaltando a concessão dos direitos autorais e a presença de seu autor no evento. Henrique Pongetti ressaltou a visita de Camus, ao lado de Abdias Nascimento, à terreiros de candomblé, e comentou que: “Três macumbas intelectuais possuem hoje a cidade: a da Gávea, a de Caxias e a da rua Buenos Aires. Esta manda convites à Academia Brasileira de Letras e às revistas granfinas como ‘Rio’.” Pongetti não identificou os terreiros (as “macumbas”, em suas palavras) pelos nomes, no entanto, é possível que o terreiro de Caxias ao qual ele se refere, seja o de Joãozinho da Goméia, pois este babalorixá era amigo de Abdias Nascimento, e seu terreiro localizava-se nesta região.¹⁴¹ O termo “macumbas intelectuais”, usado pelo jornalista, assim como a afirmação de que uma das *casas de santo* enviava convites para a Academia Brasileira de Letras e para revistas grã-finas, demonstra em parte que

140 Albert Camus, *Diário de viagem*. P.90-91

141 Henrique Pongetti, “Camus e Ogum”, *Folha da Manhã*. São Paulo, 22/07/1949. Ver também: José Pompílio da Hora, “A voz do negro: homenagem.” *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, 29/07/1948; Osmar Ribeiro, “Albert Camus no Teatro Experimental do Negro”. *Vanguarda*, 06/04/1948. Acervo Digital IPEAFRO. Consultados em 29/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-projetos-e-parceiros/camus-e-o-ten-2/>

naquele momento manifestava-se uma aproximação entre lideranças religiosas de matriz afro-brasileira e setores da intelectualidade. Tal fato nos permite pensar tanto o interesse de artistas e acadêmicos pela cultura negra naquele momento, quanto a busca por legitimidade social por parte daquelas lideranças ao se aproximarem de pessoas influentes na sociedade.

A visita aos terreiros também foi registrada por Camus em seu *Diário de Viagem*:

“Quando chego à casa da Sra. M., reina a inquietação. O ‘pai-de-santo’ (padre e primeiro-bailarino), que devia organizar a *macumba*, consultou o santo do dia, que não deu sua autorização. Abdias, o ator negro, pensa, sobretudo, que ele não prometeu dinheiro suficiente para forçar a boa vontade do santo. Seu parecer é de que tentemos, no entanto, numa expedição a Caxias, aldeia dos arredores, a 40 quilômetros do Rio, e que procuremos uma macumba ao acaso. Durante o jantar, deixo que me expliquem as macumbas. São cerimônias cujo propósito parece constante: obter a descida do deus em si, por meio de danças e cantos. O objetivo é o transe. (...)”

Chegando ao topo da colina, ouvimos tambores e cantos bastante longínquos, mas que logo cessam. Caminhamos em direção ao som. Nem árvores nem casa, é um deserto. Mas num vão, vemos uma espécie de hangar, bastante amplo, sem paredes, com vigas aparentes. Estendidas pelo hangar há guirlandas de papel. De repente, entrevejo uma procissão de moças negras, que sobem em nossa direção. Estão vestidas de branco, de seda grosseira, a cintura baixa. Segue-as um homem, trajando uma espécie de casaca vermelha, com colares de dentes multicoloridos. Abdias o detém e o apresenta a mim. A acolhida é séria e cordial. Mas há uma complicação. Eles vão ajuntar-se a uma outra macumba, que fica a vinte minutos a pé, e gostariam que os acompanhássemos. Partimos.”¹⁴²

Além da visita aos terreiros, e da presença na apresentação de sua própria peça pelo TEN, Camus também registrou em seu diário a noite em uma gafeira com Abdias Nascimento. O contato com os cultos religiosos afro-brasileiros inspirou o escritor franco-argelino a escrever o conto “A pedra que aumenta”, publicado em seu livro *O exílio e o reino*. A presença de Camus no evento promovido pelo TEN, assim como parte de seu itinerário no Rio de Janeiro ao lado de Abdias Nascimento demonstra uma legitimidade que o grupo e seu líder vinham conquistando no meio artístico e intelectual, sendo também mais uma prova de aliança entre o grupo e a intelectualidade internacional.

Após a visita de Camus, o TEN prosseguiu com sua fase de trabalhos a partir de

142 Albert Camus, *Diário de viagem*. P.72-73

autores brasileiros. Em 29 de julho de 1952 o TEN encenou pela primeira vez *Rapsódia Negra*, de autoria de Abdias Nascimento, espetáculo que lançou a atriz Léa Garcia e a coreógrafa Mercedes Batista (aluna da coreógrafa e antropóloga estadunidense Katherine Dunham). Os principais quadros da rapsódia eram: África, Noturno em Harlem, Cuba, Imagem do Recife, Ritmos Haitianos, Candomblé e Leilão de Escravos”¹⁴³.

Rapsódia Negra e *Sortilégio*, ambas de autoria de Abdias Nascimento foram escritas no início da década de 1950, quando o autor passava a demonstrar um interesse cada vez maior pela cultura de matriz africana, e a incluí-la como parte de identidade cultural do negro brasileiro. Neste aspecto o candomblé foi elemento privilegiado pelo autor, provavelmente: 1) por sua aproximação na vida cotidiana através da amizade com sacerdotes e adeptos da religião, que lhe possibilitava um conhecimento prático do assunto através da vivência; 2) pela legitimidade que a religião ganhava entre estudiosos dos quais Abdias era próximo como Roger Bastide, Édison Carneiro e Arthur Ramos (falecido em 1949), lhe possibilitando um contato mais aprofundado com os debates teóricos sobre o assunto; 3) pelas possibilidades estéticas e temáticas que a religião dos orixás oferecia ao trabalho cênico do teatro negro, através de sua musicalidade, coreografia, seu repertório mitológico, e por fazer parte do que naquele momento era entendido pela intelectualidade como ‘reminiscências’ da África no Brasil.

Em agosto de 1952, Eneida escreveu um artigo sobre *Rapsódia Negra* no *Diário Carioca*, demonstrando a legitimidade que Nascimento vinha adquirindo como liderança negra (o texto se refere mais ao líder do que ao TEN, ali caracterizado como ‘troupe Abdias Nascimento’), e como conhecedor e divulgador (mensageiro, ou representante) da cultura de matriz africana (neste caso o candomblé) no meio artístico. Tal posição de prestígio que Eneida atribui a Abdias, é ressaltada na diferenciação feita entre ‘candomblés legítimos’ nos quais o TEN teria buscado suas referências, e ‘candomblés para turista ver’ (embora Eneida demonstre, no trecho a seguir, uma visão repleta de exotismo, própria de alguém que desconhece a religião dos orixás):

“Considero um candomblé um dos mais belos espetáculos que no Brasil se possa assistir. Aquelas canções cujas palavras ninguém entende, canções que vêm através de gerações e gerações sendo adulteradas, mas que sobem no ar com existência real

143 Rosa, *Ibidem*. P.50-55

numa língua que ninguém sabe se africana ou português; os corpos que se agitam, as danças que de começo são leves, mais gestos de mãos que de pés e que, subitamente, quando o santo baixa se transfiguram, se agitam. Corpos que adquirem até uma nova forma, numa coreografia estranha que não teme a idade do *cavalo* (ou médium, como quiserem) nem os quilos que ele pesa. O Candomblé que a troupe Abdias Nascimento apresenta é realmente muito bom. Quem nunca tiver visto um legítimo candomblé (cuidado! A cidade está cheia de candomblés para turista ver) poderá ter uma ideia verdadeira do que ele é, assistindo aos artistas de Abdias no décimo quadro da *Rapsódia Negra*.¹⁴⁴

Na peça *Sortilégio* o candomblé é um dos elementos centrais em torno do quais o enredo se desenvolve. A peça narra a trajetória de Dr. Emanuel (personagem fictícia), advogado negro de classe média, em uma sociedade racista (o Brasil), que ao longo de sua vida afastou-se do seu grupo de origem e rejeitou aspectos culturais e costumes que o identificasse como negro. Formou-se em direito, adotou hábitos comuns entre os homens brancos de classe média, rejeitou sua noiva negra para casar-se com uma mulher branca. Emanuel associava as religiões de matriz africana à superstição e ao atraso social e cultural.

Por mais que Emanuel tentasse ‘branquear-se culturalmente’, ele não conseguiria fugir de sua epiderme e, conseqüentemente, da condição de ser negro em uma sociedade racista. Mesmo ascendendo socialmente, obtendo diploma e anel de doutor, casando-se com uma mulher branca, e frequentando ambientes em que os negros em geral não tinham acesso, Emanuel ainda não seria visto e recebido como um ‘igual’, continuaria sendo o ‘outro’, o negro. Tomado por conflitos existenciais e psicológicos, o advogado negro assassina a esposa branca, foge para um morro onde se depara com uma oferenda para Exu. O enredo se desenvolve com a personagem, diante dessa oferenda para o orixá mensageiro, revivendo através de delírios episódios de sua vida envolvendo situações de discriminação e preconceito racial, tentativas de negação de sua própria identidade.

Sortilégio expõe o racismo da sociedade brasileira e busca explorar conflitos existenciais e psicológicos do negro que adere ao ‘branqueamento cultural’ como via de ascensão e integração social. A peça foi escrita por Abdias do Nascimento em janeiro de 1951, porém, foi censurada, podendo estrear apenas em agosto de 1957 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e em outubro do mesmo ano no Teatro Municipal de São

144 Eneida, “Ao som de atabaques e tambores”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 31/08/1952, in: *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. P.113

Paulo. A censura ocorreu sob a acusação de *Sortilégio* pretender tornar “tensas as relações entre brancos e pretos (...)”, explorando a temática das relações raciais no Brasil “de modo corrompido, e em linguagem menos sadia”, de acordo com um parecer da ‘Divisão de Diversões Públicas em São Paulo’, datado de 19 de maio de 1953, escrito pelo censor de nome Álvaro Adamo. Este documento trata-se de uma resposta negativa a um recurso, enviado por Abdias à esta ‘Divisão’, tentando suspender a censura da peça¹⁴⁵.

Em 1957, a peça estreou com direção de Léo Jusi, cenários de Enrico Bianco. No elenco: Abdias do Nascimento, Lea Garcia, Helba Nogueira, Ítalo de Oliveira, Heloisa Hertã, Stela Delfino, Matilde Gomes, Amoa, Ana Peluci, Edi dos Santos, Marlene Barbosa e Conceição do Nascimento. Os figurinos feitos por Júlia Van Rogger contam com máscaras de Omulu, o cenário feito por Cláudio Moura conta com ídolos religiosos africanos, a trilha sonora regida por Abgail Moura e executada pela Orquestra Afro-Brasileira, é marcada pela música litúrgica dos candomblés.

2.3 O TEN e o negro no teatro brasileiro

Miriam Garcia Mendes em seu livro *O negro no teatro brasileiro* aponta para a presença de um tipo de teatro negro no Brasil na segunda metade do século XVI “quando, no período natalino os escravos promoviam representações de seus autos profanos: a Congada, ou Congo, as Taieiras, o Quicumbre, os Quilombos”, danças dramáticas de origem africana reelaboradas no período colonial sob influência dos autos portugueses e franceses da Idade Média¹⁴⁶. Estas danças dramáticas populares de origem africana distinguem-se do teatro de formato europeu, porém, a influência ibérica nelas pode ser identificada nos *autos* que reverenciam figuras do catolicismo como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, São Sebastião, o Divino Espírito Santo, e

145 Álvaro Adamo. [*Sortilégio*]. São Paulo, 19 de maio de 1953. *Parecer da Divisão de Diversões Públicas em São Paulo*. Acervo Digital IPEAFRO, consultado em 23/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/sortilegio-misterio-negro/>

146 Miriam Garcia Mendes, *O negro no teatro brasileiro*. P.48

outros¹⁴⁷.

Mendes nos informa que entre a segunda metade do século XVIII e os primeiros anos do século XIX existiam companhias teatrais profissionalizadas com elencos predominantemente formados por negros e mestiços, escravos ou libertos que interpretavam personagens brancas com as mãos e os rostos pintados de branco.

“Alguns desses negros chegariam a ser famosos atores, como Vitoriano, ex-escravo, que em 1790 maravilhou o público presente aos festejos promovidos por um Toledo Rendon, de Cuiabá, com seu desempenho na peça *Tamerlão na Pérsia*. Dois outros escravos, o par Caetano Lopes dos Santos e Maria Joaquina, também se notabilizaram nos papéis de Rei e Rainha de Congada, espetáculo apresentado no Rio de Janeiro, em 1811, com enorme sucesso”¹⁴⁸.

Esta presença de negros e mestiços no teatro é explicada pelo fato de a profissão de ator neste período ser considerada desprezível e infame. Em meados do século XIX, quando o teatro torna-se um espaço de requinte para as classes dominantes, os negros e mestiços são tirados de cena. A partir de então as personagens negras, quando aparecem, passam a ser interpretadas por atores brancos pintados de preto.

Um gênero teatral bastante disseminado no Brasil a partir de meados do século XIX até as primeiras décadas do XX, foi a *comédia de costumes*. Trata-se de um gênero que se utiliza da sátira para retratar temas de uma determinada sociedade em uma época específica (os dramaturgos desse gênero geralmente abordam a sociedade de seu próprio tempo). Suas origens são atribuídas aos dramaturgos franceses Molière (1622-1673) e Pierre Corneille (1606-1684). O primeiro autor que escreveu peças desse gênero no Brasil foi Martins Pena, considerado por seus contemporâneos como “o Molière brasileiro”¹⁴⁹.

De 1850 até a abolição em 1888 a imagem veiculada sobre o negro no teatro brasileiro se resumia à figura do escravo, reforçando a ideia de que “negro” e “escravo” eram equivalentes ou sinônimos – ser negro era ser escravo –, mesmo quando a proporção de negros alforriados tornava-se cada vez mais significativa, como ocorria

147 Auto é uma “denominação genérica dada às representações teatrais na Península Ibérica desde o século XIII. Aplicava-se indistintamente às composições dramáticas de caráter religioso, moral ou burlesco”.

Guinsburg, Faria e Lima (coord.), *Dicionário do Teatro Brasileiro: temas formas e conceitos*. P.48

148 Miriam Garcia Mendes. Idem. P.48

¹⁴⁹ Guinsburg, Faria e Lima (coord.), Idem. P.97

naquele período¹⁵⁰. Esta imagem do negro escravo, levada aos palcos do teatro, era carregada da ideologia racista de Agassiz, Lombroso, Gobineau e tantos outros ideólogos – na época reconhecidos como ‘homens de ciência’ – que classificavam o negro como menos dotado de humanidade (ou completamente destituído dela) do que o branco. O resultado era a criação de personagens secundárias e sem valor dramático como nas peças do referido fundador da comédia de costumes no Brasil, Martins Pena, *Juiz de Paz na roça* (1843), *Um sertanejo na corte* (1833-37), *O namorado*, *A noite de São João* (1844), *O cigano* (1845), onde as personagens negras sequer têm nome, são identificadas como “um mulato escravo”, “dois negros”, “negros e moleques” “mucamas”; ou quando tinham algum valor dramático eram personagens caracterizadas por “vícios naturais” da raça.

Estas também são características das personagens negras das peças do romântico/realista José de Alencar, *O demônio familiar* e *A mãe* ambas de 1857, onde os negros são maliciosos, malandros, mentirosos, invejosos e até mesmo “ingratos” com seus senhores, como a personagem Pedro de *O demônio familiar*; ou extremamente submissos, passivos e ingênuos, como Joana de *A mãe*. Outro estereótipo que marcou a representação do negro nas artes cênicas brasileiras é a “mulata sensual” como a personagem Carlota de *Gonzaga ou a Revolução de Minas* (1867) de Castro Alves, e Benvinda da peça *A Capital Federal* (1897) do dramaturgo de revista Arthur Azevedo que encarna a tipificação da “mulata libidinoso”¹⁵¹. Cada peça e autor mencionado neste parágrafo têm suas peculiaridades estéticas, temáticas e políticas, mas servem para exemplificar a persistência de alguns estereótipos sociais, historicamente construídos sobre os negros, nas artes cênicas.

Na primeira metade do século XX o “teatro de revista” foi um gênero bastante disseminado no Brasil. Semelhante à comédia de costumes, o teatro de revista polemiza e satiriza os hábitos comuns na sociedade e a vida política de sua época. Os textos geralmente são cômicos, irônicos, com trocadilhos de duplo sentido e metáforas maliciosas. São temas correntes: casamentos arranjados, subornos, conflitos entre valores morais na cidade e no campo, artimanhas políticas, o mau funcionamento das instituições políticas, civis e religiosas, desarranjos entre classes sociais, os estrangeirismos, entre

150 Mendes, *Ibidem*.

151 Christian Moura, *O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas peças encenadas*. P.25-31

outros. Era comum nesta vertente cênica, a comicidade dos acontecimentos culturais sociais e políticos, e a utilização de “personagens tipos” (personagens que representam uma coletividade ou um grupo) como o malandro, a mulata, o português, o imigrante (italiano), o caipira. Os enredos tinham como pano de fundo a vida operária, os cortiços, favelas e subúrbios, os costumes públicos e privados das famílias rurais e urbanas, o cenário político; na década de 1920 eram ironizados a queda de antigas oligarquias e a crise política da República Velha. Os números musicais eram comuns neste tipo de teatro: havia quadros com ritmos nacionais, principalmente o samba, o maxixe e marchas carnavalescas¹⁵². Luiz Peixoto e Carlos Bittencourt formam os dois autores que mais se destacaram no teatro de revista. No entanto o gênero também contou com dramaturgos como Armando Gonzaga, Leopoldo Fróes, Oduvaldo Vianna, Procópio Ferreira e Viriato Correa. Dentre os compositores que tiveram importância para o teatro de revista estão Ari Barroso, Sinhô, Assis Valente e Noel Rosa¹⁵³.

Do gênero de revista, a peça *Forrobodó* (1912) de Luís Peixoto e Carlos Bittencourt, com música da compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga, se utiliza de uma série de estereótipos atribuídos aos negros: mulata dengosa e casadoira, mulata sensual, mulato capoeirista briguento, malandro festeiro e avesso ao trabalho. Na comédia de costumes *Terra Natal* (1920) de Oduvaldo Vianna as personagens negras são os empregados da fazenda: Benedicto, um menino peralta, engraçado e ignorante; Felisbina, menina dócil, ingênua, e ignorante; e Carmen, “mulata faceira”, prostituta carioca¹⁵⁴.

O teatro de revista buscava representar os “tipos populares” e ao longo da primeira metade do século XX tornava-se cada vez mais um gênero de expressão popular e nacional, pois trazia, tanto nos enredos, quanto nos cenários e nas trilhas sonoras de suas peças, elementos que remetiam aos ideais de cultura nacional buscados pelos artistas e intelectuais da época, como por exemplo a mestiçagem – o português apaixonado pela mulata sedutora era um tema recorrente – e os ritmos nacionais, como o samba e as marchinhas carnavalescas, tidos como expressões do povo. Neste contexto artistas negros e mestiços começaram a aparecer, e divulgar seu trabalho nos palcos através do gênero da

152 Moura, Idem. P. 31-37

153 Guinzburg, Faria, Lima (coord.), *Dicionário do Teatro Brasileiro. Temas formas e conceitos*. P.296-297

154 Moura, 2008. P.37-41

revista.

A presença do negro no teatro brasileiro do século do XIX até as duas primeiras décadas do XX se restringia à participação como músico, junto à orquestra que geralmente não aparecia no palco (ficava escondida em um fosso entre o palco e a plateia). O artista negro era impedido de mostrar-se. Na década de 1920, os músicos começam a aparecer nos palcos onde eram apresentadas peças do teatro de revista, e passa a ser destacada a presença das coristas, muitas delas negras ou mestiças¹⁵⁵.

Em julho de 1926 no Rio de Janeiro, no Teatro Rialto, estreou o primeiro grupo de teatro formado por atores e atrizes negras, a Companhia Negra de Revistas, fundada pelo artista baiano João Candido Ferreira, também conhecido como De Chocolat, e pelo cenógrafo português Jaime Silva, reunindo atores, atrizes e músicos, alguns dos quais já consagrados na época: Bonfiglio de Oliveira, Alfredo da Rocha Vianna Filho (mais conhecido como Pixinguinha), Guilherme Flores, Jandira Aimoré e Rosa Negra; ainda desconhecidos do público na época: Dalva Espíndola, Mingote e Osvaldo Viana. A companhia durou um ano, dissolvendo-se em julho de 1927, porém seis meses antes de findar, integrou-se ao grupo um ator que se tornaria a principal atração, Sebastião Bernardes de Souza Prata, na época com 11 anos de idade, apelidado de Pequeno Otelo, que se tornaria o renomado ator – também compositor e cantor – Grande Otelo¹⁵⁶.

Monsieur De Chocolat, é o apelido que João Candido Ferreira ganhou quando esteve excursionando em um festival de variedades artísticas em Paris, naquela mesma década de 1920. Já mencionamos no capítulo anterior o crescente interesse pela cultura – principalmente pela arte – de matriz africana entre os artistas europeus de vanguarda nas primeiras décadas do século XX. Neste período, artistas afro-americanos, sobretudo músicos e dançarinos, ganharam destaque nos palcos da capital francesa, onde crescia o interesse pelo jazz e ritmos afro-caribenhos. Em 1925 no teatro do Champs-Élysées estreou o espetáculo *Revue Nègre* que tinha como atração principal a dançarina negra estadunidense Josephine Baker, acompanhada por um grupo de dançarinas afro-americanas. Este espetáculo influenciou De Chocolat a fundar, quando retornou ao Brasil, a Companhia Negra de Revistas, considerada a primeira companhia teatral afro-

155 Jeferson Bacelar, “A história da Companhia Negra de Revistas”. P.438

156 Bacelar, “A história da Companhia Negra de Revistas”; Moura, *O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas peças encenadas*.

brasileira¹⁵⁷.

Dentre as dificuldades enfrentadas pela CNR, além da escassez financeira, houve a recepção negativa permeada de racismo por uma parte do público, da crítica e da comunidade artística. Jornais da época como *A Rua*, os acusavam de estarem imitando o espetáculo parisiense *Revue Nègre*. A modernista Tarsila do Amaral considerava pedante o nome “De Chocolat”, assim como considerou pedante a atuação deste artista no palco. Quando alguns setores da classe teatral, dentre eles a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, souberam que uma empresa Argentina convidava a Companhia para uma excursão na Argentina e no Uruguai, organizaram-se então para impedir que fosse levado tal “imagem negativa” do Brasil para os países vizinhos. O antropólogo Jeferson Bacelar comenta o episódio:

“Uma revista do Rio de Janeiro especializada em teatro, entre outras considerações, arguiu: “Não é o caso dos poderes públicos, principalmente do Ministério das Relações Exteriores, evitar essa propaganda do nosso país e, logo onde, na República vizinha e amiga?”. A notícia repercutiu na SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), que, com grande relação com os circuitos do poder, reuniu seu Conselho Deliberativo e deliberou contra a excursão, pois, como a mesma “redundará em descrédito do nosso país, a SBAT, como lhe cumpre, irá agir energicamente a fim de impedir a consumação desse atentado aos foros de nossa civilização”. Foram além, declarando que iriam constituir uma comissão para convencer a Companhia a desistir de seu intento e, caso insistisse, teria a SBAT “de agir por meios mais eficazes”. A Companhia não apenas desistiu da excursão, ali foi passado também seu atestado de óbito”¹⁵⁸.

A Companhia Negra de Revistas, estilizou os números do gênero de revista com danças e canções inspiradas na cultura afro-brasileira e afro-americana, e suas peças constantemente faziam menção à cor negra, como um marcador identitário, uma demonstração de que os negros não deveriam ter receio em assumirem-se negros, ainda que essa identidade fosse baseada em estereótipos, um tanto pejorativos, correntes na época, como demonstram os títulos das peças *Carvão nacional*, e *Café torrado*. Outros espetáculos apresentados pela companhia foram, *Preto e branco*, e *Tudo Preto* (com o qual estreou). A originalidade da Companhia Negra de Revistas está no fato de ser um grupo teatral onde os negros eram protagonistas da elaboração e execução das atividades

157 Bacelar, Idem; Moura, Idem.

158 Bacelar, Ibidem. P.443

cênicas. A presença dos atores, atrizes e músicos negros (executando música de matriz negra) exemplifica a organização de um grupo afro-brasileiro com o objetivo de afirmar-se através das artes diante de uma sociedade onde os negros eram marginalizados e excluídos de espaços reservados aos brancos, dentre eles o teatro. Evidentemente trata-se de uma iniciativa pioneira ao incluir o negro como protagonista nas artes cênicas, porém, cabe lembrarmos que a CNR, embora representasse também uma renovação estética nos palcos, não ultrapassou os limites das imagens estereotipadas referente aos negros, veiculadas nos demais espetáculos do teatro brasileiro de sua época.

Na década de 1940, os fundadores do TEN persistiram no objetivo de inserir o negro como protagonista nas artes cênicas, porém, não há outra semelhança além desta entre o grupo de Nascimento e companhia de Chocolat da década de 1920. É recorrente nos depoimentos e textos de Nascimento a diferenciação pautada entre o TEN e o que tradicionalmente vinha sendo produzido referente aos negros no teatro brasileiro desde o século XIX até a primeira metade do XX. As diferenças entre as companhias teatrais de Chocolat e de Nascimento associam-se à distinção entre o contexto histórico da década de 1920 e o da década de 1940. A CNR existiu na “Primeira República” no período em que o movimento negro brasileiro era representado principalmente pela imprensa negra e pelos clubes sociais e associações de caráter recreativo. Podemos dizer que a fundação da CNR faz parte de um mesmo movimento reivindicativo de espaço para os afro-brasileiros na sociedade civil e na cultura nacional, a partir de seus próprios periódicos e associações comunitárias, mas não há um vínculo organizativo direto entre a companhia de Chocolat e as entidades sociais negras daquela época. Salvo o contexto de reivindicações pela integração social dos afro-brasileiros, a CNR existiu independentemente dos jornais, clubes e associações negras.

O TEN é fundado no fim da segunda guerra mundial e do Estado Novo varguista, duas décadas depois da CNR. O movimento negro já tinha em sua história a Frente Negra Brasileira, que foi uma organização política e de massas, pela qual Abdias Nascimento havia passado, adquirindo experiência política e de organização. Na escolha das peças e na atuação em palco, o grupo de Abdias buscou superar estereótipos em torno das personagens negras, recorrentes nas comédias de costumes e no teatro de revista (ao qual a CNR vinculava-se). As peças do TEN se desvinculavam daquelas que se restringiam a

apresentar o afro-brasileiro em tipos como o escravo, o moleque da fazenda, o malandro avesso ao trabalho, o capoeirista encenqueiro, a mulata sensual e assanhada, a big mommy, rompendo, deste modo, com as representações estereotipadas do negro difundidas nos meios artísticos e intelectuais de sua época. As personagens também deixaram de ter como características principais a preguiça, a postura desastrada e atrapalhada, a burrice ou a libido exagerada. O TEN não apenas incluiu os negros como protagonistas nos palcos, como também ampliou as possibilidades de os atores trabalharem sua dramaticidade, para além dos limitados papéis que até então eram reservados a eles.

A ruptura com estereótipos em alguns casos levou Abdias Nascimento a se utilizar da substituição de uma imagem essencializada do negro por outra, por exemplo: na peça *Sortilégio*, de sua autoria, – já mencionada – a imagem do negro cristão de classe média que assimilou os valores eurocêntricos tem como contraponto o negro adepto do candomblé que rejeita todos os valores identificados na ‘cultura do opressor’. É o caso da personagem Dr. Emanuel, que se liberta (simbolicamente) da opressão branca diante de um ebó (oferenda) para Exu, revendo episódios de sua vida, dentre eles traumas, situações de preconceito e discriminação racial, o afastamento de suas origens étnico-culturais em busca de aceitação em uma sociedade racista. Durante o processo de libertação, Dr. Emanuel, negro e advogado, vai se desvinculando de tudo que o prende ao ‘mundo dos brancos’, inclusive de sua esposa branca (assassinada por ele) e seu anel de doutor, fazendo uma espécie de retorno simbólico à África através da negação do que o autor identifica com os ‘valores culturais dos brancos’, e da adesão aos ‘valores culturais negros de matriz africana’, representados ali no candomblé. Porém, se podemos falar em uma ‘substituição de estereótipos’ (considerando que ambas imagens, ‘negro assimilado’ e ‘negro liberto’, nesta peça têm um perfil essencializado) é necessário considerarmos a diferença entre a imagem inferiorizada – o tratamento como objeto – que o negro tinha no teatro brasileiro até aquele momento, e o protagonismo que o negro recebeu nas peças produzidas e encenadas pelo TEN. O grupo de Abdias Nascimento se dedicou a incluir o negro enquanto narrador e sujeito de sua própria narrativa, seja nos palcos ou nos estudos sobre o negro, se opondo aos ‘lugares comuns’, a serem coadjuvantes e com importância minimizada, o que era reservados aos negros na dramaturgia e na produção intelectual

daquela época.

No TEN, para além da função de entretenimento, é evidente também a utilização do teatro como meio de intervenção política e pedagógica na questão do preconceito e da discriminação racial. No entanto, sua atuação para além dos palcos também o distingue da primeira companhia negra de teatro. O grupo de Abdias do Nascimento, investiu na participação de discussões sobre o negro na cultura nacional, e sobre a questão racial, nos meios intelectuais, através de eventos, da publicação de livros e do jornal *Quilombo*. Os principais eventos organizados pelo grupo foram: Convenção Nacional do Negro (1945-1946), Conferência Nacional do Negro (1948-1949), I Congresso do Negro Brasileiro (1950), Semana de Estudos Negros (1955), o concurso de artes Cristo Negro (1955), que a imprensa carioca caracterizou como um atentado contra a religião cristã e as artes¹⁵⁹.

Em maio de 1949, na abertura da Conferência Nacional do Negro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), cinco anos após a fundação do TEN, Abdias do Nascimento proferiu um discurso onde defendeu as ações do grupo para além da dramaturgia e atuação cênica:

“O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade com objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais. Entretanto, o espírito associativo não é algo inato. Ou, melhor ainda, o espírito associativo é atributo da massa esclarecida e de elevado padrão cultural. Daí ser quase impossível, como se pode depreender da observação da vida brasileira, associar homens e mulheres em função, apenas, de objetivos sociais”¹⁶⁰.

O documento do qual destacamos o trecho acima relata os objetivos do TEN nos primeiros anos de sua trajetória. Neste trecho, assim como em outras passagens do texto, fica evidente a postura de vanguarda reivindicada pelo grupo, ao afirmar que “o espírito associativo é atributo da massa esclarecida e de elevado padrão cultural”. Neste aspecto o TEN não se diferencia de outras organizações políticas como a FNB, AIB, PCB e UNE, que viam nas “massas” um potencial agente de transformação social que deveria ser “despertado”, ou induzido, através da elevação cultural e da conscientização política, que

¹⁵⁹ Elisa Larkin Nascimento, *Sortilégio da Cor*. P.242

¹⁶⁰ Abdias do Nascimento, “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”. In: *Quilombo*, nº3, junho de 1949. P.11

seria o papel das “elites intelectuais”. Neste ponto, o TEN mantém uma relação de continuidade com seus antecessores da FNB e da imprensa negra da primeira metade do século XX, que reivindicava o papel de “intelligentsia negra” para falar sobre os negros, e tinha como estratégia de integração social a “elevação do nível cultural” dos afro-brasileiros. Um dos aspectos que diferencia o grupo de Abdias do Nascimento de seus antecessores é o esforço em participar dos debates sobre o negro junto com a intelectualidade branca, como nos mostra a cooperação de artistas e intelectuais brancos na dramaturgia, no jornal *Quilombo*, e em eventos produzidos pelo TEN. Outro aspecto que o diferencia das primeiras organizações negras brasileiras, é sua conexão com o movimento negro internacional, sobretudo a negritude francófona e o movimento negro estadunidense, como nos mostram as referências à revista *Présence Africaine* editada por Alioune Diop, e traduções de artigos do jornal *The Crisis* editada por W.E.B. Du Bois.

A necessidade de organização da população negra – ou “gente de cor”, nas palavras de Nascimento, termo bastante usado para se referir aos negros na época – seria, portanto, tarefa de uma intelectualidade negra. O teatro seria uma estratégia, não apenas de colocar as questões sobre o negro em debate, mas, também, de atrair as “massas” para o debate. A linguagem artística (dramatúrgica) seria um convite à reflexão sobre as condições do negro na sociedade brasileira e uma forma de driblar as dificuldades de, no Brasil, “associar homens e mulheres em função, apenas, de objetivos sociais” (nas palavras de Nascimento). Tais dificuldades de organizar-se politicamente para debater questões sociais, muito devem ao período anterior, recém-terminado, de ditadura do Estado Novo (1937-1945), que perseguiu as organizações políticas e civis, fechando-as, ou passando a controlá-las. Organizar-se em torno de um teatro negro era menos arriscado, e poderia ser mais socialmente aceitável na época do que fundar um partido político negro. No entanto, ao longo da trajetória do TEN ficam cada vez mais evidentes os objetivos políticos de integração social do negro e de combate à discriminação racial, através da ação cultural. Embora esta organização não tenha tido vinculação direta com partidos políticos, teve o apoio declarado de autoridades como o senador Hamilton Nogueira (UDN), amigo pessoal de Abdias Nascimento, e veiculou através do jornal *Quilombo* (nº6 e 7/8, ano de 1950) campanha eleitoral de candidatos negros entre eles o jornalista Geraldo de Campos Oliveira para deputado federal em São Paulo, e o próprio

Abdias Nascimento para vereador do Distrito Federal, pelo Partido Social Democrático (PSD). Em 1947 Abdias já havia se candidatado a vereador do Distrito Federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que apoiava Getúlio Vargas. Este mesmo partido em novembro de 1946 fundou o Diretório Negro do qual participavam alguns membros do TEN como o próprio Abdias, Sebastião Rodrigues Alves, Aguinaldo Camargo, o poeta argentino Efraim Tomás Bó, e membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), dentre eles Solano Trindade¹⁶¹.

Embora não apareça uma definição detalhada do conceito de “teatro experimental” no discurso de Nascimento, sabemos que trata-se de uma investida nova no cenário dramaturgico da época, tanto na estética quanto nas temáticas abordadas. Por tratar-se também de um teatro que reivindicava para si uma missão, para além dos palcos, de intervir nas questões sociais de maneira pedagógica e também sociológica, podemos propor a hipótese de que o conceito de “experimental” associe-se a essa postura polivalente, que combinava a linguagem artística com a pesquisas, debates sociológicos e ação pedagógica. A parceria com intelectuais como Edison Carneiro, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Roger Bastide, que publicaram no periódico do TEN e participaram de seus eventos, a participação do sociólogo Guerreiro Ramos, que além das pesquisas, publicações, foi responsável pela introdução do psicodrama na formação dos atores, evidenciam esta busca por um viés também sociológico do TEN. Essa busca por um viés sociológico se relaciona ao objetivo de compreender a sociedade de sua época para nela atuar. O TEN formou-se em um período em que era atribuído à classe intelectualizada o papel de refletir e intervir nos assuntos relevantes para a nação. Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos reivindicavam que os negros participassem também como sujeitos, e não apenas como tema, nestes assuntos.

Sobre a concepção de um teatro experimental feito por negros, fazendo referência ao grupo de Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes comenta:

“A ideia de um teatro *experimental* nasce de uma formulação moderna e positiva: a questão está em saber como manejá-la. A rigor, o teatro que possuíamos (excetuando-se certas manifestações de teor folclórico ou popularesco e a presença

¹⁶¹ O PTB fundou em 21 de novembro de 1946 o Diretório Negro, com a finalidade de atuar em questões pertinentes a população afro-brasileira. Ver: Elisa Larkin Nascimento, *Abdias Nascimento: grandes vultos que honram o senado*. P.175

deformada ou autêntica do negro no antigo teatro erudito brasileiro), como as demais manifestações intelectuais, era de brancos e para brancos. Engendrar um teatro negro significa dar oportunidade de formação e de afirmação artísticas ao negro – algo em si mesmo revolucionário, que implicava revisões de estereótipos negativos para o negro e na eliminação progressiva de barreiras que proscreviam o negro de nossa vida intelectual produtiva e criadora. Mas um teatro *experimental* tem de visar a outros fins. Ou seja, ao dar canais de expressão à capacidade criadora do negro e ao redefinir representações sobre suas aptidões intelectuais ou morais, *ele precisa concorrer para modificar alguma coisa em determinada direção*. Isso levanta várias questões, ligadas à elaboração dos dramas, à composição dos auditórios e às influências educativas do teatro”¹⁶².

2.4 O TEN e o contexto político do movimento negro.

A ditadura do Estado Novo varguista (1937-1945) foi um período de intensa perseguição de opositores daquele regime. Vargas proibiu os partidos e outras organizações políticas, impondo a clandestinidade aos grupos e associações que mantivessem suas atividades. Serviu de pretexto para esta medida a manutenção da segurança e integridade da república, “ameaçadas” após as tentativas frustradas de tomada de poder pela ANL em 1935, e posteriormente pela AIB em 1938 (quando a ditadura estado-novista já vigorava). Junto com os demais partidos e movimentos políticos foi extinta a FNB (que apoiava o regime de Vargas) e as outras organizações negras (incluindo a imprensa negra). Vargas permitiu que continuassem funcionando os clubes sociais e de danças, e estimulou o desenvolvimento das escolas de samba, porém, sob o controle e vigilância do Estado¹⁶³.

O TEN formou-se no final deste período de clandestinidade dos movimentos sociais e início da redemocratização (que findaria em 1964), quando ressurgiram jornais da imprensa negra como *Alvorada* (antigo *Clarim da Alvorada* ambos dirigidos por José Correia Leite), *Senzala* e *Novo Horizonte*. Em 1941, sob a atmosfera repressiva do Estado Novo surgiu a Associação José do Patrocínio (AJP), que posteriormente deu origem ao Movimento Afro-Brasileiro de Educação e Cultura (Mabec) que atuou até o fim dos anos 1950. No início da década de 1940 a AJP teve atendida, por Getúlio Vargas, a solicitação de proibir que os jornais publicassem anúncios de emprego racialmente

162 Florestan Fernandes, *O negro no mundo dos brancos*. P.222

163 George Reid Andrews, *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. P.283

discriminatórios. Em 1945, José Correia Leite fundou a Associação do Negro Brasileiro (ANB) que se opunha ao regime de Vargas e fazia um apelo por uma coletividade negra atuante. Esta organização discutia naquela época medidas que protegessem os interesses das empregadas domésticas, e reivindicava uma legislação penal contra a discriminação racial, antecipando-se à “Lei Afonso Arinos” de 1951. A proposta de uma lei de criminalização da discriminação racial, e a regulamentação profissional das empregadas domésticas, estão no programa da Convenção Nacional do Negro organizada pelo TEN em 1945¹⁶⁴. Em julho de 1949, Maria Nascimento denunciou a falta dos direitos trabalhistas para as empregadas domésticas na coluna “Fala a mulher”, do jornal *Quilombo*:

“É inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça social possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário para entrar e sair no serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período de gestação e post-parto, sem maternidade, sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho. (...)

Além desse aspecto puramente econômico, há outro mais doloroso ainda: são as violências morais de que as empregadas domésticas são vítimas frequentes. O desprestígio junto aos órgãos oficiais encarregados de proteger o trabalho lançou as empregadas domésticas sob o ignominioso controle policial. Muita gente não sabe que ao invés da carteira profissional, as domésticas são fichadas na polícia. Assim sob o disfarce de um serviço de identificação do trabalho doméstico o que se pratica na polícia é o pré-julgamento de que toda empregada doméstica é uma ladra, uma criminosa. E assim mesmo nossa Constituição fala em dignidade do trabalho!”¹⁶⁵

Embora não enfatize na questão do racismo como um dos fatores da negação dos direitos das trabalhadoras domésticas, a maioria negras, Maria Nascimento chega a comparar as condições destas trabalhadoras à condição das negras escravizadas no passado.

Nas décadas de 1940 e 1950, surgiram e atuaram em prol da comunidade negra, em São Paulo a Frente Negra Trabalhista, o Centro de Cultura Luiz Gama, a Cruzada Social Cultural do Preto Brasileiro; em Porto Alegre (RS) a União dos Homens de Cor e o Centro Literário de Estudos Afro-Brasileiros; em Minas Gerais a Turma Auri-Verde, o Gremio Cruz e Souza; no Rio de Janeiro o Centro de Cultura Afro-Brasileira (liderado

164 Andrews, Idem; Elisa Larkin Nascimento, *Sortilégio da cor*. P.245-246

165 Maria Nascimento, “O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°4, Rio de Janeiro: julho de 1949. P.3

por Solano Trindade, Aladir Custódio e Corsino de Brito), União dos Homens de Cor, União Cultural dos Homens de Cor (respectivamente filial e desmembramento daquela fundada no RS) que oferecia cursos técnicos e de alfabetização voltados para trabalhadores¹⁶⁶.

Dentre as organizações do movimento negro surgidas neste período Petrônio Domingues destaca a União dos Homens de Cor (UHC), como uma das mais proeminentes. Fundada por João Cabral Alves em 1943, em Porto Alegre, esta organização tinha como ponto central de seu estatuto, o objetivo de elevar o nível econômico e intelectual dos negros e inseri-los em todos os setores de atividade da vida social e política do país. Assim como a FNB na década de 1930, a UHC abriu sucursais, e possuía representantes em 10 estados da federação (Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná), onde promovia debates nas imprensas locais, publicava seus próprios jornais, oferecia serviços de assistência jurídica e médica, aulas de alfabetização, ações de voluntariado e participação em campanhas eleitorais. No início da década de 1950 representantes da UHC foram recebidos pelo presidente Vargas a quem apresentaram uma série de reivindicações em favor da população negra. José Bernardo da Silva, representante desta instituição no Rio de Janeiro foi eleito como deputado federal por duas vezes consecutivas a partir de 1954. A UHC foi extinta após o golpe de Estado de 1964¹⁶⁷.

A imprensa negra também ressurgiu neste período com jornais e revistas de protesto, em São Paulo com *Alvorada* (1945), *Senzala* (1946), *O Novo Horizonte* (1946), *Notícias de Ébano* (1957), *O Mutirão* (1958), *Níger* (1960); em Curitiba, *União* (1947); no Rio de Janeiro, *Redenção* (1950) e *A Voz da Negritude* (1952). Destacamos também o jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, publicado pelo TEN entre (1948-1950), que funcionou como um fórum de discussão sobre relações raciais e o negro na sociedade.

Apesar do crescente acúmulo de experiência, das tentativas de aliança com políticos e intelectuais brancos, o movimento negro esteve isolado tanto por forças políticas da direita quanto da esquerda, como nos mostra Petrônio Domingues:

166 Elisa Larkin Nascimento. Idem. P.246-147

167 Petrônio Domingues, "Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos". P.108-109

“Em 1946, o senador Hamilton Nogueira (UDN) apresentou à Assembléia Nacional Constituinte um projeto de lei antidiscriminatória, formulado originalmente na Convenção Nacional do Negro, um ano antes, em 1945. Colocado em votação, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) se opôs ao projeto, alegando que a lei iria ‘restringir o conceito amplo de democracia’. Para o PCB, as reivindicações específicas dos negros eram um equívoco, pois dividiam a luta dos trabalhadores que, por conseguinte, represavam a marcha da revolução socialista no país. Como resultado, o movimento negro ficou praticamente abandonado por décadas, inclusive pelos setores políticos mais progressistas. A primeira lei antidiscriminatória do país, batizada de Afonso Arinos, só foi aprovada no Congresso Nacional em 1951, após o escândalo de racismo que envolveu a bailarina negra norte-americana Katherine Dunham, impedida de se hospedar num hotel em São Paulo”¹⁶⁸.

Não é correto dizer que o movimento negro “ficou abandonado por décadas”, pois os negros se organizaram independentemente do apoio dos brancos. Destacamos a afirmação de Domingues para demonstrar o *isolamento* – e não o abandono – imposto ao movimento negro, inclusive por setores progressistas da sociedade. Embora nesta fase pós-Estado Novo o movimento negro não tivesse o mesmo poder mobilizador de massas que teve no período anterior com FNB, as organizações negras ressurgiram com suas pautas pelos direitos dos afro-brasileiros, pois na medida em que se ampliava o mercado e a competição pelo trabalho, a discriminação racial persistia como um fator de exclusão dos negros, os preconceitos e estereótipos continuavam a persegui-los, e a população negra continuava sendo maioria nas favelas ou na agricultura de subsistência¹⁶⁹.

A organização em torno de associações culturais foi uma alternativa encontrada pelo movimento negro, para fazer reivindicações políticas e pautar o problema do preconceito e da discriminação racial. Como já mencionamos, em um período recém-saído de uma ditadura que impôs intensa perseguição aos partidos e movimentos políticos, o trauma da repressão pode ter perdurado, ainda mais nos primeiros anos de regime democrático, portanto, organizar-se em torno de associações culturais era mais seguro.

A vulgarização do conceito de cultura, cunhado pelas ciências sociais, e o gradativo desuso do “conceito biológico de raça” – ocorrido no pós-guerra – também

168 Domingues, Idem. P.110-111

169 Abdias Nascimento, *O negro revoltado*. P.28; Antonio Sérgio Guimarães, *Classes, raças e democracia*. P.88

contribuiu para que os intelectuais negros fizessem suas reivindicações por mobilidade e integração social, baseados em discursos “culturalistas”, nos quais os problemas enfrentados pelos negros deixavam de ser atribuídos à um suposto caráter irreversível de raça, e passava a ser atribuído à questões culturais, sendo estas, reversíveis e passageiras¹⁷⁰.

Nas organizações afro-brasileiras das décadas de 1940 e 1950, percebemos reminiscências ideológicas de suas antecessoras das décadas de 1920 e 1930, sendo a principal delas a ideia de integração social através da educação e da adesão dos valores e modos de vida das classes médias urbanas. Semelhante à FNB, a alfabetização e cursos profissionalizantes são recorrentes nas associações afro-brasileiras pós-Estado Novo, como tentativas de acesso a melhores posições sociais através da instrução. Na medida em que o preconceito e a discriminação raciais foram gradativamente percebidos e apontados como as principais barreiras sociais impostas aos negros, a educação e a cultura também assumiram o papel de vias de conscientização antirracismo. Neste momento a marginalização social da população afrodescendente muitas vezes era atribuída mais a um “atraso cultural” do próprio negro, a vícios herdados do período escravista, do que às barreiras impostas pelo preconceito e a discriminação raciais. Nas palavras do antropólogo Kabengele Munanga: “era o próprio negro, vítima designada pelo racismo, que devia se transformar para merecer a aceitação pelos brancos”¹⁷¹. Esta inflexão, quando a educação e a cultura deixaram de ser vias “assimilacionistas” para tornarem-se instrumentos de conscientização antirracismo, ocorreu na obra de Abdias do Nascimento ao longo das décadas de 1950 e 1960.

A aceitação de elementos culturais negros como parte da cultura nacional, por parte de uma intelectualidade branca, desde o modernismo de 1922, passando pela produção sociológica e antropológica de Gilberto Freyre e Arthur Ramos na década de 1930, Edison Carneiro e Roger Bastide na década de 1940, também contribuiu para que a militância e a intelectualidade negra se apropriassem da cultura como espaço de reivindicação de sua brasilidade (seu pertencimento à nação brasileira) e de seus

¹⁷⁰ Antonio Sérgio Guimarães, *Classes, raças e democracia*. P.155

¹⁷¹ Kabengele Munanga, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. P.92

direitos¹⁷².

A presença da miscigenação, e o interesse de artistas e intelectuais brancos pela cultura de matriz africana – sobretudo a música e a religião – consagrando-as como elementos genuínos de brasilidade contribuiu muito para o fortalecimento da ideologia da democracia racial brasileira, a qual por um lado serviu para a manutenção do racismo (negando sua existência). Por outro lado, até o final da década de 1940, a ideologia da democracia racial também foi utilizada por intelectuais negros (inclusive, as lideranças do TEN) como via de “negociação” de espaços e direitos para afro-brasileiros. O preconceito e a discriminação raciais seriam denunciados pelas lideranças negras como elemento incompatível com os ideais de brasilidade (onde a diversidade racial se manifestaria harmônica e democraticamente) reivindicados por parte significativa da intelectualidade nacional¹⁷³.

Porém, se por um lado a defesa de uma identidade nacional mestiça e da democracia racial brasileira apareceram em discursos de militantes e intelectuais negros até o início da década de 1950 como tentativas integracionistas que incluía os negros na formação cultural e étnica da nação, por outro lado, tais ideias também serviram como instrumentos desmobilizadores da população afro-brasileira enquanto grupo político, impondo obstáculos na identificação entre negros e mestiços como grupo socialmente marginalizado com base em suas origens étnico-raciais. Afirmava-se uma identidade nacional mestiça, porém, a sociedade se mantinha racialmente estratificada, privilegiando os brancos. Deste modo, a busca por um branqueamento (cultural e fenotípico) tornava-se uma via de ascensão e aceitação social alternativa à afirmação de uma identidade negra e de um discurso mais combativo sobre o racismo. A hegemonia política, econômica e cultural dos brancos era mantida na medida em que se afirmavam uma identidade nacional mestiça e uma democracia racial impondo dificuldades de identificação de negros e mestiços enquanto grupo racial oprimido, tornando improvável uma mobilização de massas em torno da questão racial¹⁷⁴.

Veremos no próximo capítulo algumas alternativas buscadas por lideranças do

172 Michael Hanchard, *Orfeu e poder*. P.8

173 Antonio Sérgio Guimarães, “Intelectuais negros e formas de integração nacional”, *Classes, raças e democracia*.

174 Kabengele Munanga, *Rediscutindo a mestiçagem*. Ver capítulo; “Mestiçagem contra pluralismo”. Hanchard, Idem. P.8-9

TEN, Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, para a questão racial brasileira entre meados dos anos 1940 e 1960. Em um primeiro momento uma identidade mestiça onde os negros poderiam ser reconhecidos enquanto brasileiros, em uma sociedade racialmente harmônica (em uma democracia racial, ou muito próximo dela); em um segundo momento, esta mesma identidade mestiça aliada a uma “negritude brasileira” influenciada pelos intelectuais negros francófonos; em um terceiro momento, a necessidade de afirmação de uma identidade negra como instrumento mobilizador em uma sociedade racista que mascara o preconceito e a discriminação contra o negro no discurso de uma identidade mestiça e na ideologia da democracia racial.

No entanto, antes de passarmos para o próximo capítulo, discutiremos um pouco sobre a importância do Projeto Unesco nos debates sobre a questão racial no Brasil, mais precisamente na crítica ao mito da democracia racial.

2.5 Projeto Unesco.

O TEN foi fundado em um período de inflexão no pensamento sobre as relações raciais e nos estudos sobre o negro no Brasil, quando a presença do preconceito e da discriminação racial – antes quase ignorada pela intelectualidade brasileira – passava a ser entendida enquanto um fator fundamental do processo de marginalização social da população afrodescendente. No primeiro capítulo já abordamos alguns aspectos da história do pensamento racialista no Brasil, onde o tema “mestiçagem” teve centralidade, porém, foi construído ou analisado de formas variadas, de acordo com diferentes autores e períodos distintos. Nos estudos sobre o negro, as teses de Nina Rodrigues, eugenistas com base lombrosiana, foram bastante influentes até a década de 1920. Tais teses versavam sobre a superioridade da raça branca, a inferioridade dos negros e índios, e a degenerescência do mestiço; segundo Rodrigues, o Brasil se tornaria branco em algumas gerações, as supostas raças inferiores pereceriam ao progresso ou se diluiriam até desaparecerem através da miscigenação onde prevaleceria o branco¹⁷⁵.

Nos anos 1930, *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, autor influenciado

175 Raimundo Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*.

pelo culturalismo antropológico de Franz Boas (com quem teve contato na Universidade de Columbia nos EUA), rejeitou as teses lombrosianas de Nina Rodrigues, e substituiu o termo “raça” por “cultura”, embora na obra de Freyre o conceito de “cultura” pouco se afastara semanticamente do conceito de “raça” utilizado por Rodrigues. A obra de Freyre é marcada pela afirmação da miscigenação como característica positiva e identitária da nação brasileira, nela encontram-se as bases para a ideologia da “democracia racial” (embora o termo não tenha sido cunhado pelo autor) que atenuaria – ou negaria – a presença e profundidade do racismo como um problema social no Brasil. As contribuições do negro na formação cultural brasileira também aparecem, nesta mesma década, na obra de Arthur Ramos, que embora também tenha sido adepto da ideologia da democracia racial, reconheceu a discriminação racial como um problema a ser enfrentado para a integração social da população afrodescendente.

Na década de 1940 estudos de Oracy Nogueira (1942), Florestan Fernandes (1943), Virgínia Leone Bicudo (1945), Luiz Aguiar da Costa Pinto (1947), Alberto Guerreiro Ramos (1948a, 1948b, 1950a, 1950b, 1950c) demonstram uma atenção para a presença do preconceito e a discriminação racial do negro, fator até então subestimado e para o qual dava-se pouca atenção na linha de estudos de Gilberto Freyre¹⁷⁶. Porém, vale ressaltar que jornais da imprensa negra já denunciavam o preconceito de a discriminação dos negros em estabelecimentos comerciais, no mercado de trabalho e em espaços públicos na década de 1920, quando a intelectualidade acadêmica ainda estava mais preocupada em estudar os afro-brasileiros do ponto de vista eugenista ou folclórico.

No contexto internacional do pós-Segunda Guerra Mundial, o trauma deixado pelo nazismo, em parte, fez com que o racismo ganhasse importância como tema de estudo. Em 1949 a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco), propôs um projeto de estudos sobre as relações raciais no Brasil, tendo como pressuposto a imagem disseminada internacionalmente na qual aqui havia convivência harmônica entre os diferentes grupos étnicos. Imagem que era defendida pelas elites intelectuais e políticas, e esteve bastante arraigada no imaginário popular (mesmo com uma realidade explicitamente desigual entre brancos e negros). Com este projeto a

176 Marcos Chor Maio, “O Projeto Unesco: as ciências sociais e o ‘credo racial brasileiro’”, in: *Revista USP*, São Paulo, n.46, p. 115-128, junho/agosto 2000.

Unesco tinha como finalidade entender a dinâmica desta suposta convivência multirracial harmônica no Brasil, que serviria de modelo para sociedades onde as relações raciais eram conflituosas como nos Estados Unidos e na África do Sul.

Além da busca de soluções para o problema do racismo, a Unesco tinha em sua agenda a discussão de temas como educação, ciência, industrialização e as dificuldades econômicas enfrentadas pelas nações periféricas do capitalismo, assuntos de interesse para o nacional-desenvolvimentismo que se estabeleceria no Brasil dos anos 1950. Em 1949 a agência internacional instalou no Brasil seu Departamento de Ciências Sociais tendo como diretor o antropólogo Arthur Ramos. Na ocasião foi implementado um programa contra o analfabetismo, em parceria com o governo brasileiro, e no ano seguinte começariam as pesquisas sobre as relações raciais no país.

Arthur Ramos considerava fundamental o estudo sobre os negros e os índios para integra-los à sociedade brasileira, que naquele momento crescia em termos de urbanização e industrialização. O antropólogo definia o Brasil como um “laboratório de civilização”, termo cunhado pelo historiador norte-americano Rudiger Bilden, devido a sua diversidade étnica e cultural, e acreditava que naquele momento, final dos anos 1940 as ciências sociais entravam em processo de maturação para melhor compreender tal diversidade, e intervir em questões de políticas nacionais. Naquele período em que o Projeto Unesco se instalava, havia esforços por parte de uma intelectualidade nacional, da qual Ramos fazia parte, em consolidar e profissionalizar as ciências sociais no Brasil. Apesar da ideologia da democracia racial presente em sua obra, Ramos não deixou de reconhecer as desigualdades sociais entre negros e brancos.

Ramos acreditava que a profissionalização das ciências sociais amadureceria a sociologia e a antropologia, superando a fase ensaística e literária de ambas até aquele momento no Brasil. Os estudos sobre o negro e o índio não se limitariam mais à investigação dos cultos religiosos e ao folclore. Caberia também analisar o passado escravista e suas implicações para o entendimento da situação racial brasileira pós-escravismo. Ramos não rompe com a tradição culturalista e ensaística que buscava uma síntese da cultura nacional nas décadas de 1920 e 1930, mas as coloca em questão, considerando que não há uma cultura brasileira, mas culturas que devem ser estudadas para serem compreendidas. Para o antropólogo naquele momento – das três primeiras

décadas do século XX, quando o Brasil era interpretado pelos ensaístas – ainda era cedo para indagar-se sobre um suposto “caráter nacional” como era feito em muitos ensaios que salvo o valor literário, e às vezes factual, conduziam a generalizações apressadas e equivocadas¹⁷⁷.

A implementação deste projeto de pesquisa sobre as relações raciais no Brasil resultou da 5ª sessão da “Conferência Geral da Unesco”, que definiu o país como um lugar onde as relações supostamente harmoniosas entre negros e brancos serviriam de modelo para a erradicação do racismo no mundo, neste mesmo evento especialistas debateram o estatuto científico do conceito de raça e publicaram a *Statement on Race*, a ‘1ª Declaração sobre Raça’, o primeiro documento da agência internacional que retira o atributo científico de qualquer associação determinista entre características físicas, comportamentos sociais e atributos morais (tais determinismos perdem o status científico), contrariando as ideias racistas que desde o século XIX vinham dando suporte ao colonialismo na África e na Ásia, ideias também expressas no nazi-fascismo das décadas de 1930 e 1940. Quando o Brasil foi oficialmente definido como sede do Projeto Unesco, Arthur Ramos já havia falecido, no entanto, Maio considera que “mesmo sem sua participação no desenho definitivo da investigação, suas preocupações a respeito do Brasil estavam presentes tanto na versão final do Projeto Unesco quanto nos resultados das diversas pesquisas realizadas em seu âmbito”¹⁷⁸.

Em abril 1950 o recém-criado Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco passou a ser dirigido pelo antropólogo Alfred Métraux, tendo como principal assistente o cientista social Ruy Coelho (que foi aluno de Roger Bastide na Universidade de São Paulo e de Melville Herskovits na Universidade de Northwestern). A princípio as pesquisas se restringiriam as relações entre negros e brancos na Bahia, região que desde o século XIX atraía a atenção de viajantes europeus, e que fora foco de estudos de renomados autores de diferentes gerações que estudaram o negro no Brasil como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Édison Carneiro, nas décadas de 1930 e 1940 atraía a atenção de pesquisadores estrangeiros como Roger Bastide, Ruth Landes, Donald Pierson, Franklin Frazier e Melville Herskovits. A ampliação do projeto

177 Marcos Chor Maio, “O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50”.

In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 14 n° 41 outubro/99. P.142-143

178 Maio. Idem. P.142-143

para o Sudeste do país foi sugerida por Otto Klinberg e Charles Wagley, ambos, já familiarizados com pesquisas no país (Wagley desde a década de 1930, Klinberg, desde os anos 1940), entendiam que as peculiaridades das diferentes regiões deveriam ser contempladas nos estudos sobre as relações raciais.

Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo desde 1938, com reconhecida experiência de pesquisa sobre os cultos religiosos afro-brasileiros, foi convidado por Métraux para colaborar com o Projeto Unesco em São Paulo, junto com ele também trabalharia Donald Pierson, que por estar envolvido em outro estudo de comunidades no vale do Rio São Francisco, indicou Oracy Nogueira para a pesquisa em São Paulo. Nesta ocasião Bastide convidou Florestan Fernandes para ser seu assistente, este se tornaria o intelectual cuja obra originada a partir deste projeto teve maior destaque. Luiz de Aguiar Costa Pinto, sociólogo vinculado à Universidade do Brasil, colaborou com o projeto no Rio de Janeiro. O sociólogo Thales de Azevedo ficou responsável pela cobertura do projeto na Bahia. Em 1951, Pernambuco seria incorporada no cronograma do Projeto Unesco em parceria com o Instituto Joaquim Nabuco (IJN), criado por Gilberto Freyre. René Ribeiro, que foi aluno de Herskovits na Universidade de Northwestern ficou encarregado da pesquisa sobre as relações raciais em Recife. O projeto de estudos da Unesco, que inicialmente se restringiria à Bahia, foi implementado também em Pernambuco; no Sudeste, em São Paulo e Rio de Janeiro; e posteriormente no Sul, em Santa Catarina, coordenado por Florestan Fernandes, tendo como pesquisadores Fernando Henrique Cardoso e Otavio Ianni, resultando no livro *Cor e mobilidade social em Florianópolis*, de Cardoso e Ianni¹⁷⁹.

O Congresso do Negro Brasileiro, promovido pelo TEN em 1950 teve influencia no desenho inicial do Projeto Unesco. Pesquisadores ligados à agência internacional, como Charles Wagley, Costa Pinto e Roger Bastide participaram do evento promovido pelo grupo de Abdias Nascimento, que naquele momento tinha como objetivo a aproximação entre a intelectualidade negra militante e a intelectualidade acadêmica na busca de soluções para o racismo e a integração social do negro. Teses apresentadas no neste Congresso chamou a atenção de Wagley para diferenças na condição social do negro entre São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, o que o levou a defender a ampliação das

179 Maio. Ibidem.

pesquisas para além dos limites soteropolitanos. Bastide demonstrou simpatia pela ideia de aproximação entre academia e comunidade negra (principalmente associações do movimento negro) ressaltando-a como importante aspecto a ser levado em consideração no projeto, no que tange à um sentido prático das reflexões teóricas, estimulando uma atitude cooperativa entre intelectualidade e militância¹⁸⁰.

O Congresso do Negro Brasileiro – assim como os demais eventos e as publicações promovidas pelo TEN – foi uma das vias de intervenção política buscadas pelo grupo de Abdias Nascimento. A aproximação entre militância negra e os cientistas sociais em torno de alternativas para a redução das desigualdades sociais entre negros e brancos demonstra um objetivo de associação entre pesquisa científica e intervenção política.

O discurso ideológico de uma identidade mestiça e da suposta existência de uma democracia racial, de uma completa *assimilação* e incorporação de índios e negros à cultura nacional, foi o ponto de partida para a escolha do Brasil como um caso a ser estudado para servir de exemplo ao mundo. Imediatamente após o termino da Segunda Guerra, a Unesco investiu neste projeto em busca de alternativas para conflitos raciais, na esperança de evitar holocaustos em outras partes do mundo (tendo o genocídio promovido pelo nazi-fascismo como referência). Os estudos feitos a partir deste projeto da agência internacional, ao contrário do que se esperava constataram o preconceito e a discriminação racial no Brasil em uma forte correlação entre cor/raça e status socioeconômico. “A utopia racial brasileira foi colocada em questão. Inaugurou-se, dessa forma, no campo das ciências sociais, uma produção acadêmica que julgava como falsa consciência o mito da democracia racial brasileira”¹⁸¹. A partir de então, cresceu no âmbito acadêmico uma produção que reconheceu o preconceito e a discriminação do negro como um problema social brasileiro, buscando compreender as especificidades do racismo no Brasil.

A existência de grupos organizados de afrodescendentes desde o final do século XIX, é um indicativo da existência de barreiras sociais de origem racial. Tais grupos se organizaram pela necessidade de fazer frente aos entraves impostos à cidadania do negro.

¹⁸⁰ Maio. Op. Cit.. P.146-147

¹⁸¹ Maio, “Projeto Unesco, as ciências sociais e o ‘credo racial brasileiro’”, in: Revista USP, São Paulo, n.46, p. 115-128, junho/agosto, 2000. P.116

A denúncia do preconceito e da discriminação racial, antes de se tornar objeto de estudos acadêmicos, esteve presente no discurso e na ação do movimento negro e pode ser identificada em jornais da imprensa negra desde a década de 1920 como *Clarim da Alvorada* e *A Voz da Raça*, enquanto os ensaístas “interpretes” do Brasil descreviam o negro do ponto de vista da eugenia, ou do folclore. A denúncia da discriminação racial em anúncios de empregos ou em estabelecimentos públicos e privados era recorrente nestes jornais, e na década de 1930 resultaram em protestos públicos da Frente Negra Brasileira. Os militantes negros tiveram importante papel nas pesquisas de Bastide e Fernandes contribuindo com suas histórias de vida, narrando a experiência de ser negro em São Paulo na primeira metade do século XX¹⁸².

O TEN em sintonia com esta trajetória de luta por integração social do negro iniciada no pós-abolição, também denunciou o preconceito e a discriminação racial, fazendo frente à marginalização do negro nos diferentes espaços sociais: nas artes, na política, no mercado de trabalho (excluído das posições de prestígio), na educação (sendo parte massiva da população analfabeta ou com baixa escolaridade). O TEN era liderado por intelectuais militantes negros que conseguiram fazer alianças com uma parte da intelectualidade acadêmica e com artistas brancos, esta busca de uma aproximação entre movimento negro e academia, assim como, o diálogo com o movimento negro internacional consiste em uma novidade do TEN em relação as organizações negras que o antecedeu.

Embora academia e movimento social sejam ambientes distintos, as alianças do TEN com a intelectualidade acadêmica, que de certa forma impactou no Projeto Unesco, pode ser entendida como um episódio no qual estabeleceu-se uma relação entre movimento social (no caso, o movimento negro) e academia, demonstrando a importância de a universidade e os centros de pesquisas estarem cientes das demandas da sociedade, e poderem intervir nos problemas sociais. Na medida em que as pesquisas do Projeto Unesco constataram a presença do racismo, representando um ponto de inflexão no pensamento acadêmico sobre as relações raciais no Brasil, confrontando mito da democracia racial com realidade racista, vemos também mudanças, neste mesmo sentido,

182 Roger Bastide e Florestan Fernandes, *Branco e negro em São Paulo*; João Baptista Borges Pereira. “Diversidade e pluralidade: o negro na sociedade brasileira”. *Revista USP*, São Paulo, N° 89, março/maio, 2011. P.282

na produção intelectual militante de Abdias Nascimento, afastando-se cada vez mais de ideias presentes em seus primeiros escritos da década de 1940. Deste modo, compreendemos as relações entre pesquisa e militância – representadas neste período de alianças do TEN – como uma via de mão dupla onde há trocas bilaterais: ambos os lados influenciam e são influenciados.

Se por um lado o TEN foi criticado por assumir uma postura de vanguarda que o distanciou das “massas”, Costa Pinto e Clóvis Moura inclusive usam o termo “elite negra” para se referir ao grupo de Abdias Nascimento, por outro lado é pertinente reconhecermos os esforços desta organização em intervir nos debates sobre a questão racial e, sobretudo, a situação do negro. A produção de Nascimento junto ao TEN consiste na reivindicação de espaço para o próprio negro falar sobre si mesmo, deixar de ser apenas objeto para se tornar sujeito dos estudos e das narrativas¹⁸³.

A adesão de lideranças negras ao discurso da democracia racial até os anos 1950, muitas vezes interpretada na perspectiva de “acomodação” ou “assimilação cultural”, pode ser entendida como estratégia de negociação. Por mais problemático que tal fato se revele, é possível distinguir o discurso do opressor e o discurso do oprimido. No primeiro, a ideologia da democracia racial é apresentada basicamente como negação do racismo; no segundo a presença do racismo não é negada, mas demonstrada como uma espécie de anormalidade, uma incompatibilidade com a “utopia” de uma sociedade racialmente democrática, supostamente próxima de se tornar realidade. No discurso nacionalista das entidades negras da primeira metade do século XX, entendemos que a sociedade brasileira tenderia a ser racialmente democrática, deste modo, o racismo seria algo conflitante com o espírito nacional, seria uma negação da brasilidade.

As mudanças no pensamento sobre as relações raciais ocorridas nos anos 1950, na produção acadêmica, na produção intelectual e atuação da militância negra, consistem na denúncia do racismo como um dos problemas à serem resolvidos para que o Brasil se torne uma sociedade efetivamente democrática. A democracia racial passa a ser ao

¹⁸³ Costa Pinto e Moura, ambos foram filiados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Embora a obra de cada autor aborde as relações raciais de pontos de vistas distintos – Moura, em uma perspectiva da militância negra, Costa Pinto em uma perspectiva acadêmica, ambos acusam as lideranças do TEN ser uma ‘elite intelectual’ formada por negros de classe média, distantes das ‘massas’ de trabalhadores negros. Ver Luiz de Aguiar Costa Pinto, *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*; Clóvis Moura, “Os dilemas da negritude” In: *Brasil: raízes do protesto negro*. P. 100-105.

mesmo tempo ideologia de dominação branca, e ideal de sociedade a ser atingido pelo movimento negro.

Capítulo 3: Abdias Nascimento e a identidade cultural do negro brasileiro.

3.1 Movimento negro brasileiro em diferentes contextos.

A hipótese que apresentamos na introdução desta dissertação sugere que a África e seu legado histórico e cultural começa a se tornar um tema de interesse para o movimento negro brasileiro entre meados dos anos 1940 e 1960 (podemos dar ênfase à década de 1950). Dentre as várias organizações e personalidades do movimento negro desse período, delimitamos nosso foco no TEN e escolhemos a produção intelectual de Abdias Nascimento como objeto de nossas análises, considerando a importante referência que este intelectual militante e a organização que esteve à frente adquiriram na história do protesto por direitos civis dos negros no Brasil.

O interesse pela África surgiu no movimento negro no momento em que suas lideranças passaram a reivindicar uma identidade cultural afro-brasileira enfatizando a participação do negro na construção da nação: na formação da cultura nacional, e na produção de riquezas na história do país. A militância afro-brasileira constrói esta identidade própria baseada em questões históricas, sociais e culturais comuns aos negros com o objetivo de organizá-los politicamente na busca de solução para o problema do racismo, fator fundamental da sua exclusão social após a abolição da escravidão. Deste modo, entendemos que a identidade negra funciona como instrumento político de combate ao racismo¹⁸⁴.

A organização política em torno de uma identidade, uma cultura comum aos negros – mesmo que esta identidade ainda esteja fortemente aliada à identidade nacional – é um fator que diferencia a *segunda fase do movimento negro* (1940-1960) de sua antecessora (do pós-abolição ao Estado Novo). Para entendermos as diferenças entre um período e outro, analisamos aspectos gerais das associações políticas e sociais negras das duas fases. Os depoimentos de Abdias Nascimento, utilizados neste trabalho, nos possibilitam entender sua formação militante, e também são bastante elucidativos para

184 Kabengele Munanga, *Negritude: usos e sentidos*.

compreendermos os dois períodos mencionados da história do movimento social afro-brasileiro, pois são depoimentos de uma personagem que iniciou sua militância no apogeu da *primeira fase*, na FNB, e tornou-se importante liderança na *segunda fase* deste movimento.

No decorrer desta dissertação mencionamos alguns jornais da imprensa negra, clubes sociais, associações civis e a FNB situando-os na primeira fase do movimento negro no Brasil, iniciada no pós-abolição (final do século XIX) que teve seu apogeu no primeiro período da Era Vargas com uma organização de massas, a FNB (1931-1938), e se encerrou com o golpe do Estado Novo, que suspendeu os partidos e organizações políticas.

A FNB foi fundada em um momento em que o país vivia uma série de mobilizações populares em torno de causas sociais. A insatisfação popular com a Primeira República teve episódios de radicalização que resultaram em conflitos como a Guerra de Canudos, Contestado, Revolta da Vacina e grandes greves em São Paulo e Rio de Janeiro no início do século XX. Os levantes tenentistas da década de 1920 e o golpe que levou Getúlio Vargas ao poder em 1930, assim como o apoio popular conquistado pelo político gaúcho são sinais de insatisfação generalizada em relação às oligarquias que governaram o país até aquele momento. No entanto, as mobilizações populares seguiram durante a primeira Era Vargas: vemos a presença do recém-fundado Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o advento do movimento ultradireitista como Ação Integralista Brasileira (AIB), ambos disputando espaço no cenário político nacional. Em 1932 houve o levante pela constituinte; em 1935 uma tentativa de tomada de poder pela esquerda com a Aliança Nacional Libertadora (ANL) à frente, episódio que ficou conhecido como Intentona Comunista; em 1938 a ultradireita também tentou tomar o poder de Vargas (Intentona Integralista). Foi neste contexto social e político de grandes mobilizações populares que se formou e atuou a FNB, o primeiro, e talvez o único movimento de massas afro-brasileiro que conhecemos até hoje.

A segunda fase do movimento social dos negros se inicia com o fim do Estado Novo (1945), no pós Segunda Guerra Mundial, e é caracterizada pela organização em torno de associações culturais, porém, não atinge a dimensão de um movimento de massas como foi a FNB. Talvez a entidade que mais tenha se aproximado de se tornar

uma organização de massas afro-brasileira entre os anos 1940 e 1960 seja a União dos Homens de Cor que teve sucursal em pelo menos dez estados da federação. Petrônio Domingues considera que o segundo e o terceiro período da história do movimento negro – respectivamente dos anos 1940 aos 1960, e dos 1970 em diante – foi caracterizado por organizações de vanguarda, atraindo para suas fileiras grupos seletos de intelectuais e recebendo pouca adesão popular¹⁸⁵.

Há uma série de fatores que explicam os impedimentos de uma mobilização política de massas dos afro-brasileiros do pós-Estado Novo em diante, mas destacaremos três: 1) Os dois períodos de ditadura (1937-1945 e 1964-1985) coibiram através do “terrorismo de Estado” (proibição de organizações políticas, prisões arbitrárias, torturas, sequestros e assassinatos promovidos pelo Estado) qualquer tipo de manifestação popular por direitos, e a população negra, ao longo de toda a história republicana, foi – e continua sendo – o principal alvo da violência policial; 2) A dimensão na qual o mito da democracia racial afetou o imaginário coletivo da população, ofuscando os impactos reais do racismo na vida social dos brasileiros (sobretudo dos afro-brasileiros, sobre os quais recaem os danos materiais e psicológicos de um sistema racista), torna o preconceito e a discriminação dos negros um problema supostamente minoritário, não importante para a transformação social, pela qual vale a pena se organizar para pressionar providências das autoridades políticas e da sociedade civil; 3) A ideologia de uma identidade nacional mestiça que no discurso abrange negros, índios e brancos (geralmente não mencionando os asiáticos), mas na prática social mantém o padrão fenotípico e cultural branco como o ideal, induzindo mestiços afrodescendentes a se identificarem como brancos, a se afastarem de suas origens negras e conseqüentemente das causas sociais pertinentes aos negros¹⁸⁶.

Na primeira fase do movimento negro brasileiro, as vias de integração social consistiam na adesão aos valores culturais e modos de vida das classes médias urbanas, majoritariamente brancas. Para as organizações deste período, era preciso alfabetizar e instruir os negros no que seriam os “bons modos” das “classes superiores”, para que fossem aceitos socialmente. Em tal discurso o preconceito e a discriminação contra o

185 Petrônio Domingues “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”.

186 Munanga, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*; Hanchard, *Orfeu e Poder*.

negro seriam a “consequência” de um suposto perfil negativo dos próprios negro, e não a “causa” da exclusão social (uma inversão da relação de causa e efeito do racismo). O nacionalismo marca esta primeira fase do movimento, onde busca-se a inclusão do negro como elemento de uma identidade nacional mestiça. Por outro lado, o passado comum (de escravizado), e o enfrentamento dos mesmos problemas sociais no presente eram os principais elementos em torno dos quais o movimento negro se organizava na primeira fase. Reivindicava-se direitos civis, porém, sem levantar a bandeira de uma identidade específica para os negros que remetesse à história e às culturas africanas.

Em contraposição à fase inaugural do movimento negro, a *terceira fase* (anos 1970 em diante) é marcada pela denúncia do racismo e do mito/ideologia da democracia racial como “falsa consciência”, instrumento de controle social das classes dominantes brancas. O racismo é denunciado como um fator determinante nas barreiras sociais impostas à população afro-brasileira e a ideologia da democracia racial é vista como um sofisticado meio de manter o racismo, negando sua existência e atenuando conflitos por ele gerados. Diferente da primeira fase de protesto social dos negros, nos anos 1970 a afirmação de uma identidade e uma cultura negra foi usada como elemento aglutinador na luta antirracismo, e esteve aliada a um interesse pela história dos afro-brasileiros, pela história da África e o legado cultural africano na história e na cultura do negro brasileiro. Episódios de resistência negra na história do Brasil, nas Américas e na África tornaram-se importantes referências no discurso desta militância negra onde são evocados, na história nacional, os quilombos, as rebeliões negras e suas lideranças. Em âmbito internacional, são evocados os movimentos por direitos civis nos EUA, os movimentos de descolonização da África e suas lideranças.

No período que estamos estudando, segunda fase do movimento negro brasileiro, vemos uma relação de permanências e rupturas com sua fase antecessora, e com sua sucessora. Em meados dos anos 1940, a mensagem de ascensão social do negro por meio da assimilação dos valores das classes médias brancas era bastante semelhante ao discurso das organizações afro-brasileiras das décadas anteriores. As associações culturais investiam em alfabetização e cursos profissionalizantes, e a imprensa negra se esforçava para construir uma imagem positiva do negro enquanto parte da nação brasileira. A denúncia do preconceito e da discriminação racial, nesse momento, não

excluía a ideologia da democracia racial no discurso do movimento negro (a luta antirracismo ocorria dentro dos limites desta ideologia). No final da década de 1940 e ao longo dos anos 1950, vemos uma inflexão no discurso do movimento negro que passa a questionar cada vez mais a suposta democracia racial brasileira e a afirmar uma identidade cultural própria do afro-brasileiro, antecipando deste modo o discurso antirracismo diferencialista (que reivindica o reconhecimento de diferenças históricas, sociais e culturais entre brancos e negros para alcançar a igualdade de direitos entre ambos) das organizações negras dos anos 1970.

Partindo de alguns textos, sobretudo de Abdias Nascimento, mas também de outros autores, nos próximos tópicos analisaremos a segunda fase do movimento negro considerando as permanências e rupturas com as fases antecessora e sucessora.

3.2 Integração via assimilação?

A mensagem de ascensão social do negro por meio da assimilação dos valores das classes médias brancas estabelece uma proximidade ideológica entre o movimento negro da segunda fase (1940-1960) e as organizações afro-brasileiras das décadas anteriores. Vimos que no período seguinte ao fim Estado Novo o movimento negro se organizou sobretudo a partir de associações culturais reunindo uma intelectualidade que atribuía a si própria a função de 'porta-voz' da comunidade negra. Seriam esses intelectuais negros os responsáveis pela mensagem de ascensão social para a população afrodescendente através de ações culturais e educativas. Esta intelligentsia afro-brasileira também tomava para si o papel de representante da comunidade negra nos meios artísticos e intelectuais predominantemente brancos, onde reivindicava espaço para sua auto representação.

Dentre as finalidades desta auto representação reivindicada por estas lideranças estava a revisão da produção artística e intelectual que colocava o negro em papéis secundários na história, na cultura nacional, deste modo contribuindo para sua marginalização na sociedade. Era necessário mostrar à sociedade que o negro era portador das mesmas aptidões humanas que o branco, portanto, era capaz de exercer os mesmos papéis sociais e usufruir dos mesmos direitos. Neste processo de luta por

direitos, entre eles o da auto representação, o movimento negro esforçava-se em criar uma imagem positiva do negro na sociedade.

A vulgarização do conceito de cultura, e a rejeição do conceito biológico de raça pelas ciências sociais, também também alimentou o protesto por direitos civis dos negros, na medida em que a exclusão social dos afro-brasileiros deixava de ser pensada a partir de uma suposta inferioridade racial, para ser tratada enquanto uma – também suposta – “inferioridade cultural”, portanto, reversível.

Organizar-se em grupos de intelectuais familiarizados com os valores culturais das classes médias brancas era uma demonstração de que o negro poderia se relacionar em patamar de igualdade com os brancos. A intelectualidade da primeira e da segunda fase do movimento negro buscou desfazer a hierarquia social entre brancos e negros, criando espaços de organização política como associações sociais e meios de informação como a imprensa que a aproximava de valores sociais hegemônicos.

A importância de uma vanguarda negra, assim como a apologia da ascensão social pela assimilação da cultura hegemônica está presente no discurso de Abdias Nascimento na década de 1940, quando define o TEN como “um experimento psico-sociológico, tendo em vista *adestrar* gradativamente a gente negra nos estilos e comportamentos da classe média e superior da sociedade brasileira”.¹⁸⁷ Em carta endereçada ao militante negro Emílio Silva Araújo, Abdias o felicita pela criação do *Centro de Cultura Afro-brasileira* em São Paulo, referindo-se ao fato como mais uma iniciativa no sentido da “aculturação e o alevantamento espiritual da humanidade negra”, com a finalidade de reabilitá-la da condição de miséria e desprezo, à qual foi lançada historicamente. Na carta Abdias afirma solidariedade com esta associação recém-fundada como expressão de “uma gloriosa fraternidade consubstanciada no sentimento reivindicador da raça” diante dos problemas sociais enfrentados pelos afro-brasileiros. Abdias refere-se poeticamente aos negros como “raça de mártires, cujas lágrimas de sangue e de amor fertilizaram a terra brasileira”. Embora reclame de um recuo no movimento negro de São Paulo naquele momento, o autor considera que “o negro paulista está de há muito apto e esclarecido a assimilar todos os pródromos de sua emancipação social,” referindo-se provavelmente às

187 Abdias Nascimento, “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro.” In: *Quilombo*, nº3, junho de 1949. P.11

experiências passadas da imprensa afro-brasileira e da FNB na capital paulista¹⁸⁸.

Naquele momento em que era fundado em São Paulo o referido *Centro de Cultura Afro-brasileira*, já existia uma instituição com o mesmo nome no Rio de Janeiro que tinha entre seus diretores o poeta Solano Trindade. A carta de Nascimento ao seu fundador Emílio Silva Araújo, assim como referências no jornal *Quilombo à Frente Negra Trabalhista*, à *Associação dos Negros Brasileiros*, ambas de São Paulo, e à *União dos Homens de Cor* (UHC), do Rio Grande do Sul, demonstram um diálogo entre as organizações sociais de afro-brasileiros de diferentes estados da federação (no caso do TEN este diálogo se estende para o movimento negro internacional). Estas, assim como outras entidades do movimento negro daquela época também assumiam um papel de vanguarda com a finalidade de promover a integração social do negro tornando-os assimiláveis à sociedade branca.

Tal visão sobre as possibilidades de integração social do negro através da assimilação à cultura dominante não se restringia às lideranças afrodescendentes. A sociedade orientava-se por ideais baseados nos modos de vida das sociedades capitalistas europeias e norte-americana. A intelectualidade que pensava a cultura nacional, embora já aceitando as heranças africanas e indígenas como parte integrante, tinha a cultura europeia como principal referência para todos os brasileiros (brancos, negros e indígenas). Nos anos 1940, a existência de vanguardas negras que fizessem o papel de interlocutores entre a população afrodescendente e a sociedade branca, e que viabilizassem a assimilação da cultura dominante entre os negros, tinha a aprovação de uma parte dos intelectuais brancos, como podemos ver em um artigo que Henrique Pongetti escreveu em outubro de 1944, pouco tempo após o TEN ter sido fundado:

“Há no Rio uma elite intelectual negra capaz de traduzir no palco o espírito de uma peça de O’Neill ou de Langston Hughes? Há sim. A gente se habilitou a ver o negro conformista, continuando a executar em liberdade as tarefas humildes do tempo das senzalas, e não repara em certas transformações silenciosas, mas profundas. Para mim, o propósito mais alto desse teatro ambicioso dos homens de cor é resgatar intelectualmente os afro-brasileiros. Tenho conversado com seus organizadores e não me resta a menor dúvida. São espíritos graves e esclarecidos que não se vangloriam da baixa musicalidade das favelas, nem da fácil poetização das suas misérias e tristezas. São homens cultos, alguns armados até de um ‘canudo’ como os melhores

188 Abdias Nascimento; Emílio Silva Araújo, *Correspondência. Autores: Abdias Nascimento; Emílio Silva Araújo. Destinatário: Centro de Cultura Afro- Brasileira, 29/04/1944.*

brancos, e de quem nossas populações negras poderão receber o que nunca tiveram: uma consciência do seu valor dentro da nossa comunidade espiritual; a ambição para uma vitória sobre essa sua apatia mental injustificável”¹⁸⁹.

Pongetti homenageia a iniciativa do teatro negro em um texto permeado de racismo e preconceito de classe, apontando como “baixa musicalidade” de “fácil poetização” a música originada nas favelas, provavelmente se referindo ao samba dos negros (maioria dos moradores de favelas), deixando evidente sua visão depreciativa sobre esta manifestação cultural e popular de origem negra. Além disso, o autor afirma que a população negra estava em um estado de “apatia mental injustificável”. A superação desta condição baseava-se em um ideal de “elevação cultural” pautado em valores das classes médias urbanas, tais como: o letramento, o diploma universitário e o acesso à *bens culturais* pouco acessíveis à população em geral, como a literatura de autores estrangeiros, exemplificados em O’Neill e Hughes (ambos, referências para o TEN). Pongetti considera o grupo de Abdias Nascimento – formado por homens cultos que possuem tais valores sociais – como a elite intelectual negra que “resgataria intelectualmente os afro-brasileiros”, pois representavam uma imagem oposta àquela do “negro conformista”, ainda carregada de resquícios dos tempos de escravidão. Com esta visão, o autor reconhece o TEN enquanto vanguarda que integraria os negros à sociedade de classes brasileira através dos valores sociais e culturais que classes médias brancas possuíam e prezavam.

Vale lembrar que o negro estava excluído das esferas de poder da sociedade, portanto, não era ele quem determinava (arbitrariamente) os parâmetros para mensurar o valor de uma obra de arte. Não foi o negro quem definiu o que seria uma “baixa musicalidade” e uma “fácil poetização”, nem o que seria uma obra sofisticada e de “bom gosto”.

O TEN era visto em setores da comunidade artística e intelectual – e aceitava tal visão – como vanguarda cujo papel era trabalhar pela integração cultural e social do negro brasileiro. As formas de integração aqui exemplificadas referem-se ao que também ficou conhecido na época como “assimilação” e “aculturação”, termos cujas definições não pretendemos explorar neste trabalho, mas trataremos de ambos brevemente para fins

189 Henrique Pongetti, “Entre O’Neill e a Pérola Negra”, Coluna “Cara ou Coroa” do jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 21/10/1944. In: Abdias do Nascimento, *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*.

elucidativos de nossa argumentação. Os termos foram usados por Arthur Ramos em suas análises antropológicas sobre o contato entre as diferentes culturas no Brasil, especificamente em seus estudos sobre as religiões de matriz africana e a influência do negro no *folclore* nacional. No sentido empregado por este autor, entendemos que aculturação trata-se de um processo no qual as culturas se modificam ao entrarem em contato umas com as outras, e a assimilação é o processo no qual os indivíduos pertencentes a um grupo cultural, adquirem elementos de outras culturas. Os termos são equivalentes, distinguindo-se apenas no fato de a aculturação designar o processo em âmbito social, enquanto a assimilação se refere aos indivíduos¹⁹⁰.

Arthur Ramos foi um autor bastante influente nos anos 1940, como vimos ao falar sobre o Projeto Unesco. Mencionamos também sua influência na formação intelectual de Abdias Nascimento, e vale lembrar duas publicações de sua autoria no jornal *Quilombo*, e sua cooperação em eventos promovidos pelo TEN como *Boneca de Pixe* e *Rainha das Mulatas*¹⁹¹. A aculturação e a assimilação cultural eram entendidas como parte dos fundamentos sociais e culturais brasileiros. Também eram vistas como bases para a integração do negro na sociedade, e estavam em pleno acordo com a ideologia da democracia racial.

Embora haja uma visão semelhante (aparentemente consensual) compartilhada entre Nascimento e Pongetti sobre a integração social do negro pela assimilação dos valores hegemônicos, podemos fazer uma distinção entre ambas. Para Pongetti, cujo discurso é claramente eurocêntrico, a integração do negro deveria ser através de uma aculturação que tenderia ao que posteriormente – nos anos 1960 – Nascimento definirá como “branqueamento cultural”, pois se refere depreciativamente à cultura negra, tratando-a como inferior àquela normalmente constituída pela classe média branca.

No discurso de Abdias Nascimento, as ideias de “assimilação” e “aculturação”, remetem mais a uma estratégia para o negro obter reconhecimento na sociedade dominada pelos brancos, do que uma rejeição dos valores culturais dos negros. Aderir aos

190 Arthur Ramos, *Aculturação negra no Brasil*.

191 Há um excerto de *Aculturação negra no Brasil*, e um texto intitulado “A mestiçagem no Brasil”, ambos de Arthur Ramos, publicados respectivamente nas edições 1º e 2º do jornal *Quilombo*. Em 1948 Arthur Ramos e Guerreiro Ramos são convidados por Abdias Nascimento para integrarem um comitê avaliativo dos critérios “científicos” utilizados na escolha das candidatas de ambos eventos. Ver: Muryatan Barbosa, *Guerreiro Ramos e o personalismo negro*. P.52

valores das classes médias seria, portanto, uma busca de participação na sociedade civil da qual o negro estava excluído, lembremos: escolas, universidades, espaço na imprensa, nas artes, na política, no setor financeiro, etc. Isso não implica necessariamente a negação dos valores culturais de origem africana, os quais ao longo da trajetória de Nascimento tornaram-se mais presentes em seu discurso.

No artigo já citado, “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”, há um trecho em que Abdias afirma: “A mentalidade da nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as ideias, mal a atingem”. Tal afirmação foi alvo de críticas do intelectual marxista e militante negro Clóvis Moura que considerava a negritude evocada pelo TEN “aristocrática e elitista”¹⁹². É importante destacarmos que a afirmação de Nascimento não nos remete à ideia de um suposto estado natural pré-letrado e pré-lógico da população negra, e sim a uma condição social que tornava a cultura letrada e as ciências inacessíveis aos negros enquanto grupo social. A integração do negro, e conseqüentemente a superação do preconceito racial, estaria na superação desta condição de classe na qual o negro era mantido. Ideia também presente no discurso de Guerreiro Ramos, na época em que fora ligado ao TEN.

Segundo Muryatan Barbosa, o pensamento de Guerreiro Ramos sobre as relações raciais na década de 1940 fora, provavelmente, influenciado por Donald Pierson, especificamente por *Branços e pretos na Bahia*. Neste livro o sociólogo norte-americano define o Brasil (com base em suas análise sobre a Bahia) como uma sociedade multirracial de classes, onde o negro era discriminado por pertencer às classes sociais desfavorecidas, e não por ser negro. Tal ideia foi bastante disseminada tanto entre a intelectualidade acadêmica, quanto entre a militância negra daquela época¹⁹³. Guerreiro Ramos teve importante papel na concepção sociológica do TEN, na formação intelectual de seus membros e na organização do grupo enquanto núcleo de estudos. Além da amizade, a influencia intelectual de Guerreiro Ramos sobre o TEN é atestada nas citações em diversos trabalhos de Abdias.

As afirmações de Nascimento sobre a integração do negro estão, portanto, em

192 Abdias Nascimento, “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”; Clóvis Moura, “Os dilemas da negritude”.

193 Muryatan Barbosa, *Guerreiro Ramos, o personalismo negro*. P.37-41; Sobre a influência de Pierson entre os acadêmicos e os militantes negros, ver: Antonio Sérgio Guimarães, *Classes, Raças e Democracia*, capítulo 5, “Democracia racial”.

sintonia com ideias de pensadores influentes na década de 1940, como Donald Pierson e Arthur Ramos. Não pretendemos demonstrar o quão diretas ou indiretas tenham sido estas influências. Estamos apenas situando o pensamento de Nascimento no contexto intelectual de sua época, para entendermos como (e com quais objetivos) o autor se afilia a estas ideias e elabora sua visão sobre as relações raciais¹⁹⁴.

A adesão aos valores das classes médias para Abdias Nascimento não consiste em uma rejeição da cultura dos negros, mas em um acesso aos espaços e aos direitos restritos aos brancos. No mesmo artigo, “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro, o autor afirma:

“O Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções. As massas dos homens de cor, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos. A gente negra sempre se organizou objetivamente, entretanto sob o efeito de apelos religiosos ou interesses recreativos. Os terreiros e as escolas de samba são instituições negras de grande vitalidade e raízes profundas, dir-se-ia, em virtude de sua teluricidade. O que devemos colher desta verificação é que só poderemos reunir em massa o povo de cor mediante a manipulação das sobrevivências paideumáticas subsistentes na sociedade brasileira e que se prendem às matrizes culturais africanas”¹⁹⁵.

Por esta afirmação entendemos que o TEN, de acordo com o seu criador, tinha o objetivo de funcionar como estratégia de reunir, por um apelo recreativo, a população negra em torno da reflexão sobre si própria. Não tentaremos decifrar o que o autor define como “teluricidade” dos terreiros e escolas de samba, mas vemos que ele considera ambas instituições importantes na sociabilidade do negro. Na visão do autor, para reunir massivamente o povo negro era necessário voltar-se para o legado de “conhecimento organizado” (o paideuma) de origem africana que sobreviveu na sociedade brasileira, sendo os terreiros e escolas de samba parte deste legado. A cultura nacional mestiça deveria reconhecer uma importância ainda subestimada da cultura negra de matriz africana. Este é um aspecto que distingue o TEN das organizações negras que o antecederam, as quais, em geral, na medida em que se afirmavam a brasilidade e a

194 Vale lembrar que Nascimento e Guerreiro Ramos neste momento tratam o preconceito e a discriminação do negro como um problema de classe social, mas não o tratam na perspectiva da luta de classes.

195 Abdias Nascimento, “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”.

mestiçagem do negro, procuravam afastar-se de traços culturais que remetessem à África.

“A cultura, com intuição e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, paulatinamente vai sendo relegada ao abandono, ridicularizada pelos líderes do ‘branqueamento’, esquecendo-se esses ‘aristocratas’ de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como criador e receptivo vem desde 13 de maio de 1888 (Artur Ramos)”¹⁹⁶.

Neste do texto intitulado “Nós”, publicado na primeira edição do jornal *Quilombo* em 1948, Nascimento evidencia a reivindicação de um devido reconhecimento da “cultura com intuição e acentos africanos”, por sinal, com uma cautela um tanto excessiva para não usar termos como “cultura negra”, “cultura africana” ou mesmo, “cultura afro-brasileira”, que poderiam soar como ofensa aos ideais nacionais de cultura mestiça. A luta por integração social do negro, naquele momento, ainda era travada dentro dos limites da ideologia da democracia racial, embora, o protesto da militância negra já apontasse as contradições do uso deste termo para definir as relações raciais no Brasil.

O discurso de Nascimento, em sintonia com as mudanças nas formas de pensar a questão racial entre os brasileiros, se afasta gradativamente da ideologia da democracia racial ao longo dos anos 1950, conforme analisaremos no próximo item, o que também impõe ao autor uma revisão sobre as noções de ‘assimilação’ e ‘aculturação’ do negro. Sua *Carta Aberta ao Primeiro Festival Mundial das Artes Negras*, escrita em 1966, mostra uma radicalização em seu discurso, que o afasta de posições assumidas nos anos 1940.

Em 1966 o Senegal, sob a presidência de Léopold Sédar Senghor, foi sede do *Festival Mundial de Artes Negras*, patrocinado pela Unesco, que reuniu intelectuais e artistas negros de várias partes do mundo. Tratou-se de um evento oficial onde cada nação participante enviou representantes escolhidos por suas respectivas autoridades governamentais. O Ministério das Relações Exteriores do governo ditatorial dos militares (iniciado em 1964), impediu o TEN de participar do Festival. Também foram vetados da delegação brasileira: o Teatro Popular Brasileiro, dirigido por Solano Trindade, Maria

196 Abdias Nascimento, “Nós” in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°1.

Margarida Trindade e Édison Carneiro, a Orquestra Afro-Brasileira, de Abigail Moura e o Ballet Folclórico de Mercedes Batista, organizações com as quais o TEN mantinha relações. O governo ditatorial dos militares se utilizou da ideologia da democracia racial buscando atenuar a ausência de democracia política no país. Questionar a democracia racial brasileira passou a ser considerado subversão.

Em resposta a essa proibição, Abdias escreveu a referida *Carta Aberta ao Primeiro Festival Mundial das Artes Negras*. Neste momento vemos que o autor já se desvinculou da ideologia da democracia racial, e reviu sua antiga posição sobre assimilação e aculturação como via de mobilidade e integração social do negro. Estes conceitos passam a ser analisados na mesma perspectiva em que são utilizados nas colônias europeias em África. Deste modo, assimilação e aculturação passam a ser entendidas, por Nascimento, como processo de sujeição e dominação do negro.

“(…) a mobilidade funciona, sim. Para certo tipo de negros – os ‘negros aculturados’ ou ‘negros assimilados’. Estes recebem estímulo, apoio, fazem carreira. Muita[s] vez[es] atingem o topo da escala social. No topo ou em qualquer degrau da sociedade, os ‘aculturados’ ou ‘assimilados’ se prestam ao triste papel de símbolos e rolha. Símbolos das franquias de nossa ‘democracia racial’. Rolha que nosso mecanismo de controle social usa para amordaçar e ameaçar àqueles que promovem a denúncia das imperfeições, dos pontos negativos de nossa convivência inter-racial. Os negros e mulatos ‘aculturados’ exercem com dignidade seu papel. Colaboram na manutenção dessa equívoca democracia racial. Ridicularizam a negritude, pois só compreendem e admitem ‘valores negros sob o denominador comum da aculturação’, o que importa na própria negação da originalidade e perenidade desses mesmos valores.

Que significa, na prática, aculturação e assimilação? Todos nós sabemos: é a abdicação do seu mundo interior, que os colonialistas exigem do homem colonizado, como passaporte à nacionalidade metropolitana. Após se exonerar de seu elenco de crenças, repudiar suas vivências mais caras e profundas, se possível fosse suprimir até no seu inconsciente as marcas de sua herança cultural de berço, o negro se encontra apto à ingressar na vida nova. Depurou-se no banho lustral da brancura. Verificou-se a catarse, ele é um epígeno, ser quimicamente modificado. De negro só resta a cor da pele: por dentro leva jubilosamente a brancura da alma dos brancos”¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Abdias Nascimento, “Carta Aberta ao Primeiro Festival Mundial das Artes Negras”, in: *Sitiado em Lagos*. P.102-103; A carta foi lida por Hamilton Nogueira na tribuna da Câmara dos Deputados (ver: *Sitiado em Lagos*. P.89); também foi endereçada à direção do referido Festival, à Unesco, e ao Governo da República do Senegal, publicada em 1966 nas revistas *Présence Africaine* (Paris/Dacar, vol. 30, n. 58) e *Tempo Brasileiro* (Rio de Janeiro, ano IV, n. 9-10), ver Abdias Nascimento, “Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões”. In: *Estudos Avançados*. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004. P.218-219

3.3 O protesto dos negros e a democracia racial

Vimos como o movimento negro se utilizou das noções de “assimilação” e “aculturação” nos discursos de reivindicação dos direitos civis, que se restringiam aos brancos. Fato que em um primeiro momento pode ser interpretado como uma tentativa, pelos próprios negros, de ‘diluição’ ou mesmo uma negação da cultura negra, e uma opção pela cultura dominante. Porém, uma análise atenta aos problemas enfrentados pelos afro-brasileiros nos anos 1940 e 1950, dentre os quais a restrição no acesso à educação e aos empregos que os colocassem na classe média, nos mostra que a “assimilação” dos valores culturais desta classe, para os militantes negros, consiste mais em uma luta por acesso aos direitos civis do que em uma negação da afro-descendência. Os exemplos de como as noções de “assimilação” e “aculturação” são utilizadas por Abdias Nascimento, de maneira diferente daquela utilizada por Henrique Pongetti confirmam esta afirmação.

Já mencionamos e problematizamos o fato de os intelectuais negros até a década de 1950 também terem se mobilizado politicamente dentro dos limites da ideologia da democracia racial, buscando utilizá-la em favor das reivindicações de direitos para a população afro-brasileira. Para estes intelectuais militantes, mobilizar-se dentro dos limites da ideologia da democracia racial significou lutar por mudanças na sociedade sem romper com a ideologia dominante. Havia um nacionalismo bastante evidente nas organizações negras deste período. Ao atacar abertamente o mito da democracia racial, os militantes negros estariam atacando um símbolo nacional bastante prezado pelas elites políticas, pelos intelectuais e pelos artistas daquela época. Isso afastaria potenciais aliados da causa integracionista, e isolaria ainda mais o movimento negro. Porém, reivindicar dentro dos limites da ideologia dominante, assim como, fazer aliança com pessoas influentes na sociedade, impôs limites, mas não impediu que os militantes negros, apontassem a presença do preconceito e da discriminação racial no Brasil, e buscassem estratégias para fazer frente a este problema.

Os usos do conceito de democracia racial são amplos, e variam quando empregados por diferentes autores, em diferentes épocas, de diferentes tendências

políticas. Não pretendemos fazer uma análise ampla das várias formas de emprego deste conceito. Nosso objetivo é distinguir sua utilização, nos anos 1940 e 1950 entre intelectuais negros empenhados na luta contra a discriminação racial, e intelectuais que defendiam a existência de relações raciais harmônicas no Brasil.

Gilberto Freyre talvez seja o intelectual que mais influenciou a concepção de democracia racial que se difundiu no meio acadêmico enquanto conceito, e na sociedade enquanto ideologia que definisse as relações entre negros e brancos no Brasil. Porém, não foi o autor de *Casa Grande & Senzala* quem cunhou o termo *democracia racial*. Antonio Sérgio Guimarães afirma que na literatura acadêmica especializada, esta expressão provavelmente apareceu pela primeira vez em um texto, publicado em 1952, que Charles Wagley escreveu como “introdução” do primeiro volume da série de estudos do, aqui já mencionado, *Projeto Unesco*¹⁹⁸.

Para Freyre, a mestiçagem étnica e cultural seriam os traços de uma suposta tradição democrática da “cultura luso-brasileira”, cujas origens estariam no período colonial, com uma escravidão supostamente “mais branda” do que nas colônias inglesas. A mestiçagem era vista pelo autor como um mecanismo de integração e mobilidade social. A “democracia social” no Brasil – a despeito da ausência de democracia política – era praticada a partir do “amalgamento de diferentes raças e culturas”. A simpatia deste autor pelos regimes autoritários de Vargas, no Brasil, e de Salazar, em Portugal, talvez explique sua opção por construir uma ideia de democracia social a partir das relações raciais, e silenciar a respeito da ausência de democracia política nos anos 1930 e 1940¹⁹⁹.

Arthur Ramos, assim como Gilberto Freyre, foi um intelectual da academia que influenciou bastante os militantes negros nos anos 1930 e 1940. Assim como Freyre, o antropólogo alagoano utilizava a presença da miscigenação como um exemplo de ausência de segregação entre negros e brancos no Brasil. Ideia que também influenciou o sociólogo francês Roger Bastide até o final da década de 1940. Bastide passou a reconhecer as desigualdades sociais entre negros e brancos a partir de suas pesquisas para o Projeto Unesco nos anos 1950, junto com Florestan Fernandes.

198 Guimarães se refere à “Introdução” *Race and class in rural Brazil*, organizado por Wagley. Ver: Guimarães, *Classes, raças e democracia*.

199 De acordo com Guimarães, Freyre nos anos 1940 se referia ao Brasil como um modelo de *Democracia étnica e social*. Guimarães, Idem. P.144-148

No entanto, a ideia de uma convivência harmônica entre negros e brancos no Brasil, não se restringe aos estudos sociológicos ou à literatura, embora ambos tenham um papel importante na formulação teórica de tal ideia e em sua consolidação enquanto ideologia (ou mito) nacional.

“A ideia de que o Brasil era uma sociedade sem ‘linha de cor’, ou seja, uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou posições de riqueza e prestígio, era já uma ideia bastante difundida no mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, bem antes do nascimento da sociologia. Tal ideia, no Brasil moderno, deu lugar à construção mítica de uma sociedade sem preconceitos e discriminações raciais”²⁰⁰.

Intelectuais militantes negros e intelectuais acadêmicos compartilhavam a ideia de que no Brasil havia um legado de democracia racial desde a abolição da escravidão. Porém, para o movimento negro, tanto dos anos 1930, quanto o dos anos 1940 e 1950, a abolição estava incompleta na medida em que o negro ainda não havia sido integrado social e economicamente na sociedade capitalista. Ambas as gerações do movimento negro reivindicavam uma *Segunda Abolição*.

“É justamente em torno da utopia de uma Segunda Abolição, na qual se realizaria plenamente a democracia racial, que se dá a mobilização política dos negros. É preciso que se note a ambiguidade no emprego deste termo, especificamente por parte dos negros: por um lado, falar em democracia racial significava afirmar o direito pleno a algo que não havia ainda se materializado, mas que se poderia reivindicar a qualquer momento – nisso residia o seu lado progressista; o seu aspecto conservador ficava por conta de que tal igualdade, não consubstanciada em termos de oportunidades de vida, ficava como promessa cujo fado se cumpre ao prometer.

Portanto, ao lado do consenso sobre a democracia racial, havia diferenças entre a intelectualidade negra rebelde e o *establishment* cultural da Segunda República. Do ponto de vista dos negros, são duas as principais tensões: a crítica ao exotismo que seria cultivado pelas ciências sociais, ao ver o negro como objeto e espetáculo; e a crítica aos intelectuais ‘brancos’, que negavam a existência do preconceito racial no Brasil e a necessidade de uma Segunda Abolição”²⁰¹.

A militância negra se apropriava da ideologia da democracia racial como instrumento de reivindicação de um ideal a ser atingido, reconhecendo a existência de

200 Guimarães, *Ibidem*. P.142

²⁰¹ Guimarães, *Op. Cit.*. P.158

desigualdades sociais entre brancos e negros. Neste sentido, a coluna intitulada “Democracia Racial” do jornal *Quilombo*, funcionava como um fórum de discussão sobre relações raciais, onde foram publicados textos de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, Ralph Bunche, Paul Vanorden Shaw, do senador Hamilton Nogueira, e outros. A colaboração plural, expressa nos autores de diferentes tendências políticas, resultava da política de alianças com diversos setores da sociedade buscada pelo TEN. Não confrontar abertamente a ideologia hegemônica da democracia racial, viabilizava esta política de alianças. O primeiro parágrafo do texto que Abdias Nascimento escreveu e publicou na primeira página da primeira edição do jornal *Quilombo* (1948) é bastante elucidativo:

“Nós saímos – vigorosamente e altivamente – ao encontro de todos aqueles que acreditam, – com ingenuidade ou malícia – que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de *Quilombo* não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, senão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.”²⁰²

O trecho em destaque começa com uma possível réplica a quem dizia que a militância negra estava criando um problema que não existia no Brasil. Nascimento afirma que a militância negra, em torno do jornal *Quilombo* (e do TEN) não pretendia “criar um problema”, mas discutir um fato na sociedade, o da discriminação racial. De maneira um tanto conciliatória, o autor afirma que a luta da qual participa não é “contra” quem nega os direitos aos negros, e sim pela ‘conscientização’ do negro sobre seus direitos. Nas palavras do autor, trata-se de uma luta em favor dos direitos dos negros, mas não contra quem os nega. Porém, Abdias não aponta a saída para o embate entre quem está a favor e quem nega os direitos dos negros (sequer, aponta um embate). Talvez o autor acreditasse naquele momento que se os negros conhecessem seus direitos, conseguiriam negociar sua efetivação com as classes dominantes. Uma outra possibilidade interpretativa, é pensar o *Quilombo* na concepção de Abdias, neste texto, como um instrumento aglutinador da população negra, ou seja, uma etapa preparatória, de “conscientização”, para uma próxima etapa, a luta pela efetivação dos direitos dos negros.

202 Abdias Nascimento, “Nós” in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°1. P.1

Em outro trecho desse mesmo texto, Abdias insere o Brasil no contexto das nações onde historicamente houve – e havia – dominação política e econômica de brancos sobre negros. Sociedades marcadas pelo colonialismo. Porém, faz uma distinção entre países como EUA e África do Sul, onde havia supressão dos direitos dos negros com base na lei e na força das armas, e o Brasil, onde a marginalização do negro ocorreria através de uma alienação dos meios que o capacitariam a refletir sobre seus direitos.

“Nosso caso se relaciona com todo o problema que determina o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que antecedeu a conquista da América quando o Papa Pio II, Sílvio Eneas Piccolomini, levantou impedimentos teológicos ao tráfico português de africanos; depois da guerra de secessão nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos; após as lutas libertadoras de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando já não se pode falar de servidão ou submissão militar, querem arrancar ao negro o domínio econômico e político de sua terra como na África do Sul; tiram-lhe violentamente seus direitos no país que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos; ou arditamente despojam-lhe dos meios psicológicos e mentais que o capacitam adquirir a consciência de sua verdadeira condição ante uma igualdade legal, como no Brasil”²⁰³.

Mesmo tentando marcar uma diferença entre a discriminação racial no Brasil e em outras partes do mundo, e mostrando uma intenção de reivindicar direitos políticos e civis sem entrar em confronto com as classes dominantes brancas, sem atacar o mito da democracia racial – uma tendência do movimento negro daquela época – a militância afro-brasileira era acusada de imitar os ‘negros estrangeiros’ e criar no Brasil um problema que não existia, como nos mostra editorial de *O Globo* de 13 de abril de 1950. Destacamos um trecho:

“Teatro de negro, jornal dos negros, clubes dos negros... Mas isso é imitação pura e simples, de efeitos perniciosos. Agora já se fala mesmo em candidatos negros ao pleito de outubro. Pode-se imaginar um movimento pior e mais danoso ao espírito indiscutível da nossa formação democrática? Vale a pena combatê-lo, desde logo, sem prejuízo dos direitos que os homens de cor reclamam e nunca lhe foram recusados. Do contrário, em vez de preconceitos de brancos termos, paradoxalmente, preconceitos de pretos. Tais efeitos conduzem, não ao racismo (que não existe entre nós) mas o espírito de imitação mal digerido e cuja consequência talvez mais nefasta seja o estabelecimento de um sistema por todos os títulos

203 Abdias Nascimento, “Nós” in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. P.1

abominável: os indivíduos passariam a ser isto ou aquilo, a ocupar determinados cargos, não pelo valor pessoal que os recomendasse, mas por serem pretos ou não serem pretos. A pigmentação cutânea entraria a valer como prova de títulos...”²⁰⁴

A formação democrática mencionada neste editorial é a democracia racial, a ideia segundo a qual negros e brancos têm as mesmas oportunidades e não são julgados de acordo com a cor da pele. O documento considera as organizações negras como uma ameaça à democracia que, segundo o autor, paradoxalmente criaria “preconceitos de pretos [em relação aos brancos]”, como se o preconceito dos brancos fosse norma, ou como se não existisse. Do mesmo modo, os candidatos negros são vistos como um paradoxo do racismo negro contra a norma estabelecida de nos pleitos haver esmagadoramente candidatos brancos (o que não era visto como racismo ou algo paradoxal)²⁰⁵.

Em tom bastante conciliatório, Abdias Nascimento respondeu ao editorial de *O Globo*. Reiterou o papel do movimento negro de combater o preconceito e a discriminação racial, e integrar socialmente o negro, sem negar ideais de mestiçagem característicos da ‘identidade nacional’ que se buscava construir:

“Nenhum problema, dentre os que emergem do nosso complexo social e nacional, apresenta maior dificuldade em ser abordado, estudado e resolvido do que o chamado problema do negro brasileiro. Isto porque já se firmou entre os elementos das nossas classes dirigente, entre os homens da cultura e da sociedade do nosso país, um forte preconceito difícil de ser removido: o preconceito de que toda organização, movimento ou entidade de gente de cor, é, por definição, de índole segregativa. Cozinhos-se, assim, uma espécie de conserva do problema do negro, sob o pré-julgamento de que ele se organizando quer se separar do branco, quer guerrear o branco, quer criar um preconceito racial inexistente entre nós. (...) Em nosso país tudo tem a marca indisfarçável desse gostoso caldeamento de raças e o negro não tem nenhum interesse em perturbar a marcha natural dessa mestiçagem de sangue, cultura e civilização”²⁰⁶.

Abdias demonstra que seu objetivo era organizar politicamente os negros, porém, sem gerar um possível confronto social com os brancos, especificamente com os grupos

204 Editorial, “Racismo, no Brasil!... *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950. P.1, apud Elisa Larkin Nascimento, *Sortilégio da cor*. P.286

205 Estas observações são feitas por George Reid Andrews, *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. P.285-286

206 Abdias Nascimento, “Convite ao encontro”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N° 9, maio de 1950. P.5

de poder que negam os direitos aos negros. Ao invés do conflito, o líder opta pela via da negociação. Esta alternativa está plenamente de acordo com o histórico de alianças entre Abdias e pessoas de diferentes posições sociais, de diferentes tendências políticas. O TEN ao longo de sua trajetória, mas principalmente na década de 1940 (em seus primeiros anos e existência) contou com o apoio de políticos, artistas e intelectuais brancos, alguns deles amigos pessoais de Abdias, muitos dos quais eram adeptos da ideologia da democracia racial.

Há uma correspondência endereçada a Nascimento, datada em 25 de junho de 1945, onde o remetente assina como Garrido, amigo do destinatário, que estava em Nova Iorque, nos EUA. Não descartamos a possibilidade de esta ser uma das amizades que Abdias tenha feito no período em que militou na AIB, pois o remetente além de se referir ao destinatário como velho amigo, também mandou lembranças a Ricardo, Rômulo e Rodrigues Alves, provavelmente Ricardo Werneck, Rômulo Almeida e Sebastião Rodrigues Alves, que foram *camisas-verdes*. Garrido felicita Nascimento por, naquele momento, estar mais seguro do que no passado, e estar concretizando seu projeto antigo do qual o remetente já estava ciente há um tempo: “a afirmação consciente do negro na cultura e na civilização brasileiras”. Os contornos nacionalistas do texto, e a atribuição de um “sentido ecumênico da civilização brasileira” reforçam a hipótese de Garrido ser ex-integralista (a AIB costumava referir-se a si própria como um movimento nacionalista, cristão e ecumênico). Ao chamar atenção de Abdias para que seu projeto não crie uma espécie de “racismo negro” o autor afirma:

“Só é preciso (e aqui reafirmo uma tese antiga) que disso não resulte um sentido de raça que crie, em nossa sociedade, um sentimento que, ao invés de mais vincado, deve antes desaparecer por completo. Se a civilização brasileira deve vir a constituir a realidade que promete em toda sua originalidade, é absolutamente necessário preservar o seu sentido cósmico ou ecumênico. V. não concorda? No meu entender, o Brasil não está comprometido com qualquer espécie de civilização que o mundo já conheceu. Não vejo porque o Brasil se deva empenhar na defesa da civilização branca como da civilização negra. A civilização brasileira deve ser a síntese resultante de todas as civilizações que a precederam”²⁰⁷.

O autor da carta não faz menção direta à democracia racial, mas versa sobre uma

207 Garrido, *Correspondência*. Autor: Garrido. Destinatário: Abdias Nascimento. Acervo IPEAFRO.

originalidade da civilização brasileira que residiria na “síntese de todas as civilizações que a precederam”, ou seja, reafirmando a ideia comum na qual a originalidade da civilização brasileira estaria em sua formação cultural mestiça. A democracia racial parecer estar implícita quando o autor fala sobre uma realidade “prometida” por esta “originalidade [mestiça] da civilização brasileira”. Isso nos faz pensar que Garrido, amigo e, por sinal, apoiador dos projetos de Abdias, acreditava que se o Brasil ainda não vivia uma democracia racial, sua originalidade cultural trazia uma promessa de realização desta utopia, talvez em um futuro próximo.

No entanto, dentre os aliados do TEN fora da esfera da militância negra, havia também quem apontasse a presença do preconceito e da discriminação do negro, e criticasse a ideologia da democracia racial. Vera Pacheco Jordão enviou uma carta a Abdias datada de 25 de junho de 1946, com um artigo que posteriormente, em 7 de julho do mesmo ano, foi publicado em *O Jornal*. Trata-se de um artigo sobre a encenação de *O Imperador Jones*, pelo TEN, onde a autora aproveita para falar sobre os problemas raciais brasileiros:

“Há verdades que, de temporárias, tomam ares de definitivas pela cristalização em formulas, mas, sob o rótulo o conteúdo vai se evaporando ou degenerando de tal modo que o rótulo acaba em falsificação. Desgraçadamente, é o que parece estar acontecendo com a nossa atitude em relação aos Negros: ‘No Brasil não há preconceito racial, o Negro de valor sobe como o Branco’. Invocamos André Rebouças, José do Patrocínio, Juliano Moreira e, com a consciência tranquilizada proclamamos nossa democracia racial, em falta de [democracia] política. Já não analisamos a formula para ver que se refere ao ‘Negro de valor’, limitando-se aos expoentes em vez de se estender ao comum dos indivíduos; para reparar que os exemplos clássicos já são históricos e que, ainda bem próximo temos o ressentimento de Machado de Assis contra a sua pinta racial levando-o a evadir-se para tornar-se um grande Branco, a amargura de Lima Barreto amarrando Isaias Caminha ao irremediável destino de mulato”²⁰⁸.

A autora estava ciente de como proclamar uma democracia racial era também uma forma de manipular o conceito de democracia com o objetivo de compensar a ausência de democracia política (o texto foi escrito no ano seguinte ao fim do Estado Novo). No mesmo artigo, Vera Pacheco Jordão vê as organizações políticas negras como

208 Vera Pacheco Jordão, *Correspondência*. Autor: Vera Pacheco Jordão Destinatário: Abdias Nascimento, 25/06/1946.

consequência das “barreiras raciais”, impostas pelos brancos, que impedem a promoção dos direitos da população afrodescendente. O movimento negro em sintonia com as mudanças sociais vinha lutando pela superação das “barreiras raciais” que impedia a população negra de usufruir dos benefícios do crescimento econômico, que os brancos já usufruíam:

“Mas a evolução econômica decorrente da industrialização, com a centralização da vida nas cidades, com o aumento das facilidades para a instrução, o Negro vem ganhando terreno e entra na competição social não já como indivíduo excepcional que conquista seu título pessoal, mas como criatura humana que reclama seus direitos. A recusa desses direitos é que ergue as barreiras raciais. As sociedades dos Homens de Cor não foram inventadas pelos Pretos, foram criadas pelos Brancos que, negando-lhes seus direitos, participação na vida da comunidade, forçam a segregação que cria uma consciência coletiva”²⁰⁹.

Nelson Rodrigues também aponta para a presença do preconceito racial no Brasil, tendo como exemplo a subestimação – ou a ausência – do negro no teatro. Na primeira página da edição inaugural do jornal *Quilombo*, o renomado dramaturgo respondeu à seguinte enquete: “há preconceito de cor no Teatro?” Em sua resposta, o autor de *Anjo Negro* considerou que no Brasil subestima-se a capacidade dramática do negro, reservando a ele papéis secundários e estereotipados. Disse que fora dos palcos a convivência entre negros e brancos por si só não implica em uma igualdade entre ambos, porém há uma indisposição coletiva em admitir que no Brasil o negro é discriminado.

“É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último ficam de fora. Por que esta situação humilhante? Vejamos alguns dos motivos mais nítidos. Em primeiro lugar, subestima-se a capacidade emocional do negro, o seu ímpeto dramático, a sua força lírica e tudo o que ele possa ter de sentimento trágico. Raros admitem que ele possa superar a molecagem e a cachaça. Mas tais preconceitos nada representam diante do maior e mais irredutível, que é o da cor. Qualquer artista branco toma café com um colega negro, e brinca e diz piada. Mas isso não implica, evidentemente, numa igualdade que nunca existiu e que ninguém parece disposto à admitir”²¹⁰.

209 Vera Jordão Pacheco, Idem.

210 Nelson Rodrigues, “Há preconceito de cor no teatro?” (entrevista), in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N.º 1. P.1 e 6

Em um texto publicado em 1957, no jornal *Última Hora*, Nelson Rodrigues comenta a peça *Sortilégio* de Abdias Nascimento, e afirma uma admiração pela consciência racial do líder do TEN: “trata-se de um negro que se apresenta como tal, que não tem vergonha de sê-lo e que esfrega a cor na cara de todo mundo”. Neste artigo, quase dez anos após sua entrevista para o *Quilombo*, Rodrigues reitera sua visão sobre as relações raciais no Brasil: “Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite. Acho o branco brasileiro um dos mais racistas do mundo”²¹¹.

O dialogo permanente que o TEN manteve com intelectuais, militantes e não militantes do movimento negro, é registrado nas publicações e nos eventos promovidos pelo grupo de Abdias, em geral já mencionados.

Em 1950 o TEN promoveu o *I Congresso do Negro Brasileiro*, que reuniu uma intelectualidade negra militante, intelectuais da academia ligados aos estudos sobre o negro, e simpatizantes da causa do movimento social dos afro-brasileiros. O objetivo do congresso era discutir as relações raciais no Brasil, a promoção dos direitos da população negra e sua integração definitiva à nação. A militância negra convidou alguns representantes da comunidade científica para debaterem sobre os problemas que afetavam a população negra. Talvez fosse este evento a consolidação de um diálogo e da política de alianças que Abdias vinha praticando desde a fundação do TEN. Sem romper com o mito da democracia racial, Nascimento apontou seus limites no discurso inaugural do congresso.

“(…)Observamos que a larga miscigenação praticada como imperativo de nossa formação histórica, desde o início da colonização do Brasil, está se transformando, por inspiração e imposição das últimas conquistas da biologia, da antropologia e da sociologia, numa bem delineada doutrina de democracia racial, a servir de lição e modelo para outros povos de formação étnica complexa, conforme é o nosso caso.

A ênfase acentuando a linha da nossa evolução inter-racial não implica, evidentemente, na negação ou diminuição da importância de que se revestem os aspectos da convivência defeituosa de pretos e brancos no país, onde os primeiros, depois de libertos a 13 de maio de 1888, não mereceram, como era justo e

211 Nelson Rodrigues, “Abdias – o negro autêntico”, *Última Hora*, 26/08/1957 in: *Teatro Experimental do Negro: testemunhos*. P.157

necessário, qualquer apoio econômico da República, nenhuma educação e instrução profissional que os habilitassem a usar as franquias legais, garantindo-lhes a oportunidade de continuarem existindo como elementos da mesma eficiência e utilidade de quando eram escravos. O ônus negativo que os brasileiros negros ainda hoje apresentam, antes de uma insuficiência, de incapacidade para as tarefas e responsabilidades cívicas e sociais da hora presente, refletem o ‘deficit’, que se multiplica há cerca de sessenta anos, que as classes dirigentes da Nação têm para com o povo de cor negra²¹².

Neste texto Abdias não nega o discurso comum entre a intelectualidade dos anos 1940 e início de 1950 no qual a miscigenação cultural e étnica do povo brasileiro engendrava os fundamentos de uma “bem delineada doutrina de democracia racial”. Tal ideia está plenamente de acordo com os ideais de cultura nacional e com a imagem do país que as autoridades políticas brasileiras exportavam para o mundo. A nação brasileira teria os elementos e a fórmula para resolver os problemas raciais de outras nações multiétnicas. Entretanto, as vertentes conservadoras, mais próximas das posições de Gilberto Freyre, preconizavam que os problemas raciais no Brasil se resolveram com a abolição da escravidão. Já a militância negra considerava a necessidade da *Segunda Abolição*. Para ela a democracia racial era possível, mas só se efetivaria quando fossem superadas as desigualdades sociais entre brancos e negros.

Os trechos destacados do artigo de Vera Pacheco Jordão (1946) e da entrevista de Nelson Rodrigues (1948), demonstram que a denúncia do preconceito e da discriminação racial feita pelo movimento negro desde o pós-abolição passava a ser compartilhada, para além da esfera das organizações negras, por intelectuais brancos, antes das pesquisas do Projeto Unesco.

O mito da democracia racial, embora se mantivesse arraigado no imaginário popular por longos anos subsequentes aos fatos aqui analisados, desgastava-se ao longo dos anos 1950, para nos anos 1960 ser definitivamente abandonado por setores da militância negra que se radicalizariam, e por parte da intelectualidade branca progressista.

Na década de 1950, quando se acentua cada vez mais uma postura crítica sobre o referido mito/ideologia, Abdias Nascimento escreveu um artigo denunciando a ausência de negros na carreira de diplomata. Sem abandonar o tom nacionalista de seus discursos,

²¹² Abdias Nascimento, “Inaugurando o Congresso do Negro”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°10, jun./jul. 1950. P.1

o autor via a exclusão dos afro-brasileiros neste setor como uma expressão de anti-patriotismo das autoridades competentes que mesmo não sendo diretamente agentes da exclusão, nada fazem pela inclusão dos afro-brasileiros no Itamaraty:

“Creio que todos os brasileiros estejam de acordo nisto: o negro, tendo capacidade, pode ser diplomata. Pode representar o Brasil no exterior. E não vale o argumento de que talvez os outros países recusem um embaixador negro. Não temos aqui mesmo no Rio o ilustre embaixador do Haiti, senhor Pierre Rigaud, negro retinto, desempenhando com inexcusável brilho o mandato que seu país lhe conferiu? Ainda agora, por ocasião da posse do presidente Vargas, tivemos a visita de diplomatas de cor de vários países, como, por exemplo, representantes da Etiópia. Será que S M o Imperador Haile Sellassié, ou o presidente do Haiti – também negro – recusariam como embaixador um brasileiro negro? Ninguém acredita nisso”²¹³.

Neste mesmo documento, Nascimento refuta a afirmação de que não haveria negros brasileiros com aptidão para o Itamaraty, tomando como exemplo o sociólogo Guerreiro Ramos, dois coronéis do exército, Alfredo Correa e Cherubim Chagas, e um professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Cesarino Júnior, citando apenas alguns dos quais ele conhece, para exemplificar a presença de intelectuais negros que poderiam tornar-se diplomatas. O autor menciona, não ao acaso, o Haiti e a Etiópia como exemplo de lugares onde o negro poderia atuar como embaixador. Para os movimentos negros africanos e diaspóricos, ambos países são símbolos de luta e libertação. Ao Haiti é atribuído o nascimento da negritude, por ser a única colônia do Antigo Regime a se tornar independente através da luta dos negros escravizados, além de preceder toda a descolonização da América Latina. A Etiópia tornou-se símbolo não apenas pela cultura milenar (reconhecida também pelos europeus), mas por ter sido a única nação africana em que o colonialismo não se instaurou.

A conexão de Nascimento com a negritude francófona é comprovada desde a primeira edição do *Quilombo* em uma coluna não-assinada sobre a importância da revista *Présence Africaine*, fundada dirigida por Alioune Diop, para o movimento negro internacional. A edição número 5 do jornal traz um extrato de “Orfeu Negro” de Jean Paul-Sartre, traduzido por Ironides Rodrigues. Na mesma edição Nascimento entrevista o embaixador da Etiópia, George Chalaby. Ao longo de suas 10 edições o jornal do TEN

213 Abdias Nascimento, “O Sol nasceu para todos: diplomatas negros”. Recorte de jornal [título não-identificado]. 28/02/1951. Acervo IPEAFRO.

traz referências do movimento negro internacional, evidenciando sua conexão com as ideologias políticas em voga no âmbito da diáspora africana.

No referido texto no qual reivindica a presença de negros no Itamaraty, Nascimento também afirma que nos Estados Unidos, país costumeiramente apontado pelos brasileiros como um dos maiores exemplos de sociedade racista, havia negros desempenhando funções importantes na administração pública e na diplomacia. Cita o exemplo de Ralph Bunche, neto de escravos, que recusou o convite do presidente Truman para o cargo de vice-ministro do Exterior, e recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1950²¹⁴.

Abdias também apontou para as desigualdades de oportunidades entre negros e brancos no ambiente intelectual. A falta de espaço para autores afro-brasileiros no mercado editorial contribuía para sua sub representação entre os intelectuais. Em artigo publicado na *Revista Panfleto*, nos anos 1950, Nascimento escreveu uma carta aberta – intitulada ‘Bilhete ao senhor ministro da cultura’ – para o então ministro Antonio Balbino, chamando a atenção para os estudos sobre o negro que vinham sendo publicados naquele período. O autor critica o fato de tais estudos – que se colocavam como revisão dos estudos das décadas anteriores – serem predominantemente de autores brancos, e em geral não contemplarem a realidade dos afro-brasileiros, ainda reduzindo-os ao “objeto de serventia”, ao “pitoresco ou artigo de museu”. Menciona a existência de intelectuais negros – se remetendo à si próprio e seus companheiros do TEN – também empenhados em estudos sobre a situação dos afro-brasileiros, porém, sob a ótica de quem vivencia tal situação (sob a ótica do próprio negro). Afirma que em geral os autores negros brasileiros além das dificuldades financeiras, não tinham espaço no mercado editorial. Deste modo sugeriu que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) – que há pouco tempo havia publicado *Um começo de vida* depoimento do escritor negro Raimundo de Souza Dantas – investisse em um programa social de apoio aos escritores negros.

“O Ministério da Educação, certa vez, publicou o depoimento interessante de um negro, Raimundo de Souza Dantas, atualmente homem de letras conceituado e membro do gabinete de sua excelência, *Um começo de vida*. Exemplos como esse deviam frutificar na alta administração pública do país, e me encoraja a sugerir à sua excelência a organização de uma biblioteca de jovens autores negros, a exemplo da

214 Ralph Bunche teve um artigo intitulado “Da solidariedade humana”, publicado na coluna “Democracia Racial” do jornal *Quilombo*, n° 7/8, mar./abr., 1950. P.3

coleção publicada pelo *Serviço de Documentação*, onde muito justamente só figuram nomes consagrados. Criemos Sr. Ministro, também a *panelinha* dos escritores negros, já que um Ironides Rodrigues, por exemplo, jamais conseguirá publicar um de seus livros, nem sequer a biografia do grande palhaço *Benjamim de Oliveira*, livro belo e útil às artes de nosso país; Aguinaldo Camargo, homem culto e autor de gênio, morreu sem ver impresso seu fundamentado estudo sociológico sobre evolução da gente negra brasileira; Sebastião Rodrigues Alves, defendendo tese de Assistente Social, elaborou importante monografia que, entregue ao Sr. Simeão Leal, com promessa de publicação, até hoje dorme sono inefável numa gaveta qualquer do edifício onde sua excelência é Ministro do Estado”²¹⁵.

As disparidades nas condições de vida material entre negros e brancos, e as barreiras raciais que impediam o acesso dos afro-brasileiros à esfera do poder político e econômico, com o tempo vão se tornando cada vez mais incompatíveis com os ideais de democracia racial na crítica dos militantes negros. A radicalização do discurso antirracista passa ser vista, cada vez mais como ameaça aos ideais de nação cordial e sem conflitos raciais. Já mencionamos a censura imposta à peça *Sortilégio*, de Abdias, de 1951 a 1957, justamente por confrontar a ideologia dominante sobre questão racial no Brasil. A partir do golpe militar de 1964 com a instauração, novamente, de uma ditadura, e a suspensão da (ainda) deficitária democracia política do país, a democracia racial volta a ser a única possibilidade ideológica e simbólica de democracia no Brasil. Confrontá-la, implicava em ato de subversão. Neste contexto podemos entender o impedimento do TEN em participar do *Festival Mundial de Artes Negras* em Dacar (Senegal), em 1966.

Outro trecho da já citada *Carta Aberta ao Primeiro Festival de Artes Negras*, ilustra a radicalização do discurso de Nascimento. Ao invés de invocar a utopia de uma democracia racial em um futuro próximo, o autor versa sobre a situação de desamparo social à qual os negros foram lançados após terem soerguido a estrutura econômica do país durante os séculos de escravidão. É contraditório autor se referir na carta à uma “benignidade da escravidão brasileira”, ao mesmo tempo que a considera um regime em que a violência moral e a brutalidade física são inerentes. No entanto, ressalta a espoliação “material” e “espiritual”, por herdeiros de privilégios do antigo regime, ao longo do período que sucedeu a abolição. Abdias considera que o ambiente

²¹⁵ Abdias Nascimento, “Bilhete ao senhor ministro da cultura” in: *Revista Panfleto* s/d. Acervo IPEAFRO. Antonio Balbino esteve a frente do Ministério da Educação e Cultura entre 1953 e 1955, no governo de Getúlio Vargas. Fonte consultada em 18/12/2015: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/Antonio_Balbino.

aparentemente favorável à comunidade negra no Brasil, talvez seja um dos mais hostis ao negro, entre as sociedades ocidentais.

“Aos que ignoram nossos precedentes históricos, seja-nos permitido lembrar que a benignidade da escravidão brasileira não excluía o africano da brutalidade física, além da violência moral inerente ao regime. Sob tais condições, quase sozinho, ele foi o autor do soerguimento de nossa estrutura econômica. Exerceu forte e incontida influência cultural. Advinda, porém, a abolição da escravatura, não lhe permitiram, ao contrário de tanta proclamação romântica, que o novo brasileiro livre gozasse plenamente a cidadania que se lhe outorgava na letra das leis. Herdeiros de privilégios sobreviventes do antigo regime, ainda agora usufruem o direito consuetudinário de manipular o negro, material e espiritualmente. Nenhuma outra comunidade negra, fixada em país de civilização ocidental, talvez sofra de maneira tão trágica a pressão de um meio social só na aparência totalmente favorável”²¹⁶.

Está evidente a ruptura com a ideologia da democracia racial brasileira, quando o autor se refere ao Brasil como um ambiente hostil para o negro. Neste trecho os problemas raciais são vistos como heranças da escravidão, mais uma vez evocando a ideia da necessidade de uma *segunda abolição*. No mesmo trecho o autor desmistifica a ideia de que há integração social para o negro no Brasil, e critica o fato de haver uma integração reduzida e seletiva através da ‘assimilação’, entendida aqui como “branqueamento”, ou seja, para o negro integrar-se era preciso que ele negasse suas origens e seus valores culturais. Nascimento também chamou a atenção para o fato de a ascensão social do negro se restringir à música e ao esporte, demonstrando a exclusão dos negros em outras áreas (científicas e financeira, por exemplo). Por fim, critica a maneira como a cultura do negro vinha sendo explorada por uma “indústria do pitoresco”, que o reduzia ao exotismo. Estas questões o autor explorará com mais ênfase em sua produção intelectual dos anos 1970, sobretudo em *O genocídio do negro brasileiro*.

“Há que tomar precauções ao se ouvir falar em ‘integração racial’ no Brasil. Sua significação é muito relativa e restrita. É certo que os negros não sofrem, atualmente, qualquer agressão física ou legal. Mas quer isso dizer integração efetiva? Absolutamente não. Repercute em nós, os negros, mais como um jogo verbal, eufemismo dissimulador de um ideal secreto. Um desejo subjacente, em nossas camadas ditas superiores, de branquificar o nosso povo. Daí uma política de manutenção do negro ‘em seu lugar’, com

216 Abdias Nascimento, Abdias Nascimento, “Carta Aberta ao Primeiro Festival Mundial de Artes Negras”. P.94

franquias em certas áreas como o futebol e o samba. A indústria do pitoresco, existente em vários mercados do mundo, se mantém, entre nós, pela comercialização dos produtos que o negro cria para o Carnaval. A alegria vital do negro, seu pendor coreográfico, seus cantos, ritmos e cores, transformados em mercadoria exótica, instauram novo tipo de exploração. Com a vantagem de ajudar a manter o estereótipo do ‘negro bom’, que não cria casos”²¹⁷.

3.4 Negritude: identidade e cultura negra

Vimos na produção intelectual de Abdias Nascimento entre meados das décadas de 1940 e 1950 alguns aspectos que aproximam o movimento negro deste período com as organizações negras das décadas antecedentes, e aspectos que distanciam uma geração da outra. Ao longo desta dissertação mostramos e analisamos alguns exemplos os quais retomamos no primeiro item deste capítulo. Os usos das noções de “assimilação” e “aculturação”, assim como o protesto antirracismo conciliado com a ideologia da democracia racial talvez sejam os aspectos que mais aproximem a primeira (1888-1930) e a segunda fase do movimento negro (1945-1968). Fizemos uma distinção entre os usos de tais conceitos pela militância afro-brasileira que combatia as desigualdades entre negros e brancos, e correntes conservadoras que negavam tais desigualdades. Analisamos também o processo de afastamento e ruptura de Abdias Nascimento com a ideologia da democracia racial, entre meados das décadas de 1950 e 1960.

Mais adiante analisaremos, conjuntamente, dois aspectos que marcam diferenças entre o protesto dos negros da primeira e da segunda fase do movimento social afro-brasileiro: 1) a afirmação de uma identidade cultural vinculada ao legado histórico e cultural africano; 2) a inserção do movimento afro-brasileiro no contexto internacional dos movimentos negros da diáspora africana.

No decorrer de nossa argumentação sobre a formação do TEN e sua inserção no contexto intelectual, artístico e político, mencionamos sua aproximação, que em alguns casos resultaram em alianças, com a intelectualidade internacional negra ou simpatizante da causa antirracismo: Eugene O’Neill, Albert Camus, Ralph Bunche, George Chalaby,

217 Abdias Nascimento, Abdias Nascimento, Idem. P.95-96

George Schuyler, Katherine Dunham, W. Hardin Hughes, Paul Vanorden Shaw, e outros. Dentre as lideranças do TEN, notadamente, Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos e Ironides Rodrigues se destacam pela conexão que tiveram com ideias que circulavam no movimento negro internacional. Esses líderes afro-brasileiros foram influenciados pelo movimento negro norte-americano, mas sobretudo, pelo movimento negro francófono da *négritude*. Discorreremos um pouco sobre esta corrente literária e política que exerceu influência sobre as lideranças do TEN, para no próximo item analisarmos como a produção intelectual de Abdias Nascimento se afiliou a este movimento.

Com base nas análises de Kabengele Munanga, definiremos a negritude como uma reação racial negra à agressão racial branca²¹⁸. Historicamente, a negritude se manifestou em diferentes correntes de pensamento, e teve dois períodos: 1) na década de 1930 manifestou-se sobretudo enquanto corrente literária; 2) em meados dos anos 1940 inclinou-se cada vez mais para a crítica ao racismo e ao imperialismo europeu, assumindo importante papel de ideologia política antirracismo e anticolonialismo nos movimentos de descolonização da África.

Embora façamos esta distinção de períodos, vale ressaltar que mesmo enquanto manifestação literária, no primeiro período, a negritude é permeada de conteúdo político, na medida em que surge como afirmação de uma identidade positiva do negro oprimido pelo racismo e pela colonização. O imperialismo do século XIX ao XX resultou no enriquecimento de nações europeias através da espoliação de povos africanos, submetidos à colonização. O racismo foi a base ideológica fundamental da colonização, destituindo a humanidade do negro, afirmando sua inferioridade em relação ao branco, em um processo que envolveu diferentes formas de violência física e psicológica (castigos corporais, trabalho compulsório, um código civil diferenciado que impunha humilhações cotidianas aos africanos). A negritude surge como uma manifestação antirracista, que busca restituir a humanidade do negro.

“A *negritude* e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores de pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é

218 Kabengele Munanga, *Negritude: usos e sentidos*. P.15

como parece indicar o termo Negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização²¹⁹ e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. Lembremos que, nos primórdios da colonização, a África negra foi considerada como um deserto cultural, e seus habitantes como o elo entre o Homem e o macaco”.

Sob os domínios coloniais europeus instaurados na África entre meados dos séculos XIX e XX, alguns negros obtinham destaque e um relativo prestígio social através da “assimilação”, já mencionada aqui, porém, referindo-se ao contexto brasileiro. No contexto africano, assimilação, tratava-se da adesão aos valores do colonizador, a começar pelo idioma. O processo de assimilação consistia em o colonizado afastar-se ou abandonar totalmente sua cultura de origem. Em alguns casos a assimilação garantia ao negro o acesso a cargos burocráticos e a uma minimização de sua espoliação, porém, nunca garantia-lhe igualdade de direitos em relação ao branco. O racismo colonial demarcava, naturalizava e elevava ao absoluto as diferenças entre opressor e oprimido²²⁰.

A negritude, tanto em sua expressão literária quanto ideológica, objetiva negar a assimilação dos valores do opressor branco, e manifesta-se como afirmação de uma identidade baseada em valores culturais africanos. Portanto, a negritude, busca restituir a humanidade do negro, porém, sem negar as diferenças, impostas pelo colonizador, entre negros e brancos. Com ela o oprimido afirma sua identidade em contraste com a identidade do opressor, porém, atribuindo um novo sentido a essas diferenças, buscando tornar positivo o que o colonizador caracterizou como negativo²²¹.

Embora após a Segunda Guerra a negritude assuma o papel de ideologia política da descolonização do continente africano, suas origens remetem aos negros da diáspora no continente americano, sobretudo no Caribe e na América do Norte, organizados em torno dos movimentos pan-africanistas. Assim como ocorreu com a negritude, o *pan-africanismo* é formado por diferentes tendências políticas, ideológicas, e passa por transformações significativas desde suas origens na América, do final do século XIX, aos movimentos de descolonização na África a partir da segunda metade do século XX.

219 Kabengele Munanga. Idem. P.20

220 Kabengele Munanga. Ididem. P.33; Sobre assimilação como ascensão no mundo colonial, ver Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*. Sobre a violência como mecanismo de governo, e a naturalização das diferenças entre opressor e oprimido, ver Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*.

221 Kabengele Munanga. Op. Cit.. P.16

Nosso objetivo não é analisar cada tendência política da negritude e do pan-africanismo: mencionamos a existência de uma pluralidade ideológica, apenas para demonstrarmos que não se trata de movimentos unívocos e estáticos.

A despeito de suas diferentes correntes políticas, o pan-africanismo, assim como a negritude, objetiva restituir a humanidade do negro recorrendo à afirmação de um legado histórico e cultural que remete à África. Um nome importante deste movimento nos Estados Unidos é W.E.B. Du Bois (1869-1963). Considerado um dos pais do pan-africanismo, Du Bois, exerceu forte influência nos militantes negros estadunidenses do Harlem Renaissance (movimento cultural e político, 1920-1940), com seu livro *The souls of the black folks*, que confronta estereótipos históricos sobre os africanos e seus descendentes, situa o negro enquanto sujeito na história da humanidade e enaltece os valores culturais afro-americanos. Du Bois foi secretário do Primeiro Congresso Pan-africano em Londres, no ano de 1900, convocado por Henry Sylvester Williams (1869-1911), advogado de Trindade e Tobago. Com a morte de Williams, Du Bois assumiu a presidência do segundo ao quarto Congressos Pan-Africanos. Em 1909 participou da criação da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), cujo principal objetivo era reivindicar os direitos civis da população afro-estadunidense. Através desta associação, o autor editava o periódico *The Crisis*, do qual o jornal *Quilombo* chegou a reproduzir alguns artigos. Du Bois era adepto do socialismo, se posicionava contra o retorno dos negros para África pregado por Marcus Garvey (1887-1940) – militante jamaicano também bastante influente no movimento pan-africanista –, defendia a integração do negro à sociedade estadunidense, e incitava a libertação dos povos africanos e o fim do colonialismo europeu. Associam-se também às origens do pan-africanismo o estadunidense Alexander Crummel (1819-1898) e Edward Wilmot Blyden (1832-1912), nascido nas Ilhas Virgens Americanas (território estadunidense no Caribe).

Negritude e pan-africanismo são movimentos e ideologias políticas antirracismo que no âmbito cultural objetivam a valorização do legado histórico-cultural de matriz africana, e no âmbito político reivindicam o fim do colonialismo e o direito de autodeterminação dos povos oprimidos pelo imperialismo branco. Nas sociedades multirraciais onde houve diáspora africana, estas correntes de pensamento associam-se à

luta contra o racismo e pela efetivação dos direitos civis dos negros. Na literatura sobre o movimento negro internacional, geralmente o pan-africanismo refere-se às correntes anglo-saxônicas, desde o início ligadas à associações políticas, enquanto a negritude refere-se às correntes francófonas, a principio expressas por um movimento literário que posteriormente ganha contornos de movimento político. No entanto, não se trata de uma divisão estanque, na medida em que as ideias e os autores circulam e exercem influencia nos diferentes ambientes.

No mundo francófono o haitiano Jean Price-Mars (1876-1969) professor, diplomata, escritor e etnógrafo, foi uma figura bastante influente entre os intelectuais militantes negros. Price-Mars opôs-se ao racismo ‘biológico’ e tratou das diferenças entre europeus e africanos por um viés culturalista, confrontando a ideia de superioridade racial e cultural do branco. Seu livro *Ainsi parla l'oncle*, publicado em 1928 desenvolve a ideia de um ‘nacionalismo cultural haitiano’, em um momento em que o país estava submetido a uma “ocupação” (invasão) estadunidense. As tradições orais, a religião vodu e a língua crioula são aspectos analisados por Price-Mars sobre a cultura haitiana. No entanto, buscou inserir o Haiti e sua cultura no contexto internacional da diáspora africana. A esse respeito, diz Leila Hernandez que

“Price compreendeu que esta era uma cultura localizada – e não exclusivamente local –, carecendo de um discurso coletivo que, em termos políticos, fosse capaz de se expandir internacionalmente, o que o levou a valorizar as explicações da Teoria da Diáspora Africana e do Pan-Africanismo de cariz cultural, acolhidos nos meios intelectuais, artísticos e políticos na Paris da década de 1920. Uma década de franca efervescência política em que a exploração e as crueldades sofridas pelos africanos foram colocadas em pauta, levadas pelo impacto de *Batouala*, de René Maran, e das publicações de André Gide, *Retour Du Tchad* (1925) e de *Voyage au Congo* (1927)”²²².

O martinicano René Maran, com seu referido romance, *Batouala*, publicado em 1921, também é um nome que se destaca entre os precursores da negritude francófona. Maran trabalhou na administração colonial francesa, e seu romance analisa as relações entre colonizadores e colonizados, criticando a dominação francesa sobre os africanos.

222 Leila Leite Hernandez. “A itinerância das ideias e o pensamento social africano” P.201-202

Após a publicação de *Batouala* o autor perdeu seu cargo na administração colonial²²³.

Enquanto corrente literária o advento da negritude é registrado na obra de jovens intelectuais negros situados no *Quartier Latin* em Paris, em geral estudantes nascidos nas colônias francesas do Caribe e da África. Em 1932, estudantes antilhanos, dentre eles Étienne Léro, René Menil e Jules Monnerot, publicaram a revista *Legitime Défense*, que só teve um número editado. Nela faziam apologia de uma libertação de estilo, forma e imaginação literária, buscando se desvincular dos modelos literários tradicionais franceses. Com uma possível influência do haitiano Price-Mars, defendiam uma originalidade cultural antilhana, e inspirados no movimento cultural afro-estadunidense Harlem Renaissance, defendiam que o intelectual negro deveria assumir sua cor e demonstrar isso em sua literatura, sendo também porta-voz das aspirações dos oprimidos.

Na mesma linha ideológica que buscava uma originalidade negra, desvinculada da imitação dos estilos ocidentais, Aimé Césaire fundou em 1935 a revista *L'Étudiant Noir*. A libertação cultural do negro através da volta às origens africanas era uma mensagem desta revista. Nesse projeto, uniram-se a Césaire, o guianense Leon Damas e o senegalês Léopold Sédar Senghor. Os três tornaram-se expoentes da negritude francófona.

Em 1947 o senegalês Alioune Diop fundou a revista *Présence Africaine*, que talvez seja o periódico da negritude francófona que teve maior repercussão. Reuniu intelectuais negros como Césaire, Damas, Senghor, Richard Wright (EUA), George Padmore (Trindade e Tobago), e contou com a colaboração de intelectuais brancos simpatizantes do movimento como Jean-Paul Sartre, Albert Camus, André Gide, Georges Balandier, Michel Leiris, Emmanuel Mounier, Roger Bastide e outros.

Os intelectuais desse movimento negro francófono tiveram como principal referência o legado cultural africano, porém, também foram influenciados por correntes de pensamento – críticas ao capitalismo ocidental – em voga na Europa nas décadas de 1930 e 1940, notadamente o marxismo, o surrealismo e o existencialismo. O marxismo, por ser uma das forças políticas mobilizadoras na revolta dos colonizados; o surrealismo por solapar os valores racionalistas ocidentais e buscar referências nas culturas dos povos colonizados como alternativa à sensação de esgotamento da cultura europeia (gerado em parte pelas duas grandes guerras); o existencialismo – de Sartre, principalmente – por

223 Kabengele Munaga, *Negritude: usos e sentidos*. P.49

preconizar a razão e o sentido da existência humana a partir da ação (a ação define o ser)²²⁴.

Cahier d'un retour au pays natal, de Aimé Césaire é considerado um texto clássico para a negritude. Um poema épico que teve grande repercussão na literatura francófona, onde pela primeira vez apareceu o termo *négritude* (carregado do sentido histórico que viemos esboçando neste item). O texto foi publicado pela primeira vez em 1939 na revista *Volontés* em Paris. Passou por alterações ao longo da década de 1940: uma versão foi publicada na revista *Tropiques* na Martinica, em 1942, com o título “Em guise de manifeste littéraire”; em 1947 o surrealista André Breton, que havia se aproximado de Césaire, publicou as suas duas primeiras edições em livro pelas editoras *Brentano's* (Nova Iorque) e *Bordas* (Paris). A versão definitiva do texto foi publicada em 1956 na revista *Présence Africaine*²²⁵.

No contexto do pós-Segunda Guerra, na medida em que a negritude inseriu-se nos movimento internacional pela descolonização, tornaram-se evidente orientações políticas distintas entre seus principais expoentes: de um lado Césaire e Damas, do outro Senghor. Césaire e Damas tinham posições marxistas, advogavam pela independência total das colônias na África e na Ásia, embora propusessem “autonomia”, e não emancipação completa para as colônias francesas do Caribe. Talvez, acreditassem que negociar a autonomia política com a antiga metrópole fosse menos danoso do que emancipar-se e correr o risco de se tornar uma neocolônia estadunidense.

No contexto pós-Segunda Guerra, a crítica à assimilação cultural de Césaire aliou-se cada vez mais a uma crítica ao sistema político e econômico colonial europeu. Além da reivindicação ao direito a uma cultura original, e do reconhecimento da humanidade do negro, colocou em pauta o direito de autodeterminação dos povos submetidos ao colonialismo. A crítica ao colonialismo cultural radicalizou-se como crítica à política colonial. Em *Discurso sobre o colonialismo*, publicado em 1950, Césaire considera a política colonial como a versão antecessora do nazismo, mostrando que as nações ocidentais que na Segunda Guerra lutaram contra o totalitarismo, submetiam africanos e asiáticos a “políticas” semelhantes às de Hitler. O nazi-fascismo seria apenas mais uma

224 Zila Bernd, *A questão da negritude*. P.18

225 Lilian Pestre de Almeida, “Breve histórico das edições do *Cahier d'un retour au pays natal*/Diário de um retorno ao país natal até a edição dita definitiva pelo próprio poeta”. P.93

expressão do racismo e da violência cultivados historicamente pelas nações capitalistas europeias: “(...) ninguém coloniza inocentemente, e também ninguém coloniza impunemente; uma nação que coloniza, uma nação que justifica a colonização – e portanto a força – é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de renegação em renegação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo”²²⁶. Césaire afirma que o colonialismo disseminou a proletarianização e a alienação dos povos africanos²²⁷. Suas ideias influenciaram seu contemporâneo Frantz Fanon, que analisou a alienação do colonizado através da violência física e psicológica como mecanismo fundamental no processo de dominação colonial.

“O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. Na colônia, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino, religioso ou leigo, a formação dos reflexos morais transmissíveis de pai para filho, a honestidade exemplar de operários condecorados depois de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado à harmonia e à sabedoria, essas formas estéticas de respeito à ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que alivia consideravelmente as tarefas das forças de ordem. Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de ‘desorientadores’. Nas regiões coloniais, em contrapartida, o policial e o soldado, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contato com o colonizado e lhe aconselham, com coronhadas ou napalm, que fique quieto. Como vemos, o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência”²²⁸.

Senghor que assumiu a presidência do Senegal entre 1960 e 1980, posicionava-se diferente de Césaire. No âmbito cultural defendia uma identidade negra baseada nos valores culturais africanos, um “retorno cultural às origens”, assumindo como fonte de orgulho o que o branco teria desprezado no negro. Deste modo, a negritude senegoriana baseou-se em estereótipos coloniais como fonte de identidade negra, afirmando que a razão é helênica e a emoção é negra. No âmbito político, a negritude de Senghor afirmava a possibilidade de uma “coexistência pacífica” entre colonizador e colonizado. Para ele a descolonização seria um processo gradativo de integração entre colônia e metrópole. Esta ideia já havia sido defendida pelo senegalês Blaise Diagne (1872-1934), dirigente

226 Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo*. P.17-18

227 Césaire, *Idem*. P.24

228 Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*. P.54-55

africano, Subsecretário do Ministério de Colônias da França em África. Nas palavras de Carlos Moore,

“*Mestiçagem e simbiose* resumiam a base do pensamento político de Senghor. Sua concepção sobre o caráter salutar da miscigenação biológica, processo que ele via como saída ao racismo, vinculava-se às ideias do colonialismo Francês da época. Por exemplo, essas ideias foram referendadas no XV Congresso de Arqueologia Pré-História e de Antropologia, celebrado na França em 1931. Nesse congresso, grandes nomes da Arqueologia da França pronunciaram-se por uma política de implantação no Continente Africano, de vastas colônias de povoamento brancas, similares às da África do Sul e da Rodésia. A finalidade era a regeneração da raça negra através da *mestiçagem*. Esse projeto eugênico, que visava ultrapassar as contradições da situação colonial – por meio de uma integração física entre a Europa e a África – seduziu o jovem Senghor, constituindo-se na própria base de interpretação que ele daria à *Negritude*, ou seja, um voluntarismo político negro de caráter integracionista”²²⁹.

De outro lado, Frantz Fanon, sem dúvida está entre os autores mais importantes do pensamento anticolonial (e dos estudos pós-coloniais). O marxismo, o existencialismo e a poesia de Aimé Césaire são referenciados em sua obra. Seu discurso antirracismo e sua saída para o problema colonial apontam para um *universalismo* que inclua as diferentes culturas, e não seja a expressão de uma cultura europeia que se impõem enquanto universal. Para Fanon, o negro deve reconhecer-se e ser reconhecido pelo branco enquanto sujeito ontológico, dotado de valores inerentes a todos os seres humanos, dentre eles a razão. Neste aspecto, Fanon, contraria a identidade negra construída por Senghor, que prioriza a emoção como um valor essencial do negro: “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial. (...) aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco”²³⁰. Aliando o marxismo à luta antirracismo, Fanon considera que a desalienação do negro também depende da tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Para o autor, o racismo opera como um mecanismo de exploração capitalista do negro. Deste modo, insere a luta antirracista e anticolonial no contexto de uma revolução social pela emancipação de todos os oprimidos no sistema capitalista global²³¹.

A despeito das diferentes tendências políticas e ideológicas que se desenvolveram

229 Carlos Moore, “Negro sou, negro ficarei”. P.20

²³⁰ Frantz Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*. P.30

²³¹ Frantz Fanon, *Os condenados da terra*.

no interior do movimento da negritude, ao longo da história, há aspectos em comum que as unificam. Como diz Kabengele Munanga,

“O exame da produção discursiva dos escritores da *negritude* permite levantar três objetivos principais: buscar o *desafio cultural* do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não *universal* como a extensão de uma regional imposta pela força – mas uma civilização do *universal*, encontro de todas as outras, concretas e particulares”²³²

3.5 A negritude em Abdias Nascimento

Organizar-se em torno de uma identidade comum é uma estratégia utilizada por grupos sociais oprimidos para fazer frente ao sistema que os oprime. A reivindicação de uma cultura e uma identidade negra – historicamente relacionada ao pan-africanismo e à negritude – está presente no discurso dos movimentos sociais de afrodescendentes em diferentes partes do mundo, e consiste em uma estratégia política de auto identificação dos negros enquanto grupos sociais com demandas políticas específicas. Deste modo podemos entender os objetivos dos afro-brasileiros engajados no movimento social antirracismo ao construírem uma identidade cultural negra: criar entre os negros uma identificação comum enquanto grupo político organizado na busca de soluções para o problema do preconceito, da discriminação racial e suas consequências materiais e psíquicas.

A luta antirracismo e pela efetivação dos direitos civis dos afro-brasileiros é a razão de existência das organizações políticas negras em geral. Como nos mostra Kabengele Munanga: “Na sua retórica contra as desigualdades raciais, os movimentos negros organizados enfatizam, entre outros, a reconstrução de sua identidade racial e cultural como plataforma mobilizadora no caminho da conquista de sua plena cidadania”.²³³ Portanto, assim como nos outros países em que houve escravização de africanos no passado e exclusão social de seus descendentes no presente, no Brasil a

²³² Kabengele Munanga, *Negritude: usos e sentidos*. P.52

²³³ Kabengele Munanga, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. P.115

construção de uma identidade cultural negra funciona como elemento de mobilização e mediação das reivindicações políticas dos afro-brasileiros²³⁴.

Considerando essa perspectiva podemos entender a função política das noções de identidade e cultura negra na produção intelectual de Abdias Nascimento entre os anos 1940 e 1960, a partir das quais a reivindicação do reconhecimento do negro enquanto brasileiro (portador dos mesmos direitos que o branco) passa a valer-se também da afirmação de uma ascendência africana. A reivindicação do legado cultural africano na identidade do negro que busca ter sua cidadania plenamente reconhecida (ser integrado à nação), conseqüentemente se inclina para o reconhecimento das matrizes africanas para a cultura nacional.

As matrizes culturais africanas vinham sendo incluídas como elementos da cultura nacional nas obras dos modernistas desde a década de 1920, nos ensaios de Gilberto Freyre nos anos 1930 e em estudos sociológicos, antropológicos e etnológicos de Arthur Ramos, Roger Bastide e Édison Carneiro nos anos 1940. A obra desses autores, assim como de outros do mesmo período, servira de referência para Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos, Sebastião Rodrigues Alves, Ironides Rodrigues, Aguinaldo Camargo (lideranças do TEN) seja na formulação de uma estética do negro no teatro e nas outras atividades culturais promovidas pelo grupo, seja na reflexão sobre os problemas enfrentados pelo negro no Brasil nos debates intelectuais. No entanto, na medida em que os intelectuais afro-brasileiros militantes se afastam da ideologia da democracia racial, o sentido político da cultura negra, concebido por eles, também se afasta do sentido folclórico e às vezes pitoresco atribuído a esta cultura pela intelectualidade branca e acadêmica da época.

Abdias refletiu sobre os problemas enfrentados pelo negro, partindo do contexto histórico e social brasileiro. Esta afirmação é sustentada ao considerarmos a parte da obra do autor que está sendo abordada neste trabalho (vide as citações), alianças com políticos, intelectuais e artistas destacados no cenário nacional, sua adesão à ideologia dominante (democracia racial) enquanto espaço de negociação, e a ruptura com tal ideologia conforme as possibilidades de negociação demonstraram-se limitadas. No entanto, as investidas de Abdias para inserir-se – junto com o TEN – no contexto do movimento

²³⁴ Petrônio Domingues, ““Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos””. P.101-102

negro internacional, possibilitou-lhe uma ampliação de horizonte, através do contato com as ideias que circulavam neste cenário. Sem desconsiderar as especificidades de cada país, podemos afirmar que o fato de ser negro em sociedades multirraciais onde há racismo aproximou o intercâmbio de ideias em comum entre os negros de diferentes partes do mundo. Abdias Nascimento insere o movimento negro brasileiro no contexto internacional.

Mencionamos várias vezes no decorrer dessa dissertação, a conexão de Abdias Nascimento com organizações negras internacionais desde a década de 1940, atestadas principalmente nas edições do jornal *Quilombo* (1948-1950), por meio da publicação de autores e entrevista com personalidades de diferentes partes do mundo. Além das referências aos periódicos *The Crisis*, editado por W.E.B. Du Bois nos EUA, e *Présence Africaine*, importante revista da *négritude* editada por Alioune Diop na França (Paris) e no Senegal (Dakar). A correspondência entre Nascimento e O'Neill, em dezembro de 1944 – citada no capítulo anterior – demonstra uma relação do líder afro-brasileiro com o ambiente intelectual estrangeiro desde o início do TEN.

Sua conexão com as organizações negras internacionais, e conseqüentemente com suas ideias, também é documentada nesse mesmo período. Em junho de 1945 Abdias se correspondeu com Jack Goldberg responsável pela produtora de cinema afro-americano *Negro Marches On, Inc.*, que sugeriu intercâmbio de materiais entre sua empresa e o TEN, como mostra o trecho de uma carta que recebeu:

“I have received your letter, and very happy to hear from you. Accept my congratulations for your success in your debut of ‘Emperor Jones’. At some future time, I wish you would send me some copies of what the critics said about it. I would very much like to work some sort of a deal with you on ‘Boogie Woogie’ and ‘We’ve come a long, long, way’. My first thought was that if you had some pictures along the same lines, we could exchange our products, and distribute the pictures on a cooperative basis to be further discussed when you might be ready. On the other hand, if you have nothing at the present to give me in return, the only alternative I have, in view of my setup in connection with the two pictures, would be for you to advance me \$1,000 for the two pictures, and conclude a cooperative plan for their distributions.”²³⁵

Não sabemos se o intercâmbio de materiais entre a produtora de Jack Goldberg e

235 Jack Goldberg, *Correspondência*. Autor: Jack Goldberg. Destinatário: Abdias Nascimento. Nova Iorque, 14/06/1945, Acervo IPEAFRO.

o TEN chegou a se concretizar, porém, o que nos interessa nesta carta é mostrar não apenas as investidas de Nascimento em estabelecer relações com organizações negras internacionais, mas também o interesse do produtor em conhecer a iniciativa dos militantes negros brasileiros: Goldberg pediu para Abdias futuramente enviar o que a crítica dissesse sobre a encenação de *O Imperador Jones*.

Na correspondência de Garrido, já citada neste capítulo, também datada do ano de 1945, há um trecho em que o amigo de Nascimento, que estava nos EUA, menciona algumas organizações negras estadunidenses com as quais estava entrando em contato (possivelmente a pedido do próprio Abdias). Por sinal, Garrido naquele momento estava sendo um locutor intermediário entre Abdias e as organizações afro-americanas, dentre elas a *National Association for Advancement of Colored People* (NAACP), através da qual Du Bois editava o periódico *The Crisis* (que futuramente viria a ter a reprodução de alguns artigos no jornal *Quilombo*).

“Depois que recebi sua carta, comuniquei-me com uma série de organizações artísticas e culturais negras para que escrevessem a V. Telefonei ao *American Negro Theatre*, 103 West 135th Street, *Negro Actors Guild of America*, 1674 Broadway, e prometeram escrever a V. e a última disse até que lhe mandaria films, fotografias, etc. Entendi-me com a *National Association for Advancement of Colored People*, 69 5th Avenue, New York. Esta entidade é principalmente política e se destina a defender os direitos da população negra dos Estados Unidos. Infelizmente, a relação de escolas, jornais e revistas que me prometeram custaram muito a chegar. Daí a razão da demora desta carta. Quando já me dispunha a lhe escrever mesmo sem esses dados, eles chegaram e seguem em cópia inclusa. V. talvez esteja interessado em escrever a todas essas organizações. Em anexo, segue também um artigo sobre o crítico teatral negro, Theophilus Lewis, da revista católica, *AMERICA*, com quem falei pelo telefone sobre sua empresa, quem me prometeu aparecer, mas que afinal nunca vi”²³⁶.

Estes são alguns dados que apontam, possivelmente, o início das relações entre Nascimento e o movimento negro norte-americano. Suas relações com a corrente francófona se remetem ao final da década de 1940 em diante. Muryatan Barbosa afirma que a primeira referência à *négritude* no Brasil ocorreu no primeiro número do jornal *Quilombo*, do Teatro Experimental do Negro em dezembro de 1948 em uma nota sem assinatura sobre a revista *Présence Africaine*, referendando-a como um grande

236 Garrido, *Correspondência*. Autor: Garrido. Destinatário: Abdias Nascimento. 25/06/1945. Acervo IPEAFRO.

acontecimento no “pensamento negro” mundial²³⁷. Reproduzimos um trecho da referida nota:

“Não temos notícia de outra publicação negra que iguale em importância cultural a essa *Présence Africaine*, editada em Paris e Dakar.

O escritor mundialmente famoso André Gide, – que ao lado de Albert Camus, Richard Wright, Jean-Paul Sartre, e outros – figura como patrono da revista, fez a apresentação num artigo apelando para que se ouvisse o que o negro tinha a dizer, desde que há tantos séculos ele vinha sendo explorado sem nenhuma oportunidade. E os negros da Sorbonne, em Paris, ou Dakar, Cuba, Haiti ou Norte-América estão dizendo coisas graves, seríssimas, decisivas a respeito dos temas mais variados que interessam ao comportamento do homem intelectual, vinculado à marcha perene do espírito e do pensamento em sua inquietude e insatisfação criadora.”²³⁸

Barbosa também nos mostra que há outra referência ao movimento da negritude, nessa mesma edição de *Quilombo*. Trata-se do artigo “Poesia Afro-Americana” do poeta argentino Efrain Tomás Bó.

“A população negra e mestiça das Antilhas, participando de um crônico estado crítico está sacudida desde suas raízes e em seu crescimento pela nostalgia aguda, paciente e duradoura da terra africana perdida, terra que era uma soma de Sol, de água, de árvores e de mitos encarnados nas coisas familiares que rodeavam sua vida cotidiana. No exílio é o pranto ou a revolta, porém é também o longínquo inalcançável do bem perdido e da perdida familiaridade com a terra. A arte africana se manifesta estreitamente articulada com os ritmos musicais do homem negro e é a poesia o veículo universal de sua sensualidade e de sua sexualidade. Em todas as manifestações artísticas do negro existe uma predominância do conteúdo sensível sobre a vivência, do estado sensual sobre a plenitude do prazer e da dor sobre a serenidade do pensamento.”²³⁹

O artigo segue com referências à diáspora africana na América Latina citando Cuba, Porto Rico, Brasil e Venezuela. Tomás Bó também cita Ramon Guirao (1908-1949) e Nicolás Guillen (1902-1989) duas referências do *Negrismo Cubano*, uma expressão da negritude no contexto hispânico. Embora não haja citação direta ao movimento francófono, a argumentação do autor sobre uma nostalgia da África, a escolha e o enaltecimento do ritmo, da emoção, da sensualidade e sexualidade como atributos da arte

237 Muryatan Barbosa, “O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações”. P.171

238 “Présence Africaine”, *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°1, dezembro de 1948. P.3

239 Efrain Tomás Bó. “Poesia Afro-Americana” *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°1, dezembro de 1948. P.5

negra aproximam Tomás Bó da negritude, possivelmente daquela defendida por Senghor, e bastante criticada por Fanon.

Na edição número 3 de *Quilombo*, em junho de 1949 são publicadas duas correspondências de editores da *Présence Africaine* a Nascimento.

“Paris, 25-4-1949

Senhor diretor de *Quilombo*. Ficaremos muito agradecidos em saber se entre nossos dois órgãos poderia estabelecer-se um intercâmbio da seguinte maneira?]:

- 1) Anúncio recíproco de cada um dos números aparecido;
- 2) permuta de textos de publicidade;
- 3) troca de serviço de imprensa;
- 4) se seu órgão concerne ao mundo negro em uma língua diferente do francês: troca de artigos.

Esperamos sua resposta a estas perguntas, rogamos aceitar, senhor diretor a segurança de nossos distintos sentimentos.

A Redação”

“Paris, 26-4-1949

Senhor Abdias Nascimento: A redação da revista *Présence Africaine* ficaria muito honrada em conta-lo entre seus colaboradores permanentes.

Queira aceitar, senhor, nossas distintas saudações

(as) J. Schwder-Oriol,

Redator-chefe”²⁴⁰

Em maio e junho do mesmo ano *Quilombo* publicou notas informando o lançamento de novos números do periódico francês. Quanto à colaboração de Abdias com *Présence Africaine*, sabemos apenas da publicação de sua *Carta Aberta ao Primeiro Festival Mundial de Artes Negras*, no volume 30, número 58 da revista²⁴¹.

O ano de 1949 também é marcado pela vinda de Camus ao Brasil, sua presença na encenação de sua peça pelo TEN, a visita aos terreiros de candomblé e a uma gafeira ao lado de Abdias, registrados em “Roteiro negro de Albert Camus no Rio”²⁴². O autor franco-argelino era bastante próximo do movimento da negritude francófona, sendo também colaborador da *Présence Africaine*, o que provavelmente facilitou a aproximação entre ele e Abdias.

A influência da *négritude* se tornou mais evidente nas lideranças do TEN em 1950

240 “Présence Africaine”, *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°3 junho de 1949. P.2

241 Abdias Nascimento, “Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões”. In: Estudos Avançados. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004. P.218-219

242 *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°5 janeiro de 1950. P.11

com a tradução de um excerto (resumo) de “Orphée noir” de Jean-Paul Sartre por Ironides Rodrigues, publicado na edição número 5 de *Quilombo*. Trata-se do prefácio que o filósofo existencialista francês escreveu para *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe de langue française*, livro organizado por Léopold Sédar Senghor, que reuniu autores negros do mundo francófono que integravam o movimento da negritude, dentre eles Césaire, Damas, Birago, Diop, Roumain, e outros. Esta antologia integra a uma série de obras publicadas na ocasião do centenário da Revolução de 1848: uma coleção dirigida por Ch.-André Julien. Na introdução da antologia Senghor ressalta que o ano de 1948 também marcava o centenário de um decreto que abolia a escravidão e outro que instituíu a instrução gratuita e obrigatória nas colônias francesas:

“L’anthologie que nous offrons aujourd’hui au public fait partie d’une série d’ouvrages publiés, à l’occasion du centenaire de la Revolution de 1848, dans la collection que dirige le Professeur Ch.-André Julien.

Le dessein du Professeur Julien est de montrer aux Français combien cette révolution a fait oeuvre féconde plus qu’on ne le croit généralement. Parce qu’elle a eu, plus que les autres sans doute, souci de l’homme. Qu’il nous soit permis de rappeler seulement le décret du 27 avril 1848, qui abolissait définitivement l’esclavage, et cet autre décret, en date du même jour, qui instituait l’instruction gratuite et obligatoire dans les Colonies.”²⁴³

Em “Orphée noir”, prefácio para essa antologia, traduzido por Rodrigues em *Quilombo*, Sartre sintetiza sua concepção de negritude como uma tomada de consciência racial negra, definindo-a como um “racismo antirracista” que levaria à extinção da diferença entre as raças.

“O negro é uma vítima só por que é negro, mesmo sendo indígena colonizado ou africano deportado. E como o oprimem devido à raça e só por causa dela, é então de sua raça que ele precisa ter consciência. Durante séculos, os que tentaram em vão para que o negro fosse reduzido a um animal, foram obrigados a identifica-lo como homem. Não há outra alternativa, recurso, linha de conduta a tomar. Um judeu branco, no meio de brancos ele pode negar que é judeu e se declarar um homem entre os homens. O negro não pode negar que não seja negro, nem reclamar para si uma abstrata humanidade incolor. É um negro e assim ele é colocado em seu meio. Insultado, avassalado, desonrado, chamam lhe ‘negro’ como se lhe atirassem uma pedrada, mas ele reage como um negro, impondo-se nobremente ao branco. A unidade final que ligará todos os oprimidos no mesmo combate, deve ser iniciada

243 Léopold Sédar Senghor, “Introduction”, *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe de langue française*. P.1

nas colônias, a que chamarei momento de separação ou negatividade. Este racismo antirracista é o único caminho que pode levar a extinção da diferença de raças”²⁴⁴.

Marcio Macedo – também citado por Muryatan Barbosa – mostra que a influência de Sartre em Ironides Rodrigues repercutiu nas discussões do já mencionado *I Congresso do Negro Brasileiro*, que o TEN organizou em 1950. O evento reuniu intelectuais militantes do movimento negro, representados ali pelas lideranças do TEN: Abdias Nascimento, Aguinaldo Camargo, Guerreiro Ramos, Ironides Rodrigues, e da UHC como José Bernardo Silva e Joviano Severino de Melo. Participaram também acadêmicos como, Roger Bastide, Édison Carneiro, L.A. Costa Pinto, Darcy Ribeiro, entre outros. O evento, cuja finalidade era discutir a situação histórica, social e cultural do negro no Brasil, vinha sendo convocado pelo jornal *Quilombo* desde 1949. A edição número 3 traz o “Temário do Congresso” com os seguintes tópicos: 1) história; 2) vida social; 3) sobrevivências religiosas; 4) sobrevivências folclóricas; 5) línguas; 6) estética. Esse evento consiste em mais um episódio que demonstra a política de alianças que Nascimento vinha construindo para além da esfera militante do movimento negro, com o objetivo de inserir o negro nos debates científicos que há muito tempo o tinham como objeto, mas não como sujeito.

Dentre as teses apresentadas pelos participantes do congresso havia a de Ironides Rodrigues, “A estética da negritude”. Nascimento em *O negro revoltado* (1968) relata que esta tese, e outros documentos do congresso foram emprestados a Costa Pinto, que na ocasião fazia sua pesquisa sobre o negro no Rio de Janeiro para o Projeto Unesco, e nunca mais foram devolvidos. Nascimento não descarta a possibilidade de Costa Pinto ter perdido os documentos. Portanto, o que sabemos a respeito dessa tese está em citações de Nascimento em *O negro revoltado*, e em citações de Costa Pinto em *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*.

De acordo com Macedo e Barbosa, a tese de Ironides Rodrigues, provavelmente influenciada pela negritude francófona, mas sobretudo por *Orfeu negro* de Sartre, levou uma parte dos intelectuais presentes no evento encabeçados por Costa Pinto, Édison Carneiro e Darcy Ribeiro, a acusarem as lideranças do TEN de estarem promovendo um

²⁴⁴ Jean-Paul Sartre, “Orfeu negro” *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°5 janeiro de 1950. P.6-7

“racismo negro”²⁴⁵. A ideia de uma identidade negra baseada em uma “supremacia emocional”, mas, principalmente a possibilidade de o autor ter defendido o “racismo antirracista” de Sartre, foi o alvo da discordância entre estes intelectuais e as lideranças do TEN.

Costa Pinto em *O negro no Rio de Janeiro* afirmou que Rodrigues, nos debates do Congresso, reconheceu ter sido influenciado pelo artigo de Sartre, traduzido para o jornal *Quilombo*²⁴⁶. Já Nascimento disse a respeito de Carneiro: “Em um de seus últimos livros, Édison Carneiro diz que ‘um avultado grupo de pequenos burgueses e burgueses intelectualizados de cor tentou dar voz a manifestações racistas, de supremacia emocional do negro, a fim de adornar o problema de acordo com a inspiração, a fórmula e a solução norte-americanas’”²⁴⁷.

O conceito de raça vinha sendo desconstruído desde a década de 1930 pela intelectualidade brasileira, que passava a abordar as questões históricas e sociais do ponto de vista culturalista. O conceito de negritude apresentado por Rodrigues foi entendido por Costa Pinto e Carneiro como uma abordagem racialista, e não histórico-cultural, sobre o negro. Para a intelectualidade nacionalista – de esquerda ou de direita – daquela época, anos 1950, a afirmação de uma negritude, ou seja, de uma identidade negra significava colocar em questão a “identidade nacional mestiça”. A negritude, portanto, fora recebida por parte dos intelectuais brasileiros – conservadores ou progressistas – como uma importação ideológica do movimento negro estadunidense ou francófono. Para alguns intelectuais de esquerda como Carneiro e Costa Pinto (ambos filiados ao PCB), a questão racial estaria submetida à questão de classes, sendo esta o problema de primeira ordem. Deste modo afirmar uma identidade negra, significava dividir a classe trabalhadora, e conseqüentemente, sabotar a luta de classes. Para estes intelectuais, a alternativa do negro seria diluir-se na identidade nacional mestiça e na identidade de classe²⁴⁸.

No entanto, a afiliação das lideranças do TEN à negritude, entre o final dos anos 1940 e a metade dos 1950, não consistia em negar a identidade nacional brasileira e mestiça. Ao contrário, a militância negra desta época esforçava-se em valorizar o negro e

245 Marcio Macedo, *Abdias do Nascimento, trajetória de um negro revoltado*. P.244; Muryatan Barbosa, “O TEN e a negritude francófona”. P.177

246 Costa Pinto, *O negro no Rio de Janeiro*. P.269

247 Abdias Nascimento, *O negro revoltado*. P.98-99

248 Marcio Macedo. Idem.

suas contribuições para a formação da nação. Deste modo, a negritude se apresentava como expressão genuína da identidade do brasileiro. Podemos entendê-la sob a chave interpretativa da *itinerância dos conceitos* defendida por Edward Said – a *teoria itinerante* – na qual as ideias circulam por diferentes espaços e tempos, recebendo novos sentidos de acordo com o contexto histórico e social em que são utilizadas²⁴⁹. Contudo, entendemos a negritude do TEN na perspectiva das apropriações (ou afiliações) criativas como argumentamos na introdução dessa dissertação.

Em 1950 Guerreiro Ramos publicou em *Quilombo* o artigo “Apresentação da negritude”. Sem negar a missão de o Brasil “assumir no mundo a liderança da política de democracia racial”, o sociólogo afirmou:

“A negritude não é um fermento de ódio. Não é um cisma. É uma subjetividade. Uma vivência. Um elemento passional que se acha inserido nas categorias clássicas da sociedade brasileira e que as enriquece de substância humana. Humana, demasiadamente humana é a cultura brasileira, por isto que, sem desintegrar-se, absorve as idiosincrasias espirituais, as mais variadas. E até compõem com elas a sua vocação ecumênica a sua índole compreensiva e tolerante. A cultura brasileira é assim essencialmente católica, no sentido de que nada do que é humano lhe é estranho.

A negritude com seu sortilégio, sempre esteve presente nesta cultura, exuberante de entusiasmo, ingenuidade, paixão, sensualidade, mistério, embora só hoje por efeito de uma pressão universal esteja emergindo para a lúcida consciência de sua fisionomia. É um título de glória e orgulho para o Brasil o de ter-se constituído no berço da negritude a doce e estranha noiva de todos nós, brancos e trigueiros”²⁵⁰.

Ramos define a negritude enquanto “subjetividade” e “elemento passional presente nas categorias mais clássicas da sociedade brasileira”. Deste modo, o autor afirma a negritude como uma expressão da cultura brasileira, conciliando-a com os ideais de nação mestiça. Enquanto “subjetividade” e “elemento passional”, na concepção de Ramos, a negritude diz respeito a todos os brasileiros “brancos e trigueiros”.

A política de alianças do TEN nesse período, aqui já comentada, impunha questões pragmáticas que explicam o discurso moderado de suas lideranças. Quanto a isso, Barbosa argumenta sobre a proximidade entre a militância negra e Gilberto Freyre, documentada em sua colaboração com o jornal *Quilombo*, e o envolvimento do TEN na

249 Edward Said, “Reconsiderando a teoria itinerante”.

250 Guerreiro Ramos, “Apresentação da negritude”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°10, jun./jul. 1950. P.11

campanha por uma lei que criminalizasse o preconceito e a discriminação racial, que em 1951 resultou na Lei Afonso Arinos²⁵¹.

Porém, em meados dos anos 1950, a concepção de negritude de Guerreiro Ramos assumiu uma postura crítica em relação ao eurocentrismo cultural. Em 1954, na ocasião da comemoração do décimo aniversário do TEN, Guerreiro Ramos publicou “O negro desde dentro”, demonstrando uma visão de negritude em contraposição ao enaltecimento da “brancura”, expressão do eurocentrismo presente entre os brasileiros.

“Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador. Entre estes valores está o da brancura como símbolo do excelso, do sublime, do belo. Deus é concebido em branco e em branco são pensadas todas as perfeições. Na cor negra, ao contrário, está investida uma carga milenária de significados pejorativos. Em termos negros pensam-se todas as imperfeições. Se se reduzisse a axiologia do mundo ocidental a uma escala cromática, a cor negra representaria o polo negativo”²⁵².

O autor segue o texto com exemplos onde o termo “negro” é aplicado em definições negativas, sobretudo no sentido linguístico e estético. Exemplifica também como o ser humano negro também é qualificado negativamente e tem sua estética (neste caso, o fenótipo) reduzida à feiura. Ramos argumenta em favor de uma positivação do conceito de negro, como um ato de descolonização cultural, de abdicação dos valores eurocêntricos. Barbosa se baseia nesse texto para explicar o conceito de *niger sum* adotado por Guerreiro Ramos e a dimensão dialética dada a ele. Uma dialética da negritude concebida por Ramos, à qual Barbosa chama de *Personalismo Negro*: “Essa visão dialética, conforme exposto no ensaio *O negro desde dentro* (1954), comportaria ao menos três elementos complementares: a) *niger sum*, a assunção da negritude pelo homem de pele escura (tese); b) suspensão da brancura como ideologia dominante (antítese); c) a compreensão humanística do valor objetivo da negritude e da luta negra (síntese)”²⁵³.

De acordo com Barbosa, esta dialética da negritude concebida por Guerreiro Ramos, se aproxima da visão de Sartre em “Orfeu Negro”, porém, diferenciando-se na tese e na antítese. Para Sartre: a) supremacia branca (tese); b) negritude (antítese); c)

251 Muryatan Barbosa, “O TEN e a negritude francófona”. P.176

252 Guerreiro Ramos, “O negro desde dentro”. P.128

253 Muryatan Barbosa, “O TEN e a negritude francófona”. P.181

advento de uma sociedade a-racial (síntese)²⁵⁴.

A negritude para Guerreiro Ramos consiste em um processo em que o negro supera o complexo de inferioridade que a sociedade racista lhe inculcou. Porém, não remete a uma identidade negra com bases em matrizes culturais africanas, como fizeram os autores francófonos em geral (exceto Fanon, que não se situa na geração dos poetas da negritude, e era bastante crítico à ideia de uma “volta às origens”). Diferente de Guerreiro Ramos, em Abdias Nascimento, a construção de uma identidade cultural negra – portanto sua afirmação de negritude – é notada a partir da emergência da temática do candomblé em seus textos, sendo este um elo que liga o negro brasileiro às matrizes culturais africanas. Embora tenha sido tema marcadamente discutido em *Quilombo* por outros autores, não há nenhum artigo sobre o candomblé de autoria de Nascimento no jornal do TEN.

Em um artigo publicado no jornal *Última Hora* de 21 de janeiro de 1952 Nascimento mostra a religião dos orixás como prova de resistência cultural dos africanos escravizados no Brasil. Diz ele:

“(…) se os negros trazidos da África sob violência para a escravidão do Novo Mundo não trouxessem consigo o apoio íntimo dos seus cultos, certamente teriam perecido antes de realizar a fecunda tarefa que por contingência histórica lhes tocaram a formação econômica das Américas. Durante os longos e pesados séculos de escravidão brasileira, os africanos se viram forçados a utilizar toda a sagacidade e sutileza de que foram capazes para manter o culto tradicional num instintivo movimento tático pela sobrevivência dos valores morais indispensáveis à sua existência. No decorrer dos atos religiosos eles reatavam por momentos a vida de grupo interrompida com brutalidade pelos grilhões, pelo eito, pela senzala”²⁵⁵.

Abdias considera o “sincretismo” uma estratégia de resistência e sobrevivência das religiões de matriz africana no Brasil, e critica a ausência de liberdade de culto quando se trata dessas religiões. Argumenta que a opressão do branco contra a religiosidade negra continuou após a abolição da escravidão. Mesmo naquele momento, nos anos 1950, quando havia garantias constitucionais para liberdade de culto, as casas de candomblé e umbanda eram alvos de violentas expedições policiais, tendo seus líderes e

²⁵⁴ Sartre, “Orfeu negro” (P.145) apud Barbosa, Idem. P181

²⁵⁵ Abdias Nascimento, “Oxósse festejado nos terreiros de umbanda” in: jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, 21/01/1952. Acervo IPEAFRO.

adeptos presos arbitrariamente.

“O negro brasileiro ainda não teve tempo suficiente para modificar os estilos do seu comportamento espiritual. São somente sessenta anos de vida livre. Uma liberdade claudicante, precária, pois para quem frequenta os terreiros, não passa despercebido o temor de violências que ainda tolhe a plena manifestação subjetiva dos negros. Hoje há garantias constitucionais de liberdade de culto, porém, sob pretextos de duvidosa legitimidade, com frequência ‘Pais-de-Santo’ são trancafiados no xadrez e apreendidos objetos de culto. Por isso os chefes se garantem ostentando nos lugares mais visíveis dos altares imagens católicas já francamente africanizadas pelos anos de sincretismo”²⁵⁶.

Vale chamarmos a atenção para a última frase deste trecho onde o autor fala das imagens católicas africanizadas pelos anos de sincretismo, e não de uma “cristianização das religiões afros”, ou seja, fala de uma africanização da “cultura branca”, e não de um “branqueamento” da “cultura negra”. Embora ainda discorra sobre estas religiões no Brasil do ponto de vista do sincretismo com o catolicismo – estratégia encontrada pelos negros para continuarem cultuando suas divindades – Abdias cita o babalorixá Joãozinho da Goméia, que defendia autonomia do candomblé em relação ao catolicismo (desvinculando dos santos católicos, o culto das divindades africanas), demonstrando a tendência na religião dos orixás de reaproximação com a África. O texto mostra que no dia de São Sebastião, daquele ano de 1952, comemorado pelos umbandistas no Rio de Janeiro como dia de Oxóssi, Joãozinho não festejou em seu terreiro afirmando que o candomblé é “guardião fiel do legítimo culto africano”, e nada tem a ver com São Sebastião dos católicos.

Na perspectiva de afirmação de uma identidade negra baseada em valores de matriz africana, Abdias Nascimento escreveu em 1951 a peça *Sortilégio* – comentada no capítulo anterior –, que foi censurada, sendo apresentada pela primeira vez em 1957. Nesta peça o candomblé também aparece como símbolo de resistência cultural, através do qual o negro se liberta dos valores do opressor branco, uma forma simbólica de “retorno às origens africanas”. Esta peça exemplifica como a religião dos orixás foi fonte de inspiração privilegiada por Abdias em sua concepção temática e estética de teatro negro nos anos 1950, estando presente nos figurinos, em personagens como iaôs (filhas

256 Nascimento, Idem.

de santo), nas representações dos orixás Exu, Iemanjá e Omulu, na música dos terreiros de candomblé tocada pela Orquestra Afro-Brasileira de Abigail Moura. E ainda na trajetória da personagem principal, o advogado negro Emanuel, que se liberta da opressão racial branca entregando-se aos orixás. O TEN seria uma expressão da negritude na medida em que inseria o negro como protagonista das narrativas, e buscava inspiração nas matrizes culturais negras.

Considerando a inserção do TEN no movimento negro internacional, sobretudo a influência da negritude francófona – cuja fonte de inspiração era o legado histórico e cultural africano – e o evidente interesse de Abdias Nascimento pelas religiões de matriz africana, entendemos que o candomblé era para ele o elo que unia o negro brasileiro à África. Para Nascimento, portanto, o candomblé era a fonte de resistência dos negros escravizados no passado, e sua sobrevivência à opressão do branco era a prova de que o negro não se sujeitou à cultura dominante. Deste modo, entendemos que o candomblé, na concepção de Nascimento, era elemento fundamental para a negritude do negro brasileiro.

Podemos ter a aceção de um conceito de negritude em Nascimento, no texto “Prólogo para brancos” de 1961. Neste texto que abre uma coletânea de peças de autores brasileiros encenadas pelo TEN, o autor discorre sobre uma originalidade dramática do teatro negro, baseada na experiência histórico-cultural e cotidiana dos afrodescendentes na diáspora, a partir da qual são mostrados elementos de uma cultura negra. O texto é dividido em tópicos que discorrem sobre o teatro negro na diáspora, abordando Brasil, Cuba, colônias francesas no Caribe e Estados Unidos enfatizando semelhanças entre os teatros negros desses diferentes lugares, por serem iniciativas de negros em sociedades multirraciais marcadas pelo racismo, por terem uma estética comum e uma valorização rítmica, ambas de matrizes culturais africanas. Sabemos que no âmbito teatral, o TEN tinha como objetivo inserir o negro enquanto protagonista dos dramas. Deste modo, Nascimento fala sobre uma tradição cênica presente nas manifestações culturais cotidianas dos africanos, afirma que as raízes do teatro negro no Brasil estão na África, e foram trazidas pelos negros traficados para a América.

“Ocorre, portanto, que as raízes do teatro negro-brasileiro atravessam o Atlântico e mergulham nas profundidades da cultura africana.

Desde suas primeiras manifestações coletivas, o africano esteve essencialmente vinculado ao teatro. As danças culturais da África Negra encontram-se na origem dos ritos, e já sabemos que do culto aos Deuses e aos antepassados passou-se à reprodução das ações humanas e dos animais à estilização existencial”²⁵⁷.

Da mesma maneira que os intelectuais da *négritude*, Nascimento coloca a África na condição de protagonismo na civilização, e afirma seu papel precursor nas artes dramáticas, antecipando-se ao teatro grego. O autor ressalta a diferença entre o teatro de matriz europeia com base no teatro grego, e a dramatização que emerge dos ritos religiosos africanos aos quais atribui uma influência (ou origem) sobre a cultura helênica. Rompendo com a antiga divisão eurocêntrica entre África negra e África branca, o autor considera o antigo Egito uma civilização negra.

“A Grécia seguiu os passos do Egito. Antes de Ésquilo – cerca de mil anos – escreveu-se no Egito um libreto sobre a morte de Hórus, o qual se iguala à tragédia esquiliana. A própria forma dramática dos ritos, tornando-os mais sugestivos, assim como a prática do culto de Dionisos, foi imitação do Egito negro. Reproduziram os gregos a atmosfera teatral: canto, dança e poema reunidos no culto dionisíaco. Todavia, na Grécia, o teatro desprende-se da rígida disciplina de culto. Avanço que o teatro egípcio não pode ou não soube conquistar, rompendo a servidão ao sacerdote e assumindo a necessária liberdade”²⁵⁸.

Deslocar a ideia de “berço da civilização” da Europa para a África, mais do que restituir a humanidade do negro (negada pelo racismo do colonizador), é também situar o africano como protagonista na história da humanidade. Trata-se de um recurso comum entre os intelectuais da *négritude* no processo de valorização do legado histórico-cultural africano, o qual tiveram como fonte de inspiração para suas identidades. Nos anos 1960, Abdias passa a se utilizar desse mesmo recurso, no sentido de valorização de uma identidade cultural do negro brasileiro.

Semelhante à negritude descrita em “Orfeu negro”, de Sartre, e a leitura desta por Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento considera a negritude um instrumento de luta contra o racismo. Ou seja, trata-se de uma estratégia pela qual o negro brasileiro se opõe à opressão racial branca. Com a superação das desigualdades sociais entre negros e brancos, com a efetivação da cidadania dos negros, a negritude não terá mais razão de

257 Abdias Nascimento, “Prólogo para brancos”. P.10

258 Abdias Nascimento, Idem. P11

existência.

“E como a Negritude é afirmação particular de uma cor e de uma raça, constitui, e principalmente, um gesto antirracista. Ela pertence, como já dissemos certa vez em relação ao Teatro Experimental do Negro, não à ordem dos fins, mas à ordem dos meios. Um dia a Negritude não terá mais razão de existência: morrerá para ceder lugar a um outro tipo de relações humanas. Mas até esse dia, enquanto o negro continuar ‘mero objeto de versões de cuja elaboração não participa’ [Guerreiro Ramos; ‘O negro desde dentro’], a Negritude permanecerá viva e atuante”²⁵⁹.

O alinhamento de Nascimento com as ideias da negritude ao longo dos anos 1950 ocorre concomitantemente ao seu afastamento da ideologia da democracia racial, devido ao esgotamento desta ideologia como espaço de negociação para os militantes negros. O protesto antirracismo do líder do TEN se radicaliza, e a democracia racial passa a ser denunciada como ‘falsa consciência’, cuja finalidade é imobilizar a luta dos negros pelos direitos que lhes são negados. A radicalização de seu discurso alia-se a uma conexão cada vez maior com o movimento negro internacional. A opressão racial apresenta-se como um problema que atinge os negros de diferentes partes do mundo, deste modo, a luta dos negros brasileiros converge para uma luta antirracismo intercontinental.

“Nossa *revolta* está plenamente consciente de que a opressão dos negros nos Estados Unidos, na África do Sul, em Angola e Moçambique, ou na Rodésia de Ian Smith são formas particulares da mesma opressão que atinge indistintamente a todos os povos de cor, em qualquer país de predominância branca. Podem variar de grau, tais opressões, mas a sua essência é sempre a mesma. Daí essa constância singularizando o negro – espoliação e opressão – dentro dos quadros nacionais e culturais os mais diversos”²⁶⁰.

Este trecho foi extraído de *O negro revoltado*, publicado em 1968, livro que reúne documentos do *I Congresso do Negro Brasileiro* de 1950. O ensaio que precede as discussões do congresso foi escrito por Nascimento em 1967, e o título foi inspirado no ensaio de Albert Camus, *O homem revoltado*, citado por Nascimento em epígrafes de cada item do texto. *A integração do negro na sociedade de classes* de Florestan Fernandes também é citado em várias passagens deste ensaio de Abdias, demonstrando

259 Abdias Nascimento, *Ibidem*. P19

260 Abdias Nascimento, *O negro revoltado*. P.65-66

claramente sua ruptura com a ideologia da democracia racial. Antonio Sérgio Guimarães aponta para os conceitos de *resistência* e *revolta* como um aspecto que diferencia o discurso de Abdias Nascimento dos anos 1960 daquele dos primeiros anos de TEN. A partir de tais conceitos, o autor passa a interpretar a história do Brasil como uma prolongada e continuada resistência dos negros à discriminação racial e à alienação cultural pelo branqueamento²⁶¹. O seguinte trecho ilustra esta afirmação: “Os quilombolas são precursores de nossa luta de hoje, quando, arriscando a vida, recusavam a imposição do trabalho forçado, dos novos valores culturais, novos deuses, nova língua, novo estilo de vida. São eles – os quilombolas – os primeiros elos dessa corrente de *revolta* que atravessa quatro séculos de história brasileira”²⁶².

No discurso radicalizado de Abdias Nascimento nos anos 1960 destacam-se a denúncia ao mito da democracia racial, e a ideia de uma identidade cultural negra baseada na história de resistência e revolta dos negros na diáspora, onde sobreviveram heranças dos antepassados africanos. No início da década de 1950, a negritude no discurso das lideranças do TEN manifestava-se como expressão da cultura mestiça e da democracia racial brasileira que seriam vias de integração dos afro-brasileiros. Nos anos 1960 esta negritude no discurso de Nascimento passou a ser mostrada como uma alternativa ao branqueamento e à assimilação cultural do negro, uma forma de resistência e revolta em relação ao racismo. Essa identidade cultural negra – baseada nesta concepção de negritude – estreitou os laços entre Abdias Nascimento e o movimento negro internacional.

Através da negritude, a África emerge no discurso de Abdias Nascimento entre os anos 1950 e 1960 como um elemento simbólico e cultural de resistência do negro brasileiro. Nos anos 1950, através do candomblé. Nos anos 1960, em um discurso ideológico de união dos negros de diferentes partes do mundo na luta contra a opressão racial. Trata-se de um uso político de uma cultura negra que passa cada vez mais a ter o legado histórico e cultural africano como fonte de inspiração. Tais aspectos do discurso de Abdias marcarão sua produção intelectual do exílio entre 1968 e 1982, da qual podemos destacar *O genocídio do Negro Brasileiro* (1978) e *Quilombismo: documentos*

261 Antonio Sérgio Guimarães. “Resistência e revolta nos anos 1960 – Abdias Nascimento

262 Abdias Nascimento, Idem. P.102

de uma militância pan-africanista (1980).

Concordando com Muryatan Barbosa, entendemos que as lideranças do TEN se apropriaram de ideias da negritude francófona mais como fonte de inspiração do que como um programa político²⁶³. Cabe acrescentarmos que trata-se de uma fonte de inspiração para fundamentar uma identidade cultural negra, cuja função era essencialmente política: identificar e organizar politicamente a população negra na luta antirracismo e pela efetivação de seus direitos civis.

²⁶³ Muryatan Barbosa, “O TEN e a negritude francófona no Brasil”. P.182

Conclusões

O Teatro Experimental do Negro, o periódico *Quilombo*, e os diversos eventos de cunho intelectual e político promovidos pelo TEN, foram vias pelas quais Abdias Nascimento veiculou seu discurso, fez alianças, e dialogou com militantes, organizações e simpatizantes do movimento negro nacional e internacional, com artistas, intelectuais e políticos de diferentes tendências. Neste contexto – e posteriormente no cenário pan-africanista – vemos sua inserção no quadro de lideranças do movimento negro que se destacaram na história do Brasil.

A produção intelectual de Abdias Nascimento entre meados dos anos 1940 e final dos anos 1960, com exceção da dramaturgica (*Sortilégio*), é constituída basicamente de artigos para jornais e revistas, e ensaios que integram livros organizados por ele mesmo. Sua produção esteve estritamente vinculada à sua militância contra o racismo, em favor dos direitos civis da população afro-brasileira. Portanto, tratam-se de textos políticos em torno da temática das relações raciais no Brasil. Esses textos nos ajudam a entender os debates sobre a questão racial no referido período, e documentam pautas históricas do movimento social dos negros, algumas que só recentemente vem sendo implementadas (por exemplo, as políticas de ação afirmativas).

Os textos de Abdias estão em sintonia com o contexto histórico de sua época. A adesão e posteriormente a ruptura com a ideologia da democracia racial deve ser entendida de acordo com o discurso e as estratégias das organizações negras daquele período, nos quais vemos mudanças nas formas de conceber as relações raciais no Brasil. No entanto, demonstramos que para a militância negra a ideologia da democracia racial foi um ponto de referência na reivindicação de seus direitos, um projeto ainda em construção. Se o país afirmava-se, ou pretendia afirmar-se, uma democracia racial, era preciso que se efetivassem dos direitos da população afro-brasileira: a *segunda abolição*. Esta postura diferencia os intelectuais negros militantes daqueles que afirmavam a ausência de problemas raciais no Brasil.

Nos anos 1940 a afirmação de uma “cultura com intuição e acentos africanos” (nas palavras de Abdias), vinculada a uma identidade mestiça, era também uma forma de negociar espaços para os negros dentro dos limites da ideologia dominante, visando

evitar conflitos com aliados políticos que transitavam pelos setores dominantes da sociedade. Afirmar uma identidade negra era entendido como confrontar os ideais de nação mestiça e racialmente democrática.

Uma característica que diferenciou o TEN das organizações do movimento negro que o antecederam, e das organizações negras de seu tempo, foi sua conexão com o movimento negro internacional. Isso possibilitou um fluxo de ideias maior no grupo de Abdias Nascimento, e uma ampliação de horizontes. Ideias que circulavam no panorama internacional, sobretudo, as ideias da *négritude*, foram lidas e reelaboradas – por Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos e Ironides Rodrigues – a partir do contexto histórico e social brasileiro. A valorização de uma identidade cultural negra vinculada ao legado histórico cultural africano surgiu na produção intelectual de Nascimento em consonância com as ideias da negritude francófona. A África – presente no discurso de afirmação do movimento negro dos anos 1970 em diante – tornou-se um tema de interesse para ele entre 1950 e 1960, como vemos na concepção de identidade cultural negra presente em sua produção intelectual daquele período.

Nascimento rompeu com a ideologia da democracia racial, entre meados dos anos 1950 e 1960, na medida em que esta se esgotou como possibilidade de negociação, e os direitos civis dos negros continuaram sendo negados. Seu discurso antirracismo radicalizou-se, e a identidade negra por ele concebida vinculou-se às noções de resistência e revolta, articuladas a uma concepção de lutas constantes do negro contra a opressão racial branca ao longo da história.

Abdias Nascimento entendia a negritude como um instrumento de luta dos negros em sociedades racialmente assimétricas, marcadas pelas desigualdades sociais entre negros e brancos. Afirmar uma identidade negra em uma sociedade que faz apologia da mestiçagem mas objetiva de todas as formas o branqueamento, é um ato de resistência. Entendemos que a afirmação de uma identidade negra para Abdias tinha a finalidade de reunir os negros politicamente em torno de questões sociais comuns. A negritude, ou a identidade cultural negra, era para Abdias um instrumento de luta contra o racismo, portanto um meio, e não um fim. Ela deixaria de fazer sentido quando não houvesse mais motivos para protestar contra formas de opressão baseadas na ideia de raça (no sentido sociológico do termo). Porém, com outras palavras, afirmou que enquanto houver

racismo, há de haver negritude como resistência. Como nos ensinou Aimé Césaire: não se trata da afirmação de um particularismo que negue o universal, mas da reivindicação de um “universalismo” onde coexistam de fato todas as particularidades.

Fontes

I. Acervo IPEAFRO

ARAÚJO, Emílio Silva; NASCIMENTO, Abdias. *Correspondência. Autores Abdias Nascimento; Emilio Silva Araújo. Destinatário: Centro de Cultura Afro-Brasileira. São Paulo, 29/04/1944. IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Correspondência.*

GOLDBERG, Jack. *Correspondência. Autor: Jack Goldberg. Destinatário: Abdias Nascimento. Nova Iorque, 14/06/1945. IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Correspondência.*

GARRIDO. *Correspondência. Autor: Garrido. Destinatário: Abdias Nascimento. Nova Iorque, 25/06/1945. IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Correspondência.*

CAMPOS, Geraldo de. *Correspondência. Autor: Geraldo de Campos. Destinatário: Abdias Nascimento. 06/11/1945. IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Correspondência.*

CAMPOS, Geraldo de. *Correspondência. Autor: Geraldo de Campos. Destinatário: Abdias Nascimento. 26/05/1946. IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Correspondência.*

JORDÃO, Vera Pacheco. *Correspondência. Autor: Vera Pacheco Jordão. Destinatário: Abdias Nascimento. 25/06/1946. IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Correspondência.*

NASCIMENTO, Abdias do. “A sociologia desaculturada”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 31/10/1954. [Recorte de jornal] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “A Unesco e as relações de raça”. *Revista Panfleto*. N°14

Rio de Janeiro, 12/1953. [Recorte de revista] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Bilhete ao senhor ministro da cultura”. *Revista Panfleto*. Rio de Janeiro, [Recorte de revista, data não identificada] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Complete a obra senhor ministro”. *Revista Panfleto*. Rio de Janeiro, 09/1953. [Recorte de revista] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Crônica de Cuba Vermelha”. *Revista Teatro Ilustrado*. N° Rio de Janeiro, 10/1961. [fotocópia de recorte de revista] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Mercedes Batista de volta aos Estados Unidos”. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 28/01/1952. [Recorte de jornal] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Novos originais brasileiros”. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro, 10/11/1946. [Recorte de jornal] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Nós os negros e a Unesco”. *Revista Panfleto*. N°5 Rio de Janeiro, 09/1953. [Recorte de revista] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento

NASCIMENTO, Abdias do. “O Sol nasceu para todos: diplomatas negros”. [Recorte de jornal, título não identificado]. Rio de Janeiro, 28/02/1951. [Recorte de jornal]

IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Os negros sabem lutar pela liberdade”. *Revista Panfleto*. N°18 Rio de Janeiro, 12/1953. [Recorte de revista] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Oxósse festejado nos terreiros de umbanda”. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21/01/1952. [Recorte de jornal] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

NASCIMENTO, Abdias do. “Vozes d’África”. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro, 13/03/1947. [Recorte de jornal] IPEAFRO; Coleção: Acervo Abdias Nascimento; Seção: Teatro Experimental do Negro; Série: Abdias Nascimento; Dossiê: Textos de autoria de Abdias Nascimento.

II. Acervo Digital IPEAFRO

O’NEILL, Eugene. *Carta de Eugene O’Neill a Abdias Nascimento autorizando a encenação da peça “O Imperador Jones”, sem pagamento dos direitos autorais*. São Francisco, 6/12/1944. 1 Folha datilografada acompanhada de envelope. Acervo Abdias Nascimento/IPEAFRO. Consultado no dia 24/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/o-imperador-jones-1/>

ADAMO, Álvaro. *[Sórtilégio]*. São Paulo, 19 de maio de 1953. *Parecer da Divisão de Diversões Públicas em São Paulo*. São Paulo, 19/05/1953. 1 folha avulsa datilografada. Acervo Abdias Nascimento/IPEAFRO, consultado em 23/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/sortilegio-misterio-negro/>

PONGETTI, Henrique. “Branços e Negros”. *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 20, n°5830, 10

de maio de 1945. Coluna Cara ou Coroa. 1 recorte de jornal. Acervo Abdias Nascimento/IPEAFRO, consultado em 24/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-atuacao-teatral/o-imperador-jones-1/>

HORA José Pompilho da. “A voz do negro: homenagem.” *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, 29/07/1948. Acervo Abdias Nascimento/IPEAFRO. 1 recorte de jornal. Consultado em 29/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-projetos-e-parceiros/camus-e-o-ten-2/>

RIBEIRO, Osmar. “Albert Camus no Teatro Experimental do Negro”. *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 06/04/1948. 1 recorte de jornal. Acervo Abdias Nascimento/IPEAFRO. Consultado em 29/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-projetos-e-parceiros/camus-e-o-ten-2/>

PONGETTI, Henrique. “Camus e Ogum”, *Folha da Manhã*. São Paulo, 22/07/1949. 1 recorte de jornal. Acervo Abdias Nascimento/IPEAFRO. Consultado em 29/12/2015: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ten-projetos-e-parceiros/camus-e-o-ten-2/>

Publicações de Abdias Nascimento²⁶⁴

I. livros

NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Edição em fac-símile do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011. 2ª ed.

NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: vida, problema e aspirações do negro*. Edição em fac-símile do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2003.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*, 2ª ed. Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/ OR Produtor Editor, 2002.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Brasil na Mira do Pan-Africanismo*. Salvador: Centro de

264 Grande parte dos títulos de publicações de Abdias Nascimento foram encontrados no site: <http://www.abdias.com.br/publicacoes/publicacoes.htm>

NASCIMENTO, Abdias do. Estudos Afro-Orientais/ Editora da Universidade Federal da Bahia EDUFBA, 2002.

NASCIMENTO, Abdias do. *Orixás: os Deuses Vivos da África/ Orishas: the Living Gods of Africa in Brazil*. Rio de Janeiro/ Philadelphia: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros/Temple University Press, 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. *A Luta Afro-Brasileira no Senado*. Brasília: Senado Federal, 1991.

NASCIMENTO, Abdias do. *Africans in Brazil :a Pan-African Perspective*, com Elisa Larkin Nascimento. Trenton: Africa World Press, 1991.

NASCIMENTO, Abdias do. *Brazil: Mixture or Massacre*, trad. Elisa Larkin Nascimento. Dover: The Majority Press, 1989.

NASCIMENTO, Abdias do. *Combate ao Racismo*, 6 vols. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983-86. (Discursos e projetos de lei.)

NASCIMENTO, Abdias do. *Povo Negro: A Sucessão e a "Nova República"*. Rio de Janeiro: Ipeafro, 1985.

NASCIMENTO, Abdias do. *Jornada Negro-Libertária*. Rio de Janeiro: Ipeafro, 1984.

Axés do Sangue e da Esperança: Oríkis. Rio de Janeiro: Achiamé e RioArte, 1983. (Poesia.)

NASCIMENTO, Abdias do. *Sitiado em Lagos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. *Sortilégio II: Mistério Negro de Zumbi Redivivo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Peça de teatro.)

NASCIMENTO, Abdias do. *Sortilege: Black Mystery*, trad. Peter Lownds. Chicago: Third World Press, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. *Mixture or Massacre*, trad. Elisa Larkin Nascimento. Búfalo: Afrodiaspora, 1979.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. *"Racial Democracy" in Brazil: Myth or Reality*, trad. Elisa Larkin Nascimento, 2ª ed. Ibadan: Sketch Publishers, 1977.

NASCIMENTO, Abdias do. *"Racial Democracy" in Brazil: Myth or Reality*, trad. Elisa

Larkin Nascimento, 1ª ed. Ile-Ife: University of Ife, 1976.

Sortilégio (mistério negro). Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1959. (Peça de teatro.)

II. Organização de antologias, revistas, e obras coletivas

NASCIMENTO, Abdias do. *Thoth: Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, nos. 1-6. Brasília: Senado Federal, 1997-98..

NASCIMENTO, Abdias do. *Afrodiaspora: Revista do Mundo Africano*, nos. 1-7. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1983-86.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Negro Revoltado*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NASCIMENTO, Abdias do. *Journal of Black Studies*, ano 11, no. 2 (dezembro de 1980) (número especial sobre o Brasil).

NASCIMENTO, Abdias do. *Memórias do Exílio*, org. em colaboração com Paulo Freire e Nelson Werneck Sodré. Lisboa: Arcádia, 1976.

NASCIMENTO, Abdias do. *Oitenta Anos de Abolição. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros*, 1968.

NASCIMENTO, Abdias do. *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

NASCIMENTO, Abdias do. *Dramas para Negros e Prólogo para Brancos*. Rio de Janeiro: TEN, 1961.

NASCIMENTO, Abdias do. *Relações de Raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Quilombo, 1950.

III. Participação em antologias e obras coletivas

NASCIMENTO, Abdias do. "Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões". *Revista do Instituto de Estudos Avançados, USP* 18(50), 2004, p. 209-224.

NASCIMENTO, Abdias do. "Comentário ao Artigo 4º", in *Direitos Humanos: Conquistas*

e Desafios. Brasília: Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil/ Comissão Nacional de Direitos Humanos, 1998.

NASCIMENTO, Abdias do. "Quilombismo: the African-Brazilian Road to Socialism," in Asante, Molefi K. e Abarry, Abu S., orgs., African Intellectual Heritage: a Book of Sources. Philadelphia: Temple University Press, 1996.

NASCIMENTO, Abdias do. Sortilege: Black Mystery, trad. Peter Lownds. Callaloo, A Journal of African-American and African Arts and Letters, v. 18, n. 4 (1995). Special Issue, African Brazilian Literature. Johns Hopkins University Press.

NASCIMENTO, Abdias do. Sortilege II: Zumbi Returns (peça dramática) in Crosswinds: an Anthology of African Diaspora Drama, ed. de William B. Branch. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

NASCIMENTO, Abdias do. "Quilombismo: the African-Brazilian Road to Socialism," in African Culture: the Rhythms of Unity, ed. Molefi K. Asante e Kariam W. Asante. Trenton: Africa World Press, 1990. (Primeira edição publicada em 1987 pela Greenwood Press.)

NASCIMENTO, Abdias do. "Teatro Negro del Brasil: una Experiencia Socio-Racial," in Popular Theater for Social Change in Latin America, a Bilingual Anthology, ed. by Gerardo Luzuriaga. Los Angeles: UCLA Latin American Studies Center, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. "African Presence in Brazilian Art," Journal of African Civilizations 3:2 (novembro de 1981).

NASCIMENTO, Abdias do. "Reflections of an Afro-Brazilian," Journal of Negro History LXIV:3 (verão 1979).

NASCIMENTO, Abdias do. "Afro-Brazilian Theater, a Conspicuous Absence," Afriscope VII:1 (Lagos, janeiro de 1977).

NASCIMENTO, Abdias do. "Afro-Brazilian Art: a Liberating Spirit," Black Art: an International Quarterly I:1 (outono de 1976).

NASCIMENTO, Abdias do. "Open Letter to the First World Festival of Negro Arts," Presence Africaine XXX:58 (verão de 1968).

NASCIMENTO, Abdias do. "Carta Aberta ao Festival Mundial das Artes Negras," Tempo Brasileiro, ano IV, número 9/10 (abril-junho de 1966).

NASCIMENTO, Abdias do. "The Negro Theater in Brazil," African Forum II:4

(primavera de 1967).

NASCIMENTO, Abdias do. "Mission of the Brazilian Negro Experimental Theater," *The Crisis* 56:9 (outubro de 1949).

IV. Textos de Abdias Nascimento no jornal *Quilombo*.

NASCIMENTO, Abdias. "Abolição". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°2, maio de 1949.

NASCIMENTO, Abdias. "Candidatos negros e mulatos" . In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°6 fevereiro de 1950.

NASCIMENTO, Abdias. "Cartaz: Guerreiro Ramos". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°9, maio de 1950.

NASCIMENTO, Abdias. "Convite ao encontro". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°9 maio de 1950.

NASCIMENTO, Abdias. "Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°3, junho de 1949.

NASCIMENTO, Abdias. "Inaugurando o Congresso do Negro" . In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°10 jun./jul. de 1950.

NASCIMENTO, Abdias. "Minha candidatura". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°7-8, mar./abr. de 1950.

NASCIMENTO, Abdias. "Nós". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°1, dezembro de 1948.

NASCIMENTO, Abdias. "Nós e a sucessão". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°3, junho de 1949.

NASCIMENTO, Abdias. "Prêmio Nobel para Bunche". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°4, julho de 1949.

NASCIMENTO, Abdias. "O 1º Congresso do Negro Brasileiro". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°5, janeiro de 1950

NASCIMENTO, Abdias. "Zé Capetinha". In: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n°4, julho de 1949.

Bibliografia

“Présence Africaine”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. (matéria não assinada) N°3 junho de 1949. [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

“Rio Grande do Sul – União dos Homens de Cor”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (matéria não assinada). [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

ADORNO, Theodor W.. *Filosofia da Nova Música*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ALMADA, Sandra de Souza, *Abdias do Nascimento*. São Paulo, Selo Negro, 2009.

ALMEIDA, Lilian Pestre de, (posfácio) “Breve histórico das edições do *Cahier d’un retour au pay natal/Diário de um retorno ao país natal* até a edição dita definitiva pelo próprio poeta”. In: CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d’un retour au pay natal/Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Edusp, 2012.

ANDRADE, Mario Pinto de. (seleção e organização). *Obras escolhidas de Amílcar Cabral: unidade e luta*. Seara Nova, Lisboa, 1976.

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo 1888 – 1988*. Edusc, São Paulo, 1998.

APPIAH, Kwame Anthony; GATES, Henry Louis. *Africana: The Encyclopaedia of the African and African-American Experience*. New York: Basic Civitas Books, 1999.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

BACELAR, Jeferson, “A história da Companhia Negra de Revistas” In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 2007, v. 50, n°1.

BARBOSA, Lindinalva Amaro. *As Encruzilhadas, o Ferro e o Espelho: A Poética Negra de Abdias do Nascimento*. Dissertação de Mestrado em Estudo de Linguagens, UEBA, Salvador, 2009.

BARBOSA, Muryatan Santana. *Guerreiro Ramos e o Personalismo Negro*. Dissertação de Mestrado em sociologia, USP, São Paulo, 2004.

- BARBOSA, Muryatan Santana. Guerreiro Ramos: “O Personalismo Negro”. In: *Tempo Social revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 2, novembro, 2006.
- BARBOSA, Muryatan Santana. “O TEN e a Negritude Francófona no Brasil: recepção e inovações”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 28, N° 81, fevereiro, 2013.
- BASTIDE, Roger & FERNANDES. Florestan, *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959 (2° edição).
- BASTIDE, Roger. “À proposito do Teatro Experimental do Negro”, in: *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966
- BASTIDE, Roger. “A imprensa negra do Estado de São Paulo”, in: BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BASTIDE, Roger. “Estereótipos de negros através da literatura”, in: BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BASTIDE, Roger. “O mundo dos candomblés”, in: BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BASTIDE, Roger. “A poesia Afro-Brasileira”, in: BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BASTIDE, Roger. “O movimento negro francês” *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°9, mai./1950 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.
- BETTO, Frei. *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BERND, Zilá. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BICUDO, Virginia Leone. “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”, in *Sociologia*, vol. IX, no 3, 1947.
- BÓ, Efrain Tomás. “O ator negro”, in: *Quilombo: vida, problema e aspirações do negro*. Rio de Janeiro: n°2, maio de 1949.
- BÓ, Efrain Tomás. “Poesia afro-americana”, in: *Quilombo: vida, problema e aspirações do negro*. Rio de Janeiro: n°1, maio de 1948.
- BUNCHE, Ralph. “Da solidariedade humana”, in: NASCIMENTO, Abdias (org.) *Quilombo: vida, problema e aspirações do negro*. n° 7/8, mar./abr., 1950.

- CAMUS, Albert. *Diário de viagem*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CAMUS, Albert. *O exílio e o reino*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CAMUS, Albert. *O Homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAVALARI, Rosa Maria Feteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil*. Bauru: Edusc, 1999.
- CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pay natal/Diário de um retorno ao país natal*. São Paulo: Edusp, 2012.
- CÉSAIRE, Aimé, “Discurso sobre a negritude”, in: CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos (org.) *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Cadernos para o diálogo / Porto, Editora Poveira, 1971
- COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CURTIN, P.D., “Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral”, in: KI-ZERBO, Joseph (org.), *História Geral da África V. 1. Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.
- CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. *Construindo o (auto) exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968-1981*. Dissertação de mestrado em sociologia, USP, São Paulo, 2011.
- DOMINGUES, Petrônio. “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”. In: *Tempo*, março, 2007.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. *The souls of black folk*. MacMillan UK, 1998.
- EDITORIAL, “Racismo, no Brasil!...” *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950.
- ENEIDA, “Ao som de atabaques e tambores”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 31/08/1952, in: NASCIMENTO, Abdias (org.) *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Edições GDR, Rio de Janeiro: 1966.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Ed. UFJF, Minas Gerais, 2010.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia, Edufba, 2008.
- FAUSTINO, Oswaldo. *A Legião Negra: a luta dos afro-brasileiros na Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- FERNANDES, Florestan. “Aspectos da questão racial”, in: FERNANDES, Florestan, *O*

negro no mundo dos brancos. São Paulo, Global editora, 2007.

FERNANDES, Florestan. “Além da pobreza: O Negro e o Mulato no Brasil” in FERNANDES, Florestan. “O Teatro Negro”, in: FERNANDES, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo, Global editora, 2007.

FERNANDES, Florestan.. “Representações Coletivas sobre o Negro: O Negro na Transição Oral”, in FERNANDES, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo, Global editora, 2007.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Ática, 1978 [1965].

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo, Ed. 34, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. “A modernidade negra.” In: *Teoria & Pesquisa*. São Carlos, SP, n. 42/43, p. 41-61, jan/jul., 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. “Intelectuais negros e formas de integração nacional.” In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 271-284, jan/abr., 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. “Resistência e revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento.” In: *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 156-167, dez/jan/fev., 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. “A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra.” in: *Novos Estudos*, 8 de julho de 2008.

GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto Gomes; LIMA, Mariangela Alves de. *Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2009.

HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2011.

HASENBLAG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HERNADEZ, Leila Maria Gonçalves Leite, “A itinerância das ideias e o pensamento social africano”, in: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, dez. 2014.

JANUÁRIO, Eduardo. “Abdias do Nascimento: Aspectos Históricos de um Militante Negro”, in: *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

LEVINE, Robert. *O Regime de Vargas: Os anos críticos, 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOPES, Ney. “Abdias e Semog, 'Negros-Vida'.” in: SEMOG, Ele e NASCIMENTO, Abdias. *Abdias do Nascimento – o griot e as muralhas*. São Paulo, Pallas, 2006.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classes: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACEDO, Márcio José de. *Abdias do Nascimento: trajetória de um negro revoltado (1914-1968)*. Dissertação de mestrado em sociologia, USP, São Paulo, 2005.

MAIO, Marcos Chor. *A História do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese de doutorado – IUPERJ. Rio de Janeiro, 1997.

MAIO, Marcos Chor. “O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 14 nº 41 outubro, 1999.

MAIO, Marcos Chor. “Projeto Unesco, as ciências sociais e o ‘credo racial brasileiro’”, in: *Revista USP*, São Paulo, n.46, p. 115-128, junho/agosto, 2000.

MARAN, Réne. *Batuala: véritable roman nègre*. Paris: Albin Michel Editeur, 1921.

MARTIUS, Karl Friedrich Phillip Von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1991.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MENDES, Miriam Garcia. *O negro e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais.” in: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*,

34, 1992.

MOORE, Carlos. “Negro sou, negro ficarei.” (prefácio) In: CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos (org.) *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MOURA, Christian Fernando dos Santos. *O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas Peças encenadas (1947-1951)*. Dissertação de mestrado em Artes Cênicas, Unesp, São Paulo, 2008.

MOURA, Clóvis, “Os dilemas da negritude” In: MOURA, Clóvis. *Brasil: raízes do protesto negro*. São Paulo: Global, 1983. P. 100-105.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Editora Autentica, São Paulo, 2009.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. “Antropologia africana: mito ou realidade?” In: *Estudos Afro-Asiáticos*. Nº 11 – 1985.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sortilégio da cor – identidade raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias Nascimento: grandes vultos que honram o senado*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.

NASCIMENTO, Maria. “O Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Nº4, Rio de Janeiro: julho de 1949.

NOGUEIRA, Oracy. “Atitude Desfavorável de Alguns Anunciantes de São Paulo em Relação aos Empregados de Cor”, In: *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiros Editor, 1985 (1942).

OLIVEIRA, Franklin de. “Eles também são filhos de Deus”, *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 11/08/1945, in: Abdias Nascimento (org.), *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. Unesp, São Paulo, 2005

PEREIRA, João Baptista Borges. “Diversidade e pluralidade: o negro na sociedade brasileira”. *Revista USP*, São Paulo, Nº 89, março/maio, 2011.

PINTO, Luiz de Aguiar Costa. “O Negro no Futebol Brasileiro” (resenha do livro de

- Mario Filho), in *Sociologia*, vol. IX, no 2, 1947.
- PINTO, Luiz de Aguiar Costa. “Sobre as Relações de Raças”, in: *Sociologia*, vol. 12, no 1, 1950.
- PINTO, Luiz de Aguiar Costa. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- PINTO Regina Pahim, *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*, São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia, FFLCH-USP, 1993.
- PONGETTI, Henrique “Entre O’Neill e a Pérola Negra”, Coluna “Cara ou Coroa” do jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 21/10/1944. In: *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.
- POLICE, Gérard. *Abdias do Nascimento: L’Afro Brésilien reconstruit. 1914-1944* (volume I e II). Tese de Doutorado Département de Portugais, Université Rennes 2, Haute Bretagne. France, 2000.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l’oncle*. New York : Parapsychology Foundation Inc., 1928. Nouvelle édition, 1954.
- RAMOS, Alberto Guerreiro; CARNEIRO, Édison; NASCIMENTO, Abdias do. “1º Congresso do Negro Brasileiro de 1949: Temário”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°3, jun./1949 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2º ed.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. “Contatos Raciais no Brasil”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°1, dezembro, 1948 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2º ed.
- RAMOS, Alberto Guerreiro, “Apresentação da negritude”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°10, jun./jul. 1950 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2º ed.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. “O negro desde dentro” [*Revista Forma*, n°3, 10/1954] in:

Teatro Experimental do Negro: Testemunhos. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

RAMOS, Alberto Guerreiro. “Imigração e Preconceito”, in: *A Manhã*, 4/7/1948.

RAMOS, Alberto Guerreiro. “O Negro no Brasil e um Exame de Consciência”, in *Relações de Raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Quilombo, 1950

RAMOS, Alberto Guerreiro. “Os Estudos sobre o Negro Brasileiro”, in *A Manhã*, dezembro/1950.

RAMOS, Alberto Guerreiro. “Teoria e prática do psicodrama”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°6, fev./1950 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

RAMOS, Alberto Guerreiro. “Teoria e prática do sociodrama” *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°7-8, mar./abr., 1950 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

RAMOS, Alberto Guerreiro. “Uma experiência de grupoterapia” *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°4, jul./1949 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M., e FALCON, Francisco José Calazans. *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Ironides. “As memórias de Josephine Baker”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°6, fev./1950 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

RODRIGUES, Ironides. “Benjamin de Oliveira”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°1, dezembro, 1948 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2° ed.

RODRIGUES, Ironides. “Cruz e Sousa em outro idioma”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. N°5, jan./1950 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, n° 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo:

Editora 34, 2011. 2º ed.

RODRIGUES, Ironides. “O exotismo literário de Paul Morand”, in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Nº2, mai./1949 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, nº 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2º ed.

RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no teatro?” (entrevista), in: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Nº1 dezembro, 1948 [Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, nº 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950]. São Paulo: Editora 34, 2011. 2º ed.

Nelson Rodrigues, “Abdias – o negro autêntico”, [Última Hora, 26/08/1957] in: *Teatro Experimental do Negro: testemunhos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. Brasília: Editora do Universidade de Brasília, 2004.

ROSA, Daniela Roberta Antonio. *Teatro Experimental do Negro: Estratégia e Ação*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Unicamp, 2007.

ROSA, Santa. “Teatro de Negros”, coluna “A manha”, *Letras e Artes*, 14/07/1946, in: *Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Cia. das Letras, 2011.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

SAID, Edward. *The world, the text, and the critic*. Harvard University Press, 1983

SAID, Edward. “Reconsiderando a teoria itinerante” in: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*. Lisboa, Cotovia, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo, Boitempo, 2007.

SARTRE, Jean-Paul, *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. “Orfeu Negro” in: SARTRE, Jean-Paul, *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão*

racial no Brasil 1870-1930. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

SEMOG, Ele e NASCIMENTO, Abdias. *Abdias do Nascimento – o griot e as muralhas*. São Paulo, Pallas, 2006.

SENGHOR, Léopold Sédar, “Introduction”, in: SENGHOR, Léopold Sédar (org.) *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe de langue française*. Paris: Dépôt legal – 1re édition:1948; 8e édition Quadrige: 2001, mai.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. “O lugar das ‘raças’ no projeto de nação da Ação Integralista Brasileira”, in: *Revista Espaço Acadêmico*, Nº 108, maio de 2010.

SIQUEIRA, José Jorge. *Entre Orfeu e Xangô: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil 1944 / 1968*. Rio de Janeiro, Pallas, 2006.

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

TODOROV, Tzvetan Todorov, *Os inimigos da democracia*. São Paulo, Cia das Letras, 2012.

VON MARTIUS, Karl Friedrich Phillip. “Como escrever a História do Brasil”. In: *Revista do IHGB*, t. 6. Rio de Janeiro, s. e. 1844.

WAGLEY, Charles (org.). *Race and class in rural Brazil*. New York: Columbia University Press, 1952.

WEBER, Max. *Max Weber: Sociologia*. Série: Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.